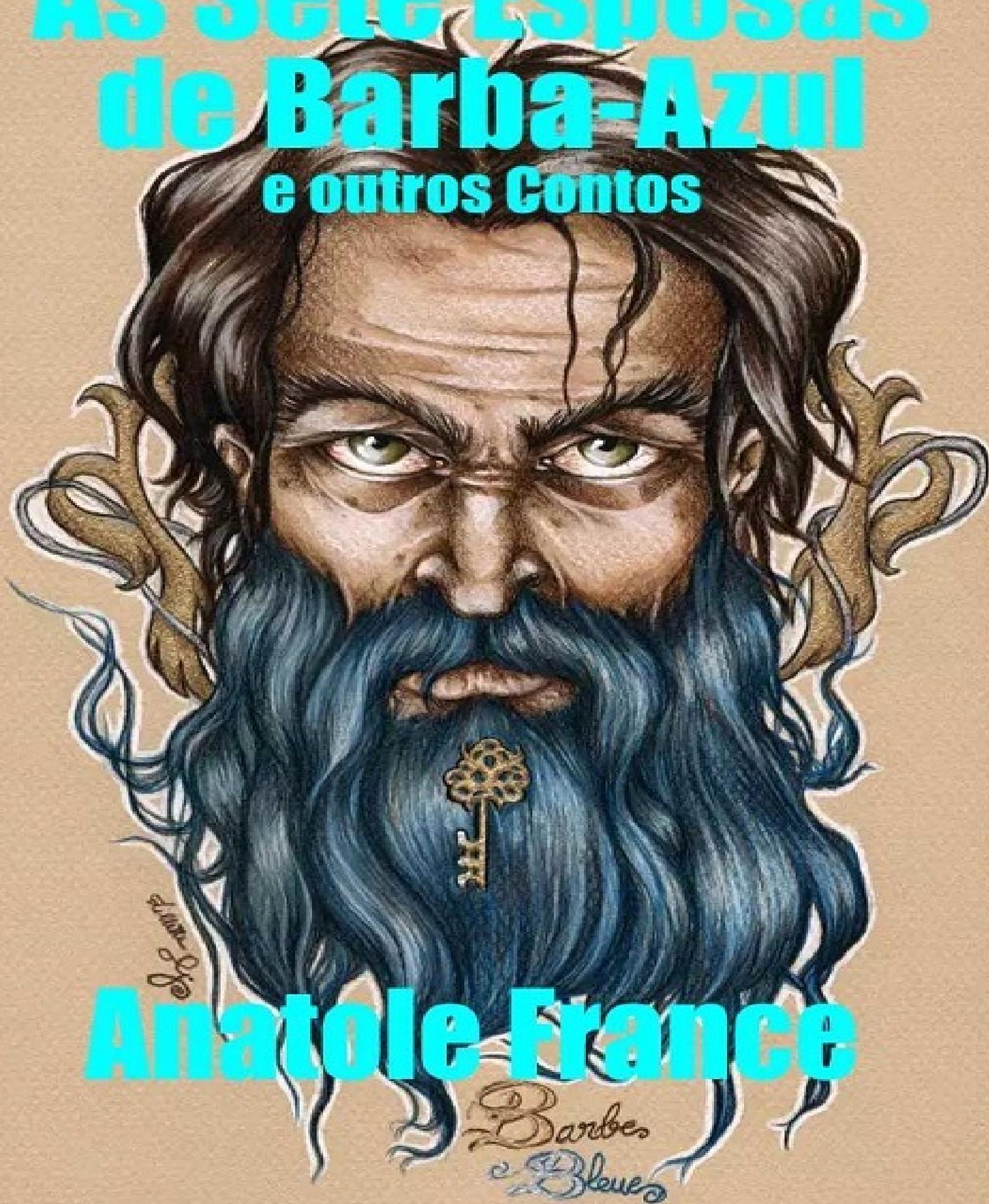


# As Sete Esposas de Barba-Azul e outros Contos



Anatole France

*Barbes  
e Azules*

**Anatole France**

**AS SETE ESPOSAS DE BARBA-AZUL E  
OUTROS CONTOS FABULOSOS**



Tradução João Guilherme Linke

Anatole France  
AS SETE ESPOSAS DE BARBA-AZUL E OUTROS CONTOS FABULOSOS  
Tradução João Guilherme Linke  
Francisco Alves

Título original: *Lês Sept Femmes de Ia Barbe Bleue et Autres Contes Merveilleux*  
Revisão tipográfica: Rita Ester Pereira, Uranga  
Impresso no Brasil / Printed in Brazil, 1983

Este livro foi composto pela Linolivro s/c Composições Gráficas Ltda., rua Corrêa Vasques, 25 (loja-parte) – rj e impresso pela editora Vozes Ltda., rua Frei Luís, 100 – Petrópolis – RJ, para livraria Francisco Alves.  
Digitalizado e revisto por Virgínia Vendramini  
Rio de Janeiro, junho de 2008

Todos os direitos desta tradução reservados à LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S/A Rua Sete de Setembro, 177 – Centro 20050 – Rio de Janeiro – RJ

# PREFÁCIO

Quando um artista ou pensador cria uma obra de impacto, não é de se esperar que as reações fiquem no meio-termo. Anatole France (1844–1924), céptico e ironista, foi um demolidor de convenções e preconceitos, ainda que a ironia nele seja sempre amável e o ceticismo tocado de ternura. É natural portanto que, desde quando alcançou notoriedade, tenha sido simultaneamente exaltado como mestre incomparável e execrado como um ofensor da fé e pregoeiro da depravação. Mesmo hoje, quando a distância no tempo e o afrouxamento de tabus propicia julgamentos mais serenos, seus conceitos são de molde a suscitar opiniões as mais desencontradas.

Entretanto, clareza, sutileza, harmonia, um apuro formal raras vezes igualado, são virtudes da sua pena que ninguém nunca pôde contestar. Ernest Saillièr provavelmente tem razão quando observa que o Prêmio Nobel de Literatura (1921) "sem dúvida nenhuma foi conferido ao artista mais que ao pensador".

O fato é que tanto pela arte como pela reflexão o autor de *Tais*, de *O Lírio Vermelho*, da *História Contemporânea*, de *A Ilha dos Pinguins* e de *A Revolta dos Anjos*, o criador de personagens como Bergeret e o Abade Coignard, marcou uma época e conquistou um lugar permanente nas letras do mundo. Já em 1913 o crítico Victor Giraud, escrevendo *Revue des Deux Mondes*, classificava Anatole como "o escritor francês que, desde Renan, mais influência exerceu, não somente na França como no estrangeiro, sobre o maior número de espíritos". Passados quase sessenta anos de sua morte, ele nada perdeu em atualidade. Quando muito, se hoje fosse vivo, o "pessimista alegre", como ele mesmo se descreveu, seria mais pessimista e menos alegre.

Sem arrolar-se entre as suas obras magnas, *As Sete Esposas de Barba-Azul*, uma coleção de contos, é uma excelente amostra da personalidade literária multifacetada de Anatole France. São versões burlescas – alteradas, retocadas ou ampliadas – de fábulas universalmente conhecidas, além de outros contos mais curtos. Escritas em idade já provecta (1909), talvez não sejam muito mais que um "*divertissement*", mas há nelas laivos de tristeza (reflexo, há quem diga, de amarguras da vida pessoal do autor), não faltando inclusive o ceticismo aplicado ao próprio ceticismo (veja-se o terceiro conto, um acréscimo apócrifo à história da Bela Adormecida, *História da Duquesa De Cicogne e do Sr. De Boulingrin*). No conto-título, uma revelação surpreendente: *Barba-Azul* não foi o monstro assassino que todos imaginam, mas vítima inocente da perfídia feminina!

*O Milagre de São Nicolau* demonstra, entre outras coisas, as más conseqüências de uma educação demasiado tolerante. *A Camisa* é a famosa parábola em que um rei doente necessita a camisa de um homem feliz para curar-se. O motivo é aproveitado para alongadas reflexões sobre a (in)felicidade humana.

Além desses, fazem parte dessa antologia os seguintes contos: *Putois*, *O Procurador da Judeía*, *O Ovo Vermelho*, *O Milagre da Pega*, *O Cristo do Mar*, *Baltazar*, *O Jogral de Nossa Senhora* e o famoso conto gótico *A Missa das Sombras*

**João Guilherme Linke**

# AS SETE ESPOSAS DE BARBA-AZUL

## (Segundo Documentos Autênticos)

### CAPÍTULO I

SOBRE O FAMOSO personagem vulgarmente conhecido como o Barba-Azul têm-se emitido as mais diversas, estranhas e inverídicas afirmações. Nenhuma talvez é menos defensável que a que faz desse fidalgo uma personificação do sol. Nela tem insistido de uns quarenta anos para cá certa escola de mitologia comparada. Ensina esta que as sete esposas do Barba-Azul seriam auroras, e seus cunhados os dois crepúsculos, o matutino e o vespertino, como os Dioscuros, que libertaram Helena, encantada por Teseu.

Aos que possam ser tentados a aceitar essa versão cabe lembrar que, em 1817, um douto bibliotecário de Agen, Jean-Baptiste Pérès, demonstrou de maneira muito especiosa que Napoleão nunca existiu, e que a história do pretenso grande capitão nada mais é que um mito solar. Em que pesem as mais engenhosas traças de linguagem, é impossível duvidar que o Barba-Azul, tanto quanto Napoleão, tenha de fato existido.

Uma teoria não melhor fundamentada consiste em identificar o Barba-Azul com o Marechal de Rais, enforcado por ato de justiça sobre uma ponte de Nantes em 26 de outubro de 1440. Sem indagar, como Salomon Reinach, se o marechal realmente cometeu todos os crimes por que o condenaram, ou se suas riquezas, cobiçadas por um príncipe ganancioso, não terão contribuído para a sua desgraça, nada em sua história se assemelha ao que sabemos da do Barba-Azul; é o quanto basta para não os confundirmos fazendo de um e outro uma única figura.

Charles Perrault, que, por volta de 1660, teve o mérito de compor a primeira biografia desse gentil-homem merecidamente celebrado pelo fato de se ter casado sete vezes, fez dele um monstro consumado e o mais perfeito modelo de maldade que já houve na face da Terra. Contudo é permissível suspeitar, se não a sua boa fé, pelo menos a fidelidade de suas fontes.

É possível que ele estivesse prevenido contra o seu personagem. Não seria o primeiro caso de um cronista ou de um poeta que se apraz em denegrir as suas pinturas. Se de Tito temos um retrato que parece lisongeiro, é patente que Tácito, ao contrário, carregou nas tintas ao compor a imagem de Tibério. Macbeth, a quem a lenda e Shakespeare cumulam de delitos, foi na verdade um rei justo e prudente. É falso que ele tenha assassinado à traição o velho Duncan. O rei Duncan, moço ainda, foi derrotado em uma grande batalha, e no dia seguinte achado morto num lugar chamado Oficina do Armeiro. Ele sim, mandou dar cabo de vários parentes de Gruchno, esposa de Macbeth. Este fez prosperar a Escócia; fomentou o comércio e foi considerado um defensor dos burgueses, um autêntico rei das cidades. A nobreza dos clãs não lhe perdoou o ter vencido Duncan e favorecido os artesãos: destruiu-o e infamou-lhe a memória.

Depois de morto, o bom rei Macbeth só se fez conhecido através dos relatos de seus inimigos. O gênio impingiu-lhes as mentiras na consciência do mundo. De há muito eu suspeitava ser o Barba-Azul vítima de uma fatalidade similar. As circunstâncias de sua vida, tais como encontrei narradas, longe ficaram de satisfazer-me o entendimento e de contentar a obsessão de lógica e clareza que incessantemente me

consome.

Refletindo nelas, deparei objeções intransponíveis. Havia exagerado empenho em convencer-me da crueldade do homem para que eu não a pusesse em dúvida.

Tais premonições não me enganavam. Minha intuição, advinda de uma certa experiência da natureza humana, logo viria tornarse em certeza, alicerçada em provas inconcussas.

Em casa de um canteiro de Saint-Jean-des-Bois descobri diversos documentos respeitantes ao Barba-Azul; entre outros, seu livro razão e uma denúncia anônima contra os seus assassinos, à qual, por motivos que ignoro, nunca foi dado andamento.

Esses documentos confirmaram-me na idéia de que ele foi bom e infeliz, e que sua memória sucumbiu sob calúnias indignas. Desde então, propus-me como um dever escrever a sua história verdadeira, sem nutrir maiores ilusões quanto ao sucesso da empresa. Esta tentativa de reabilitação está fadada, eu sei, ao silêncio e esquecimento. Que pode a verdade fria e nua contra as pompas esplendentes da mentira?

## CAPÍTULO II

PELOS IDOS DE 1650 residia em suas terras, entre Compiègne e Pierrefonds, um rico gentil-homem chamado Bernard de Montragoux. Seus ancestrais haviam ocupado os mais altos cargos do reino; ele porém vivia afastado da Corte, no tranquilo anonimato que velava então tudo que não recebesse as atenções do rei. Seu castelo de Guillettes abundava em mobílias preciosas, em baixelas de ouro e prata, em tapeçarias e bordados, que ele mantinha encerrados nos porões. Não que escondesse os seus tesouros no temor de estragá-los pelo uso; ao contrário, era pródigo e munificente. Mas naquele tempo era comum que os fidalgos levassem na província uma existência sobremodo simples, compartilhando a mesa com a famulagem e dançando nos domingos com as raparigas da aldeia. Entretanto, em certas datas, promoviam esplêndidas festas, que contrastavam com a mediocridade do seu dia-a-dia. Assim, cumpria que tivessem de reserva belas alfaias e contenças em grande quantidade. Era o que fazia o Sr. de Montragoux.

Seu castelo, datando dos tempos góticos, tinha deles a rudez. Por fora mostrava-se um tanto lôbrego e soturno, com suas grossas torres, tronchadas quando das comoções que agitaram o reino ao tempo do finado Rei Luís. O interior oferecia aspectos mais amenos. Os quartos eram decorados à italiana, e a vasta galeria do andar térreo era repleta de ornatos em relevo, douraduras e pinturas.

A um extremo dessa galeria havia um pequeno cômodo a que comumente se chamava a camarinha. É o único nome por que o designa Charles Perrault. Não será supérfluo acrescentar que era também conhecido como o quarto das princesas desditosas. Isto porque um artista florentino pintara nas paredes as trágicas histórias de Dirce, filha do Sol, atada pelos fios de Antíope aos chifres de um touro, de Níobe chorando sobre o Monte Sípilo os filhos varados por flechas divinas, e de Prócris recebendo no seio o dardo de Céfalos. As figuras eram como se fossem vivas, e as lajes de pórfiro que pavimentavam a peça pareciam tintas do sangue daquelas infelizes. Uma das portas do aposento dava para o fosso, onde não havia água.

As cavaliças ocupavam uma vasta construção, situada a certa distância do castelo. Incluía baías para sessenta cavalos e cocheiras para uma dúzia de carruagens douradas. Mas o que fazia do castelo de Guillettes uma morada encantadora eram os bosques e canais que se estendiam nos seus arredores, e onde se podiam cultivar os prazeres da caça e da pesca.

Muitos moradores do lugar não conheciam o Sr. de Montragoux senão pela alcunha, Barba-Azul, único nome que lhe dava o povo. Sua barba era de fato azul, mas não o era senão devido à circunstância de ser negra; era à força de ser negra que era azul. Não se imagine o Sr. de Montragoux sob o aspecto monstruoso do tríplice Tifão que se vê em Atenas, a esconder o riso em sua tripla barba de anil. Estaremos bem mais vizinhos da realidade se compararmos o senhor de Guillettes a esses atores ou esses padres cujas faces escanhoadas de fresco apresentam reflexos azulados.

O Sr. de Montragoux não usava a barba em ponta como seu avô na corte de Henrique II; nem a tinha em leque como o bisavô morto em combate, em Marignan. Como Turenne, cultivava apenas um bigodinho e uma mosca; suas faces é que pareciam azuis; mas, não importa o que se tenha dito, esse detalhe não desfigurava o bom fidalgo, e nada tinha de amedrontador. Apenas o tornava mais viril, e, se é que lhe emprestava um ar algo feroz, não o prejudicava aos olhos das mulheres. Bernard de Montragoux era um homem bonito, alto, espadaúdo, de compleição robusta e presença agradável, posto que rústico e mais recendendo a mato que a alcovas e salões. Por outro lado, é certo que não agradava às damas tanto quanto deveria, sendo como era, além de bem-parecido, rico.

A razão disso era a sua timidez; a timidez e não a barba. As mulheres exerciam sobre ele uma atração

irresistível e inspiravam-lhe um terror insuperável. Ele as temia tanto quanto as amava. Esta a raiz e causa inicial de todas as suas desventuras. Encontrando uma mulher pela primeira vez, preferiria morrer a dirigir-lhe a palavra, e, por muito que a apetecesse, mantinha-se diante dela em silêncio embezerrado; seus sentimentos só se faziam manifestos pelos olhos, que ele revirava de modo apavorante. Essa timidez o expunha a toda sorte de aflições. O pior é que o impedia de ligar-se em comércio honesto com mulheres recatadas e modestas, e o punha a mercê dos avanços das mais desenvoltas e atrevidas.

Foi esta a desgraça da sua vida.

Órfão desde a mais tenra idade, depois de enjeitar por causa dessa espécie de vergonha e de pavor, que não era capaz de dominar, os partidos vantajosos e grandemente honrosos que se lhe deparavam, desposou uma certa senhorita Colette Passage, estabelecida de pouco no lugar depois de haver ganho algum dinheiro fazendo dançar um urso em cidades e aldeias do reino. Apaixonou-se por ela com todas as suas forças e com todas as veras de sua alma. Justiça seja feita, ela não era destituída de encantos, viçosa como era, os peitos opulentos, a tez ainda fresca, posto que crestada pelo ar livre. A princípio ela sentiu-se surpresa e satisfeita de ver-se transformada em dama de alto bordo; seu coração, que não era mau, deixava-se tocar pelos desvelos de um marido de tão elevada senhoria e de tão vigorosa compleição, que se mostrava com ela o mais dócil dos criados e o mais enamorado dos amantes.

Mas, ao cabo de alguns meses, sentiu falta de suas antigas andanças. Cercada de riquezas, cumulada de amor e de cuidados, não encontrava outro prazer que o de ir visitar o companheiro de sua vida ambulatória no porão onde ele languescia, uma corrente ao pescoço e uma argola no focinho, e beijá-lo na testa chorando. O Sr. de Montragoux, vendo-a tristonha, tornava-se igualmente macambúzio, e sua tristeza só fazia aumentar a da parceira. Os carinhos e atenções de que ele a cumulava mortificavam a coitada.

Certa manhã, ao despertar, o Sr. de Montragoux não encontrou Colette ao seu lado. Em vão procurou-a por todo o castelo. A porta do quarto das princesas desditosas estava aberta. Fora por ali que ela passara para ganhar os campos com seu urso. A dor do Barba-Azul foi de cortar o coração. Malgrado os incontáveis emissários enviados à sua busca, nunca mais se soube de Colette Passage.

O Sr. de Montragoux ainda lhe chorava a perda quando, numa festa da aldeia, lhe aconteceu dançar com Jeanne de Ia Cloche, filha do tenente criminal de Compiègne, por quem se encantou. Pediu-lhe a mão e a obteve incontinenti. Ela gostava de vinho e bebia em demasia. Esse gosto aumentou a um ponto tal que ao fim de poucos meses ela ganhara toda a aparência de um odre. E o pior era que o odre, enfurecido, andava todo o tempo a tropeçar pelos salões e escadarias, a gritar, a praguejar, a soluçar e a vomitar vinho e impropérios sobre tudo que encontrava. O Sr. de Montragoux quedava-se transido de horror e desgosto. Mas em seguida reunia a sua coragem e se esforçava, com não menos firmeza que paciência, por curar a esposa daquele vício repulsivo. Rogos, súplicas, exortações, ameaças, todos os meios possíveis experimentou. Tudo em vão. Recusava-lhe o vinho da adega; ela o obtinha alhures e se embebedava ainda mais abominavelmente.

Para tirar-lhe o gosto da bebida, ele deitou-lhe erva-dos-gatos nas garrafas.

Ela achou que ele a queria envenenar, saltou sobre ele e cravou-lhe três polegadas de uma faca de cozinha no abdome. Ele escapou por pouco de morrer, mas nem isso o arredou da sua brandura costumeira. "Ela mais merece pena que censura", dizia.

Um dia em que alguém esquecerá aberta a porta do quarto das princesas desditosas, Jeanne de Ia Cloche,

desarvorada como sempre, entrou nele, e, vendo as figuras pintadas nas paredes em atitudes sofredoras e em vias de render a alma, tomou-as por mulheres de verdade e fugiu espavorida pelos campos a esgoelar: "Assassinos!"

Ouvindo o Barba-Azul que a chamava e corria em seu encalço, atirou-se, louca de terror, numa lagoa, e afogou-se. Coisa difícil de crer e no entanto verdadeira, o esposo afligiu-se com sua morte, tão compassiva era sua alma.

Seis semanas depois desse acidente, casou discretamente com Gigonne, filha de um seu rendeiro, Traignel. Ela andava de tamancos e trescalava a cebola. Era uma moça bonita, tirante o fato de que tinha um olho vesgo e mancava de uma perna. Tão pronto se viu casada, a guardadora de gansos, mordida por uma insana ambição, só sonhava com novas grandezas e novos esplendores.

Nunca achava os seus vestidos de brocado suficientemente ricos, seus colares de pérolas suficientemente belos, seus rubis suficientemente grandes, suas carruagens suficientemente douradas, suas terras, seus bosques e seus lagos suficientemente vastos.

Barba-Azul, que nunca tivera ambições, sofria com as vistas altas da esposa. Não sabendo, em sua ingenuidade, se o errado era pensar grandiosamente como ela ou comedidamente como ele, recriminava-se quase por uma mediania de temperamento que contrariava as altívolas aspirações da mulher; e, cheio de incerteza, ora a exortava a desfrutar com parcimônia os bens deste mundo, ora se aguçava em perseguir a fortuna beirando precipícios. Ele era circunspecto, mas o amor conjugal prevalecia sobre a circunspeção. Gigonne só pensava em se mostrar nas altas rodas, em fazer-se receber na Corte e em ser amante do rei. Não logrando seus intentos, foi-se definhando de despeito e contraiu uma icterícia de que acabou por morrer. Barba-Azul, inconsolável, erigiu-lhe um esplêndido jazigo.

Desalentado por tão pertinaz fatalidade, ter-se-ia talvez o nosso bom fidalgo abstinido de escolher mais outra esposa; mas foi escolhido para esposo por certa senhorita Blanche de Gibeaux, filha de um oficial de cavalaria que só tinha uma orelha e dizia ter perdido a outra a serviço do rei. Tinha ela um espírito arguto, de que se serviu para enganar o marido. Enganou-o com todos os fidalgos da redondeza.

Punha nisso tanta esperteza que o enganava em seu próprio castelo e quase nas suas ventas sem que ele o percebesse. O pobre Barba-Azul farejava alguma coisa, mas não sabia o quê. Para infelicidade dela, empregando toda a sua lãbia para enganar o marido, ela não se dava igual cautela em enganar os amantes, isto é, em ocultar-lhes que os enganava uns com os outros. Um dia foi surpreendida, no quarto das princesas desditosas com um gentil-homem a quem concedia os seus favores, por um gentil-homem a quem os concedera antes, e que, num rompante de ciúme, a trespassou com sua espada. Algumas horas mais tarde a mal-aventurada dama foi encontrada morta por um serviçal da casa, e o horror que aquela câmara inspirava cresceu.

Inteirado de um só golpe da sua abundante desonra e do trágico fim da mulher, não se consolou o pobre Barba-Azul deste segundo infortúnio em atenção ao primeiro. Amava Blanche de Gibeaux com singular ardor e ainda mais estremecidamente do que amara Jeanne de la Cloche, Gigonne Traignel ou mesmo Colette Passage. À notícia de que ela o tinha traído com constância e de que nunca mais voltaria a traí-lo, experimentou uma dor e um desespero que, longe de se aplacarem, dia a dia redobravam de intensão. O sofrimento tornou-se intolerável, e ele adoeceu de uma doença que fez temer por seus dias.

Os médicos, tendo tentado inutilmente diversos tratamentos, declararam-lhe que o único remédio

apropriado ao seu mal era tomar uma jovem esposa. Então ele pensou em sua priminha Angèle de La Garandine, que estava certo ser-lhe-ia concedida de bom grado, visto não ter fortuna. O que o encorajava a tomá-la por mulher era ser ela tida por simples e desprovida de instrução. Tendo sido enganado por uma mulher inteligente, uma imbecil dava-lhe segurança. Assim desposou a menina de La Garandine, e logo se deu conta da falácia de suas previsões. Angèle era doce, Angèle era boa, Angèle o amava; por si mesma não se inclinava ao mal; mas qualquer um, por menos pícaro que fosse, a ele a induzia facilmente a qualquer hora. Bastava que lhe dissessem: "Faz isso ou o bicho-papão te pega; entra aqui ou o lobisomem te come"; ou então: "Fecha os olhos e toma este remedinho"; e de pronto a inocente fazia a vontade dos maganos que queriam dela o que era muito natural quererem, pois ela era apetitosa.

O Sr. de Montragoux, enganado e ultrajado pela idiota tanto ou mais do que o fora por Blanche de Gibeaux, tinha ainda por cima a má sorte de sabê-lo, pois Angèle era suficientemente ingênua para nada lhe esconder. Dizia-lhe: "Meu senhor, disseram-me isto; fizeram-me isto; pegaram-me isto; eu vi aquilo; ouvi aquilooutro."

E, com a sua ingenuidade, infligia ao pobre fidalgo tormentos indescritíveis.

Ele os sofria com equanimidade. Entretanto acontecia-lhe às vezes dizer à débil mental: "És uma perua!" e pespegar-lhe uns tabefes. Esses tabefes começaram a valer-lhe uma reputação de crueldade que não mais se extinguiria. Um frade mendicante, passando por Guillettes enquanto o Sr. de Montragoux caçava galinhas, encontrou Madame Angèle a coser um vestido de boneca. Percebendo que ela era tão simplória quanto bela, carregou-a consigo em seu jumento, fazendo-lhe crer que o anjo Gabriel a esperava num esconso do bosque para regalar-lhe ligas de pérolas. Acredita-se que tenha sido devorada pelos lobos, pois nunca mais foi vista.

Depois de tão funesta experiência, como pôde o Barba-Azul resolver-se a contrair novo consórcio? Impossível compreendê-lo, não se soubesse o poder que exerce um belo par de olhos sobre um coração bem-conformado. Num castelo vizinho que costumava freqüentar, o honrado gentil-homem conheceu uma jovem órfã de nobre nascimento chamada Alix de Pontalcin, que, despojada de todos os seus bens por um tutor desonesto, só pensava em recolher-se a um convento. Amigos prestadios intervieram para convencê-la a mudar essa resolução e aceitar a mão do Sr. de Montragoux. Ela era maravilhosamente bela. Barba-Azul, que antecipara fruir em seus braços uma ventura infinita, teve uma vez mais frustradas as suas esperanças, desta vez sofrendo um desencanto que, em virtude da sua natureza, ser-lhe-ia ainda mais sensível que todas as contrariedades que amargara em seus conúbios precedentes. Alix de Pontalcin recusou-se obstinadamente a tornar realidade aquela conjunção, a que no entanto anuíra.

Embalde o Sr. de Montragoux a instava a tornar-se sua esposa; ela resistia às súplicas, às lágrimas, às objurgações, furtava-se às mais tímidas carícias do marido, e corria a trancar-se no quarto das princesas desditosas, onde se mantinha só e inacessível por noites a fio. Nunca se soube a razão de uma resistência tão contrária às leis humanas e divinas.

Houve quem a atribuísse ao fato de o Sr. de Montragoux ter a barba azul, mas o que há pouco dissemos a respeito da sua barba torna tal suposição pouco plausível. Assim como assim, é um assunto sobre o qual é difícil logicar. O pobre esposo suportava os mais atrozes sofrimentos. Para esquecê-los, caçava com fúria, estropiando cavalos, cães e batedores. Mas, de volta ao seu castelo, estrompado, extenuado, bastava a visão da menina Pontalcin para renovar-lhe ao mesmo tempo as forças e os tormentos. Por fim, não mais se agüentando, solicitou a Roma a anulação daquele casamento que não passara de uma farsa, e a obteve segundo a lei canônica e mercê de um bom presente ao Santo Padre. Se de Montragoux despachou a Srta. Pontalcin com as marcas do respeito devido a uma mulher e sem quebrarlhe uma

bengala nos lombos, é que tinha ânimo forte, um grande coração, e era senhor de si mesmo como o era do castelo de Guillettes. Mas jurou que jamais outra mulher poria os pés nos seus domínios.

Melhor teria feito mantendo-se fiel a essa jura!

# CAPÍTULO III

ALGUNS ANOS SE passaram desde quando o Sr. de Montragoux se livrara da sua sexta esposa; entre a gente do lugar já não persistia mais que uma lembrança indistinta das catástrofes domésticas que haviam desabado sobre a casa do seu bom senhor.

Ninguém sabia o fim que tinham levado as mulheres, e à noite, no povoado, contavam-se a respeito histórias de arrepiar; uns lhes davam crédito, outros não. Nessa época, uma viúva velhusca, Madame Sidonie de Lespouisse, veio estabelecer-se com os filhos no solar de MotteGiron, distante em linha reta um par de léguas do castelo de Guillettes.

De onde ela vinha, quem fora o marido, ninguém sabia. Uns diziam, por ouvir dizer, que ele exercera certos cargos na Espanha ou na Sabóia; diziam outros que morrera nas índias; vários afirmavam que a viúva possuía imensas propriedades; alguns o punham em dúvida.

Entrementes ela levava vida faustosa e convidava a MotteGiron toda a nobreza da comarca. Tinha duas filhas. Anne, a mais velha, na bica de ficar para tia, era finória. Jeanne, a mais moça, casadoura, ocultava sob seus ares ingênuos uma precoce experiência do mundo. Madame de Lespouisse tinha também dois rapazes, de vinte e vinte e dois anos, fortes e bemparecidos, dos quais um era dragão e o outro mosqueteiro. Posso afirmar, por ter-lhe visto a patente, que este era mosqueteiro negro. Isto não era visível quando ele andava a pé, pois os mosqueteiros negros se diferenciavam dos cinzentos não pela cor do uniforme mas pela das mantas dos cavalos. Uns e outros usavam a mesma sobreveste azul, com galões dourados. Quanto aos dragões, reconheciam-se por uma espécie de gorro de pele cuja aba lhes pendia petulantemente sobre uma das orelhas. Os dragões tinham fama de grandes alarifes, como atesta esta canção:

*São os dragões que lá vêm:*

*Mamãe, ponhamo-nos a salvo!*

Mas em vão ter-se-ia procurado nos dois regimentos de dragões de Sua Majestade tão grande libertino, tão rematado bargante, tão torpe valdevinos como Cosme de Lespouisse.

Perto dele, o irmão era um rapaz de bem. Beberrão e jogador, Pierre de Lespouisse cortejava as damas e manipulava as cartas; eram os seus únicos meios de vida conhecidos.

Mme. de Lespouisse, a mãe, só pompeava os seus fastos no solar de MotteGiron para empulhar os incautos. A verdade é que não tinha nada e devia até os seus dentes postiços. Seus móveis, seus adornos, seu coche, seus cavalos e criados lhe haviam sido emprestados por usurários de Paris, que ameaçavam recolhê-los se ela não maridasse logo uma das filhas com algum rico fidalgo, e a honesta Sidonie se arriscava a, de um momento para outro, ver-se em pêlo em sua casa vazia. No afã de desencantar um genro, sem demora ela voltara suas vistas para o Sr. de Montragoux, que adivinhava ingênuo, fácil de enganar, bondoso e predisposto ao amor sob o seu aspecto rústico e bravio. As filhas partilhavam nos seus planos e, a cada encontro, dardejavam no pobre Barba-Azul olhares que o punham nas profundezas do seu ser.

Bem depressa ele cedeu aos poderosos encantos das duas senhoritas de Lespouisse.

Esquecendo o juramento, tudo em que pensava era esposar uma ou outra, já que achava as duas

igualmente apetitosas. Após algumas procrastinações, causadas não tanto por hesitação quanto pelo seu acanhamento, dirigiu-se em grande gala a MotteGiron e fez o seu pedido a *Mme.* de Lespouisse, deixando à escolha desta qual das filhas se disporia a ceder-lhe. *Mme.* Sidonie respondeu-lhe cortesmente que o tinha em alta estima e que o autorizava a prestar suas homenagens àquela das donzelas de Lespouisse que ele desejasse distinguir.

– Faça por agradar, meu senhor – disse-lhe. – Serei a primeira a aplaudir o seu sucesso.

Para travar conhecimento, o Barba-Azul convidou Anne e Jeanne de Lespouisse, com a mãe, os irmãos e mais uma plêiade de damas e gentis-homens, a passar uma quinzena no castelo de Guillettes. Foi toda uma sucessão de convescotes, partidas de caça e pesca, danças e festins, refeições e diversões de toda espécie.

Um jovem fidalgo que as damas de Lespouisse tinham trazido consigo, o cavalheiro de Merlus, organizava as batidas. Barba-Azul tinha as melhores matilhas e as mais belas equipagens da província. As damas rivalizavam com os homens no ardor da perseguição ao cervo. Nem sempre se corria o bicho, mas caçadores e caçadoras se desgarravam aos pares, reencontravam-se e novamente se extraviavam nos matos. O cavalheiro de Merlus perdia-se de preferência com Jeanne de Lespouisse, e cada qual chegava à noite ao castelo afogueado e contente com as peripécias do dia.

Após alguns dias de observação, o bom senhor de Montragoux decidiu-se firmemente por Jeanne, a caçula das irmãs, mais viçosa, o que não quer dizer que fosse menos vivida. Deixou transparecer a sua preferência, que, sendo honesta, não tinha por que dissimular; e ademais não era dado a rodeios. Cortejou a jovem senhorita o melhor que pôde, falando pouco, por falta de costume, mas rolando para ela olhos terríveis e arrancando do fundo das entranhas suspiros capazes de deitar por terra um baobá.

Às vezes largava a rir, e a baixela estremecia e as vidraças trepidavam.

De toda a companhia era ele o único que não notava as assiduidades do cavalheiro de Merlus junto à filha mais moça de *Mme.* de Lespouisse; ou, se as notava, não lhes via nenhum mal. Sua experiência das mulheres não bastava para fazê-lo suspicaz; ele não desconfiava das pessoas que amava. Dizia minha avó que a experiência de nada vale na vida, e que cada qual continua sendo o que sempre foi. Penso que ela estava certa, e a história verdadeira que reconstituo aqui não é de molde a desmenti-la.

Em suas festas denotava o Barba-Azul uma rara magnificência. Chegada a noite, mil tochas aclaravam o gramado à frente do castelo, e mesas servidas por criados e moçoilas vestidos como faunos e napéias suportavam tudo quanto os bosques e florestas oferecem de grato ao paladar. Uma orquestra executava ininterruptamente belas sinfonias. Ao fim do repasto, o mestre e a mestra da escola, acompanhados dos petizes e meninas da aldeia, vinham apresentar-se ante os convivas e liam uma saudação ao senhor de Montragoux e aos seus comensais. Um astrólogo usando um barrete pontudo acercava-se das damas e anunciava-lhes os seus futuros amores lendo-lhes as linhas das mãos. Barba-Azul fazia com que dessem de beber a todos os seus vassallos e em pessoa distribuía pão e viandas às famílias pobres.

Às dez horas da noite, fugindo ao sereno, a companhia entrava para as salas do castelo, iluminadas por grande profusão de velas, e onde havia mesas para jogos de toda espécie: lansquenete, bilhar, ganha-perde, trou-madame, torniquete, pórtico, capote, hoca, brelan, xadrez, gamão, dados, calbas e bassette.

Sistematicamente infeliz nesses diversos jogos, Barba-Azul, noite após noite, perdia vultosas somas. O que lhe servia de consolo para um tão obstinado caiporismo era ver as três damas de Lespouisse ganharem rios de dinheiro. Jeanne, a caçula, que apostava sempre no jogo do cavalheiro de Merlus, acumulava

pillas de ouro. Os dois filhos de *Mme.* de Lespoisse também faziam bons lucros no ganha-perde o na bassette, sendo os jogos de azar os que mais invariavelmente os beneficiavam. O jogo prosseguia noite adentro. Ninguém dormia durante esse estupendo entretenimento, e, como diz o autor da mais antiga das crônicas do Barba-Azul, "passavam a noite inteira a codilhar uns aos outros". Para muitos eram essas as melhores horas, pois, a título de brincadeira, e protegidos pelas sombras, aqueles que sentiam mútua inclinação encafurnavam-se juntos em alguma alcova. O cavalheiro de Merlus disfarçava-se ora em diabo, ora em fantasma ou lobisomem para assustar os dorminhocos, e acabava sempre por meter-se no quarto da menina Jeanne de Lespoisse. Nessas partidas, não se esqueciam do senhor de Montragoux.

Os dois filhos de *Mme.* de Lespoisse deitavam-lhe pó-de-mico na cama e queimavam em seu quarto substâncias que exalavam um cheiro nauseabundo. Ou então lhe arranjavam sobre a porta uma vasilha cheia de água, de tal modo que o bondoso anfitrião não podia puxar a maçaneta sem levar um banho. Enfim, pregavam-lhe toda sorte de peças, com que toda a companhia se divertia à grande, e que o Barba-Azul suportava com a sua natural amenidade.

Ele fez saber a sua escolha, a que *Mme.* de Lespoisse aquiesceu, embora lhe sangrasse o coração, disse ela, ao pensamento de casar as filhas. A boda foi celebrada em MotteGiron, com pompa extraordinária. A menina Jeanne, de uma beleza estonteante, usava um vestido todo de renda de Paris e um penteado de mil bucles. Sua irmã Anne trajava de veludo verde bordado a ouro. O costume de *Mme.* de Lespoisse era de ouro frisado, com passamanarias negras e um adereço de pérolas e brilhantes.

O Sr. de Montragoux ostentava sobre uma casaca de veludo negro todos os seus grandes diamantes; tinha um ar muito distinto e uma expressão de inocência e timidez que fazia um agradável contraste com seu queixo azul e com seus ombros possantes. Os irmãos da noiva estavam sem dúvida garridamente arrebicados, mas o cavalheiro de Merlus, envergando uma casaca de veludo rosa recamada de pérolas, irradiava um esplendor sem par.

Tão logo finda a cerimônia, os judeus que tinham alugado à família e ao rufião da nubente aqueles belos atavios e ricas jóias tomaram-nos de volta e os transportaram a Paris pela posta.

# CAPÍTULO IV

DURANTE UM MÊS, o Sr. de Montragoux foi o mais feliz dos homens. Adorava a esposa e via nela um anjo de pureza. Ela era coisa bem diferente; mas outros mais ladinos que o pobre Barba-Azul ter-se-iam deixado iludir como ele, tanto tinha aquela criatura de indústria e solércia, e tão docilmente se deixava governar pela mãe, a mais impudente bisca de todo o reino de França. Esta dama instalou-se em Guillettes com Anne, a filha mais velha, os dois filhos, Pierre e Cosme, e o cavalheiro de Merlus, que se grudava a *Mme.* de Montragoux como se fosse sua sombra. Isso aborrecia um pouco o bom marido, que teria preferido ter a esposa todo o tempo para si, mas que não se estomagava com a estima que ela mostrava pelo jovem petimetre, pois ela lhe afirmara ser ele seu irmão colaço.

Conta Charles Perrault que um mês depois do enlace o Barba-Azul foi obrigado a ausentar-se do castelo durante seis semanas para atender a um negócio de importância; mas parece ignorar os motivos da viagem, e houve quem suspeitasse tratar-se de um manejo a que teria recorrido, segundo a tradição, o marido ciumento para surpreender a esposa. A verdade é bem outra: o Sr. de Montragoux transportou-se ao Perche para empossarse na herança de um primo, d'Outarde, heroicamente morto por uma bala de canhão na batalha de Dunes, quando jogava dados sobre um tambor.

Antes de partir, o Sr. de Montragoux recomendou à esposa que tratasse de se distrair por todos os modos possíveis durante a sua ausência.

– Faça com que venham suas amigas, senhora – disselhe.

– Leve-as a passear. Sirva-lhes bons quitutes e divirta-se bastante.

Entregou-lhe as chaves da casa, significando assim que em sua falta ela se tornava a ama única e suprema de toda a senhoria de Guillettes.

– Aqui estão – disse – as chaves das duas grandes tulhas; esta é das baixelas de ouro e prata, que não se usam todos os dias; esta é dos meus cofres-fortes, onde estão o meu ouro e a minha prata; estas dos baús que contêm as minhas pedrarias, e aqui a chave-mestra de todos os aposentos. Quanto a esta chave pequena, é a da camarinha ao fundo da grande galeria do andar térreo; abra tudo, ande por onde queira.

Pretende Charles Perrault que o Sr. de Montragoux tenha ajuntado:

– Mas quanto à camarinha, eu lhe proíbo de lá pôr os pés, e lho proíbo de tal sorte que, se porventura abri-la, não há nada que a senhora não deva esperar do meu furor.

Pondo-lhe na boca estas últimas palavras, comete o historiador o erro de adotar sem contraprova a versão aduzida, após o evento, pelas damas de Lespoisse.

O Sr. de Montragoux exprimiu-se de forma totalmente diferente. Quando entregou à esposa a chave da camarinha, que era exatamente o quarto das princesas desditosas de que várias vezes já nos foi dado falar, ele expressou à sua amada Jeanne o desejo de que ela não entrasse num repartimento da morada que ele tinha por nefasto à sua ventura conjugal. com efeito, fora por ali que sua primeira esposa, e de todas a melhor, se esgueirara para fugir com seu urso; fora ali que Blanche de Gibeauxem o enganara fartamente com diversos gentis-homens; e por fim aquele piso de pórfiro fora manchado pelo sangue de uma adúltera adorada. Não seria o bastante para que o Sr. de Montragoux associasse àquela dependência memórias lastimosas e presságios infaustos?

As palavras que ele realmente dirigiu a Jeanne de Lespoisse traduziram esses desejos e impressões que

lhe agitavam o peito.

Ei-las textualmente:

– Eu nada lhe escondo, senhora, e julgaria ofendê-la se não lhe confiasse as chaves todas de uma casa que é sua. A senhora pode pois entrar na camarinha como em todas as demais dependências desta habitação; contudo, se me der ouvidos, guardar-se-á de fazê-lo, para contentar-me e em consideração às imagens dolorosas que ela me evoca e aos maus pressentimentos a que, malgrado meu, essas imagens dão nascença em minha mente. Desolar-me-ia que lhe acontecesse uma desgraça, ou que eu pudesse incorrer o seu enfado. Perdoe-me, senhora, esses receios, provavelmente infundados, como frutos do meu desvelo inquieto e da minha solícita afeição. com este elóquio, o bom senhor beijou a esposa e partiu para o Perche em diligência.

"As amigas e vizinhas", diz Charles Perrault, "não esperaram que as convidassem para dirigir-se à casa da recém-casada, tal era a sua impaciência de ver com os próprios olhos os tesouros do solar. Ei-las a percorrer os quartos, os gabinetes, os guarda-roupas, cada qual mais rico e suntuoso que o outro, todo o tempo exagerando e invejando o bambúrrio da amiga."

Todos os cronistas que trataram do assunto acrescentam que *Mme.* de Montragoux não se entusiasmava nada em vendo aquelas riquezas, tão impaciente se achava de ir abrir a camarinha. Nada mais verdadeiro; e, como se lê em Perrault, "a tal ponto a esporeava a curiosidade que, sem atentar à desmesura que era abandonar as suas visitas, para lá se atirou por uma escadinha esconsa e com tanta precipitação que por duas ou três vezes por um triz ia quebrando o pescoço". O fato é indisputado.

O que ninguém disse é que a única razão desse insofrimento em lá chegar era o fato de que o cavalheiro de Merlus lá se encontrava à sua espera.

Desde quando se instalara no castelo de Guillettes, ela se entrevistava com o fidalguete na dita camarinha todo santo dia, e com mais freqüência duas vezes do que uma, sem se cansar daqueles colóquios pouco próprios a uma casada de fresco.

Impossível hesitar sobre a natureza das relações entabuladas entre Jeanne e o cavalheiro: não eram nada honestas; nada tinham de inocentes. Ai! tivesse a castelã de Montragoux atentado unicamente contra a honra do marido, certamente incorreria na censura da posteridade; mas o mais austero moralista haveria de encontrar-lhe escusas, alegaria em favor da jovem criatura os costumes do tempo, os exemplos da cidade e da Corte, os efeitos inegáveis de uma má educação, os conselhos de uma mãe perversa, pois *Mme.* Sidonie de Lespoisse acobertava as leviandades da filha. Os sábios lhe perdoariam uma falta por demais ligeira para merecer os seus rigores; seus erros se afigurariam por demais comuns para serem grandes erros, e toda gente opinaria que ela simplesmente fizera como as outras. Jeanne de Lespoisse, porém, não contente de atentar contra a honra do marido, não titubeou em atentar-lhe contra a vida.

Foi na camarinha, também denominada o quarto das princesas desditosas, que Jeanne de Lespoisse, Sra. de Montragoux, concertou com o cavalheiro de Merlus a morte de um esposo amante e devotado. Mais tarde ela declarou que, entrando na peça, vira suspensos seis corpos de mulheres trucidadas, cujo sangue ressecado recobria as lajes, e que, adivinhando naquelas infelizes as seis primeiras esposas do marido, previra a sorte que lhe estava reservada. Seriam, neste caso, as pinturas das paredes que ela teria tomado por despejos mutilados, e caberia comparar as suas alucinações às de Lady Macbeth. Mas é mais que provável que Jeanne imaginasse esse espetáculo medonho para depois descrevê-lo e justificar assim os assassinos do marido caluniando a vítima. O fim do Sr. de Montragoux foi planejado. Certas cartas que tenho à minha frente obrigam-me a crer que *Mme.* Sidonie participou da conjura. Quanto à filha mais velha, pode dizer-se que foi dela a alma. Anne de Lespoisse era a mais desnaturada da família. Mantinha-se imune às fraquezas dos sentidos e conservava-se casta em meio aos desregramentos da

casa; não que se recusasse prazeres por julgá-los indignos; mas porque só conhecia o prazer na crueldade. Foi ela quem envolveu os dois irmãos, Pierre e Cosme, na empreitada, mediante a promessa de um comando.

# CAPÍTULO V

RESTA-NOS REPRODUZIR, com base em documentos autênticos e testemunhos seguros, o mais hediondo, o mais atroz, o mais pérfido dos crimes domésticos cuja memória chegou até nós. O crime, cujas circunstâncias passamos a expor, só se pode comparar ao cometido na noite de 9 de março de 1449 contra a pessoa de Guillaume de Flavy por Blanche d'Overbreuc, sua mulher, que era jovem e franzina, pelo bastardo d'Orbandas e pelo barbeiro Jean Bocquillon. Eles sufocaram Guillaume com um travesseiro, escocharam-no a pauladas e o sangraram no pescoço como a um boi. Blanche d'Overbreuc ainda provou que o marido maquinara mandá-la afogar, ao passo que Jeanne de Lespouisse entregou a infames celerados um esposo que a amava. Descreveremos os fatos tão sobriamente quanto possível.

O Barba-Azul voltou um pouco mais cedo do que se esperava. Isto deu origem à crença totalmente falsa de que, presa de suspeitas nascidas de um feroz ciúme, ele tivesse pretendido surpreender a esposa. Na verdade, alegre e confiante, se é que pensou em fazer-lhe uma surpresa, pensou numa surpresa agradável. Sua ternura, sua bondade, seu ar descuidoso e feliz teriam comovido os corações mais duros. O cavaleiro de Merlus e toda aquela raça execrável de Lespouisse viram nisso tão-somente uma facilidade para dar-lhe cabo da existência e apossar-se dos seus cabedais, ainda mais acrescidos pela nova herança.

A jovem esposa acolheu-o sorridente, deixou-se abraçar e conduzir ao quarto conjugal, e tudo fez ao agrado do excelente homem. Na manhã seguinte entregou-lhe o molho de chaves que lhe fora confiado. Mas faltava nele a do quarto das princesas desditosas, a que de ordinário chamavam camarinha. Barba-Azul reclamou-a com delicadeza. E, após recalitrar por algum tempo a pretextos variados, Jeanne lha devolveu.

Aqui se coloca uma questão que não é possível resolver sem sair do domínio estrito da história para entrar nas regiões incertas da filosofia. Charles Perrault afirma formalmente que a chave da camarinha era fádica, o que quer dizer que era mágica, encantada, dotada de certas propriedades avessas às leis naturais, ao menos como nós as concebemos. Ora, não temos provas em contrário. Aqui cabe lembrar um preceito do meu ilustre mestre, o Sr. du Cios dês Lunes, membro do Instituto: "Deparando o sobrenatural, o historiador não deve rejeitá-lo." Limito-me pois a mencionar, no tangente à tal chave, a opinião unânime dos velhos biógrafos do Barba-Azul: todos afirmam que ela era fádica. Este é um ponto ponderável.

Por sinal, não foi essa chave o único objeto criado pela indústria humana a constar como dotado de um condão maravilhoso. A tradição abunda em exemplos de espadas fádicas. A espada de Artur era fádica. A de Joana d'Arc era fádica, segundo o testemunho irrecusável de Tean Cartier; e a prova ciue dá disso o ilustre historiador é que, quando a lâmina quebrou, os dois pedaços recusaram-se a deixar-se ressoldar, por mais que o tentassem os mais hábeis armeiros. Victor Hugo, em um de seus poemas, fala de "escadas fádicas, sob as quais tudo se confunde". Numerosos autores admitem a existência de homens embruxados que podem transformar-se em lobos. Não nos proporemos contestar uma crença tão viva e tão constante, e abster-nos-emos de afirmar se a chave da camarinha era fádica ou não, deixando ao leitor avisado o encargo de estremar nosso juízo a respeito, eis que a nossa descrição não implica indecisão, o que a torna meritória.

Contudo, onde nos vemos em nosso próprio domínio, ou, melhor dizendo, em nossa jurisdição, onde voltamos a ser juizes dos fatos, árbitros das circunstâncias, é quando lemos que a dita chave estava

manchada de sangue. A autoridade dos textos não se nos impõe ao ponto de no-lo fazer acreditar. Não havia mancha alguma. Correria sangue, sim, na camarinha, mas em tempos já remotos. Quer o tivessem lavado, quer se tivesse ressecado, não poderia estar tingindo a chave. O que, na sua turbacão, a esposa criminosa tomou por manchas de sangue no ferro era um reflexo do céu ainda afogueado pelas púrpuras da aurora. Ao Sr. de Montragoux não passou despercebido, vendo a chave, que a mulher adentrara a camarinha. Não lhe escapou que a chave se mostrava agora mais limpa e mais brilhante do que quando fora entregue, e que aquele polimento só podia explicar-se pelo uso.

Assaltou-o uma impressão penosa, e ele disse à esposa com um sorriso triste:

– Minha querida, a senhora entrou na camarinha. Oxalá nada resulte de ruim para algum de nós! Aquele quarto exala uma influência maligna, da qual eu teria desejado resguardá-la. Se a senhora a seu turno lhe fosse submetida, eu ficaria inconsolável. Perdoe-me: somos supersticiosos quando amamos.

A essas palavras, embora o Barba-Azul não lhe pudesse meter medo, já que sua linguagem e atitude exprimiam tão-somente melancolia e ternura, a jovem dama largou a esgoelar à toda força dos pulmões:

– Socorro! Que me matam!

Era o sinal combinado. Ouvindo-o, o cavalheiro de Merlus e os dois filhos de *Mme.* de Lespouisse deveriam atirar-se sobre o Barba-Azul e vará-lo com as espadas.

Mas o cavalheiro, que Jeanne escondera em um armário do quarto, surgiu só. O Sr. de Montragoux, vendo-o saltar de espada em punho, pôs-se em guarda.

Jeanne fugiu espavorida. Na galeria encontrou a irmã, Anne. Esta não estava, como tem sido afirmado, numa torre, pois que as torres do castelo tinham sido demolidas a mando do Cardeal Richelieu. Anne de Lespouisse diligenciava por meter em brios os dois irmãos, que, pálidos e vacilantes, relutavam em correr os riscos do cometimento.

– Vamos! vamos! – gritou Jeanne, urgente e suplicante

– meus irmãos, acudam meu amante!

Então Pierre e Cosme correram para o Barba-Azul; viram que ele desarmara o cavalheiro de Merlus e o mantinha dominado debaixo de um joelho.

Traioeiramente, pelas costas, passaram-lhe as espadas através do corpo e ainda o golpearam repetidamente depois que ele expirou.

O Barba-Azul não tinha herdeiros. A viúva conservou a posse dos seus bens. Uma parte ela empregou em dotar sua irmã Anne, outra em comprar patentes de capitania para os dois irmãos, e o restante em casar-se com o cavalheiro de Merlus, que, uma vez rico, tornou-se extremamente respeitável.

# O MILAGRE DE SÃO NICOLAU

SÃO NICOLAU, BISPO de Mira na Lícia, viveu na época do Constantino o Grande. Os mais antigos e mais conspícuos autores que dele falaram celebram seus méritos, suas obras, suas virtudes, e dão provas abundantes da sua santidade; nenhum deles porém refere o milagre da salgadeira. Tampouco se faz dele menção na Legenda Áurea.

Tal silêncio é digno de nota; ainda assim dificilmente alguém se inclina a pôr em dúvida um fato tão decantado, como atesta uma cantiga universalmente conhecida: Era uma vez três meninos Que respigavam nos campos. . .

Esse texto famoso diz expressamente que um salsicheiro malvado meteu os inocentes "numa salgadeira, como porcos". O que significa obviamente que os conservou, cortados em pedaços, num banho de salmoura. com efeito, é como se opera a salga da carne de porco. Mas em seguida lê-se com surpresa que os três infantes permaneceram sete anos na salmoura, quando ordinariamente se começa ao fim de seis semanas mais ou menos a tirar da selha, com um forçado de pau, as postas de carne.

O texto é formal: foi sete anos depois do crime que, segundo a balada, o grande São Nicolau entrou no albergue maldito, onde pediu jantar. O hospedeiro ofereceu-lhe uma porção de presunto.

– Não quero: não me sabe bem.

– Quer um pedaço de vitela?

– Não quero: não me fio nela. Quero comer carne salgada Sete anos na tina guardada.

O vilão, ouvindo isto, fugiu porta afora e nunca mais foi visto.

Em seguida, impondo as mãos sobre a salgadeira, o homem de Deus fez reviver as pequenas vítimas.

Tal é, em substância, a narrativa do velho cantador anônimo, e traz em si os inimitáveis traços da candura e da boa fé. O ceticismo se prova mal inspirado quando impugna essas memórias vivas do acordo popular. Assim, foi com satisfação que encontrei um meio de conciliar a autoridade da endecha com o silêncio dos biógrafos do patriarca lício. Fico feliz de proclamar o resultado a que cheguei após longas elucubrações e pesquisas eruditas. O milagre da salgadeira é autêntico, pelo menos no que toca ao principal; só que não foi o venerável bispo de Mira quem o operou; foi o outro São Nicolau, pois existem dois: um, como dissemos, bispo de Mira na Lícia; o outro, menos antigo, bispo de Tringueballe em Vervignole. Estava a mim reservado estabelecer a distinção. Foi o bispo de Tringueballe quem salvou três meninos de uma salgadeira; vou prová-lo à fé de documentos fidedignos, e não haverá que deplorar a morte de uma lenda.

A mim coube a sorte de tirar a limpo a história completa do bispo Nicolau e dos três meninos que ele ressuscitou. Fiz dela um relato que espero seja lido com proveito e prazer.

# CAPÍTULO I

NICOLAU, NASCIDO DE uma família ilustre de Vervignole, desde a infância deu sinais de santidade e, à idade de quatorze anos, fez voto de consagrar-se ao Senhor.

Tendo abraçado o estado eclesial, foi elevado, ainda moço, por aclamação popular e pelo sufrágio do capítulo, à sede de São Cromadaire, apóstolo de Vervignole e primeiro bispo de Trinqueballe. Exercia piedosamente o seu ministério pastoral, governava a sua clerezia com prudência, ensinava o povo e não temia concitar os grandes à justiça e à moderação. Mostrava-se liberal, abundante em esmolas, e reservava aos pobres uma grande parte dos seus bens. Seu castelo projetava altivamente, sobre uma colina a cavaleiro da cidade, seus muros ameados e torres em pimenteira. Nicolau fazia dele um refúgio onde aos foragidos da justiça secular era dado asilo.

No grande salão do andar térreo, o mais vasto que se pode ver em toda a Vervignole, a mesa montada para as refeições era tão longa que quem se colocava a um dos extremos a via perder-se à distância numa ponta indistinta, e, acesas as velas, lembrava a cauda do cometa surgido em Vervignole para anunciar a morte do Rei Comus.

O santo bispo Nicolau ocupava a cabeceira. E ali banqueteara os próceres da cidade e do reino e uma multidão de clérigos e leigos. Mas reservava uma cadeira à sua direita para um pobre que viesse à porta mendigar seu pão. As crianças sobretudo despertavam a solicitude do santo. Ele se deleitava em sua inocência; elas lhe inspiravam um orgulho de pai e carinhos de mãe.

Tinha as virtudes e os costumes de um apóstolo. Todos os anos, vestindo um simples hábito de frade e empunhando um bordão, saía a visitar as suas ovelhas, cioso de ver tudo com seus próprios olhos; e, para que nenhuma desandança, nenhum desgoverno lhe escapasse, percorria, acompanhado de um único clérigo, as partes selváticas da sua diocese, atravessando, no inverno, rios transbordantes, escalando montanhas geladas e embrenhando-se em florestas densas.

Ora, uma feita, tendo cavalgado em sua mula desde o alvorecer em companhia do diácono Modernus, através de mataréis sombrios infestados de lince e lobos, e dos vetustos abetos que eriçam os cimos dos montes Marmouse, o homem de Deus entranhou-se, ao cair da noite, em sarças espinhosas onde a alimária abria com dificuldade um caminho sinuoso e lento. O diácono Modernus seguia-lhe custosamente a pista em outra mula, que carregava a bagagem.

Assoberbado de fome e fadiga, o homem de Deus disse a Modernus:

– Paremos, meu filho, e, se é que te resta um pouco de pão e de vinho, jantaremos aqui, pois não sinto forças para seguir além, e tu, posto que mais jovem, deves estar quase tão cansado quanto eu.

– Reverendo – respondeu Modernus –, não me resta uma só gota de vinho nem uma migalha de pão, pois dei tudo, por vossa ordem, na estrada, a pessoas que necessitavam menos do que nós.

– Sem dúvida – replicou o bispo –, se tivessem restado ainda em teu alforje alguns sobejos, nós nos teríamos servido deles com prazer, pois convém que os que governam a Igreja se alimentem das sobras dos pobres. Mas, se não tens mais nada, é porque Deus assim o quis, e certamente o quis para nosso bem e proveito. É possível que Ele nos oculte para todo o sempre as razões dessa mercê; ou pode ser que, ao revés, no-las faça conhecer em breve. No comenos, o que nos resta fazer, creio eu, é prosseguir até encontrarmos alguns medronhos e amoras para a nossa manutenção e forragem para as nossas mulas, e,

assim reconfortados, estender–nos num leito de folhas.

– Como vos aprouver, Excelência – respondeu Modernus picando a montaria.

Andaram toda a noite e uma parte da manhã, pois, tendo galgado um clivo um tanto abrupto, acharam–se de súbito à orla da floresta e viram a seus pés uma planura recoberta por um céu amarelado e atravessada por quatro caminhos indistintos, que se perdiam na bruma. Tomaram pelo da esquerda, uma antiga via romana, outrora palmilhada por mercantes e romeiros, mas deserta desde quando a guerra desolara aquela região da Vervignole. Nuvens espessas encastelavam–se no céu, onde pássaros fugiam; uma atmosfera sufocante pesava sobre a terra lívida e silente; clarões fuzilavam no horizonte. Esporearam as mulas abombadas. De repente um vento forte envergou as franças do arvoredos, fazendo rangerem os galhos e gemerem as folhagens açoitadas. Um trovão ribombou e grossos pingos de chuva começaram a cair.

Avançando na borrasca, ao estalar dos coriscos, pela estrada transformada em caudal, viram à luz de um relâmpago uma casa onde pendia um ramo de azevinho, signo de hospitalidade. Sofrearam as cavalgadas.

O albergue parecia abandonado; no entanto o estalajadeiro avançou–lhes ao encontro, a um tempo humilde e truculento, um grande facão à cinta, e perguntou–lhes o que desejavam.

– Pousada e um pedaço de pão, com um dedo de vinho respondeu o bispo –, pois estamos exaustos e transidos.

Enquanto o estalajadeiro ia buscar vinho no porão e Modernus conduzia as mulas à estrebaria, São Nicolau, sentado à frente do lar, ao pé de um fogo agonizante, circunvagava o olhar pela sala esfumaçada. Pó e sujeira recobriam os bancos e os baús; aranhas teciam teias entre as traves carunchadas, de que pendiam magras réstias de cebolas.

A um canto escuro, uma salgadeira ostentava o seu bojo cintado de ferro.

Naquele tempo, os demônios se imiscuíam bem mais intimamente que hoje em dia na vida doméstica. Invadiam as moradas, e, alapados na caixa de sal, no pote de manteiga ou em qualquer outro desvão, espiavam as pessoas e espreitavam a oportunidade de tentá–las e de induzi–las ao mal. Também os anjos faziam então entre os cristãos aparições mais freqüentes, Senão quando, um diabo do tamanho de uma noz, escondido entre os tições, tomou a palavra e disse ao santo bispo:

– Atenta na salgadeira, padre: vale a pena. É a melhor salgadeira de toda a Vervignole. É o modelo e paradigma de todas as salgadeiras. O dono da casa, senhor Garum, ao recebê-la das mãos de um hábil toneleiro, aromatizou–a com gengibre, tomilho e alecrim. O senhor Garum é inigualável em sangrar a carne, desossá–la, retalhá–la elaboradamente, esmeradamente, amorosamente, e impregná–la de espíritos salinos que a conservam e embalsamam. É sem rival em adubar, concentrar, reduzir, escumar, tamisar e decantar a salmoura. Prova o seu porco salgado, padre, e vais lambe os dedos; prova o porquinho salgado, Nicolau, e depois vais–me agradecer.

Mas, a essa linguagem, e sobretudo à voz que a empregava (ringia como um serrote), reconheceu o santo bispo o espírito maligno. Fez o sinal da cruz e instantaneamente o diabrete, como uma castanha que se atira ao fogo sem fender, estourou com medonho estrondo e uma forte fedentina.

E apareceu um anjo do céu, resplandecente de luz, e disse a Nicolau:

– Nicolau, amado do Senhor, cumpre que saibas que três criancinhas estão há sete anos naquela salgadeira. O taberneiro Garum recortou os pequeninos em pedaços e os mergulhou no sal e na salmoura.

Levanta-te, Nicolau, e reza para que ressuscitem. Pois, se intercederes por elas, ó Pontífice, o Senhor, que te ama, devolve-lhes a vida ...

Durante esse discurso Modernus entrou na sala, mas não viu o anjo nem o ouviu, pois não era santo o bastante para entrar em comunicação com os espíritos celestes.

Disse ainda o anjo:

– Nicolau, filho de Deus, impõe as mãos sobre a salgadeira e as três criancinhas ressuscitarão.

Cheio de horror, de piedade, de zelo e de esperança, o bem-aventurado Nicolau rendeu graças a Deus, e, quando o albergueiro apareceu sobraçando um par de canjirões, disse-lhe com voz terrível:

– Garum, abre a salgadeira!

A essas palavras, Garum, apavorado, deixou cair os canjirões. E o santo bispo Nicolau estendeu as mãos e disse: Levantem-se, crianças!

Imediatamente a tampa da salgadeira abriu-se e os três meninos saíram.

– Crianças – disse-lhes o bispo –, louvem a Deus, que pela minha mão os tirou da salgadeira.

E, voltando-se para o albergueiro, que tremia dos pés à cabeça:

– Homem cruel – disse-lhe –, olha as três crianças a que perversamente deste a morte. Possas tu detestar o teu crime e arrepender-te para que Deus te perdoe!

O albergueiro, cheio de espanto, fugiu em meio à tempestade, sob os coriscos e trovões.

## CAPÍTULO II

SÃO NICOLAU ESTREITOU ao peito os três meninos e inquiriu-os sobre a morte miserável que tinham padecido. Contaram-lhe eles que Garum, acercando-os quando restolhavam nos campos, os atraíra ao albergue, dera-lhes vinho e os degolara enquanto dormiam.

Eles usavam ainda os mesmos andrajos que vestiam no dia de sua morte, e guardavam na ressurreição um ar arisco e selvagem. O mais taludo dos três, Maxime, era filho de uma louca que, montada num jumento, acompanhava os soldados na guerra. Uma noite caíra do cesto em que ela o carregava e ficara abandonado na estrada.

Desde então, vivera unicamente à custa de pilhagem. O mais franzino, Robin, mal se lembrava dos pais, campônios das terras altas, que, por demais pobres ou sovinas para sustentá-lo, tinham-no largado na floresta. Sulpice, o terceiro, nada sabia do seu nascimento, mas um padre havia-lhe ensinado o á-bê-cê.

A tempestade cessara. No ar límpido o ligeiro pássaros chamavam-se entre si com pios agudos. A terra sorria e verdejava. Tendo Modernus trazido as mulas, o bispo Nicolau montou a sua e acomodou Maxime envolvido em seu manto; o diácono PÔS na garupa Sulpice e Robin, Q assim puseram-se a caminho rumo a Tringueballe.

A estrada se desenrolava entre trigais, pradarias e vinhedos. Enquanto cavalgavam, o santo Nicolau, que já amava aqueles Pequeninos de todo o coração, os interrogava sobre assuntos consentâneos com a sua idade, fazendo-lhes perguntas fáceis como, por exemplo: "Quanto é cinco vezes cinco?" ou: "Quem é Deus?". As respostas que obtinha não eram satisfatórias. Mas, longe de os envergonhar pela sua ignorância, só cuidava em dissipá-la gradativamente pela aplicação das boas regras da pedagogia.

– Modernus – disse ele –, nós lhes ensinaremos antes de mais nada as verdades de que depende a salvação, e secundamente as artes liberais, particularmente a música, para que possam cantar louvores ao Senhor. Convirá também ensinar-lhes a retórica, a filosofia, e a história dos homens, dos animais e das plantas. Quero que estudem, em seus hábitos e estruturas, todos os seres vivos, cujos órgãos, pela sua inconcebível perfeição, atestam a glória do seu Criador.

Mal acabara o venerável pontífice essa alocução quando uma aldeã passou por eles na estrada puxando pelo cabresto uma velha égua tão carregada de lenha que os jarretes lhe tremiam e ela tropicava a cada passo.

– Ai! – suspirou o santo Nicolau – eis um pobre cavalo que suporta um fardo desmedido. Por infelicidade sua tocaram-lhe donos injustos e insensíveis. Não se deve sobrecarregar nenhuma criatura, nem mesmo as bestas de carga.

A estas palavras os três meninos estouraram na risada. Tendo-lhes o bispo perguntado por que se riam tanto:

– Porque... – disse Robin.

– É que... – disse Sulpice.

– Rimos – disse Maxime – porque o senhor toma uma égua por cavalo. Não enxerga a diferença: no entanto ela é bem visível. Então não conhece os animais?

– Acho – disse Modernus – que a primeira coisa a ensinar a esses pirralhos é a civilidade.

Em cada aldeia, vila, burgo ou casal onde passava, Nicolau mostrava aos moradores os meninos tirados da dorna e contava o milagre extraordinário obrado por Deus com a sua intercessão; e todos, exultantes, o bendiziam por isso.

Instruído por correios e viajantes de um evento tão prodigioso, o povo de Trinqueballe dirigiu-se em massa ao seu pastor, estendeu em seu caminho tapetes de alto preço e esparziu flores à frente de seus passos. Os cidadãos contemplavam com lágrimas nos olhos as três vítimas da salgadeira e gritavam: "Natal!" Mas os coitadinhos só sabiam rir e pôr a língua de fora; e isso fazia com que os lastimassem e os admirassem ainda mais, como uma prova sensível da sua inocência e desamparo.

Tinha o santo bispo Nicolau uma sobrinha órfã, chamada Mirande, com sete anos feitos, que lhe era mais cara que a luz dos próprios olhos. Uma viúva virtuosa, por nome Basine, a educava na piedade, no decoro e na ignorância do mal. Foi a essa dama que ele confiou os três meninos milagrosamente resgatados. Não faltava a ela julgamento. De pronto percebeu que Maxime tinha coragem, Robin circunspeção e Sulpice reflexão, e empenhou-se em reforçar essas boas qualidades que, à conta da depravação comum a toda a raça humana, tendem quase sempre a se desnaturar e perverter; pois a cautela de Robin tornava-se não raro em dissimulação e ocultava o mais das vezes açadas ambições; Maxime era sujeito a acessos de furor, e Sulpice defendia muitas vezes com grande teimosice, em assuntos de importância, idéias falsas.

No mais eram meninos comuns: tiravam ovos dos ninhos, furtavam frutas nos pomares, amarravam caçarolas ao rabo dos cachorros, deitavam tinta nas pias de água benta e pó-de-mico na cama de Modernus. À noite, trepados em pernas de pau e embrulhados em lençóis, emboscavam-se em jardins e faziam desmaiar de susto criadilhas retardias nos braços de seus galãs. Punham tachas no assento onde *Mme.* Basine tinha o costume de instalar-se, e, quando ela se sentava, gozavam com seu transe, observando o embaraço que a impedia de levar publicamente uma mão solícita e prestante à parte ofendida, já que por nada no mundo ela teria faltado ao recato.

Não obstante a sua idade e as suas virtudes, a dama não lhes inspirava nem afeto nem consideração. Robin chamava-lhe cabra velha, Maxime velha burrica, e Sulpice jumenta de Balaão. Os três atagantavam de todas as maneiras a pequena Mirande, sujavam-lhe os belos vestidos, faziam-na cair de nariz nas pedras. Uma vez enfiaram-lhe a cabeça até o pescoço numa tina de melaço. Convenciam-na a cavalgar os muros e a trepar em árvores, contrariamente às conveniências de seu sexo; e ensinavam-lhe termos e maneiras que cheiravam a albergue e a salgadeira.

Seguindo-lhes o exemplo, ela chamava a respeitável *Mme.* Basine de cabra velha, e até, tomando a parte pelo todo, de cu de cabra. Mas conservava-se perfeitamente inocente. A pureza de sua alma era inaccessível.

– Sinto-me feliz – dizia o santo bispo Nicolau – de ter arrebatado à salgadeira esses meninos para deles fazer bons cristãos. Hão de tornar-se fiéis servos do Senhor, e seus merecimentos hão de ser-me creditados.

Ora, no terceiro ano da ressurreição, já grandes e bem-formados, um dia de primavera, brincando os três na campina à beira do rio, Maxime, num momento de impaciência e por selvageria natural, atirou na água o diácono Modernus, que, suspenso a um ramo de salgueiro, clamou por socorro. Robin aproximou-se, fez menção de puxá-lo pela mão, arrancou-lhe o anel e fugiu em disparada.

Entrementes, Sulpice, imóvel sobre a barranca e de braços cruzados, comentava:

– Modernus vai ter um triste fim. Vejo seis diabos em forma de morcegos prestes a colher–lhe a alma pela boca.

Ao relato que Modernus e *Mme. Basine* lhe fizeram desse grave incidente, o santo bispo afligiu–se e gemeu.

– Essas crianças – disse – foram criadas no sofrimento por pais indignos. As judiações que sofreram lhes aleijaram o caráter. Cumpre corrigir–lhes os defeitos com paciência firme e obstinada doçura.

– Senhor bispo – replicou Modernus, que, embrulhado num roupão e numa carapuça de dormir, espirrava e tiritava de febre, pois o banho o endefluxara –, pode ser que a sua malvadez seja resultado da maldade de seus pais. Mas como explicar, meu pai, que os maus tratos tenham produzido em cada um defeitos diferentes, e por assim dizer contrários, e que o abandono e desamparo em que foram atirados antes de metidos na barrica tenham feito um ganancioso, outro insofrido, o terceiro visionário? E é este último, meu pai, que em vosso lugar me inquietaria mais.

– Cada um desses meninos – respondeu o bispo – cedeu no seu ponto fraco. Os maus tratos deformaram–lhes a alma nas partes dotadas de menos resistência. Emendemo–los com mil cautelas, sob pena de aumentar o mal em lugar de reduzi–lo. A mansuetude, a clemência e a longanimidade são os únicos meios que devemos empregar para corrigir os homens, à exceção, bem entendido, dos herejes.

– Sem dúvida, Excelência, sem dúvida — replicou Modernus, dando três espirros. – Mas não há boa educação sem esgarmento, nem disciplina sem disciplinamento. É o que tenho para mim. E, se esses três marotos não forem exemplados, tornar–se–ão piores que Herodes, ouça o que lhe digo.

– Acho que Modernus tem razão – disse a *Sra. Basine*.

O bispo não respondeu. Caminhava com o diácono e a viúva ao longo de uma sebe de espinheiros, que exalava um agradável aroma de mel e amêndoas amargas. Numa leve depressão do terreno, onde a terra acumulava a água de uma nascente vizinha, parou junto a um arbusto cujos ramos cerrados e torcidos se cobriam de abundantes folhas recortadas e lustrosas e níveos corimbos de flores.

– Vejam – disse ele – esta touça ramalhuda e perfumada, esta nobre cambroeira, este nobre pilriteiro tão vivo e vigoroso; reparem que ele é mais rico em folhagem e mais luxuoso em flores que todos os outros da sebe. Mas observem também que a pálida córtex dos seus ramos apresenta espinhos raros, frágeis, moles, despontados. Como se explica isso? É que, cevado num solo úmido e gordo, tranquilo e seguro das riquezas que lhe sustentam a vida, ele emprega os sucos da terra em crescer sua pujança e beleza, e, por demais robusto para preocupar–se em se armar contra os seus débeis oponentes, concentra–se nas alegrias da sua exuberante e magnífica fecundidade. Agora avancem alguns passos na subida do carreiro e atentem naquéloutro espécime que, laboriosamente germinado de um terreno pedregoso e seco, definha, pobre em madeira e folhagem, e só cuida, em sua vida rude, de armar–se e defender–se contra os inimigos incontáveis que ameaçam os mais fracos. Assim, todo ele é um feixe de acúleos. O pouco de seiva que lhe sobe ele a consome em construir um sem–número de dardos, largos na base, agudos, duros, que resguardam mal a sua trepida fragilidade. Nada lhe restou para uma floração fecunda e olorente. Conosco, meus amigos, dá–se o mesmo que com o espinheiro. Os cuidados ministrados à nossa infância fazem–nos melhores. Uma educação demasiado dura nos endurece.

## CAPÍTULO III

CHEGADO AOS SEUS dezessete anos, Maxime encheu o santo bispo de aflição e toda a diocese de revolta, organizando e instruindo uma súcia de falpórrias da sua idade, com vistas a raptar as raparigas de uma aldeia chamada Grosses–Nattes, situada quatro léguas ao norte de Trinqueballe. A exposição foi coroada de êxito. Os bragantes chegaram à noite de volta à cidade, apertando contra o peito as virgens descabeladas, que em vão levantavam para o céu olhos esgazeados e braços suplicantes. Mas, quando os pais, irmãos e noivos das raptadas vieram a buscá-las, elas se recusaram a tornar aos seus lares, alegando que morriam de vergonha, e que preferiam ocultar a sua desonra nos braços que lhe tinham dado causa. Maxime, que por sua parte se apossara das três mais belas, passou a morar em companhia delas numa pequena vivenda, dependente da prebenda episcopal. Por ordem do bispo, Modernus foi, na ausência do seqüestrador, bater à sua porta, anunciando que vinha libertar as prisioneiras.

Elas se negaram a abrir, e, como ele lhes exprobase a abominação da vida que levavam, despejaram–lhe em cima uma panelada de água suja juntamente com a panela, que lhe rachou o sincipúcio.

Com doce severidade, o santo bispo censurou Maxime por aquele destempero e desarranjo:

– Ah! – disse-lhe – será que te tirei da salgadeira para perdição das virgens de Vervignole?

E advertiu–o da gravidade da falta. Mas Maxime deu de ombros e virou–lhe as costas, sem responder.

Por esse tempo o Rei Berlu, no décimo quarto ano do seu reinado, reunira um poderoso exército para dar combate aos mamburnianos, ferrenhos inimigos do seu reino, e que, tendo desembarcado em Vervignole, assolavam e despovoavam as mais ricas províncias daquele grande país.

Maxime saiu de Trinqueballe sem se despedir de ninguém. A algumas léguas da cidade, avistando num pasto uma égua bastante boa, tirante o fato de ser zarolha e manca, saltou sobre ela e saiu a galope. Na manhã seguinte, encontrando por acaso um lavrador que abeberava um grande cavalo de tiro, apeou–se prontamente, montou no cavalo e ordenou ao camponês que montasse a égua manca e que o acompanhasse, prometendo–lhe fazê–lo seu escudeiro se ele o servisse a contento. Assim equipado, Maxime apresentou–se ao Rei Berlu, que aceitou seus serviços. Em poucos dias, tornou–se um dos maiores capitães de Vervignole.

Entrementes Sulpice dava ao santo bispo motivos de inquietude mais cruéis talvez e certamente mais sérios; pois Maxime, se pecava gravemente, pecava sem maldade e ofendia a Deus sem intenção e, por assim dizer, sem se dar conta. Já Sulpice punha em malfazer uma maior e mais estranha malícia. Destinando–se desde a meninice ao estado eclesial, estudava assiduamente as letras sacras e profanas; mas sua alma era um vaso corrompido em que a verdade se tornava em erro. Ele pecava em espírito; errava em matéria de fé com precocidade surpreendente; numa idade em que ainda não se tem idéias, abundava em idéias falsas. Um pensamento ocorreu–lhe, inspirado sem nenhuma dúvida pelo diabo. Numa veiga pertencente ao bispo, ele convocou um corro de rapazes e moçoilas da sua idade, e, trepado numa árvore, exortou–os a que abandonassem pai e mãe à imitação de Jesus Cristo e a que saíssem em bandos pelos campos, queimando presbitérios e curados para assim reconduzir a Igreja à pobreza evangélica. Empolgada e seduzida, aquela juventude seguiu o pecador pelas estradas do país, cantando cânticos, incendiando granjas, saqueando as capelas, talando as terras da Igreja. Vários desses insensatos morreram de cansaço, de fome e de frio, ou abatidos pelos aldeães. O paço episcopal encheu–se dos clamores dos religiosos e dos queixumes das mães. O piedoso Nicolau mandou chamar o fator daqueles

desatinos; com brandura infinita e tristeza extrema, censurou-o por ter abusado da palavra para açular os espíritos, e fez-lhe ver que Deus não o livrara da tina para que ele atentasse contra os bens da santa madre Igreja.

– Pensa, meu filho – disse-lhe –, na enormidade da tua falta. Tu compareces perante o teu pastor carregado de motins, de sedições e mortes.

Mas o jovem Sulpice, conservando uma calma apavorante, respondeu com segurança que não havia pecado nem ofendido a Deus, mas ao contrário agido por mandamento do Céu e para o bem da Igreja. E professou, ante o consternado patriarca, as doutrinas adúlteras dos maniqueus, dos arianos, dos nestorianos, dos sabelianos, valdenses, albigenses e beguinos, tão afoito em abraçar aqueles erros monstruosos que não se apercebia de que, contrários uns aos outros, eles se entredevoravam no seio que os acalentava.

Esforçou-se o piedoso bispo por reaviar Sulpice ao bom caminho; mas não logrou vencer a obstinação do desgraçado. E, tendo-o despedido, ajoelhou-se e disse:

– Rendo-Vos graças, Senhor, por me haverdes dado esse jovem que é como uma mo em que se me aguçam a paciência e a caridade.

Enquanto os dois primeiros dos infantes descativados da tina lhe causavam tais tribulações, Nicolau encontrava no terceiro algum consolo. Robin não se mostrava violento em seus atos nem soberbo em suas idéias. Não era em sua pessoa sangüíneo e abrutalhado como Maxime, o capitão, nem tinha o ar austero e petulante de Sulpice. De aparência reles, franzino, amarelento, enrugado, encoscorado, a postura humilde, verecundo e reverencioso, applicava-se em prestar bons ofícios ao bispo e à clerezia, ajudando a contabilizar a renda episcopal, fazendo, com auxílio de bolas enfiadas em triângulos, computações complicadas, e até mesmo multiplicando e dividindo números, sem lápis nem ardósia, de cabeça, com uma rapidez que causaria espanto num mestre fraquejado de moedas e finanças.

Era um prazer para ele escriturar os livros do diácono Modernus, que, envelhecendo, baralhava as cifras e cochilava sobre a sua carteira. Para obsequiar o bispo e conseguir-lhe dinheiro, não havia pena ou fadiga de que se poupasse: aprendeu com cambistas a calcular os juros simples e compostos de qualquer quantia por um dia, uma semana, um mês, um ano; não tinha escrúpulos em visitar, nas vielas sórdidas do gueto, os sórdidos judeus, para aprender, com eles conversando, o toque dos metais, o valor das pedras preciosas e a arte de cercear moedas. Por fim, com um pequeno pecúlio que formara com maravilhosa habilidade, passou a acompanhar em Vervignole, na Mandusiana e até mesmo na Mambúrnica as feiras, torneios, jubileus e romarias a que de toda a cristandade afluíam gentes de toda condição, camponeses, burgueses, clérigos e nobres; ali fazia o escambo das moedas e tornava-se de cada vez um pouco mais rico do que antes.

Robin não gastava o dinheiro que ganhava, senão que o levava ao bispo.

Nicolau era muito esmoler e hospitaleiro; despendia os seus haveres e os da Igreja distribuindo viáticos aos peregrinos e auxílios aos necessitados.

Assim, via-se perpetuamente curto de dinheiro; e ficava muito agradecido a Robin pela presteza e destreza com que o jovem argentário o fornira das somas de que precisava.

A penúria a que, por sua largueza e liberalidade, se reduzira o santo bispo, fora em muito agravada pela dureza dos tempos. A guerra que assolava a Vervignole arruinava a igreja em Trinquéballe. Os soldados talavam os campos em volta da cidade, pilhavam as fazendas, roubavam os campônios, dispersavam os religiosos, queimavam castelos e abadias. O clero e os fiéis já não podiam partilhar nos encargos do

culto, e, todos os dias, milhares de campônios fugitivos vinham mendigar o pão à porta da casa episcopal. A pobreza, que não teria lamentado por si mesmo, o bom Nicolau a lamentava por eles. Por sorte, Robin estava sempre pronto a adiantar-lhe somas de dinheiro, que o santo patriarca se comprometia, como é natural, a devolver em tempos mais propícios.

Ai! a guerra agora lavrava em todo o reino, do norte ao meiodia, do ocidente ao levante, acompanhada de dois compartes assíduos, a peste e a fome. Os lavradores faziam-se bandidos, os frades juntavam-se aos exércitos. A população de Trinquiballe, sem lenha para se aquecer nem pão para se alimentar, morria como moscas à aproximação do frio. Os lobos vinham aos subúrbios da cidade devorar as criancinhas. Nessa triste conjuntura, Robin veio notificar o bispo de que não apenas não podia mais suprir quantia alguma, por menor que fosse, mas, o que era mais, de que, nada obtendo dos seus devedores, acossado pelos seus credores, vira-se forçado a transferir aos judeus todos os seus créditos.

Levou essa notícia infausta ao seu benfeitor com a polidez measureira que lhe era habitual; mas mostrou bem menos aflição do que seria de esperar naquele transe doloroso. De fato, era a custo que dissimulava, sob a cara abichornada, o seu humor jucundo e viva satisfação. O pergaminho das suas pálpebras amareladas, secas e humildosas mal velava os clarões de júbilo que lhe faiscavam nas pupilas de furão.

Sob aquele golpe esmagador, Nicolau manteve a calma e a serenidade.

– Deus – disse ele – saberá restaurar nossos negócios abalados. Não há de permitir que seja derrubada a casa que Ele edificou.

– Por certo – disse Modernus –, mas sou capaz de jurar como esse Robin, que Vossa Excelência tirou da salgadeira, está de inteligência, para despojar-vos, com os usurários da Ponte Velha e com os judeus do gueto, e que reserva para si a maior parte do butim.

Modernus tinha razão. Robin não perdera dinheiro; estava mais rico que nunca e acabava de ser nomeado tesoureiro do rei.

# CAPÍTULO IV

POR ESSA OCASIÃO, Mirande completava os seus dezessete anos. Era bonita e bem-feita. Um ar de pureza, de cândida inocência, fazia-lhe como um véu. O comprimento dos cílios que punham uma cortina sobre as suas íris azuis, a pequenez infantil da boca, sugeriam que o mal dificilmente encontraria vão para nela penetrar.

Suas orelhas eram a tal ponto pequeninas, delicadas, primorosamente orladas, que os homens, por menos comedidos, não ousavam murmurar junto delas nada além de palavras inocentes. Em toda Vervignole nenhuma virgem inspirava igual respeito, e nenhuma tinha mais necessidade de inspirá-lo, pois ela era incrivelmente simples, crédula e indefesa.

O piedoso bispo Nicolau, seu tio, cada dia lhe tinha mais afeto e se apegava a ela mais do que é recomendável apegar-se às criaturas. É certo que a amava em Deus, mas com visível dileção, aprazendo-se nela, amando o amor que lhe votava. Era esta a sua única fraqueza. Os próprios santos nem sempre são capazes de atalhar de todo os vínculos da carne. Nicolau amava a sobrinha com pureza, mas não sem deleitação. No dia seguinte ao em que soube da falência de Robin, ralado de tristeza e de cuidados, foi procurar Mirande para confabular com ela piamente, como era seu dever, pois fazia-lhe o papel de pai e tinha a seu cargo educá-la.

Ela morava na cidade alta, junto à catedral, numa casa conhecida como dos Musicistas, por ostentar na fachada homens e animais tocando instrumentos diversos. Viam-se ali notadamente um asno que soprava numa flauta e um filósofo, reconhecível pela longa barba e pelo estojo de escrita, que brandia címbalos. E cada qual interpretava à sua maneira aquela alegoria. Era a mais bela vivenda da cidade.

O bispo encontrou a sobrinha acorada no assoalho, escabelada, os olhos afogados em pranto, junto a um cofre aberto e vazio, na sala em confusão.

Perguntou-lhe a causa de toda aquela dor e da desordem que reinava em torno dela. Então, levantando para ele os olhos machucados, ela contou com mil suspiros que tendo-lhe Robin, o Robin da salgadeira, aquele Robin tão gentil, afirmado muitas vezes que se ela se agradasse de um vestido, de um enfeite, de uma jóia, ele lhe emprestaria com prazer o dinheiro necessário para a compra, ela se valera com freqüência da sua boa vontade, aparentemente inesgotável; mas que, na manhã daquele mesmo dia, um judeu chamado Seligmann viera à casa dela com quatro beleguins, exibira-lhe as notas que ela assinara a favor de Robin, e, não tendo ela o dinheiro para resgatá-las, levava consigo todos os vestidos, jóias e toucados que ela possuía.

– Levou-me – disse gemendo – meus corpetes e saias de veludo, de renda e de brocado, meus diamantes, esmeraldas, safiras, jacintos, rubis, ametistas, granadas e turquesas; tomou-me a minha bela cruz de brilhantes com figuras de anjos em esmalte, a minha bela gargantilha composta de duas placas de brilhantes, com três cabuchões e seis nós de quatro pérolas cada; tomou-me o meu colar de treze placas de brilhantes com vinte pérolas em pêra aplicadas num lavor de canutilho ...

E, sem dizer mais, ficou-se a soluçar no lenço.

– Minha filha – respondeu o santo bispo –, uma virgem cristã está suficientemente ornamentada quando tem a modéstia por colar e por cinto a castidade. Todavia te quadrava, nascida de uma ilustre e nobilíssima família, usar pérolas e pedrarias. As tuas jóias eram um patrimônio dos pobres, e eu deploro que te tenham sido arrebatadas.

Assegurou-lhe que ela as recuperaria com certeza, se não neste mundo no outro; disse-lhe tudo que pudesse minorar-lhe o sofrimento e mitigar-lhe a dor, e a confortou.

Pois ela tinha uma alma dócil e predisposta ao consolo. Mas ele próprio, ao deixá-la, se sentia grandemente amargurado.

No dia seguinte, aprestava-se o bispo na catedral para dizer a missa quando, na sacristia, chegaram-se a ele os três judeus Seligmann, Issachar e Meyer, usando o chapéu verde e a rodela no ombro, e lhe apresentaram muito humildemente as notas que Robin lhes transferira. E, não podendo o venerável pontífice pagar-lhes, chamaram uma vintena de mariolas com cestos, sacos, gazuas, carrinhos, cordas e escadas e passaram a arrombar as fechaduras dos armários, tabernáculos e arcas. O santo homem atirou-lhes um olhar que teria fulminado três cristãos. Ameaçou-os com as penas cominadas neste mundo e no outro ao sacrilégio; declarou-lhes que a sua simples presença na casa do Deus que eles crucificaram era o bastante para chamar-lhes sobre as cabeças o fogo do céu.

Escutaram-no com a calma de pessoas para quem o anátema, a reprovação, a maldição e a execração são como o pão de cada dia. Então ele exorou, suplicou, prometeu pagar-lhes logo que pudesse, em dobro, em triplo, em décuplo, em cêntuplo, a dívida de que eram adquirentes. Polidamente eles se desculparam de não poder diferir a pequena operação. O bispo ameaçou-os de tocar o sino a rebate, de amotinar contra eles o povo, que os mataria como a cães ao vê-los profanar, violar e saquear as imagens milagrosas e as santas relíquias. Eles mostraram sorrindo os esbirros que os guardavam. O Rei Berlu os protegia porque eles lhe emprestavam dinheiro.

Ao que o santo bispo, vendo que a resistência se tornava em rebeldia e lembrando Aquele que recolou a orelha de Malco, quedou-se inerte e mudo; lágrimas amargas rolaram-lhe dos olhos. Seligmann, Issachar e Meyer removeram as urnas de ouro guarneçadas de gemas, esmalte e cabuchões, os relicários em forma de copa, de nave, de torre e de lanterna, os altares portáteis de alabastro emoldurado de ouro e prata, os cofrinhos esmaltados por hábeis artesãos do Reno e de Limoges, as cruces do altar, os evangeliários recamados de marfim e camafeus antigos, os pentes litúrgicos ornados de festões de parras, os dípticos consulares, as píxides, os castiçais, os candelabros, as lâmpadas, das quais apagavam a chama sagrada e derramavam o óleo bento nas lajes; os lustres parecendo coroas gigantescas, os rosários de contas de âmbar e de pérolas, as pombas eucarísticas, os cálices, cibórios e patenas, os beijos de paz, as navetas de incenso, as galhetas, os incontáveis ex-votos, pés, mãos, braços, pernas, olhos, bocas, vísceras diversas, corações de prata, o nariz do Rei Sidoc, o seio da Rainha Blandine e a cabeça em ouro maciço de São Cromadaire, primeiro apóstolo de Vervignole e santo padroeiro de Trinqueballe. Levaram por fim a imagem milagrosa de Santa Gibbosine, que o povo de Vervignole nunca evocava em vão nas pestes, nas fomes e nas guerras. Essa imagem antiqüíssima e venerabilíssima era de folhas de ouro batido, coladas a uma armadura de cedro e cravejadas de pedras preciosas, grandes como ovos de pata, que despediam reflexos amarelos, brancos, rubros, azuis e violáceos. Trezentos anos havia que os seus olhos de esmalte, muito abertos na face dourada, tocavam de um tal respeito os moradores da cidade que eles a viam à noite, em sonhos, esplêndida e terrível, a ameaçá-los dos males mais cruéis se não lhe ofertassem em quantidade bastante cera virgem e escudos de seis libras. Santa Gibbosine gemeu, tremeu, vacilou sobre o seu soco e deixou-se carregar sem resistência para fora do sacrário a que desde tempos imemoriais atraía multidões de peregrinos.

Após a partida dos ladrões sacrílegos, o santo bispo Nicolau subiu os degraus do altar agora despojado e consagrou o sangue do Senhor num velho cálice de prata alemã, pequeno e todo amolgado. E orou pelos aflitos, e notadamente por Robin, que ele, pela vontade de Deus, tirara da salgadeira.



# CAPÍTULO V

POUCO TEMPO DEPOIS, o Rei Berlu venceu os mamburnianos numa grande batalha. A princípio ele não o percebeu, visto que as lutas armadas apresentam sempre uma grande confusão, e nos últimos duzentos anos os vervignolenses se tinham desabituaado de vencer. Mas a fuga precipite e desordenada dos mamburnianos deu-lhe a conhecer que ele levava a melhor. Ao que, em lugar de bater em retirada, ele lançou-se no encalço do inimigo e recuperou metade do seu reino.

O exército vitorioso entrou em Trinqueballe, com a cidade toda empavesada e florida em sua honra, e na ilustre capital da Vervignole perpetrou um grande número de mortes, pilhagens, violações e outras atrocidades, incendiou muitas casas, saqueou igrejas e levou da catedral tudo o que ali tinham deixado os judeus, o que a bem dizer não era grande coisa. Maxime, que, feito cavaleiro e capitão de oitenta lanças, muito contribuiu para a vitória, foi dos primeiros a entrar na cidade e dirigiu-se direito à Casa dos Musicistas, onde morava a bela Mirande, a quem não via desde que partira para a guerra.

Encontrou-a em seu quarto de dormir, a fiar em sua roca, e arrojou-se sobre ela com tamanha fúria que a jovem senhorinha perdeu sua inocência, pode-se dizer, sem disso se dar conta. E quando, recobrando-se do susto, ela exclamou: "É o senhor, Sr. Maxime? Que faz aqui?"

e se deu tento em repelir o agressor, ele saiu tranqüilamente pela porta, recompondo o seu arnês e lançando olhares ternos às raparigas da rua.

Talvez ela tivesse ignorado para sempre aquela ofensa se, algum tempo depois de a ter sofrido, não tivesse percebido que estava em via de ser mãe. A essa altura o Capitão Maxime combatia na Mambúrnica.

A cidade inteira conheceu a sua vergonha; ela a confiou ao santo Nicolau, que, à nova espaventosa, ergueu os olhos para o céu e disse:

– Senhor, só tiraste aquele da vasilha para qual lobo rapaz devorar-me a minha ovelha? Vossa sabedoria é sublime, mas vossos caminhos são impenetráveis e vossos desígnios, obscuros.

Nesse mesmo ano, no domingo de Laetare, Sulpice atirou-se aos pés do bispo.

– Desde a minha infância – disse-lhe – meu mais caro desejo tem sido o de consagrar-me ao Senhor. Permite-me, meu pai, abraçar o estado monacal e fazer profissão no convento dos frades mendicantes de Trinqueballe.

– Meu filho – respondeu o bom São Nicolau –, não há melhor estado que o do monge. Feliz daquele que, à sombra do claustro, se conserva a salvo das tempestades do século! Mas de que serve fugir à tormenta a quem a tem dentro de si? De que serve afetar as aparências da humildade a quem carrega no peito um coração repleto de soberba? De que te valerá revestir a libré da obediência, se tua alma se rebela? Vi-te, meu filho, incorrer mais heresias que Sabélio, Ário, Nestório, Eutiques, Mani, Pelágio e Pacósio todos juntos, renovando antes dos teus vinte anos doze séculos de idéias cerebrinas. Na verdade não te firmaste em nenhuma, mas tuas retratações sucessivas parecem trair menos a tua submissão à nossa santa madre Igreja do que a afoiteza de correr de um erro para outro, de saltar do maniqueísmo ao sambelianismo, do crime dos albigenses às ignomínias dos valdenses.

Sulpice ouviu esse sermão com coração contrito, com uma simplicidade de espírito e docilidade que tocaram o santo Nicolau até as lágrimas.

– Eu deploro, eu renego, eu condeno, eu reprovo, eu desamo, eu execro, eu abomino meus erros passados, presentes e futuros – disse ele. – Submeto-me à Igreja plenamente, inteiramente, totalmente, geralmente, puramente e simplesmente; minha crença é a sua crença, minha fé é a sua fé, meu conhecimento é o seu conhecimento; só vejo, só ouço e só sinto por ela. Dissesse-me ela que essa mosca que acaba de pousar no nariz do diácono Modernus é um camelo, e incontinenti, sem disputa, sem contestação e sem protesto, sem resistência, dúvida ou trepidação, eu creria, eu declararia, eu proclamaria, eu confessaria, sob tortura e até na morte, que é um camelo o bicho que pousou no nariz do diácono Modernus. Pois a Igreja é a Fonte da Verdade, e eu não sou por mim mesmo nada além de um vil receptáculo de erros.

– Tomai tento, meu pai – disse Modernus. – Sulpice é capaz de levar ao extremo da heresia a submissão à Igreja. Não vedes que ele se submete com insânia, desfalecimento e frenesi? Será um bom jeito de submeter-se, este de rojar na submissão? Ele se anula nela, se suicida.

Mas o bispo reprochou ao seu diácono esses reparos pouco caridosos, e encaminhou o postulante ao noviciado dos frades mendicantes de Trinqueballe.

Ai! ao fim de um ano aqueles cenobitas, até então humildes e tranqüilos, estavam divididos por cismas espantosos, mergulhados em mil heresias contra a verdade católica, seus dias cheios de tumulto, suas almas de sedição. Sulpice inoculava o seu veneno nos bons irmãos. Sustentava em face dos seus superiores e em oposição a eles que não há mais verdadeiro papa desde que o milagre não mais acompanha a eleição do santo padre, nem propriamente Igreja desde quando os cristãos deixaram de levar a vida dos apóstolos e dos primeiros fiéis; que não existe purgatório; que ninguém precisa confessar-se a um padre quando se confessa a Deus; que os homens obram mal em servir-se de moedas de ouro e prata, e devem pôr em comum todos os bens da Terra. E essas máximas abomináveis, que ele sustentava com vigor, combatidas por uns, adotadas por outros, desencadeavam escândalos horríveis.

Logo Sulpice passou a ensinar a doutrina da pureza perfeita, que nada pode macular, e o convento dos bons frades transformou-se em algo parecido a uma jaula de macacos. E essa pestilência não se restringiu aos muros do convento. Sulpice saía a pregar pela cidade; sua eloquência, o fogo interior que o abrasava, a simplicidade da sua vida, sua inquebrantável ardidez tocavam os corações. À voz do reformador, a velha cidade evangelizada por São Cromadaire e edificada por Santa Gibbosine despenhou-se na desordem e na corrupção; noite e dia campeava toda sorte de heresias e desbragamentos. Em vão o grande santo Nicolau prevenia as suas ovelhas, exortava, ameaçava, fulminava. O mal crescia sem cessar e era visível que o contágio se estendia à rica burguesia, aos nobres e aos sacerdotes, tanto ou mais que aos pobres artesãos e às gentes de ofícios modestos.

Um dia em que o homem de Deus lastimava no púlpito da catedral o deplorável estado da Igreja em Vervignole, foi distraído de seus considerandos por estranhos uivos e viu uma mulher que, completamente nua, andava de quatro, com uma pluma de pavão plantada à guisa de cauda. Ela aproximou-se a ganir, a fungar e a lambar o chão. Tinha os cabelos louros cobertos de lama e todo o corpo enxovalhado de imundícies. E o santo bispo Nicolau reconheceu na infeliz criatura a sua sobrinha Mirande.

– Que fazes aqui, filha minha? – exclamou ele. – Por que te puseste nua, e por que te arrastas sobre as mãos e os joelhos? Não te envergonhas?

– Não, meu tio, não me envergonho – respondeu Mirande com doçura. – Envergonhar-me-ia, ao contrário, de outro aspecto e de outro andar. É assim que deve pôr-se e conservar-se quem queira aprazer a Deus. O santo irmão Sulpice ensinou-me a governar-me desta sorte, para semelhar as bestas,

que estão mais perto de Deus do que os homens, porquanto não pecaram. E, enquanto estiver na postura em que me vês, não correrei o risco de pecar. Vim convidar-te, meu tio, em todo o amor e caridade, a que faças como eu: pois de outra forma não terás a salvação. Despe o teu hábito, eu te rogo, e assume a atitude dos bichos em que Deus contempla com prazer a sua imagem, que o pecado não desfigurou. Faço-te esta recomendação por ordem do santo irmão Sulpice e, conseqüentemente, por ordem de Deus em pessoa, pois o santo irmão está na privança do Senhor. Põe-te nu, meu tio, e vem comigo, e apresentemo-nos ao povo para edificá-lo.

– Posso crer em meus olhos e ouvidos? – gemeu o santo bispo numa voz que os soluços sufocavam. – Eu tinha uma sobrinha estuante de beleza, de virtude, de piedade, e as três crianças que tirei da salgadeira reduziram-na ao estado miserável em que a vejo. Um a despoja de todos os seus bens, fonte abundante de esmolas, cabedal dos pobres; outro arrebatou-lhe a honra; o terceiro a torna hereje.

E atirou-se sobre as lajes, abraçando a sobrinha, suplicando-lhe que renunciasse a um gênero de vida de tal modo condenável, adjurando-a com lágrimas a que se vestisse e caminhasse sobre os pés como criatura humana, redimida pelo sangue de Jesus.

Mas por única resposta ela emitia ganidos estridentes e ulos lamentosos.

Logo encheu-se Trinquiballe de homens e mulheres nus que caminhavam de quatro a ladrar; chamavam-se a si mesmos edenistas, e propunham-se reconduzir o mundo ao tempo da perfeita inocência, anterior à malfadada criação de Adão e Eva.

Um padre dominicano, Gilles Caquerole, inquisidor da fé na cidade, universidade e província eclesial de Trinquiballe, inquietou-se com aquela novidade e pôs-se a observá-la atentamente. Da maneira mais instante, em cartas seladas com seu selo, convidou o bispo Nicolau a apreender, encarcerar, interrogar e submeter a julgamento, em concerto com ele, aqueles ímpios e notadamente os seus principais cabeças, o franciscano Sulpice e uma mulher dissoluta por nome Mirande. O santo Nicolau ardia em inflamado zelo pela unidade da Igreja e pela elisão da heresia; mas amava ternamente a sobrinha. Escondeu-a em seu paço episcopal e recusou-se a entregá-la ao inquisidor Caquerole, que o denunciou ao papa como fator de agitações e propagador de uma novidade sobremodo detestável. O papa ordenou expressamente a Nicolau que não subtraísse por mais tempo a culpada aos seus legítimos juizes. Nicolau eludiu a injunção, protestou obediência e não obedeceu. O papa fulminou contra ele a bula Malejicus Pastor, na qual o venerável patriarca era argüido de insubordinado, de herético ou roçando a heresia, de concubinário, incestuoso e corruptor de povos, de mulher velha e de parlapatão, e veementemente adoestado.

Desta forma fez o bispo a si mesmo um grande mal, sem proveito para a sobrinha estremecida. O Rei Berlu, ameaçado de excomunhão se não prestasse à Igreja o seu braço na caça aos edenistas, enviou à sede do bispado em Trinquiballe os seus soldados, que arrancaram Mirande ao seu asilo; ela foi arrastada perante o inquisidor Caquerole, lançada num calabouço e alimentada com o pão recusado pelos cães dos carcereiros; mas o que mais a afligiu foi que lhe vestiram à força uma velha saia e um capeirote, e ela já não se sentia a salvo do pecado. O monge Sulpice escapou aos malsins do Santo Ofício, logrou chegar à Mambúrnica e acoutou-se num mosteiro desse reino, onde fundou novas seitas ainda mais pestíferas que as precedentes.

Entretanto a heresia, fortalecida na perseguição e exaltada no perigo, estendia agora os seus estragos por toda a Vervignole; por todo o reino viam-se nos campos milhares de homens e mulheres nus que pastavam, baliavam, zurravam, mugiam, relinchavam, e, à noite, disputavam aos carneiros, aos bois e aos cavalos o estábulo, o cocho e a estrebaria. O inquisidor informou ao Santo Padre aqueles escândalos

horríveis e advertiu-o de que o mal só faria se alastrar enquanto o protetor dos edenistas, o odioso Nicolau, continuasse ocupando' a sede de São Cromadaire. Em conformidade com esse aviso, o papa expediu contra o pontífice de Trinquiballe a bula Deterrima Quondam, pela qual o demitia das funções episcopais e o privava da comunhão dos fiéis.

# CAPÍTULO VI

FULMINADO PELO VIGÁRIO de Cristo, transido de amargura, acabrunhado de dor, o santo Nicolau desceu sem protestar da sua sede ilustre e abandonou, para não mais voltar, Trinqueballe, testemunha durante trinta anos das suas virtudes pontifícias e obras apostólicas. Há na Vervignole ocidental uma alta montanha, de cumes sempre cobertos de neve; dos seus flancos precipitam-se na primavera cascatas espumantes e sonoras que enchem de uma água azul-celeste os arroios do vale. Ali, num trato onde crescem lariços, medronheiros e aveleiras, viviam eremitas, alimentando-se de bagas e laticínios. A montanha tem o nome de Monte Salvador. São Nicolau resolveu ali recolher-se e ali, longe do século, chorar os seus pecados e os da humanidade.

Escalando a montanha à procura de um lugar selvagem onde assentar o seu retiro, ele subiu acima das nuvens que quase todo o tempo se aglomeram nas recostas do rochedo; e viu, à porta de uma choça, um velho que repartia o seu pão com uma corça mansa. O cuculo caía-lhe sobre a fronte, e não se via do seu rosto mais que a ponta do nariz e uma longa barba branca.

O santo Nicolau saudou-o com estas palavras:

– A paz seja contigo, irmão.

– Ela se apraz nesta montanha – respondeu, o solitário.

– Também eu – disse o santo Nicolau – vim terminar aqui, em calma, os meus dias tribulados pelo tumulto do século e pela malícia dos homens.

Enquanto ele falava, o eremita o fitava atentamente.

– Não és – perguntou-lhe enfim – o bispo de Trinqueballe, Nicolau, de quem se louvam os trabalhos e as virtudes?

Tendo o santo patriarca confirmado com um gesto que era o próprio, o eremita atirou-se a seus pés.

– Reverendo, eu te serei devedor da salvação de minha alma, se, como espero, minha alma for salva.

Nicolau fê-lo levantar-se com bondade e perguntou-lhe:

– Irmão, de que modo tive a dita de concorrer para a tua salvação?

– Vinte anos atrás – respondeu o solitário –, sendo albergueiro à beira de uma mata, junto a uma estrada abandonada, vi no campo um dia três meninos restolhando; atraí-os à minha casa, fi-los beber vinho, enquanto dormiam degolei-os, em seguida cortei-os em pedaços e os salguei. Deus, considerando os teus merecimentos, ressuscitou-os por tua intervenção. Vendo-os sair da salgadeira, eu fiquei gelado de pavor: às tuas exortações, meu coração se fundiu; provei um arrependimento salutar, e, fugindo de entre os homens, vim para este monte, onde consagrei meus dias ao Senhor. E Ele estendeu sobre mim a sua paz.

– O quê! – exclamou o santo bispo – então és o cruel Garum, culpado de um crime tão atroz! Louvado seja Deus que te concedeu a paz do coração, a ti que deste a três crianças morte horrível e as meteste numa salgadeira como porcos; quanto a mim, ai! por tê-las livrado, minha vida encheu-se de tribulações, minha alma inundou-se de amargor, meu episcopado foi completamente convelido. Fui deposto e excomungado pelo pai de todos os fiéis. Por que fui tão cruelmente punido pelo que fiz?

– Adoremos Deus – disse Garum – e não lhe peçamos contas.

O grande santo Nicolau construiu com suas mãos uma cabana junto à de Garum, e ali findou seus dias em

prece e penitência.

# HISTÓRIA DA DUQUESA DE CICOGNE E DO SR. DE BOULINGRIN

## Que Dormiram Cem Anos em Companhia da Bela Adormecida

### CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DA BELA Adormecida não há quem não conheça; há dela relatos excelentes, em prosa como em verso. Não é meu intento recontá-la; mas, tendo tido acesso a várias crônicas da época, até hoje inéditas, nelas encontrei anedotas relativas ao Rei Cloche e à Rainha Satine, pais da princesa que dormiu cem anos, e a diversos cortesãos que partilharam o sono da donzela. Proponho-me dar parte ao público leitor do que, nessas revelações, me pareceu o mais interessante.

Após vários anos de casada, a Rainha Satine deu ao rei seu esposo uma filha que recebeu os nomes de Paule-Marie-Aurore. As festas do batismo foram reguladas, pelo Duque de Hoisons, grão-mestre de cerimônias, segundo um protocolo que datava do Imperador Honorius, e no qual nada era possível decifrar, de tal modo estava embolorado e roído pelos ratos.

Nesse tempo ainda existiam fadas, e as que eram tituladas freqüentavam a corte.

Sete dentre elas foram convidadas para madrinhas: a Rainha Titânia, a Rainha Mab, a sábia Viviane, educada por Merlin na arte dos encantamentos, Mélusine, cuja história foi escrita por Jean d'Arras e que aos sábados se transformava em serpente (o batismo teve lugar num domingo), Urgèle, a branca Anna da Bretanha, e Mourgue, que conduziu Ogier, o Danes, ao país de Avalon.

Elas se apresentaram no castelo em vestidos cor do tempo, do sol, da lua e das ninfas, e rutilantes de pérolas e gemas. Quando todos tomavam seus lugares à mesa, viu-se entrar uma velha fada chamada Alcuine, que não fora convidada.

– Não se melindre, senhora – disse-lhe o rei –, por não estar entre as pessoas convidadas a esta festa; é que a julgávamos enfeitiçada ou morta.

É certo que as fadas morriam, visto que envelheciam. Todas elas acabaram por morrer, e é sabido que no inferno Mélusine transformou-se em "tina de barrela".

Por efeito de um encantamento, elas podiam ser encerradas num círculo mágico, numa árvore, numa moita, numa pedra, ou mudadas em estátua, em pomba, em gazela, num mocho, num anel, num chinelo. Mas não fora por terem-na julgado encantada ou traspassada que não tinham convidado Alcuine; a verdade é que a sua presença no banquete fora considerada contrária à etiqueta. *Mme.* de Maintenon não exagerou ao afirmar que "não há nos conventos rigores que se comparem aos que a etiqueta da corte impõe aos grandes". Consoante a regia vontade do seu soberano, o Duque de Hoisons, grão-mestre de cerimônias, recusara convidar a fada Alcuine, a que faltava um grau de sangue nobre para admissão na

corte. Aos ministros de estado que argüíram ser da maior importância manter-se em bons termos com aquela fada poderosa e vingativa, de quem se fazia uma inimiga perigosa ao excluí-la dos festejos, o rei respondera peremptoriamente que não era possível convidá-la por faltar-lhe estirpe.

Mais ainda que os seus predecessores, era o infeliz monarca um escravo da etiqueta. Sua renitência em submeter os mais altos interesses e os deveres mais urgentes às menores exigências de um cerimonial obsoleto mais de uma vez causou ao reino graves inconvenientes e expôs a monarquia a sérios riscos. De todos esses inconvenientes e perigos, aqueles a que Cloche expôs a sua casa recusando vergar a etiqueta em favor de uma fada sem linhagem, mas ilustre e temerosa, não eram nem difíceis de prever nem de ordem a subestimar.

Encolerizada pelo menoscabo que sofrera, a velha Alcuine lançou sobre a princesa Aurore um sortilégio funesto. Aos quinze anos, bela como a luz do sol, a regia donzela morreria de um ferimento fatal produzido por um fuso, arma inocente em mãos mortais, mas terrível quando as três irmãs fiandeiras nele torcem e enrolam os fios de nossos destinos e as fibras de nossos corações.

As sete fadas madrinhas tiveram o poder de comutar mas não de derogar a sentença de Alcuine; e a sorte da princesa foi assim estipulada: "Aurore ferirá a mão num fuso; não morrerá do ferimento, mas mergulhará num sono de cem anos, do qual o filho de um rei virá despertá-la."

## CAPÍTULO II

ANSIOSAMENTE, O REI e a rainha consultaram a propósito daquele aresto que condenava a princesa em seu berço todas as pessoas de saber e descortino, notadamente o Sr. Gerberoy, secretário perpétuo da Academia de Ciências, e o Dr. Gastinel, parteiro da rainha.

— Sr. Gerberoy – perguntou Satine –, é possível alguém dormir cem anos?

– Senhora – respondeu o acadêmico –, temos exemplos de sonos mais ou menos longos, dos quais posso citar alguns a Vossa Majestade. Epimênides de Cnosso nasceu dos amores de um mortal e de uma ninfa. Ainda criança, foi mandado por Dosíades, seu pai, a guardar os rebanhos na montanha. Quando a canícula do meiodia abrasava a terra, ele deitou-se numa gruta escura e fresca e ali mergulhou num sono que durou cinquenta e sete anos. Ele estudou as virtudes das plantas e morreu segundo alguns com cento e cinquenta e quatro anos, segundo outros aos duzentos e noventa e nove.

"A história dos sete dorminhocos de Éfeso é narrada por Rufino e Teodoro num escrito selado com dois selos de prata. Eis os fatos principais, brevemente expostos. No ano 25 depois de Jesus Cristo, sete oficiais do Imperador Décio, tendo abraçado a fé cristã, distribuíram seus bens entre os pobres, refugiaram-se no Monte Célio e adormeceram os sete numaurna. No reinado de Teodoro, o bispo de Éfeso encontrou-os viçosos como rosas. Tinham dormido cento e quatorze anos.

"Frederico Barbarroxa dorme até hoje. Está numa cripta, sob as ruínas de um castelo, no interior de uma floresta densa, sentado a uma mesa a que sua barba faz sete vezes a volta. Ele despertará para expulsar os corvos que grasnam em torno da montanha.

"Esses são, senhora, os maiores dormidores de que a história guarda a lembrança."

– Essas são exceções – replicou a rainha. – O senhor, Dr. Gastinel, que pratica a medicina, já viu alguém dormir cem anos?

– Senhora – respondeu o parteiro –, não vi exatamente nem espero ver jamais; mas tenho visto alguns casos curiosos de letargo de que vos posso dar conhecimento se Vossa Majestade assim o desejar. Há dez anos, uma moça, Jeanne Caillou, entrada no hospital, lá dormiu seis anos consecutivos. Eu mesmo observei a menina Léonide Montauciel, que adormeceu no domingo de Páscoa de 61 e só acordou na Páscoa seguinte.

– Dr. Gastinel – perguntou o rei –, pode a ponta de um fuso causar um ferimento que faça dormir cem anos?

– Sire, não é provável – respondeu Gastinel. – Mas, no domínio da patologia, jamais poderemos afirmar com segurança "isto é assim" ou "isto não é assim".

– Pode-se citar – disse o Sr. Gerberoy – o caso de Brunilda, que, picada por um espinho, adormeceu, e foi despertada por Sigefredo.

– Há o caso de Guenillon – disse a Duquesa de Cicogne, primeira dama da rainha.

E cantarolou:

*Ele mandou-me ao bosque  
Para colher nozelhas.*

*O bosque era muito grande,  
A bela muito pequena.*

*O bosque era muito grande,  
A bela muito pequena.*

*Ela espetou o dedo  
Num espinho verde.*

*Ela espetou o dedo  
Num espinho verde.*

*E com a ferroada*

...

– Mas o que é isso, Cicogne? – disse a rainha. – Ainda tem coragem de cantar?

– Perdoe-me Vossa Majestade – respondeu a duquesa. – É para conjurar a sorte.

No campo dizia-se ainda: "*O fuso deve seguir o alvião*"; mas por simples força do hábito. Os fusos tinham sumido.

# CAPÍTULO III

O PRIMEIRO-MINISTRO que, sob o fraco Rei Cloche, governava a monarquia, Sr. de Ia Rochecoupée, respeitava as crenças populares, como fazem todos os grandes estadistas.

César foi pontífice máximo; Napoleão fez-se sagrar pelo papa; o Sr. de Ia Rochecoupée reconhecia o poder das fadas. Ele não era um céptico; não era um descrente. Não argüia de falso o orago das sete madrinhas.

Mas, nada podendo fazer a respeito, não se apoquentava. Era do seu feitio não se deixar preocupar com males que não podia remediar. Ademais, o evento anunciado não era, ao que constava, iminente. O Sr. de Ia Rochecoupée tinha visão de estadista, e os estadistas nunca enxergam além do momento presente. Falo dos mais lúcidos e perspicazes. Fosse como fosse, a perspectiva hipotética de a filha do rei vir a dormir por cem anos não passava a seu ver de um assunto de família, já que a lei sálica barrava o trono às mulheres.

Como ele mesmo dizia, tinha mais o que fazer. A bancarrota, a ominosa bancarrota, ameaçava consumir a riqueza e a honra da nação. A fome grassava no reino e milhões de desgraçados comiam gesso em lugar de pão. Nesse ano, o baile da Ópera foi excepcionalmente brilhante e as fantasias mais belas que de costume.

Campônios, artesãos, gente do comércio e atrizes de teatro afligiam-se à porfia com a fatal maldição lançada por Alcuine sobre a inocente princesa. Ao contrário, os fidalgos da corte e os príncipes de sangue mostravam-se bastante indiferentes. De um modo geral, os homens do governo e os homens de ciência não acreditavam no vaticínio das fadas, pela simples razão de não acreditarem em fadas.

Era o caso do Sr. de Boulingrin, secretário de estado das Finanças. Os que se perguntarem como ele podia negar-lhes a existência, já que as via, ignoram a que ponto pode ir o cepticismo numa mente racional. Nutrido de Lucrécio, imbuído das doutrinas de Epicuro e Gassendi, não raro exasperava de Ia Rochecoupée com a ostentação de um fleumático afatismo.

– Se não por convicção, seja crente pelo povo – dizia-lhe o ministro. – Aliás, eu me pergunto às vezes, meu caro Boulingrin, qual de nós dois é o mais crédulo no que respeita às fadas. Eu nunca penso no assunto e o senhor fala nele todo o tempo.

O Sr. de Boulingrin amava ternamente a Duquesa de Cicogne, mulher do embaixador em Viena e primeira dama da rainha, pertencente à mais alta aristocracia do reino, mulher de espírito, um pouco seca, um pouco crítica, e que esbanjava nas mesas de faraó suas rendas, suas terras e suas camisas. Ela concedia os seus favores ao Sr. de Boulingrin aceitando um comércio a que não era levada por temperamento, mas que julgava adequado à sua posição e útil aos seus interesses. Essa ligação obedecia a uma linha que atestava o bom gosto dos dois e a elegância dos usos vigentes: era uma ligação declarada, desvestida assim do que seria uma torpe hipocrisia, e ao mesmo tempo se mostrava de tal modo reservada que mesmo os mais severos não viam o que censurar.

Durante o tempo que a duquesa passava cada ano em sua propriedade, o Sr. de Boulingrin instalava-se num velho pavilhão ligado ao castelo da amiga por um carreiro sulcado que margeava um paul onde à noite os sapos vozeavam entre os juncos seus chamados insistentes.

Uma tarde, quando os últimos reflexos do sol tingiam de um vermelho de sangue as águas remansosas, o

secretário de estado das Finanças viu numa encruzilhada do caminho três jovens fadas que dançavam à roda e cantavam:

*Três moças numa campina. . .*

*Meu coração voa,  
Meu coração voa,  
Meu coração voa como vos apraz.*

Elas o apresaram na roda e agitavam vivamente em torno dele as formas mimosas e ligeiras. Seus rostos, ao clarão crepuscular, eram alternadamente luminosos e sombrios; os cabelos cintilavam como fogos-fátuos.

Elas repetiam:

*Três moças numa campina...*

Até que, estonteado, prestes a cair, ele pediu misericórdia. Então disse a mais bela das três, abrindo a roda: – Irmãs, demos passagem ao Sr. de Boulingrin, que vai ao castelo beijar a sua amada.

Ele passou sem ter reconhecido as fadas, senhoras dos destinos, e, alguns passos além, deu com três velhas mendigas a caminhar encurvadas sobre os seus bordões, e cujas caras pareciam três maçãs cozidas no borralho. Através dos seus andrajos ressaíam ossos mais forrados de imundícia que de carne. Dos pés nus projetavam-se desmesuradamente artelhos descarnados, parecendo as vértebras de um rabo de boi.

Tão logo o avistaram, elas lhe dirigiram sorrisos e lhe sopraram beijos; barraram-lhe o caminho, chamaram-lhe seu querido, seu amor, seu pombinho, e o cobriram de carícias às quais ele não se podia esquivar, pois, à menor menção que fazia de fugir, elas lhe cravavam na carne as garras agudas que lhes terminavam as mãos.

– Como ele é belo! como é gentil! – suspiravam.

Com insistente frenesi, solicitaram-lhe que as amasse. Depois, vendo que não logravam despertar-lhe os sentidos gelados de horror, cobriram-no de invectivas, zurziram-no com golpes redobrados das suas muletas, lançaram-no por terra, calcaram-no com os pés e, quando o viram derreado, desancado, moído, incapaz de movimento, a mais jovem, que teria bem os seus oitenta anos, acocorou-se sobre ele, arregaçou a saia e ensopou-o com um líquido infeto, por pouco não o sufocando. Em seguida as outras duas, sucessivamente, de idêntica maneira, inundaram o fidalgo de uma água igualmente fedorenta. Por fim as três se afastaram, com despedidas mordazes:

– Boa tarde, meu Endimião!

– Até mais ver, meu Adônis!

– Adeus, belo Narciso!

E largaram-no ali desfalecido.

Quando voltou a si, um sapo junto dele emitia sons melancólicos de flauta e uma nuvem de mosquitos

dançava contra a lua. Ele levantou-se a custo e percorreu mancando o resto do caminho.

Ainda desta vez, o Sr. de Boulingrin não reconheceu as fadas, senhoras dos destinos.

A Duquesa de Cicogne estava à espera, impaciente.

– Como te demoraste, meu querido.

Ele respondeu, beijando-lhe os dedos, que era bem gentil da parte dela queixar-se. E desculpou-se alegando uma pequena indisposição.

– Boulingrin – disse ela –, senta-te aqui.

E confiou-lhe que consentiria de bom grado em receber dos cofres da Coroa um donativo de dois mil escudos, destinado a equilibrar as injúrias que a sorte lhe infligira: o faraó vinha-lhe sendo terrivelmente adverso nos últimos seis meses.

Inteirado da urgência do assunto, Boulingrin escreveu incontinenti a de La Rochecoupée para pedir-lhe a soma necessária.

– La Rochecoupée ficará feliz em tá prover – disse ele.

– É prestativo e tem prazer em valer aos amigos. Diga-se ainda em seu favor que existem nele mais talentos do que é comumente o caso com os favoritos dos reis. Ele tem o gosto e o tino dos negócios. Mas falta-lhe filosofia. Ele acredita em fadas, fundando-se no testemunho dos sentidos.

– Boulingrin – disse a duquesa –, estás cheirando a mijo de gato.

# CAPÍTULO IV

*DIA APÓS DIA, dezessete anos tinham-se escoado desde o decreto das fadas. A delfina era bela como um astro. O rei e a rainha habitavam com a corte a residência agreste das Águas Perdidas. Escusa narrar o que houve então. É sabido de como a princesa Aurore, correndo um dia o castelo, subiu a uma das torres onde, numa mansarda, uma velhota, sozinha, fiava em sua roca. Não soubera do interdito baixado pelo rei sobre fiar com fusos.*

*"– Que fazes aí, boa mulher? – perguntou a princesa.*

*– Estou fiando, minha bela menina – respondeu-lhe a velha, que não a conhecia.*

*– Ah! que bonito! – tornou a delfina. – Como é que se faz? Dá cá, quero ver se também sei.*

*Mal apanhara o fuso, feriu-se na mão e caiu desfalecida."*

(Contes de Perrault, edição André Lefèvre, p. 86.)

Sabedor de que o prenuncio das fadas se cumprira, o Rei Cloche fez colocar a princesa adormecida na câmara azul, sobre um leito azul bordado de prata.

Consternados e agitados, os cortesãos espriam lágrimas, ensaiavam suspiros e compunham caretas de dor. Por toda parte formavam-se intrigas; anunciava-se que o rei demitiria os seus ministros. Negras calúnias corriam à boca pequena. Dizia-se que o Duque de Ia Rochec preparara um filtro para adormecer a delfina, e que o Sr. de Boulingrin era seu cúmplice.

A Duquesa de Cicogne subiu a escadinha e foi procurar o seu velho amigo, que encontrou em carapuça de dormir, sorridente, pois estava a ler A Noiva do Rei de Garbe.

Cicogne contou-lhe as novas, e de como a delfina se encontrava em letargia num leito de cetim azul. O secretário de estado escutou-a atentamente.

– Não estarás a supor, espero, minha querida, que haja nisso qualquer feitiçaria – disse ele.

Pois não acreditava em fadas, posto que três delas, anciãs e veneráveis, o tivessem salteado com propostas e porretes e encharcado até os ossos com um pútrido licor para provar-lhe que existiam. O defeito do método experimental, empregado por aquelas damas, é que a experiência atua nos sentidos, cujo testemunho pode-se sempre recusar.

– É claro que foi feitiçaria! – exclamou Cicogne. – O acidente da delfina pode causar-nos a ambos grande mal. Não faltará quem o assaque à incompetência dos ministros, e talvez à sua aleivosia. Quem sabe a que ponto pode levar a calúnia? Já te acusam de cainheza. Ao que dizem, tu te recusaste, sob a minha influência interesseira, a pagar uma guarda para a jovem e desinfeliz princesa. E há mais! fala-se de magia negra, de ensalmos. Há que arrostar a borrasca. Mostra-te ou estarás perdido.

– A calúnia – disse Boulingrin – é o flagelo do mundo, e já destruiu grandes homens. Quem quer que sirva lealmente ao seu rei deve estar preparado para pagar tributo a esse monstro rastejante e voador.

– Boulingrin – disse Cicogne –, veste-te.

E arrancou-lhe a carapuça, que atirou atrás da cama.

Momentos depois estavam na antecâmara do quarto onde dormia Aurore, sentados numa banqueteta, esperando ser recebidos Entrementes, Cicogne e Boulingrin esperavam lado a lado em sua banqueteta.

– Boulingrin – cochichou a duquesa ao ouvido do amante –, não te parece suspeito esse negócio? Não achas que pode ser uma trica dos irmãos do rei para levar o coitado a abdicar? Sabe-se que ele é bom pai. . . É bem possível que tenham querido lançá-lo em desespero. . .

– É possível – respondeu o secretário de estado. – O certo é que não há em tudo isso nenhuma bruxaria. Só mesmo os bolônios do campo poderiam dar ouvidos a semelhantes carochas.

– Cala-te, Boulingrin – fez a duquesa. – Não há nada mais detestável que os cépticos. São impertinentes que zombam da nossa ignorância. Odeio os espíritos fortes; acho que é preciso crer; mas no presente caso desconfio de uma trama sinistra. . .

No instante em que Cicogne proferia estas palavras, a fada Viviane tocou os dois com sua varinha e os pôs a dormir como os demais.

Ora, à notícia de que a decisão dos fados se cumprira, a fada Viviane, madrinha da princesa, dirigiu-se às pressas ao castelo das Águas Perdidas, e, para compor uma corte para a afilhada no dia em que esta acordasse, tocou com sua varinha tudo quanto havia no castelo,

*"governantas, damas de honor, camareiras, gentis-homens, oficiais, mordomos, cozinheiros, mirmidões, lacaios, guardas, suíços, pajens, escudeiros; tocou também todos os cavalos que estavam nas cavaleriças, mais os palafreiros, os grandes mastins do pátio e a pequena Pouffe, a cadelinha da princesa, que estava junto dela sobre o leito. Até as perdizes e faisões que assavam nos espetos adormeceram."*

(Contes de Perrault, p. 87.)

# CAPÍTULO V

*EM MENOS DE um quarto de hora cresceu à volta do parque tamanha quantidade de árvores grandes e pequenas, de silvas e espinheiros enleados entre si, que nem homem nem bicho teriam como passar; de tal sorte que nada mais se via além dos cimos das torres do castelo; e isso mesmo só de longe."*

(Contes de Perrault, pp. 87–88.)

Uma vez, duas vezes, três vezes, cinquenta, sessenta, oitenta, noventa e cem vezes Urânia fechou o anel do tempo, e a Bela com sua corte e Boulingrin ao lado da duquesa na banquetta da antecâmara continuavam a dormir.

Quer vejamos o tempo como um modo da substância única, quer o definamos como uma das formas do eu sensível ou como um estado abstrato da exterioridade imediata, quer façamos dele uma simples lei, uma relação resultante do processo das coisas reais, podemos afirmar que um século é um certo espaço de tempo.

# CAPÍTULO VI

TODOS SABEM DO fim do encantamento, e de como, após cem ciclos terrestres, um príncipe, ajudado pelas fadas, atravessou o bosque encantado e alcançou o leito onde dormia a princesa. Era um principículo alemão de belos bigodes e ancas orbiculares, pelo qual, tão pronto despertada, ela caiu ou melhor se levantou de amores, e a quem seguiu ao seu pequeno principado com tamanho açodamento que saiu sem sequer dizer adeus às pessoas de sua casa que com ela tinham dormido cem anos.

A primeira dama de honor melindrou-se com aquilo e comentou arqueando as sobrancelhas:

– Quem sai aos seus não degenera.

Boulingrin acordou ao lado da Duquesa de Cicogne ao mesmo tempo que a delfina e todo o resto da casa. Enquanto ele esfregava os olhos, disselhe a duquesa: – Boulingrin, tu pegaste no sono.

– Eu não – respondeu ele –, de modo algum, minha querida.

Falava em boa fé. Tendo dormido sem sonhos, não se dava conta de ter dormido.

– Prova é – disse ela – que posso repetir o que acabaste de dizer.

— Ah, é? E o que foi que eu disse?

— Disseste: "No presente caso desconfio de uma trama sinistra ..."

Toda a pequena corte foi dispensada tão pronto desperta; cada qual teve de prover por conta própria sua comida e e equipamentos.

Boulingrin e Cieogne alugaram do intendente do castelo uma traquitana do século XVII, atrelada a uma pileca já bem velha antes mesmo de dormir o sono secular, e se fizeram conduzir à estação de Águas Perdidas, onde tomaram um trem que em duas horas os botou na capital do reino. A princípio pasmaram grandemente com tudo que viam e ouviam. Mas, ao fim de um quarto de hora, esgotado seu assombro, nada mais os espantava. Ninguém, por outro lado, interessou-se neles. Ninguém compreendia a sua história; e ela não despertava a mínima curiosidade, pois a nossa mente não se prende ao que é demasiado claro ou por demais abstruso para ela.

Boulingrin, como era de esperar, não fazia idéia do que acontecera. E, quando a duquesa lhe dizia que tudo aquilo não era natural, respondia: – Minha querida, permite-me dizer-te que em matéria de física és bastante ignorante. Não existe nada que não seja natural.

Não tinham mais parentes, nem amigos, nem haveres. Não puderam encontrar o lugar de suas moradias. com o pouco dinheiro que traziam, compraram uma guitarra e saíram a cantar pelas ruas. Ganhavam assim com que comer. À noite, Cicogne jogava nas tavernas, às mesas de manilha, todas as moedas que lhe tinham atirado no correr do dia. Entrementes, Boulingrin, diante de um púcaro de vinho quente, explicava aos outros bebedores que é um contra-senso acreditar em fadas.

# A CAMISA

*Um jovem pastor estava preguiçosamente estendido na relva da campina e encantava a própria solidão com os sons da sua charamela... Suas roupas tinham-lhe sido tomadas à força, mas...*

(Grand Dictionnaire de Pierre Larousse, verbete CHEMISE; t. IV, p. 5, col. 4.)

## CAPÍTULO I

### O Rei Cristophe: Seu Governo, Seus Princípios, Sua Doença

CRISTOPHE V não era um mau rei. Observava escrupulosamente as regras do governo constitucional e jamais se opunha às deliberações do Parlamento. Essa submissão não lhe custava muito, pois ele compreendia que, se há vários meios de se chegar ao poder, não há dois de nele se manter, nem dois modos de nele se haver; que seus ministros, fossem quais fossem suas origens, seus princípios, suas idéias, seus cacoetes, governavam todos de uma única e idêntica maneira; e que, descontadas certas divergências puramente formais, repetiam-se uns aos outros com tranquila regularidade. Assim, empossava sem vacilação todos os que as Câmaras lhe designavam, preferindo todavia os revolucionários como os mais ciosos de fazer valer a própria autoridade.

De sua parte, ele se ocupava sobretudo das relações externas. Fazia com frequência viagens diplomáticas, jantava e caçava com os reis seus primos e gabava-se de ser o melhor ministro dos Negócios Estrangeiros que se pudesse desejar. No interior, agüentava-se tão bem quanto lhe permitia a dificuldade dos tempos. Não era muito amado nem muito apreciado pelo povo, o que lhe dava a inestimável vantagem de nunca decepcionar. Isento da estima pública, não se via ameaçado pela impopularidade reservada aos governantes populares.

O reino era rico. Sua indústria e seu comércio floresciam, sem todavia alargar-se a ponto de inquietar as nações vizinhas. Suas finanças sobretudo impunham admiração.

A solidez do seu crédito mostrava-se inabalável; os banqueiros proclamavam-na com entusiasmo, com orgulho, com os olhos úmidos de patriótica emoção. Uma parte dessa glória refletia-se no Rei Cristophe.

Os campônios o culpavam pelas más colheitas; mas estas eram raras.

A fertilidade do solo e a perseverança dos agricultores produziam no país grande abundância de grãos, de frutos, de vinhos, de rebanhos. Os trabalhadores das usinas, com suas desabridas e continuadas reivindicações, assustavam os burgueses, que confiavam no rei para protegê-los contra a revolução social. Os trabalhadores, por seu lado, não o podiam alijar, pois eram os mais fracos, nem tinham disso grande desejo, pois não viam o que haviam de ganhar com a sua queda. Ele não lhes atendia nem os oprimia em excesso, a fim de que eles fossem sempre uma ameaça e nunca um perigo real.

com as forças armadas o rei podia contar: eram-lhe leais. As forças armadas são sempre leais. Todas as medidas são tomadas para que assim se conservem. É o primeiro requisito de um estado; pois, caso contrário, o governo será prontamente derrubado.

Cristophe protegia a religião. Na verdade não era devoto, e, para não pensar contrariamente à fé, adotava

a sábia precaução de nunca examinar nenhum dos seus artigos.

Assistia à missa em sua capela e dispensava favores e atenções aos seus prelados, entre os quais havia três ou quatro ultramontanos que o cumulavam de afrontas.

A baixeza e servilismo da magistratura inspiravam-lhe invencível repulsa. Não lhe entrava na cabeça como os seus vassallos podiam suportar uma justiça tão injusta; mas os magistrados compensavam a sua indigna fraqueza frente aos poderosos com uma inflexível dureza em relação aos fracos. Sua severidade resguardava os interesses e infundia o respeito.

Cristophe V observara que seus atos ou não produziam efeito apreciável, ou produziam efeitos contrários aos que deles esperava. Por isso agia pouco. Suas ordens e condecorações eram seu melhor instrumento de reinado. Ele as outorgava aos seus opositores, que com isso se envileciam e se acomodavam.

A rainha dera-lhe três filhos. Era feia, rabugenta, estúpida e sovina, mas o povo, que a sabia desprezada e enganada pelo rei, dedicava-lhe louvores e homenagens.

Depois de requisitar um batalhão de mulheres de toda casta e condição, o rei se pegava a maior parte do tempo a *Mme. de Ia Poule*, a quem de certo modo se afizera. Nas mulheres sempre procurara a novidade; mas uma nova mulher já não era para ele novidade, e a monotonia da mudança lhe pesava. Por despeito, voltava sempre para *Mme. de Ia Poule*, e aquele *déjà vu* que lhe era aborrecido nas que tinha pela vez primeira, ele o suportava menos mal em companhia de uma amante veterana. No entanto ela o enfadava intensa e invariavelmente. Às vezes, anojado de vê-la apresentar-se sempre insulsamente a mesma, tentava variá-la recorrendo a fantasias e a fazia vestir-se de andaluza ou tirolesa, de freira, de frade capuchinho ou capitão de dragões, sem achá-la, por um momento sequer, menos desenhada.

Sua grande ocupação era a caça, função hereditária dos príncipes e reis, que lhes vêm da pré-história, necessidade primeva transformada em diversão, fadiga de que os fortes fazem um prazer. Sem fadiga, não é prazer. Cristophe V saía à caça seis vezes por semana.

Um dia, na floresta, disse ao Sr. de Quatrefeuilles, seu escudeiro-mor:

– Que estopada andar a correr atrás do cervo!

– Sire – respondeu-lhe o escudeiro –, Vossa Majestade encontrará contentamento em repousar após a lida.

– Quatrefeuilles – suspirou o rei –, a princípio eu me aprazia em me esfalfar, depois em repousar. Hoje não me agrada nem uma coisa nem outra. Toda ocupação tem para mim o vazio da ociosidade, e o repouso me cansa como um trabalho penoso.

Após dez anos de um reinado sem guerras nem convulsões, tido por seus súditos como um político hábil, erigido em árbitro dos reis, Cristophe V não tinha nenhuma alegria no mundo. Mergulhado em profundo abatimento, dizia muitas vezes:

– Tenho constantemente vidros negros à frente dos meus olhos, e, sob as cartilagens das costelas, sinto um rochedo onde faz pouso a tristeza.

Perdia o sono e o apetite.

– Não posso mais comer – dizia ao Sr. de Quatrefeuilles, fitando a fina baixela de prata dourada. – Ai! Não é do prazer da mesa que sinto falta, eu nunca o conheci: é um prazer que um rei nunca desfruta. Tenho a pior mesa do meu reino. Só as gentes da ralé comem bem; os ricos têm cozinheiros que os furtam

e os envenenam. Os maiores cozinheiros são os que mais furtam e envenenam, e os meus são os maiores cozinheiros da Europa. No entanto sou, de natural, comilão, e, como qualquer outro, apreciaria os bons petiscos, se meu estado o permitisse.

Queixava-se de dores nos rins e peso no estômago, sentia-se fraco, tinha fôlego curto e palpitações. Por momentos, ondas molestas de uma quentura mole subiam-lhe às faces.

– Sinto – dizia ele – um mal-estar surdo, contínuo, ao qual me habituei, riscado, de vez em onde, por relâmpagos de uma dor fulgurante. Daí a minha angústia e o meu estupor.

A cabeça lhe girava; ele tinha delíquios, enxaquecas, câibras, espasmos e pontadas nos lados que lhe cortavam a respiração. Os dois primeiros médicos do rei, Dr. Saumon e Prof. Machellier, diagnosticaram neurastenia.

– Unidade mórbida mal configurada! – disse o Dr. Saumon. – Entidade nosológica insuficientemente definida, e por isso refratária. . .

O Prof. Machellier o interrompeu:

– Noutras palavras, Saumon, um verdadeiro Proteu patológico, que, como o Velho dos Mares, se transforma sem cessar entre os braços do facultativo, revestindo as aparências mais bizarras e terrificantes; alternadamente abutre da úlcera de estômago ou serpente da nefrite, de inopino alça a face amarelenta da icterícia, mostra os pômulos afoqueados da tuberculose, crispa garras de estrangulador que sugerem a hipertrofia do coração; enfim, assume o espectro completo das enfermidades fatais ao corpo humano, até que, cedendo à ação médica e confessando-se vencido, bate em retirada sob o seu conspecto verdadeiro de macaco das doenças.

O Dr. Saumon era bonito, gracioso, insinuante, amado pelas mulheres, em quem amava a si mesmo. Sábio elegante, médico mundano, era capaz de distinguir a nobreza num ceco ou num peritônio, e observava escrupulosamente as distâncias sociais que separam um útero de outro. O Prof. Machellier, baixo, grosso, curto, redondo como um pote, grande falastrão, era ainda mais enfatuado que o seu colega Saumon.

Tinha a mesma presunção, porém mais dificuldade em sustentá-la. Um e outro se odiavam, mas, conscientes de que combatendo-se entre si destruir-se-iam ambos, fingiam um perfeito entendimento e uma plena comunhão de idéias; um mal acabava de exprimir um pensamento e o outro o fazia seu. Tendo embora de suas faculdades e talentos um mútuo menosprezo, não se furtavam de trocar opiniões, sabendo que nada arriscavam e que em se tratando de pareceres médicos não ganhavam nem perdiam na troca. A princípio, a doença do rei não os preocupara. Contavam que o doente se restabeleceria enquanto sob os seus cuidados, e que essa coincidência lhes seria creditada. De comum acordo prescreveram-lhe uma vida austera (*Quibus nervi dolent Venus inimica*), um regime tônico, exercício ao ar livre, o emprego bem dosado da hidroterapia. Saumon, com a aquiescência de Machellier, preconizou sulfeto de carbono e cloreto de metila; Machellier, aprovado por Saumon, indicou os opiáceos, o cloral e os bromuretos.

Contudo vários meses se passaram sem que o estado do rei parecesse melhorar, por pouco que fosse. Seus padecimentos, ao contrário, se exacerbavam.

– Tenho a impressão – disse-lhes um dia Cristophe V, estendido em seu preguiçeiro –, tenho a impressão de que uma ninhada de ratos me rói as entranhas, enquanto um anão horrível, um kobold de carapuça e túnica vermelhas, metido em meu estômago, o ataca a golpes de picão e o escarva fundamente.

– Sire – disse o Prof. Machellier –, é uma dor simpática.

– Eu a acho antipática – respondeu o rei.

– Nem o estômago, sire, nem os intestinos de Vossa Majestade estão doentes; se vos causam sofrimento, é, dizemos nós, por simpatia com o vosso plexo solar, cujos inúmeros filetes nervosos, enredados, maranhados, repuxam em todos os sentidos o estômago e os intestinos como outros tantos fios de platina incandescente.

– A neurastenia – disse Machellier –, verdadeiro Proteu patológico. . .

Mas o rei despachou os dois.

Tendo eles partido, disse-lhe o Sr. de Saint-Sylvain, primeiro–secretário de estado: – Sire, consultai o Dr, Rodrigue.

– Sim, sire – disse o Sr. de Quatrefeuilles –, mandai chamar o Dr. Rodrigue. É o melhor a fazer.

Nessa época o Dr. Rodrigue assombrava o mundo. Era visto quase ao mesmo tempo em todos os países do globo. Cobrava por suas visitas um preço de tal modo exorbitante que os miliardários lhe reconheciam o valor. Seus confrades de todos os quadrantes, não importa o que pensassem do seu saber e caráter, falavam com respeito de um homem que elevara os honorários médicos a alturas até então inauditas; muitos propalavam os seus métodos, pretendiam possuí–los e aplicá–los a preços reduzidos, e assim contribuía para a sua fama universal.

Mas, como o Dr. Rodrigue timbrasse em excluir da sua terapêutica os símplices de laboratório e as preparações officinais, como nunca empregasse as fórmulas do códex, seus meios curativos caracterizavam–se por uma estonteante extravagância e por singularidades impossíveis de imitar.

O Sr. de Saint-Sylvain, mesmo não conhecendo Rodrigue, tinha nele uma fé absoluta; acreditava nele como em Deus. Suplicou ao rei que mandasse chamar o doutor que obrava milagres. Mas em vão.

– Fico com Saumon e Machellier – disse Cristophe V. – Eu os conheço, e sei que não são capazes de nada. Quanto a esse Rodrigue, não sei do que será capaz.

# CAPÍTULO II

## O Remédio do Doutor Rodrigue

O REI NUNCA simpatizara com os seus dois médicos oficiais. Após seis meses de doença, a aversão tornou-se insuportável. Tão logo avistava de longe os belos bigodes que coroavam o sorriso perpétuo e triunfal do Dr. Saumon, e as duas vírgulas de cabelo preto coladas ao crânio de Machellier, ele rilhava os dentes e virava a cara emburrado. Uma noite, atirou pela janela todas as poções, pílulas e pós por eles receitados, que enchiam o quarto de um odor rançoso e triste. Não apenas não fez nada do que lhe tinham ordenado, como se aplicou com grande zelo em observar às avessas as suas prescrições: deixava-se ficar deitado quando lhe recomendavam exercício, agitava-se quando lhe ditavam repouso, comia quando o punham em dieta, jejuava quando lhe indicavam superalimentação; e demonstrava a *Mme.* de Ia Poule um ardor tão inusitado que ela custava a crer nos próprios sentidos e julgava estar sonhando.

No entanto, ele não se curava, tanto é verdade que a medicina é uma arte enganosa, e que os seus preceitos, não importa em que sentido tomados, são igualmente vãos. Ele não piorava, mas também não melhorava.

As dores, múltiplas e variadas, não lhe davam trégua. Ele se queixava de que um formigueiro se lhe instalara no encéfalo, e que essa colônia industriosa e aguerrida nele escavava galerias, câmaras e tulhas, transportava suprimentos e materiais, depositava ovos aos milhares, alimentava os filhotes, sustentava cercos, efetuava e repelia assaltos, travava combates renhidos.

Sentia, dizia ele, quando uma guerreira incisava com as pinças aceradas o corselete esguio e duro de uma adversária.

– Sire – dizia-lhe o Sr. de Saint-Silvayn –, mandai vir o Dr. Rodrigue. Sem falta ele vos há de curar.

Mas o rei dava de ombros, e, num momento de fraqueza e alheação, pediu de volta as poções e submeteu-se de novo ao regime. Não voltou a procurar *Mme.* de Ia Poule, e passou a tomar pontualmente as drágeas de nitrato de aconitina, então em sua brilhante novidade e radiosa juventude. Como resultado dessa abstinência e desse tratamento, foi acometido de acessos de sufocação, tão terríveis que a língua se lhe escapava da boca e os olhos saltavam-lhe da testa. Se se pusesse a cama de pé como uma pêndula, seu rosto congesto formaria um mostrador rubeníe.

– É o plexo cardíaco em plena revolta – disse o Prof. Machellier.

– Em grande efervescência – roborou o Dr. Saumon.

O Sr. de Saint-Sylvain achou a ocasião azada para recomendar ainda uma vez o Dr. Rodrigue, mas o rei declarou que prescindia de um médico a mais.

– Sire – replicou Saint-Sylvain –, o Dr. Rodrigue não é médico.

– Ah! – exclamou Christophe V – o que me diz, Saint-Sylvain, diz muito em seu abono e predispõe-me em seu favor. Ele não é médico? E o que é então?

– Um sábio, um homem de gênio, sire, que descobriu pró-priedades inauditas da matéria no estado radiante e as aplica à medicina.

Mas, num tom que não dava margem a insistência, o rei proibiu o secretário de voltar a falar naquele charlatão.

– Nunca – vociferou –, nunca o receberei. Nunca!...

Cristophe passou o verão de maneira suportável. Fez um cruzeiro a bordo de um iate de duzentas toneladas, com *Mme.* de la Poule disfarçada de grumete. Recebeu para almoçar um presidente de república, um rei e um imperador e, em concerto com eles, garantiu a paz mundial. Fixar os destinos dos povos era-lhe enfadonho; mas, encontrando na cabina de *Mme.* de la Poule um velho romance a gosto das mocinhas operárias, leu-o com interesse apaixonado, o que, durante algumas horas, proporcionou-lhe um bendito esquecimento do mundo. Em suma, afora algumas enxaquecas, nevralgias, reumatismos e o tédio de viver, ele passou sofrivelmente.

O outono trouxe-lhe de volta os seus antigos tormentos. Ele padeceu o tétrico suplício de um homem aprisionado no gelo dos pés à cintura e o torso envolvido em chamas.

No entanto, o que suportava com horror e espanto ainda maiores eram sensações que não era capaz de exprimir, estados indizíveis, de molde, dizia ele, a ouriçar-lhe os cabelos da cabeça. A anemia o devorava e a sua fraqueza aumentava dia a dia sem diminuir-lhe a capacidade de sofrer.

– Saint-Sylvain – disse ele uma manhã, após uma noite maldormida –, o senhor falou-me várias vezes do Dr. Rodrigue. Mande chamá-lo.

Na ocasião, o Dr. Rodrigue era assinalado em Cap, em Melbourne e em São Petersburgo. Cabogramas e radiogramas foram imediatamente expedidos para esses lugares. Não se passara uma semana e o rei se pôs a reclamar com insistência a presença do Dr. Rodrigue.

Nos dias que se seguiram, perguntava a cada instante:

– Será que ele demora?

Faziam-lhe ver que Sua Majestade não era um cliente despiciendo, e que Rodrigue viajava com incrível rapidez. Mas nada acalmava a impaciência do doente.

– Ele não vem – suspirava. – Vão ver que ele não vem.

Chegou um despacho de Gênova, anunciando que Rodrigue embarcava no Preussen. Três dias decorridos, o doutor mundial, depois de fazer aos seus colegas Saumon e Machellier uma visita de insolente deferência, apresentou-se em palácio.

Era mais jovem e bonito que o Dr. Saumon, e tinha um ar ainda mais nobre e sobranceiro. Por respeito à natureza, a que se atinha em todos os assuntos, deixava crescer a barba e os cabelos e lembrava aqueles filósofos antigos que os gregos retrataram em mármore.

Depois de examinar o rei:

– Sire – disse ele –, os médicos, que falam das doenças como os cegos das cores, declaram que Vossa Majestade tem uma neurastenia, ou seja, fraqueza dos nervos. Mas, tendo reconhecido o vosso mal, não são capazes de curá-lo, pois um tecido vivo não se pode reconstituir senão pelos mesmos meios que a natureza empregou para constituí-los, e esses meios eles desconhecem. Ora, quais são os meios, os processos naturais? A natureza não conhece a mão ou a ferramenta; ela é sutil, ela é espiritual; para as suas mais pujantes e maciças construções, utiliza as partículas inconcebivelmente tênues da matéria, o átomo, o prótio. De uma névoa impalpável faz rochas, metais, plantas, animais, homens. Como? Por atração, gravitação, transpiração, penetração, inibição, endosse, capilaridade, afinidade, simpatia. O

modo como forma um grão de areia não difere daquele em que formou a Via Láctea: a harmonia das esferas reina num e noutra; esta como aquele só subsistem pelo movimento das parcelas que os compõem, que é a sua alma amorosa e musical em perpétua agitação.

Entre as estrelas do céu e os grãos de pó que dançam na réstia de sol que atravessa este quarto não há qualquer distinção de estrutura; o menor destes corpúsculos é tão admirável quanto Sírio, pois a maravilha de todos os corpos do universo é o infinitésimo que os forma e que os anima. É assim que trabalha a natureza.

Do impalpável, do imperceptível, do imponderável ela compôs o vasto mundo acessível aos nossos sentidos e que a nossa mente pesa e mede; e a matéria com que nos produziu a nós é menos que um sopro. Obremos como ela usando o imponderável, o impalpável, o impercebível, por atração amorosa e penetração sutil.

Este é o princípio. Como aplicá-lo ao caso que nos ocupa, como devolver a vida aos nervos esgotados, é o que nos resta examinar.

"Para começar, que são os nervos? Se quisermos a definição, qualquer fisiologista, que digo? um Machellier, um Saumon nola dará. Que são os nervos? Cordões, fibras que partem do cérebro e da medula espinhal e vão distribuir-se em todas as partes do corpo para transmitir as excitações sensoriais e fazer agir os órgãos motores. São portanto sensação e movimento. É o quanto basta para nos dar a conhecer a sua construtura íntima, para revelar-lhes a essência; qual seja o nome que se lhe dê, ela é idêntica ao que, na ordem das sensações, chamamos alegria, e, na ordem moral, felicidade. Onde se encontre um átomo de alegria e de felicidade, ali se encontrará a substância reparadora dos nervos. E quando digo um átomo de alegria, estou falando de um corpo material, de um objeto definido, de uma substância suscetível de passar pelos quatro estados, sólido, líquido, gasoso e radiante, uma substância cujo peso atômico é passível de determinação. A alegria e a tristeza, cujos efeitos os homens, os animais e as plantas experimentam desde a origem das coisas, são entidades reais; são matéria, porquanto são espírito, e porquanto, sob os seus três aspectos, movimento, matéria, inteligência, a natureza é una. Tudo se resume pois em obter uma dose suficiente de átomos de alegria e introduzi-los no organismo por endosmose e aspiração cutânea. Assim sendo, eu vos prescrevo usar a camisa de um homem feliz."

– O quê! – exclamou o rei. – Quer que eu use a camisa de um homem feliz?

– Sobre a pele, sire, para que o vosso invólucro estéril aspire as partículas de felicidade que as glândulas sudoríparas do homem feliz terão exalado pelos canais excretores da sua derme fortunosa. Vossa Majestade não ignora as funções da pele: ela aspira, expira e opera trocas incessantes com o meio em que se situa.

– É esse o remédio que me receita, Dr. Rodrigue?

– Sire, não há receita mais racional. Nada encontro na farmacopéia que a pudesse substituir. Desconhecendo a natureza, incapazes de imitá-la, nossos boticários só fazem compor em suas oficinas uns poucos medicamentos, sempre perigosos e nem sempre eficazes. Os medicamentos que nós não sabemos fabricar, há que tomá-los prontos, como as bichas, o clima de montanha, o ar marinho, as águas termais naturais, o leite de burra, a pele de gato selvagem e os humores exsudados por um homem feliz. Não sabe Vossa Majestade que uma batata crua levada no bolso elimina as dores reumáticas? Para quem não queira um remédio natural, há que recorrer aos artificiais, isto é, químicos, às drogas; há que socorrer-se de gotas e pós. Vossa Majestade deu-se bem com suas gotas e seus pós? . . .

O rei desculpou-se e prometeu obedecer.

O Dr. Rodrigue, que já ganhara a porta, voltou-se:

– Faça Vossa Majestade com que ela seja ligeiramente aquecida antes de servir-se.

# CAPÍTULO III

## Quatrefeuilles e Saint-Sylvain Buscam Um Homem Feliz no Palácio do Rei

COM PRESSA DE vestir a tal camisa com que contava para curar-se, Christopher V convocou o Sr. de Quatrefeuilles, seu escudeiro-mor, e o Sr. de Saint-Sylvain, seu secretário de estado, e incumbiu-os de diligenciar por obtê-la no menor tempo possível. Foi combinado que manteriam segredo absoluto sobre o objeto da busca.

Havia o receio de que, se o público fosse inteirado da espécie de remédio que convinha ao rei, uma data de infelizes, particularmente os mais desafortunados, mais acabrunhados de miséria, oferecessem suas camisas na esperança de uma recompensa. Temia-se também que os anarquistas mandassem camisas envenenadas.

Cuidaram os dois fidalgos que poderiam conseguir o medicamento do Dr. Rodrigue sem se arredar do palácio, e postaram-se a um olho-de-boi donde se via passar os cortesãos.

Os que eles viram tinham ares macambúzios, as caras macilentas; tinham seus males escritos nas faces; consumiam-se no desejo de um cargo, de uma ordem, de um privilégio, de uma distinção. Descendo aos salões de baixo, Quatrefeuilles e Saint-Sylvain viram o Sr. du Bocage a dormir numa poltrona, a boca arregaçada até as orelhas, as narinas dilatadas, as bochechas redondas e fulgentes como um dar de sóis, o peito harmonioso, o ventre plácido e ritmado, risonho, transpirando exultação da abóbada faiscante do crânio aos artelhos em leque calçados em leves escarpins, nos extremos das pernas escanchadas.

Àquela vista, disse Quatrefeuilles:

– Escusa procurar mais. Quando ele acordar, pedir-lhe-emos a camisa.

Daí a instantes o dorminhoco esfregou os olhos, espreguiçou-se e olhou lastimosamente em torno. Os cantos da boca descaíram; as bochechas desabaram, as pálpebras penderam como roupas na janela de um casebre; do peito brotavam-lhe arquejos plangentes; toda a sua pessoa exprimia o tédio, o desgosto, o desencanto.

Vendo o secretário de estado e o escudeiro-mor, falou:

– Ah! senhores, acabo de ter um belo sonho. Sonhei que o rei erigia em marquesado a minha terra de Bocage. Ai de mim! não passou de um sonho, e eu sei que as intenções do rei são bem outras.

– Vamos – disse Saint-Sylvain. – Está ficando tarde; não temos tempo a perder.

Na galeria, cruzaram por um par do reino que assombrava o mundo pela força do caráter e pela profundidade do intelecto. Nem mesmo seus inimigos negavam-lhe o despreendimento, a franqueza, o desassombro. Sabia-se que estava a escrever suas memórias, e todos o bajulavam na esperança de figurar honrosamente aos olhos da posteridade.

– Provavelmente ele é feliz – disse Saint-Sylvain.

– Perguntemos-lhe – disse Quatrefeuilles. Abordaram-no, trocaram com ele algumas piatitudes e, conduzindo a conversa para o tema da felicidade, fizeram a pergunta que lhes interessava.

– Riquezas e honrarias deixam-me indiferente – respondeu ele – e mesmo as afeições mais lídimas e naturais, os laços de família, os prazeres da amizade, não me preenchem o ser. Minha única devoção é o

bem público, e este é o menos correspondido dos amores e a mais infeliz das paixões.

"Eu estive no poder; recusei-me a sustentar com fundos do tesouro e com o sangue de nossos soldados expedições organizadas por flibusteiros e aproveitadores para seu próprio enriquecimento e ruína do país; recusei-me a entregar o exército e a esquadra à sanha dos fornecedores, e caí pelas calúnias de velhacos que me acusavam, sob os aplausos da plebe imbecil, de trair os sagrados interesses e a glória da pátria. Contra os bandidos de alto bordo ninguém me defendeu. Vendo a toleima e a cobardia de que é feito o sentimento popular, tenho saudades do poder absoluto. A fraqueza do rei me desespera; a pequenez dos grandes é para mim um espetáculo execrável; a inépcia e improbidade dos ministros, a ignorância, a baixeza e a venalidade dos representantes do povo enchem-me alternadamente de espanto e de furor. Para aliviar os dissabores que me ralam durante as horas do dia, eu escrevo à noite e regurgito assim o fel que me alimenta."

Com uma barretada Quatrefeuilles e Saint-Sylvain despediram-se do grão-vassalo e, avançando alguns passos pela galeria, viram-se frente a frente com um homúnculo de diminuta estatura, evidentemente gebo, pois que se lhe via o dorso por cima da cabeça, e que, de um modo requebrado, gingava exageradamente.

– com esse aí – disse Quatrefeuilles – é inútil falar.

– Quem sabe? – fez Saint-Sylvain.

– Pode estar certo: eu o conheço bem – tornou o escudeiro.

– Sou seu confidente. Ele tem todos os motivos para viver contente de si e satisfeito com a sua pessoa. Esse pequeno corcunda é a coqueluche das mulheres. Damas da corte e da cidade, atrizes, burguesas, cortesãs, coquetes, puritanas, devotas, as mais belas, as mais altivas, ele as tem a seus pés. Para contentá-las, perde a saúde e a vida e, presa de melancolia, carrega o fardo de ser uma mascote.

– Eu por mim daria de bom grado a minha camisa – disse Quatrefeuilles. – Tenho, diria, uma disposição feliz. Sempre contente; bebo e como bem, durmo bem. Sou felicitado pelo meu ar saudável; dizem que tenho boa cara; de fato, não é da minha cara que me queixo. Mas sinto na bexiga um peso e um calor que me mareiam a alegria de viver. Hoje de manhã dei à luz uma pedra do tamanho de um ovo de pomba. Receio que minha camisa de nada valeria para o rei.

– Eu daria a minha – disse Saint-Sylvain. – Mas também eu tenho a minha pedra: minha mulher. Casei-me com a mulher mais feia e rabugenta que já existiu, e, sabendo embora que o futuro a Deus pertence, acrescento temerariamente a mais feia e rabugenta que jamais existirá, pois a repetição de um tal original é tão altamente improvável que praticamente pode dizerse impossível. Há peças que a natureza não prega duas vezes. . . Depois, pondo de parte aquele assunto penoso:

– Quatrefeuilles, meu amigo, estamos sendo insensatos. Não será na corte nem entre os poderosos do mundo que se há de encontrar um homem feliz.

– O senhor fala como um filósofo – retrucou Quatrefeuilles.

– Expressa-se como esse pulha de Jean-Jacques. Pois está enganado. Tanto há homens felizes e dignos de sê-lo nos palácios dos reis e nos palacetes da aristocracia quanto nos cafés dos letrados ou nas tascas freqüentadas pelos trabalhadores braçais. Se não encontramos um sob estes tetos hoje, é que se fazia tarde e faltou-nos o ensejo favorável. Vamos à noite ao jogo da rainha e teremos melhor sorte.

– Procurar um homem feliz a uma mesa de jogo! – exclamou Saint-Sylvain. – É o mesmo que procurar pérolas numa plantação de nabos, ou a verdade na boca de um político!... O embaixador da Espanha dá

uma festa esta noite; toda a cidade comparecerá. Vamos lá e facilmente deitaremos mão numa boa e profícua camisa.

– Aconteceu-me algumas vezes – disse Quatrefeuilles – botar a mão na camisa de uma mulher feliz, e o fiz com prazer. Mas a felicidade não durava mais que um momento. Se lhe falo assim, não é para gabar-me (aliás não há razão para tal), nem para lembrar venturas passadas, e que podem repetir-se, pois, contrariamente ao provérbio, todas as idades têm o mesmo prazer. Minha intenção é outra, mais séria e mais virtuosa, e liga-se diretamente à augusta missão de que fomos ambos incumbidos: é a de submeter-lhe uma idéia que acaba de ocorrer-me. Não lhe parece, Saint-Sylvain, que ao prescrever a camisa de um homem feliz o Dr. Rodrigue deve ter tomado o termo "homem" em sua acepção genérica, conceituando toda a espécie humana, abstração feita do sexo, e denotando uma camisa de mulher tanto quanto uma de homem?

“Por mim, é o que me inclino a crer, e, se for este igualmente o seu aviso, poderemos alargar o nosso campo de pesquisa e crescer em mais do dobro as nossas probabilidades de sucesso, eis que, numa sociedade refinada e culta como a nossa, as mulheres são mais felizes que os homens: nós fazemos mais por elas do que elas fazem por nós. Saint-Sylvain, sendo a tarefa destarte amplificada, poderemos dividi-la. Assim, por exemplo, a partir desta noite e até amanhã de manhã, eu procuraria uma mulher feliz enquanto o senhor procuraria um homem venturoso. Convenha, meu caro, que uma camisa de mulher é uma cousa delicada. Já me foi dado apalpar uma que passava dentro de um anel: a batista era mais fina que uma teia de aranha. E que me diz, meu caro, da camisa que uma dama da corte de França, ao tempo de Maria Antonieta, levou a um baile dobrada em seu toucado? Seria gentil de nossa parte, a meu ver, apresentar ao rei nosso amo uma bela camisa de cambraia com seus entremeies, seus folhos de valencianas, com esplêndidas ombreiras de fita cor-de-rosa, mais vaporosa que um sopro, perfumada de íris e de amor.

Mas Saint-Sylvain insurgiu-se vivamente contra aquele modo de entender a fórmula do Dr. Rodrigue.

– Que idéia, Quatrefeuilles! – exclamou. – Uma camisa de mulher produziria no rei uma felicidade feminina, que o cobriria de opróbrio e vergonha. Não discutirei aqui, Quatrefeuilles, se a mulher é mais capaz de felicidade do que o homem. Não é este o tempo ou lugar: é hora de irmos jantar. Os fisiologistas atribuem à mulher uma sensibilidade mais apurada que a nossa; mas essas são generalidades transcendentais que passam sobre as cabeças e não definem ninguém. Não sei se, como diz acreditar, nossa sociedade evoluída é mais propícia à ventura das mulheres que à dos homens. Ao que vejo, em nosso mundo, elas não criam os filhos, não gerem a casa, não sabem nada, não fazem nada, e se matam de cansaço: consomem-se em brilhar, como as velas; não sei se é uma sorte invejável. Mas não é esta a questão. Talvez um dia venha a existir um único sexo; talvez três ou mesmo mais. Neste caso, a moral sexual será mais rica, mais diversa e mais extensa. Até lá, temos dois sexos; há muito de um no outro, muito de homem na mulher e muito de mulher no homem. No entanto, eles são distintos: cada qual tem a sua natureza, a sua moral e as suas leis, seus prazeres e suas dores. Se feminizarmos o seu sentido de felicidade, com que olho gélido não passará o nosso rei a olhar *Mme. de la Poule*?... E talvez acabe, com sua hipocondria e languidez, por comprometer a honra do nosso grande país. É o que quer, Quatrefeuilles?

"Observe um pouco, na galeria do Paço Real, a história de Hércules, figurada em gobelinos; veja o que aconteceu àquele herói singularmente infeliz em matéria de camisas: por capricho ele vestiu a de Ônfale, e desde então só quis saber de fiar lã. É a sina que a sua indiscrição prepara para o nosso nobre soberano."

– Está bem! está bem! – fez o escudeiro-mor – fica o dito por não dito, e não se fala mais nisso.



# CAPÍTULO IV

## Jerônimo

A EMBAIXADA DA Espanha fulgurava na noite. O reflexo das luminárias dourava as nuvens. Guirlandas de fogo, orlando as aléias do parque, davam às folhagens próximas a transparência e o brilho da esmeralda. Fogos-de-bengala avermelhavam o céu acima das grandes árvores negras. Uma orquestra invisível derramava sons voluptuosos na brisa leve. A elegante multidão dos convidados cobria o gramado; fraques agitavam-se na sombra; fardas militares cintilavam de cruces e crachás; vultos claros deslizavam graciosamente sobre a relva, deixando esteiras de perfume.

Quatrefeuilles, avistando dois ilustres homens de estado, o presidente do conselho e seu predecessor, a palestrar ao pé da estátua da Fortuna, pensou em abordá-los.

Mas Saint-Sylvain o dissuadiu.

– São dois coitados – disse-lhe. – Um não se conforma com ter perdido o poder, o outro treme de medo de perdê-lo. E a ambição que os domina é tanto mais abjeta quanto um e outro são mais livres e mais poderosos numa condição privada que no exercício do poder, em que só se conseguem manter por uma humilde e degradante submissão aos caprichos das Câmaras, às paixões cegas do povo e aos interesses dos banqueiros. O que com tanto empenho eles perseguem é o seu pomposo aviltamento. Ah! Quatrefeuilles, fique com seus cães, seus cavalos e seus picadores e não aspire a governar os homens.

Afastaram-se. Mal tinham dado alguns passos quando, atraídos por um coro de risadas que partia de um bosquete, para ali se dirigiram e viram, sob o dossel de verdura, sentado em quatro cadeiras, um homenzarrão mal-enjorcado, que, numa voz aliciante, contava histórias a uma assembléia numerosa, suspensa dos seus lábios de velho fauno e inclinada para a sua carantonha sobre-humana, que dir-se-ia enlambuzada da lia dionisíaca.

Era o homem mais célebre do reino e o único popular, Jerônimo. Falava verbosamente, alegremente, ricamente, lançava ditos no ar, desfiava narrativas, umas excelentes, outras menos boas, mas que faziam rir. Contou que um dia, em Atenas, a revolução social se cumprira, que os bens foram repartidos e as mulheres postas em comum, mas que logo as velhas as feias se queixaram de ver-se postas de lado, e que então foi baixada uma lei em seu favor, obrigando os homens a passar por elas para chegar às jovens e bonitas; e descreveu com vigoroso chiste grotescos himeneus, amplexos cômicos e os horrorizados heroísmos dos rapazes ante o aspecto de amantes remelosas e moncosas, que pareciam quebrar nozes entre o queixo e o nariz.

Depois contou historietas livres e picantes, histórias de judeus alemães, de padres, de labregos, todo um chorrilho de anedotas jocosas e facécias divertidas.

Jerônimo era uma estupenda máquina oratória. Quando falava, toda a sua pessoa, dos pés à cabeça, falava. Nunca se vira um orador capaz de tão completa encenação. Alternadamente grave, trocista, sublime, picaresco, dominava todas as espécies de eloquência. Aquele mesmo homem que entre as moitas do jardim recitava como histrião consumado, para os basbaques e para si mesmo, toda sorte de patuscas chocarrices, na véspera, no Parlamento,, ateara com sua voz possante clamores e ovações, fizera tremerem os ministros e vibrarem as tribunas, e com os ecos da sua fala sacudira o país.

Manhoso em sua veemência, calculado em seus arroubos, tornara-se líder da oposição sem se indispor

com o poder e, agitando as massas, freqüentava a aristocracia.

Diziam-no o homem do tempo. Era o homem da hora: seu espírito acomodava-se sempre ao momento e ao lugar. Pensava tempestivamente; seu gênio vasto e vulgar correspondia à vulgaridade dos cidadãos; sua ciclópica mediocridade apagava todas as grandezas e todas as pequenezas em torno de si: só ele ficava em evidência.

Bastaria a sua saúde para assegurar-lhe a felicidade: era sólido e maciço como a sua alma. Grande bebedor, grande amador de carne assada e de carne fresca, alimentava-se de alegria e abocanhava uma parte leonina dos prazeres deste mundo. Ouvindo-o contar as suas esplêndidas histórias, Quatrefeuilles e Saint-Sylvain riam como os outros e, cutucando-se com os cotovelos, lançavam olhares de esguelha à camisa em que Jerônimo liberalmente entornara os molhos e os vinhos de um lauto regabofe.

O embaixador de um povo orgulhoso, que regateava ao rei Cristophe uma amizade interesseira, caminhava, soberbo e solitário, no tabuleiro de relva. Aproximou-se do colosso e inclinou-se levemente diante dele. Instantaneamente Jerônimo transfigurou-se: uma serena e afável gravidade, uma calma soberana esprou-se em seu semblante, e as sonoridades extintas da sua voz afagaram com as mais nobres blandícias da linguagem o ouvido do embaixador. Toda a sua atitude exprimia o conhecimento dos negócios estrangeiros, o espírito das conferências e congressos; tudo nele, incluindo a gravata de cadarço, a camisa bufante e a calça elefantina assumiram por milagre o decoro diplomático e o ar das embaixadas.

Os convidados se afastaram e os dois ilustres personagens conversaram longamente em tom cordial, denotando um pé de intimidade que foi muito reparado e comentado entre os políticos e damas da "carreira".

– Jerônimo – dizia um – será ministro dos Negócios Estrangeiros quando quiser.

– E quando for – dizia outro – vai botar o rei no bolso. A embaixatriz da Áustria, examinando-o através do lornhão, disse:

– É um rapaz inteligente. Vai longe.

Terminado o colóquio, Jerônimo saiu a dar um giro pelos jardins com seu fiel Jobelin, um magricela com cabeça de mocho que não o largava nunca.

O secretário de estado e o escudeiro-mor foram atrás.

– É a camisa de que precisamos – disse baixinho Quatrefeuilles. – Mas será que ele a cede? Ele é socialista e combate o governo do rei.

– Ora! ele não é mau sujeito – replicou Saint-Sylvain.

– Ademais, é um homem de siso. Não deve desejar uma mudança, pois é da oposição. Não tem responsabilidades; é uma situação ideal: deve querer conservá-la. Um bom oposicionista é sempre conservador. Ou muito me engano, ou esse demagogo ficaria muito aborrecido se prejudicasse o seu rei. Se negociarmos com habilidade, conseguiremos a camisa. Ele se entenderá com a corte, com Mirabeau. Mas deverá ter garantias de sigilo.

Enquanto eles assim falavam, Jerônimo passeava, o chapéu de banda, fazia molinetes com a bengala, dava largas ao seu humor chistoso em dictérios, em graçolas, em gaitadas, em exclamações, em maus jogos de palavras, em trocadilhos obscenos e escatológicos, em cantarolas. Entrementes, quinze passos adiante, o duque de Aulnes, árbitro da elegância e príncipe da juventude, encontrando uma dama sua conhecida, cumprimentou-a muito simplesmente com um pequeno gesto seco mas não desprovido de graça. O tribuno observou-o com olhar atento, depois, tornando-se sombrio e pensativo, deixou cair a

manopla no ombro do magriço: – Jobelin – disselhe –, eu daria a minha popularidade e dez anos da minha vida para usar o fraque e falar às mulheres como aquele bonifrate.

Sua alacridade se fora. Agora ele avançava taciturno, cabisbaixo, a contemplar com desgosto a própria sombra, que uma lua irônica lhe projetava entre as pernas como um João-teimoso azul.

– O que foi que ele disse? . . . Estará a caçar? – perguntou Quatrefeuilles, preocupado.

– Nunca falou tão sério e nunca foi mais sincero – respondeu Saint-Sylvain. – Ele acaba de nos revelar a chaga que o rói. Jerônimo não se conforma com o fato de não ser aristocrata e elegante. Ele não é feliz. Eu não daria um ceutil pela sua camisa.

O tempo corria e a busca prometia ser laboriosa. O escudeiro e o secretário decidiram prosseguir em suas pesquisas cada qual por seu lado, e acertaram encontrar-se à hora do jantar no pequeno salão dourado, para instruir-se mutuamente dos resultados conseguidos. Quatrefeuilles saiu a investigar de preferência os militares, os altos dignitários e os grandes proprietários, não se esquecendo de colher informações junto às mulheres.

Saint-Sylvain, mais perspicaz, procurava ler nos olhos dos banqueiros e auscultar os diplomatas.

Encontraram-se à hora marcada, ambos cansados e descorçoados.

– Vi, sim, homens felizes – disse Quatrefeuilles. – Mas cada qual tem algo que lhe água a felicidade. Os soldados se mordem da ambição de uma medalha, de um posto ou de uma dotação. As honras e vantagens alcançadas pelos seus rivais lhes intoxicam o fígado. À notícia de que o General de Tintille foi nomeado duque de Comores, eu os vi amarelos como cocos e verdes como lagartos. Um ficou vermelho: teve uma apoplexia. Nossos fidalgos morrem ao mesmo tempo de tédio e de dores de cabeça por causa de suas terras; sempre em demandas com os vizinhos, depenados pelos rábulas, consomem em preocupações a sua enojosa ociosidade.

– Eu cá não tive mais sorte! – disse Saint-Sylvain. – E o que me causa espécie é ver que os homens sofrem por razões opostas e por motivos contrários. Vi o Príncipe de Estelles contrariado porque é enganado pela esposa, não que a ame, mas porque tem amor-próprio, e o Duque de Mauvert infeliz porque a mulher não o engana, o que lhe frustra os meios de restaurar a sua casa arruinada. Este é apoquentado pelos filhos; aquele se desespera por não tê-los. Encontrei burgueses cujo sonho é morar no campo e senhores de herdade que só pensam em estabelecer-se na cidade. Ouvei confidencias de dois gentis-homens, um inconsolável por ter matado em duelo o homem que lhe tomara a amante; o outro desesperado por não ter acertado o rival.

– Nunca pensei – suspirou Quatrefeuilles – que fosse tão difícil encontrar um homem feliz.

– Pode ser também que estejamos metendo os pés pelas mãos – objetou Saint-Sylvain. – Temos estado procurando a esmo, sem método, sem saber exatamente o que procuramos. Nós não definimos a felicidade. Há que defini-la.

– Seria tempo perdido – rebateu Quatrefeuilles.

– Perdão – replicou Saint-Sylvain. – Quando a tivermos definido, isto é, determinado, limitado, fixado em seu tempo e lugar, teremos maiores probabilidades de encontrá-la.

– Não creio – disse Quatrefeuilles.

Mesmo assim convieram em consultar sobre o assunto o homem mais sábio do reino, o Sr. Chaudesaigues, diretor da biblioteca real.

O sol já raiava quando chegaram de volta ao palácio. Cristophe V passara mal a noite e reclamava impacientemente a camisa medicinal. Desculpam-se pelo atraso e subiram ao terceiro andar, onde o Sr. Chaudesaigues os recebeu numa vasta sala que continha oitocentos mil volumes impressos e manuscritos.

# CAPÍTULO V

## A Biblioteca Real

TENDO-OS CONVIDADO a sentar-se, o bibliotecário mostrou com um gesto aos visitantes a multidão de livros arrumados contra as quatro paredes, do piso à cornija.

– Estão ouvindo? Não ouvem a algazarra que eles fazem? Tenho os tímpanos estourados. Falam todos a um só tempo e em todas as línguas. Discutem tudo: Deus, a natureza, o homem, o tempo, o número e o espaço, o cognoscível e o incognoscível, o bem e o mal; examinam tudo, contestam tudo, afirmam tudo, negam tudo. Arrazoam e desarraçoam. Há os leves e solenes, alegres e tristes, prolixos e concisos; muitos falam sem nada dizer, contam sílabas e agrupam sons segundo leis cuja origem e espírito ignoram: são os mais contentes de si. Há-os de uma espécie austera e taciturna, que especulam tão-somente a respeito de objetos despojados de qualquer qualidade sensível e cuidadosamente resguardados das contingências naturais; esses se debatem no vazio, se agitam nas impalpáveis categorias do nada, e são disputadores ferrenhos, que põem na defesa dos seus símbolos e construções uma sanha sanguinária. Não me deterei nos que escrevem a história do seu tempo ou de tempos precedentes, pois nesses não há quem acredite. Ao todo são oitocentos mil nesta sala, e não há dois que pensem exatamente igual sobre um mesmo tema; mesmo os que se repetem uns aos outros não se entendem entre si. O mais das vezes, não sabem o que dizem nem o que os outros disseram.

"Senhores, de ouvir esse berreiro universal, eu sei que acabarei maluco, como acabaram todos os que antes de mim viveram nesta sala de vozes incontáveis, salvo os que entraram naturalmente imbecis, como o meu venerável colega, o Sr. Froidefond, que vêm sentado defronte a catalogar com manso ardor. Esse nasceu simples e simples se conservou. Era uno e não se fez diverso. Pois a unidade não pode produzir diversidade, e é esta, senhores, façó-lhes notar de passagem, a dificuldade primária em que esbarramos quando indagamos a origem das coisas: não podendo a causa ser una, cumpre que seja dupla, tripla, múltipla, o que dificilmente se aceita. O Sr. Froidefond tem o espírito simples e a alma pura. Vive catalogalmente. De todos os volumes que guarnecem estas prateleiras, ele conhece o título e o formato, dominando assim a única ciência exata que se pode adquirir numa biblioteca; e, não tendo nunca penetrado o interior de um livro, permanece imune à mórbida incerteza, ao erro das cem bocas, à dúvida torturante, à pavorosa inquietude, esses monstros que a leitura engendra num cérebro fecundo. Ele é plácido e tranqüilo. Ele é feliz.

– Ele é feliz! – exclamaram a uma voz os dois caçadores de camisa.

– Ele é feliz – repetiu Chaudesaigues. – Só que não sabe disso. Talvez seja a única maneira de se ser feliz.

– Ai! – disse Saint-Sylvain – ignorar que se vive é não viver; ignorar a felicidade não é ser feliz.

Mas Quatrefeuilles, que questionava esse juízo, e em qualquer matéria só se fiava na experiência, aproximou-se da mesa onde Froidefond, mergulhado numa pilha de alfarrábios encapados em bezerra, em badana, em marroquina, em velino, em pergaminho, em couro de porco, em pranchas de madeira, trescalando a pó, a mofo, a rato e a camundongo, catalogava.

– Senhor bibliotecário – disselhe – queira, por obséquio, responder-me. Conhece a felicidade?

– Não conheço nenhuma obra com esse título – respondeu o velho catalogador.

Quatrefeuilles, levantando os braços em sinal de desalento, voltou para o seu lugar.

– Pensem, senhores – disse Chaudesaigues –, que a velha Cibele, carregando o Sr. Froidefond em seu regaco florido, fá-lo descrever uma imensa órbita ao redor do sol, e que o sol arrasta o Sr. Froidefond, com a Terra e todo o seu séquito de astros, através dos pélagos do espaço, em direção à constelação de Hércules. Por quê? Dos oitocentos mil volumes conglomerados em torno de nós, nenhum no-lo pode ensinar. Nós ignoramos isso e tudo o mais. Senhores, nós não sabemos nada. As causas da nossa ignorância são múltiplas, mas eu estou convencido de que a principal está na imperfeição da linguagem. A imprecisão das palavras produz a turbidez das idéias. Se nos déssemos maior cuidado em definir os termos mediante os quais raciocinamos, nossas idéias seriam mais claras e seguras.

– O que foi que eu lhe disse, Quatrefeuilles? – exclamou Saint-Sylvain triunfante.

E, voltando-se para o bibliotecário:

– Sr. Chaudesaigues, isso que acaba de dizer enche-me de alegria. Vejo que, recorrendo ao senhor, fomos bem aconselhados. Viemos pedir-lhe a definição da felicidade. É em benefício de Sua Majestade.

– Responder-lhes-ei o melhor que possa. A definição de um vocábulo deve ser etimológica e radical. Vejamos um dos nomes por que designamos a felicidade: bonheur. E o que quer dizer "bonheur"? "Bonheur" ou "heur bon", hora boa, é o bom augúrio, é o presságio favorável inferido do vôo e do canto das aves, por oposição a "malhem", má hora, que denota um indício infausto, a palavra está dizendo.

– Mas – perguntou Quatrefeuilles –, como descobrir se um homem é feliz?

– Observando frangos! – respondeu o bibliotecário. – Está implícito no termo. "Hora" vem de *auguriutn*, que eqüivale a *avigurium*.

– A observação dos frangos sagrados não se faz desde o tempo dos romanos – objetou o escudeiro-mor.

– Mas – perguntou Saint-Sylvain –, um homem feliz não é um homem a quem a sorte é favorável, e não há certos sinais exteriores e visíveis dessa boa sorte?

– A sorte – respondeu Chaudesaigues – é o que cai bem ou mal, é o lance dos dados. Se bem os compreendo, senhores, procuram um homem feliz, um homem de sorte, ou seja, um homem para quem as aves só têm bons presságios, e que os dados favorecem invariavelmente. Pois esse raro mortal, procurem-no entre os homens cuja vida chega ao termo, e, de preferência, entre os que já estão deitados em seu leito de morte, ou seja, entre os que já não precisam consultar os frangos nem lançar os dados. Pois são os únicos em condições de se felicitar por uma sorte fiel e uma ventura constante. Como diz Sófocles em seu Édipo Rei: Não proclamemos feliz nenhum homem antes que ele morra.

Esse parecer desagradou a Quatrefeuilles, a quem repugnava a idéia de enalçar a felicidade atrás dos santos óleos. Tampouco aprazeria a Saint-Sylvain desvestir a camisa de um agonizante; mas, tendo ele algo de filósofo e de curioso, perguntou ao bibliotecário se sabia de algum bom velhote que tivesse lançado pela derradeira vez os seus dados dignamente chumbados.

Chaudesaigues meneou a cabeça, levantou-se, foi até a janela e ficou-se a tamborilar nas vidraças. Chovia; a praça de armas estava deserta. Ao fundo erguia-se um magnífico palácio cujo ático era encimado por troféus de armas e que ostentava no frontão uma Belona encoifada numa hidra, encouraçada de escamas e brandindo um gládio romano.

– Vão àquele palácio – disse por fim.

– O quê! – fez Saint-Sylvain admirado. – Ao palácio do Marechal de Volmar?

– Isso mesmo. Pode haver sob o céu mortal mais fortunoso que o vencedor de Elbrüz e de Basquir? Volmar é um dos maiores cabos-de-guerra de todos os tempos, e, de todos, o mais constantemente bem-fadado.

– Todo mundo sabe disso – disse Quatrefeuilles.

– E nunca esquecerá – tornou o bibliotecário. – Vindo de um tempo em que as conflagrações dos povos não incendiavam de uma vez a superfície inteira do planeta, o Marechal Pilon, Duque de Volmar, soube corrigir essa injustiça do destino atirando-se, com seu denodo e talento, a todos os pontos do globo onde lavrasse uma guerra. Com doze anos de idade serviu na Turquia e fez a campanha do Curdistão. Desde então, conduziu suas armas, invictas, a todos os quadrantes do mundo conhecido; atravessou quatro vezes o Reno, com uma facilidade de tal modo petulante que o velho rio festoado de caniços, separador de nações pareceu humilhado e escarnecido; com habilidade ainda maior que o Marechal de Saxe, defendeu a linha do Lis; franqueou os Pirenéus, forçou a entrada do Tejo, abriu os portos caucasianos e subiu o Borístenes; alternadamente defendeu e combateu todas as nações da Europa; três vezes salvou a pátria.

# CAPÍTULO VI

## O Marechal Duque De Volmar

HAUDESALIGUES MANDOU BUSCAR as campanhas do Duque de – Volmar. Três moços de biblioteca vergavam sob as rumas. Os mapas abertos estendiam-se sobre as mesas a perder de vista.

– Vejam, senhores, a campanha da Estíria, a campanha do Palatinado, a campanha do Cáucaso, a do Vístula e a da Caramânia. A posição e os movimentos dos exércitos estão precisamente indicados nestes mapas por losangos marcados com lindas bandeirolas, e a ordem das batalhas mostra-se perfeita. Geralmente essa ordem é determinada após a ação, e o gênio dos grandes capitães consiste em erigir em sistema, para benefício próprio, os caprichos do acaso. Mas o Duque de Volmar realmente sempre previu tudo.

"Dêem uma vista de olhos neste plano em escala de um para dez mil da famosa batalha de Baskir, em que os turcos foram derrotados por Volmar. Aqui ele deu mostras do mais prodigioso gênio tático. Os combates se travavam desde as cinco horas da manhã; às quatro da tarde as tropas de Volmar, exaustas, a munição esgotada, recuavam em desordem; o bravo marechal, sozinho à entrada da ponte lançada sobre o Aluta, uma pistola em cada mão, estourava os miolos dos fujões. Já se preparava para bater em retirada quando soube que o inimigo, em plena debandada, se precipitava às tontas no Danúbio. Prontamente fez meia-volta, lançou-se em seu encalço e acabou de destruí-lo. Essa vitória valeu-lhe quinhentos mil francos de prêmio e abriu-lhe as portas do Instituto.

"Imaginam, senhores, encontrar um homem mais feliz que o triunfador de Elbrüz e de Baskir? Ele levou a cabo com sucesso invariável quatorze campanhas, ganhou sessenta batalhas a fio, três vezes salvou do desastre a pátria agradecida. Coberto de glórias e honrarias, prolonga hoje além do termo ordinário, na paz e na abundância, a sua velhice augusta."

– Sem dúvida ele deve ser feliz – disse Quatrefeuilles. Que acha, Saint-Sylvain?

– Vamos pedir-lhe uma audiência – respondeu o secretário de estado.

Recebidos no palácio, atravessaram o vestíbulo, onde se erguia uma estátua eqüestre do marechal. No pedestal viam-se inscritas estas palavras altaneiras: "Lego ao reconhecimento da pátria e à admiração do mundo minhas duas filhas, Elbrüz e Baskir." A escadaria nobre projetava em dupla alça os seus degraus de mármore entre paredes decoradas com panóplias e pendões, e o vasto patamar levava a uma porta de batentes ornados com troféus de armas e granadas inflamadas; encimavam-na as três coroas de ouro outorgadas pelo rei, pelas Câmaras e pela nação ao Duque de Volmar, salvador da pátria.

Saint-Sylvain e Quatrefeuilles estacaram, gelados de respeito, diante da porta fechada; à idéia do herói de que ela os separava, a emoção os mantinha pregados à soleira, e eles não se atreviam a enfrentar tanta glória junta.

Saint-Sylvain lembrou-se da medalha cunhada em comemoração da batalha de Elbrüz, que apresentava no averso o marechal colocando uma coroa na frente de uma Vitória Alada, com este grandioso exergo: *Viciaria Caesarem et Napoleonem coronavit; major autem Volmarus coronat Viciariam.*

E murmurou:

– Esse homem tem cem côvados de altura. Quatrefeuilles apertava com ambas as mãos o coração, que

batia descompassadamente.

Não se haviam ainda recomposto quando ouviram gritos agudos que pareciam vir dos fundos do aposento e aos poucos se aproximavam. Eram guinchos estridentes de mulher misturados ao barulho de pancadas, a que se seguiam débeis gemidos. De repente, escancarados os batentes, um velhote franzino, atropelado a pontapés por uma criada corpulenta, abateu-se como um manequim no alto dos degraus, desgalgou escada abaixo de pontacabeça e estatelou-se, derreado, desnocado, desancado, no vestíbulo, sob as vistas solenes dos lacaios.

Era o Duque de Volmar. Puseram-no de pé. A criada, escabelada e descomposta, esbravejava de cima:

– Deixem estar! Essa coisa só se toca com a vassoura. E, brandindo uma garrafa: – Queria tomar-me a minha pinga! com que direito? Ora, sai-te, velho traste! Não fui eu que te fui procurar, pedaço de carniça!

Quatrefeuilles e Saint-Sylvain se escafederam do palácio com quantas pernas tinham. De volta na praça de armas, Saint-Sylvain observou que em seu último jogo de dados o herói não fora feliz.

– Quatrefeuilles – acrescentou –, vejo que me enganei. Pensei proceder seguindo um método exato e rigoroso; estava errado. A ciência nos confunde. Voltemos ao senso comum. Só nos governamos bem pelo empirismo mais grosseiro. Busquemos a felicidade sem nos preocupar em defini-la.

Quatrefeuilles estendeu-se longamente em destampatórios e invectivas contra o bibliotecário, que acusava de ter-lhes pregado uma peça. O que mais o desgostava era ver a sua fé convelida, o culto que votava ao herói nacional maculado, enxovalhado em sua alma. Isso o fazia sofrer. Sua dor era generosa, e é certo que as dores generosas contêm em si o seu próprio lenitivo e, por assim dizer, a sua recompensa: suportam-se melhor, mais levemente, com uma coragem mais fácil, do que as dores egoístas e interesseiras. Seria injusto pretender que fosse diferente. Assim, dentro de alguns minutos Quatrefeuilles tinha a alma suficientemente aliviada e a mente suficientemente clara para reparar que a chuva, caindo-lhe sobre o chapéu de seda, lhe alterava o lustre, e suspirou: – Ainda por cima o meu chapéu leva a breca!

Ele fora militar e no passado servira ao rei como tenente de dragões. Foi por isso que teve uma idéia: foi comprar na livraria do estado-maior, situada na praça de armas, à esquina da Rua das Estrebarias, um mapa do reino e um plano da capital.

– Nunca se deve entrar em campanha sem mapas! – disse.

– O diabo é lê-los. Aqui está nossa cidade com seus arrabaldes. Por onde começar? Pelo norte ou pelo sul, pelo leste ou pelo oeste? Já se observou que todas as cidades crescem para oeste. Talvez haja nisso um indício que não devemos desprezar. É possível que os moradores dos bairros do ocidente, ao abrigo do vento maligno do nascente, gozem de melhor saúde, tenham o humor mais igual e sejam mais felizes. Ou quem sabe, comecemos por aquelas encostas aprazíveis que se elevam à margem do rio, dez léguas ao sul da cidade. É onde se encontram, nesta estação, as mais opulentas famílias do país. E, digam o que digam, é entre os abastosos que se deve procurar um homem feliz.

– Quatrefeuilles – respondeu o secretário de estado –, eu não sou um inimigo do povo, não sou infenso ao bem-estar da sociedade. Vou falar-lhe dos ricos como homem de bem e bom cidadão. Os ricos são dignos de estima e reverência; eles sustentam o estado enquanto se enriquecem ainda mais, e, benfazejos mesmo sem querer, alimentam uma infinidade de pessoas que trabalham na conservação e acrescentamento dos seus bens. Ah! a riqueza privada é bela, digna, excelente! Deve ser poupada, resguardada e privilegiada pelo legislador prudente. É iníquo, imoral, desleal, contrário aos direitos mais sagrados e funesto à fazenda nacional gravar a opulência! É um dever social convencer-se de que

os ricos são bons; e é bom acreditar que são felizes. Avante, Quatrefeuilles!

# CAPÍTULO VII

## Das Relações Entre a Riqueza e a Felicidade

RESOLVIDOS A COMEÇAR pelo melhor, isto é, pelo mais rico, Jacques Felgine-Cobur, dono de montanhas de ouro, de minas de diamante, de mares de petróleo, perlongaram muito tempo os muros do seu parque, que cercavam vastas pradarias, matas, quintas e casais. A cada entrada do domínio onde se apresentavam, eram encaminhados a outra.

Cansados de ir e vir e dar voltas e mais voltas, viram um cantoneiro que quebrava pedras na estrada, à frente de um portão armoriado, e perguntaram-lhe se era por ali que se passava para chegar ao Sr. Jacques Felgine-Cobur, que desejavam visitar.

O homem endireitou penosamente o torso magro e voltou para eles um rosto escaveirado, meio escondido por óculos de grade.

– Jacques Felgine-Cobur sou eu – disse ele. E, vendo-lhes o espanto: – Eu quebro pedras: é a minha única distração.

Depois, curvando-se outra vez, deu com a marreta num calhau, que se partiu com um estalo seco. Afastaram-se.

– Esse é rico demais – disse Saint-Sylvain. – Sua fortuna o esmaga. É um infeliz.

Quatrefeuilles sugeriu que procurassem em seguida um rival de Jacques Felgine-Cobur, Joseph Machero, o rei do aço, cujo castelo novo em folha assomava lôbrego no cume de uma elevação vizinha, com suas torres ameaçadas e seus muros crivados de seteiras e eriçados de atalaias. Saint-Sylvain o dissuadiu.

– Já vimos o retrato dele: tem uma cara de meter dó. Sabe-se pelos jornais que é pietista, vive como um pobre, evangeliza meninos e canta salmos na igreja. Mais vale procurarmos o Príncipe de Lusance. Esse é um verdadeiro aristocrata, que sabe gozar a sua riqueza. Foge da balbúrdia dos negócios e não vai à corte. É cultor de jardinagem. Tem a mais bela coleção de quadros do reino.

Fizeram-se anunciar. O Príncipe de Lusance recebeu-os em seu salão de antigüidades, onde se via a melhor cópia grega conhecida da Afrodite de Cnido, obra de um cinzel verdadeiramente praxiteliano e cheia de venustidade. A deusa parecia ainda aljofrada pelas espumas do mar. Um medalheiro em paurosa, que pertencera a *Mme.* de Pompadour, continha as mais primorosas peças de ouro e prata da Grécia e da Sicília. Fino conhecedor, o príncipe em pessoa redigia o catálogo das suas medalhas. Sua lupa percorria ainda na vitrina pedras gravadas, jaspes, ônix, sardônicas, calcedônias, circunscrevendo no tamanho de uma unha figuras de um estilo largo, grupos compostos com magnífica amplitude. com mão amorosa, apanhou de sobre a mesa um pequeno fauno de bronze, convidando os visitantes a admirar-lhe a patina e o perfil, numa linguagem digna da obra-prima que explicava.

– Estou à espera – acrescentou – de uma remessa de prataria antiga, de taças e copas que dizem mais belas que as de Hildesheim e que as de Boscoreale! Não vejo a hora de vê-las. Para Cavlus não existia maior volúpia que a de desembalar caixotes. Sou da mesma opinião.

Saint-Sylvain sorriu:

– Dizem no entanto, meu caro príncipe, que Vossa Alteza é um perito em todas as sortes de volúpias.

– Bondade sua, Saint-Sylvain. Mas eu tenho para mim que a arte do prazer é a maior de todas, e que as demais só têm valor pelo concurso que lhe emprestam.

Conduziu os visitantes à sua galeria de pinturas, onde se concertavam os tons argênteos de Veronese, o âmbar de Ticiano, os vermelhos de Rubens, os ruivores de Rembrandt, o cinza e os rosados de Velasquez; onde todas essas paletas cantantes 'compunham uma esplêndida harmonia. Um violino dormia esquecido numa cadeira de braços, sob o retrato de uma dama triguenha, de bandós lisos, a tez olivácea, os grandes olhos castanhos a devorar–lhe os zigomas: uma desconhecida cujas formas Ingres afagara com mão amorosa e certa.

– Vou confessar–lhes uma mania que tenho – disse o Príncipe de Lusance. – Às vezes, quando estou só, eu toco diante destes quadros e dou–me a ilusão de traduzir em sons a harmonia dessas cores e desenhos. Diante desse retrato, procuro interpretar a firme carícia das linhas, e então, desencorajado, largo o meu violino.

Uma janela abria para o parque. O príncipe e os visitantes debruçaram–se ao balcão.

– Que magnífica vista! – exclamaram Quatrefeuilles e Saint-Sylvain.

Uma série de terraços, atonetados de estátuas, laranjeiras e touças floridas, conduzia em lentos e fáceis degraus a um relvado ourelado de sebes e a tanques onde a água, em alvas paveias, jorrava de conchas, tritões e urnas de ninfas. À direita e à esquerda um mar de verdura estendia–se em vagas aplacadas até o rio distante cuja fita de prata a vista acompanhava entre os choupos, o pé de colinas envoltas em róseos vapores.

Até aqui sorridente, o príncipe fixou um olhar desgostoso sobre um ponto daquela vasta e bela extensão.

– Aquela chaminé!... – resmungou com voz alterada. Apontava com o dedo uma chaminé de usina que fumava a mais de meia légua do parque.

– Chaminé? Mal se enxerga – disse Quatrefeuilles.

– Eu não enxergo outra coisa – respondeu o príncipe. Ela me estraga toda esta paisagem, estraga–me a natureza inteira, estraga–me a vida. E o mal não tem remédio. Ela pertence a uma companhia que não concorda em ceder a usina por preço nenhum. Tentei todos os meios possíveis de escondê–la; não consegui. Isso me deixa doente.

E, afastando–se da janela, afundou–se numa poltrona.

– Devíamos tê–lo previsto – disse Quatrefeuilles entrando no carro. – Um perfeccionista: ele é infeliz.

Antes de prosseguir em sua busca, sentaram–se um momento no pequeno jardim de uma baiúca situada no alto da montanha, donde se descortinava a bela várzea, o rio luminoso e coleante e suas ilhas ovais. Malgrado aqueles dois reveses desanimadores, ainda esperavam descobrir um miliardário feliz. Restava–lhes uma dúzia a visitar na região, entre outros o Sr. Bloch, o Sr. Potiquet, o Barão Nichol, o maior industrial do reino, e o Marquês de Granthosme, talvez o mais rico de todos e de família ilustre, tão onusta de glórias quanto de bens.

Perto deles um homem comprido e magro tomava um caneco de leite, dobrado sobre si mesmo, flácido como um travesseiro; seus grandes olhos pálidos caíam–lhe no meio das bochechas; o nariz pendia sobre a boca. Parecia aniquilado de dor e fitava angustiado os pés de Quatrefeuilles.

Após vinte minutos de contemplação, levantou–se, lúgubre e resoluto, aproximou–se do escudeiro–mor e, desculpando–se pela importunidade, falou: – Senhor, permita–me fazer–lhe uma pergunta que é para mim

de extrema importância. Quanto paga pelas suas botinas?

– Em que pese a estranheza do quesito –olveu Quatrefeuilles – não vejo inconveniente em responder–lhe. Paguei por este par sessenta e cinco francos.

Por longo tempo o desconhecido examinou alternadamente os próprios pés e os do interlocutor, comparando os calçados com atenção concentrada.

Depois, pálido e em voz comovida:

– Diz ter pago sessenta e cinco francos por essas botinas. Tem certeza disso?

– É claro.

– Senhor, pense bem no que está dizendo!...

– Bolas! – resmoneou Quatrefeuilles, que começava a impacientar-se – vejo que é um sapateiro jocoso, senhor.

– Não sou sapateiro – respondeu o estranho com suavidade humilde. – Sou o Marquês de Granthosme.

Quatrefeuilles cumprimentou.

– Senhor – prosseguiu o marquês –, eu tive o pressentimento: ai! mais uma vez fui roubado! O senhor paga pelas suas botinas sessenta e cinco francos, eu pago pelas minhas, exatamente iguais, noventa. Não é o preço que me importa: o preço nada significa para mim; mas eu não suporto ser roubado. Eu não vejo, não respiro em meu redor senão fraude, furto, improbidade, mentira, e abomino a minha riqueza que corrompe toda a gente que me acerca, domésticos, intendentes, vendedores, vizinhos, amigos, esposa, filhos, e mos torna desprezíveis e odiosos. É uma situação atroz. Nunca posso ter certeza de não ter diante de mim um desonesto. E ser parte do gênero humano me mata de desgosto e de vergonha.

E o marquês voltou a derruir-se sobre o seu caneco, suspirando:

– Sessenta e cinco francos! sessenta e cinco francos!.. Nesse instante, uma explosão de queixumes e gemidos ressoou na estrada, e os dois emissários do rei viram um velho que se lamentava, acompanhado de dois corpulentos lacaios de libré. A cena confrangeu-os. Mas o bodegueiro explicou-lhes com indiferença:

– Não é nada. É o Barão Nichol. É riquíssimo!. .. Ficou maluco, imagina-se arruinado e passa os dias a choramingar.

– O Barão Nichol! – exclamou Saint-Sylvain. – Mais um a quem pensávamos pedir a camisa, Quatrefeuilles!

A este último encontro, desistiram de seguir procurando entre os ricos do reino a camisa salutar. Descontentes com os insucessos do dia e antevendo uma péssima acolhida no castelo, acusaram-se mutuamente pela cinca.

– Que idéia a sua, Quatrefeuilles, vir atrás dessa gente para alguma coisa que não para observações teratológicas! Moral, idéias, sensações, neles nada é são, nada é normal. São monstros.

– Ué! E o senhor, Saint-Sylvain, não me disse que a riqueza é uma virtude, que é justo acreditar na bondade dos ricos, que é doce acreditar que são felizes? Mas, veja bem: há riqueza e riqueza. Quando a nobreza for pobre e a gentalha rica, será a subversão do estado, o fim de tudo.

– Quatrefeuilles, lamento dizer–lhe: o senhor não sabe patavina da organização dos estados modernos. Não compreende a época em que vive. Mas isto não vem ao caso. Que tal se tentássemos a alegre

mediana? De acordo? A meu ver seria de bom alvitre comparecermos amanhã a algumas recepções de damas cidadinas, burguesas e tituladas. Teremos ocasião de observar toda espécie de gente, e, por mim, começaríamos pelas burguesas de condição modesta.

# CAPÍTULO VIII

## Os Salões da Capital

ASSIM FIZERAM. COMEÇARAM pela casa de *Mme. Soupe*, mulher de um fabricante de massas alimentícias que tinha uma fábrica no Norte. Encontraram o Sr. e a Sra. Soupe infelizes por não serem convidados por *Mme. Esterlin*, mulher do dono de uma fundição e deputado ao parlamento. Foram à casa de *Mme. Esterlin* e a encontraram desolada, como o Sr. Esterlin, por não serem recebidos por *Mme. Colombier*, mulher de um par do reino e ex-ministro da Justiça. Dirigiram-se à mansão dos Colombier e encontraram o par e sua consorte agastados por se verem excluídos da privança da rainha.

Os visitantes que encontraram nessas várias casas não se sentiam menos infelizes, desolados e agastados. Achaques, penas de amor, preocupações de dinheiro os roíam. Os que tinham posses temiam perdê-las, mais desgraçados que os que nada tinham. Os obscuros almejavam a evidência, os ilustres queriam brilhar ainda mais. O trabalho acabrunhava a maioria; e os desocupados amargavam um tédio mais martirizante que o trabalho. Diversos padeciam por males de outrem, sofriam com os sofrimentos de uma esposa ou de um filho bem-amados. Muitos definhavam de uma enfermidade que não tinham, mas que imaginavam ter ou cujo insulto temiam.

Uma epidemia de cólera grassara pouco antes na cidade, e contava-se de um banqueiro que, apavorado com a ameaça do contágio, e não julgando nenhum refúgio suficientemente seguro, se suicidara.

– O pior – disse Quatrefeuilles – é que essas pessoas todas, não contentes com os males reais que sobre elas chovem como grossa saraivada, abismam-se num mar de males imaginários.

– Não há males imaginários – respondeu Saint-Sylvain. Todos os males são reais desde que experimentados. A ilusão da dor é uma dor verdadeira.

– Pode ser – replicou Quatrefeuilles. – Mas quando eu mijo pedras do tamanho de um ovo de pata, gostaria que fosse uma ilusão.

Mais uma vez Saint-Sylvain observou que com freqüência os homens se afligem por razões opostas e contrárias. No salão de *Mme. Colombier*, conversara sucessivamente com dois homens de alta inteligência, esclarecidos e cultos, os quais, pelas voltas e rodeios que inconscientemente imprimiam às suas reflexões, lhe haviam desvelado a dor moral que intimamente os minava. Era da ordem pública que ambos tiravam a sua inquietação; mas tiravam-na ao revés.

O Sr. Brome vivia no constante pavor de uma mudança. Na estabilidade presente, em meio à paz e à prosperidade de que gozava o país, receava rebeldias e temia uma completa eversão. Era com mãos trêmulas que abria os jornais; todas as manhãs esperava deparar a notícia de tumultos e motins. Sob essa impressão, transformava os fatos mais banais e os mais corriqueiros incidentes em prelúdios de revoluções, em pródromos de cataclismos. Imaginando-se sempre na iminência de um desastre universal, vivia em perpétuo sobressalto.

Um tormento diametralmente oposto, mais raro e mais estranho, assovelava o Sr. Sandrique. A calma o enfastiava, a ordem pública o aborrecia, a paz era-lhe odiosa, a esplêndida conformidade com as leis humanas e divinas o apoquentava. Em segredo ele ansiava por transformações e, fingindo receá-las, suspirava por calamidades.

Aquele homem bom, afável, delicado, humano, não imaginava outro entretenimento que a convulsão do país, do mundo, do universo, espreitando até nos astros conflagrações e colisões. Desiludido, abatido, entristecido, taciturno, quando o tom dos periódicos e o aspecto das ruas lhe indicavam a inalterável calma da nação, ele a ressentia tanto mais quanto, tendo conhecimento dos homens e experiência política, sabia bem como o espírito conservador, a tradição, a imitação e a submissão são arraigados nos povos, e como é igual e ronqueira a marcha da vida social.

Na recepção de *Mme. Colombier*, Saint-Sylvain sofreu ainda um outro desencanto, mais vasto e de maior consequência.

A um canto da sala de visitas, o Sr. de Galissonnière, presidente do tribunal civil, disqueteava placidamente e em voz baixa com o Sr. Larivedu-Mont, administrador do jardim zoológico.

– Confesso-lhe, meu amigo – dizia o Sr. de Galissonnière –, o pensamento da morte me tortura. Persegue-me todo o tempo, e eu morro sem cessar. A morte me apavora, não por si mesma, que ela é de pouca monta, mas pelo que lhe sucede, a vida futura. Eu creio nela; tenho a fé e a certeza da imortalidade. Razão, instinto, ciência, revelação, tudo me demonstra a existência de uma alma imperecível, tudo me prova a natureza, a origem e a destinação do homem, tais como no-las dita a Igreja. Eu sou cristão; acredito nas penas eternas. A imagem terrível dessas penas persegue-me sem trégua. Tenho medo do inferno, e esse medo, sobrepujando qualquer outro sentimento, destrói em mim a esperança e as demais virtudes de que depende a salvação, atira-me no desespero e me expõe à condenação que me horroriza. O pavor da danação me dana, o terror do inferno nele me precipita e, ainda em vida, eu conheço por antecipação os tormentos eternos. Não existe suplício comparável a este que suporto e que se faz sentir mais cruciantemente de ano para ano, de dia para dia, de hora para hora, visto que cada dia, cada minuto que passa me aproxima daquilo que me terrorifica. Minha vida é uma agonia repleta de ânsia e desfalecimento.

Proferindo estas palavras, o magistrado bracejava como se afastando as inextinguíveis labaredas de que se sentia circundado.

– Pois, meu caro amigo, eu o invejo – suspirou o Sr. Larivedu-Mont. – O senhor é feliz comparado a mim. Também a mim é a idéia da morte que me dilacera; mas como esse idéia difere da sua, e como a supera em horror! Meus estudos, minhas observações, a prática constante da anatomia comparada e aprofundadas pesquisas sobre a estrutura da matéria deram-me a completa convicção de que expressões como alma, espírito, imortalidade e imaterialidade representam tão-somente fenômenos físicos ou sua negação, e que, para nós, o termo da vida é o termo também da consciência; numa palavra, que a morte consuma a nossa anulação total. Quanto ao que se segue à vida, não há como exprimi-lo, pois o termo "nada" com que o designamos não é mais que um símbolo de negação que se opõe à natureza inteira. O nada é um não-ser infinito, e esse não-ser nos envolve. Nós viemos dele e para ele vamos; estamos entre dois nadas como uma concha à beira-mar. O nada é impossível e é certo; não o podemos conceber, mas ele é. A desgraça do homem, veja bem, sua desgraça e seu pecado é ter descoberto estas coisas. Os outros animais não as sabem; nós deveríamos ignorá-las para sempre. Ser e deixar de ser! O horror dessa idéia me arrepiava os cabelos na cabeça; ela não me abandona um só momento. O que não será me envenena e me corrompe o que é, e o nada me engolfa de antemão. Paradoxo atroz! Eu me sinto nele, vejo-me nele.

– O meu caso é pior — replicou o Sr. de Galissonnière. Cada vez que ouço essa palavra, essa pérfida e delectável palavra, "nada", a sua melodia me acarinha a alma, e, como o travesseiro de um doente, dá-me a promessa illusória do sono e do repouso.

Mas Larivedu-Mont contestou:

– Meus sofrimentos são mais insuportáveis que os seus, visto que o vulgo sustenta a idéia de um inferno eterno, e se faz mister uma força de alma incomum para ser ateu. Uma educação religiosa, um pensamento místico infundiram no senhor o medo e o ódio à vida humana. O senhor não é apenas cristão e católico: é um jansenista, e carrega em si o abismo a cuja borda caminhou Pascal. Quanto a mim, eu amo a vida, a vida desta terra, a vida tal como é, esta vida cadela. Amo—a brutal, grosseira e vil; amo—a suja, sórdida, podre; amo—a estúpida, imbecil, cruel; amo—a em sua obscenidade, em sua ignomínia, em sua infâmia, em sua imundícia, sua fealdade e seu fedor, suas corruções e suas infecções. Sentindo que ela me escapa e me foge, o desespero me enlouquece e eu tremo como um polirão. Nos domingos, nos dias feriados, eu percorro os bairros populares, misturo-me à turba que flana pelas ruas, meto-me em grupos de homens, mulheres e crianças, à volta de cantores ambulantes ou de tendas de quermesse; roço saias sujas, camisas sebosas, aspiro odores fortes e quentes de suor, de hálitos, de cabelos. Mergulhado nesse fervilhar de vida, sinto-me mais longe da morte. Ouço uma voz que me diz: 'O medo que eu te meto, só eu te posso curar; da fadiga com que te oprimem as minhas ameaças, só eu te proporcionarei repouso.' "Mas eu não quero! não quero!"

– Ai de nós! – suspirou o magistrado. – Se não nos curarmos nesta vida das mazelas que corroem nossas almas, a morte não nos trará repouso.

– O que mais me irrita – prosseguiu o sábio – é que, quando estivermos ambos mortos, não terei sequer a satisfação de dizer-lhe: "Veja, Galissonnière! eu estava certo: não há nada." Não me poderei vangloriar de ter tido razão. E o senhor, o senhor jamais será desabusado. O preço que se paga por pensar! O senhor, meu amigo, é infeliz porque o seu pensamento é mais vasto e mais potente que o dos bichos e o da maior parte dos homens. E eu sou mais infeliz que o senhor porque tenho mais entendimento.

Quatrefeuilles, que entreouvira fragmentos desse diálogo, não lhe deu muita importância.

– Essas são angústias transcendentais – disse ele. – Podem ser cruéis, mas são pouco comuns. A mim me alarmam mais as penas mais vulgares, as dores e deformidades do corpo, o mal de amor e a falta de dinheiro, que tornam tão difícil a nossa comissão.

– Além do mais – observou Saint-Sylvain –, esses dois senhores forçam exageradamente as suas doutrinas a torná-los miseráveis. Se Galissonnière consultasse um bom padre jesuíta, logo seria sossegado, e Larivedu-Mont deveria saber que se pode ser ateu com serenidade como Lucrecio e até com exultação como André Chénier.

Deveria ter em mente aquele verso de Homero: "Morto está Pátrocles, que valia mais que tu", e conformar-se com melhor decoro em ir juntar-se um dia aos seus mestres, os filósofos da Antigüidade, os humanistas do Renascimento, os pensadores modernos e tantos outros que valem mais que ele. "E morrem Paris e Helena", disse François Villon. "Somos todos mortais", disse Cícero. "Todos morremos", disse a mulher cuja prudência a Escritura louva no Segundo Livro dos Reis.

# CAPÍTULO IX

## A Ventura de Ser Amado

FORAM JANTAR NO Parque Real, local elegante que é para a capital do Rei Cristophe o que é o Bois de Boulogne para Paris, a Cambre para Bruxelas, o Hyde Park para Londres, o Thiergarten para Berlim, o Prater para Viena, o Prado para Madri, as Cascine para Florença, o Pincio para Roma. Sentados ao ar livre, entre a luzida multidão de jantadores, circunvagavam o olhar pelos grandes chapéus carregados de plumas e flores, pavilhões errantes de prazeres, agitados abrigos de amores, pombais para onde voavam desejos.

– Acho – disse Quatrefeuilles – que o que procuramos se encontra aqui. Como a qualquer outro, aconteceu-me ser amado: é a ventura, Saint-Sylvain. Ainda hoje eu me pergunto se não será esta a única ventura dos homens; e, ainda que suportando o peso de uma bexiga mais carregada de pedras que uma carroça saindo da pedreira, dias há em que me sinto enamorado como aos vinte anos.

– Quanto a mim – respondeu Saint-Sylvain –, sou misógino. Não perdôo às mulheres o serem do mesmo sexo de *Mme.* Saint-Sylvain. Qualquer uma, eu sei, é menos imbecil, menos maldosa e menos feia, mas que tenham com ela algo em comum já é demais.

– Isso não vem ao caso, Saint-Sylvain. Eu lhe digo que o que nós procuramos está aqui, e que nos basta estender a mão para alcançá-lo.

E, mostrando um homem de bela aparência sentado só a uma mesinha:

– Ali está Jacques de Navicelle. O senhor o conhece. Ele agrada às mulheres, a todas as mulheres. Se isso não é felicidade, então não sei o que seja.

Saint-Sylvain propôs que se certificassem. Convidaram Jacques de Navicelle a fazer mesa comum, e, durante o jantar, conversaram familiarmente com ele. Vinte vezes, com longos circunlóquios ou solertes indiretas, de frente, de viés, por insinuação ou abertamente, tentaram escutar se ele seria feliz; mas nada arrancaram daquele companheiro cuja palavra elegante e semblante encantador não traduziam nem contentamento nem tristeza. Jacques de Navicelle palestrava com gosto, mostrava-se franco e natural; chegava mesmo a fazer confidencias; mas estas embuçavam-lhe o segredo, tornavam-no ainda mais impenetrável. Sem dúvida ele era amado; mas, isso o fazia feliz ou infeliz?

Quando foi servida a sobremesa, os dois inquisidores do rei renunciaram a sabê-lo. Cansados da luta, passaram a pairar de frioleiras, e falaram de si mesmos: Saint-Sylvain de sua esposa, Quatrefeuilles de sua pedra fundamental, particular que tinha em comum com Montaigne. Bebericando licores, os três contaram histórias: a história de *Mme.* Bérille, que escapou de um apartamento reservado disfarçada em entregador de pão, com um cesto à cabeça; a história do General Débonnaire com a Baronesa de Bildermann; a história do ministro Vizire e de *Mme.* Cérès, que, como Antônio e Cleópatra, causaram com beijos o desmoronamento de um império; e várias outras, antigas e recentes. Jacques de Navicelle contou um conto oriental:

– Um jovem mercador de Bagdá, estando uma manhã deitado em sua cama, sentiu-se intensamente amoroso e exprimiu em altos brados o seu desejo de ser amado por todas as mulheres. Foi ouvido por um djim, que lhe apareceu e lhe disse: "Teu desejo está cumprido. A partir deste momento serás amado por todas as mulheres." Imediatamente o jovem mercador saltou da cama e, radiante, prelibando variadas e

inesgotáveis delícias, saiu para a rua. Mal caminhará alguns passos e uma velha horrenda, que filtrava vinho num porão, tomada à sua vista de um amor abrasador, soprou-lhe beijos pelo espiráculo. Ele virou-lhe a cara com repulsa, mas a velha puxou-o pela perna e arrastou-o para um subterrâneo, onde o manteve prisioneiro durante vinte anos.

Jacques de Navicelle terminava o seu conto quando o maître d'hôtel veio avisá-lo de que ele era esperado. Ele se levantou e, com olhos taciturnos e a cabeça baixa, dirigiu-se para a entrada do jardim, onde, ao fundo de um cupê, uma figura um tanto desabrida estava à espera.

– Ele acaba de contar a sua própria história – disse Saint-Sylvain. – O jovem mercador de Bagdá é ele mesmo.

Quatrefeuilles bateu na testa:

– Já me haviam dito que ele era guardado por um dragão: tinha-me esquecido.

Chegaram tarde ao palácio, sem outra camisa além das suas próprias, e encontraram o Rei Cristophe e *Mme.* de Ia Poule, que, debulhados em pranto, escutavam uma sonata de Mozart. No convívio com o rei, *Mme.* de Ia Poule, atacada de melancolia, alimentava idéias sombrias e insanos terrores. Imaginava-se perseguida, vítima de tramas abomináveis; vivia no pavor constante de ser envenenada e obrigava as criadas de quarto a provar todos os pratos de sua mesa. Sentia medo da morte e impulsos suicidas.

O estado do rei se agravava com o da dama com que ele passava os seus tristes dias.

"Os pintores", dizia Cristophe V, "são artífices funestos da impostura. Empréstam uma beleza tocante às mulheres que choram, e nos exibem Heloíças, Ártemis, Andrômacas e Madalenas adereçadas de lágrimas. Tenho um retrato de Adrienne Lecouvreur no papel de Cornélia, a regar com seu pranto as cinzas de Pompeu: é adorável. No entanto, *Mme.* de Ia Poule, quando desanda a chorar, a cara se congestiona, o nariz fica vermelho: ela fica feia de matar."

O desditoso monarca, que só vivia na espera da camisa salvadora, vituperou Quatrefeuilles e Saint-Sylvain por sua negligência, pela sua inépcia e pela sua caiporice, contando talvez que dessas três inquinações uma pelo menos haveria de ser justa.

– Os senhores me deixarão morrer, como fazem meus médicos Machellier e Saumon. Quanto a estes, é o seu ofício. Mas dos senhores eu esperava outra coisa: confiava na vossa inteligência e na vossa devoção. Vejo que me enganava. Voltar de mãos abanando! Não se envergonham? Era a vossa missão tão custosa de cumprir? Será coisa tão difícil encontrar a camisa de um homem feliz? Se nem disso são capazes, para que me servem? Quem quer vai, quem não quer manda. Isto vale para os particulares e com melhor razão para os reis. Vou agora mesmo desencavar essa camisa que os senhores não alcançam descobrir.

E, desvestindo a camisola e a carapuça de dormir, ordenou que lhe trouxessem suas roupas.

Quatrefeuilles e Saint-Sylvain tentaram dissuadi-lo.

– Sire, no vosso estado, que imprudência!

– Sire, é meia-noite passada.

– E supõem – respingou o rei – que as pessoas felizes se deitam com as galinhas? Já não há lugares de prazer em minha capital? Já não há restaurantes noturnos? Meu prefeito de polícia mandou fechar os bordéis: estarão eles por isso menos abertos? Mas nada disso importa. Eu encontrarei o que procuro na rua, em qualquer banco de praça.

Tão pronto vestido, Cristophe V saltou por sobre *Mme.* de Ia Poule, que se estorcia no chão em

convulsões, precipitou-se escadas abaixo e atravessou os jardins a correr. Quatrefeuilles e Saint-Sylvain, consternados, seguiram-no à distância, em silêncio.

# CAPÍTULO X

## A Felicidade Estará na Consunção<sup>(1)</sup>?

CHEGANDO À AVENIDA, sombreada por anosos olmos, que orlava o Parque Real, viu um homem moço, notavelmente bonito, que, encostado a um tronco, contemplava com expressão jubilosa as estrelas que traçavam no céu limpo os seus misteriosos signos cintilantes. A brisa agitava-lhe os cabelos encaracolados; reflexos das claridades celestes brilhavam-lhe nos olhos.

– Achei! – pensou o rei.

E aproximou-se do mancebo tão risonho e belo, que ao vê-lo estremeceu ligeiramente.

– Lamento, senhor – disse-lhe o rei –, perturbar-lhe o devaneio. Mas a pergunta que lhe vou fazer é de interesse vital para mim. Não recuse responder a alguém que talvez esteja em posição de valer-lhe, e que saberá ser grato. O senhor é feliz?

– Sou.

– Não lhe falta nada para a sua felicidade?

– Nada. Claro, não foi sempre assim. Como todos os homens, eu sofri as dores de viver, e talvez as tenha sofrido mais cruelmente do que a maioria. Elas não me vinham nem da minha condição particular, nem de circunstâncias fortuitas, mas da essência comum a toda a humanidade e a tudo que respira; eu sentia um grande desconforto. Ele dissipou-se por completo. Hoje desfruto uma calma perfeita, uma doce euforia; tudo em mim é paz, contentamento, satisfação profunda; uma exultação sutil penetra todo o meu ser. Cá me vê, senhor, no mais belo momento de minha vida, e, já que os fados promoveram este encontro, faço-o testemunha da minha beatitude. Finalmente estou livre, isento das ânsias e terrores que oprimem os homens, das ambições que os devoram, das loucas esperanças que os embalam. Pairo acima da fortuna; evado os dois inimigos invencíveis: o espaço e o tempo. Posso afrontar os destinos. Posso a felicidade absoluta e eonfundo-me com a divindade. E este estado venturoso é obra minha: deve-se a uma resolução que tomei, tão sábia, tão boa, tão bela, tão virtuosa, tão eficaz, que o ato de tomá-la é o bastante para nos divinizar. Eu nado em regozijo, flutuo em sublime embriaguez. com perfeita consciência e na excelsa plenitude de sua significância, eu formulo esta declaração que é a síntese de todas as volúpias, de todos os êxtases, de todas as exaltações: "Eu já não sou eu!"

Consultou o relógio.

– Está na hora. Adeus!

– Só uma palavra mais, senhor. O senhor pode salvar-me. Eu..

– O único meio de salvar-se é seguir o meu exemplo. Agora tenho de deixá-lo. Adeus!

E o desconhecido, a passo heróico e num porte juvenil, embrenhou-se no parque que margeava a avenida. Cristophe, obstinadamente, correu atrás dele. No momento em que penetrava no arvoredo, ouviu um disparo; avançou, afastou os ramos e viu o moço feliz estendido no chão, a têmpera furada por um tiro, a mão direita ainda segurando o revólver.

Àquela cena, o rei caiu desfalecido. Quatrefeuilles e Saint-Sylvain, acorrendo, ajudaram-no a voltar a si e o levaram de volta ao palácio. Cristophe informou-se a respeito do rapaz que encontrara diante dos

seus olhos uma ventura fatal. Soube que era herdeiro de uma família nobre e rica, tão inteligente quanto belo e invariavelmente protegido pela sorte.

# CAPÍTULO XI

## Sigismond Dux

NO DIA SEGUINTE, Quatrefeuilles e Saint-Sylvain, sempre em busca da camisa curativa, desciam a pé pela Rua da Constituição quando encontraram a Condessa Cécile, que saía de uma loja de música. Acompanharam-na à sua carruagem.

– Sr. de Quatrefeuilles, o senhor não foi visto ontem na clínica do Professor Quilleboeuf; nem o senhor, Saint-Sylvain. Deviam ter ido; foi muito interessante.

O Professor Quilleboeuf convidou todo o mundo elegante, uma turba e ao mesmo tempo uma elite, para a sua operação das cinco horas, uma linda ovariectomia.

Havia flores, toaletes, música; serviram-se gelados. O professor apresentou-se com uma elegância, uma graça inigualáveis. Tiraram-se clichês para o cinematógrafo.

Quatrefeuilles não se espantou muito com a descrição. Sabia que o egrégio cirurgião operava num ambiente de luxo e de festa; teria ido pedir-lhe a camisa se uns poucos dias antes não tivesse visto o Prof. Quilleboeuf inconsolável por não ter sido ele a operar as duas celebridades mais em evidência no momento: o imperador da Alemanha, que tivera removido um quisto pelo Prof. Hilmacher, e a anã do Folies-Bergère, que, tendo engolido um cento de pregos, não queria que lhe abrissem o estômago e tomara óleo de rícino.

Saint-Sylvain, parando junto à vitrina da loja de música, viu um busto de Sigismond Dux e deixou escapar uma grande exclamação:

– É esse, é esse o homem que procuramos! É esse o homem feliz!

O busto, muito parecido, mostrava traços nobres e regulares, uma dessas figuras harmoniosas e plenas, que lembram um globo terráqueo. Embora já velho e muito calvo, tinha o grande musicista um ar tão imponente quanto encantador. O crânio projetava-se redondo como o domo de uma igreja, mas um nariz um tanto grosso plantava-se abaixo dele com vigor luxurioso e profano; a barba aparada não dissimulava os lábios carnudos, uma boca báquica e afrodisíaca. Era bem a imagem de um gênio que compunha sublimes oratórios e a música de teatro mais sensual e apaixonada.

– Como é possível – continuou Saint-Sylvain – que não tenhamos pensado em Sigismond Dux, que sabe desfrutar tão plenamente a sua imensa glória, hábil em tirar partido de todas as vantagens e excêntrico o bastante para poupar-se as peias e estopadas das altas posições; o mais espiritual e o mais sibarítico dos gênios, jucundo como um deus, descuidoso como um animal selvagem, combinando, em seus amores sem conta, ao mais sutil requinte o cinismo mais brutal!

– É um temperamento pletórico – disse Quatrefeuilles. Sua camisa não pode deixar de fazer bem a Sua Majestade. Vamos pedir-lha.

Foram introduzidos num hall vasto e sonoro como uma sala de café-concerto. Um órgão, elevado três degraus, cobria um pano de parede com sua caixa de incontáveis tubos. Paramentado numa dalmática de brocado e num barrete de doge, Sigismond Dux improvisava melodias. Dos seus dedos nasciam sons que transtornavam as almas e faziam fundir-se os corações. Sobre os três degraus atapetados de púrpura, um bando de mulheres reclinadas, exuberantes ou mimosas, esguias e serpentinas umas, outras encorpadas e

roliças, de um esplendor pujante, todas igualmente belas e voluptuosas, ardentes e embevecidas, contorciam-se a seus pés. Em toda a extensão do hall, uma fremente multidão de jovens americanas, banqueiros judeus, diplomatas, cantoras, bailarinas, sacerdotes católicos, anglicanos e budistas, príncipes africanos, afinadores de piano, poetas, jornalistas, empresários, fotógrafos, homens vestidos de mulher e mulheres em trajes masculinos, comprimidos, confundidos, caldeados, formava uma compacta massa de devotos, por sobre a qual, trepados às colunas, cavalgando os candelabros, dependurados aos lustrês, agitavam-se jovens e acrobáticos adoradores. Toda aquela imensa chusma nadava em ebriedade: era o que se chamava uma vesperal íntima.

O órgão silenciou. Um enxame de mulheres envolveu o mestre, que, por instantes, assomou dentre elas a meio-corpo como um astro luminoso, para remergulhar em seguida.

Ele era meigo, melífluo, lúbrico, lascivo. Simpático, não mais fátuo do que convinha, grande como o mundo e gentil como um cupido, ao sorrir mostrava entre as barbas grisalhas dentinhos de menino e a todas dizia coisas simples e sutis que as encantavam, e que não dava para reter de tão tênues que eram, de sorte que o encanto perdurava intacto, cristalizado em mistério. Era igualmente afável e benévolo com os homens, e, vendo Saint-Sylvain, abraçou-o três vezes e afirmou-lhe que o prezava ternamente. O secretário do rei não perdeu tempo: pediu-lhe uma palavra em particular da parte do rei e, tendo-lhe sumariamente exposto a importante missão de que fora incumbido, disse-lhe:

– Mestre, dê-me a sua ca...

Interrompeu-se, vendo as feições de Sigismond Dux subitamente descompostas.

Na rua, um realejo pusera-se a moer a Polca dos Junquiilhos. E, desde os primeiros compassos, o grande homem empalidecera. A Polca dos Junquiilhos, a coqueluche da estação, era de um pobre violinista de taberna chamado Bouquin, obscuro e miserável. E o mestre, aureolado por quatro décadas de glória e de conquistas, não podia suportar que uma parcela de louvor se desviasse para Bouquin; aquilo o melindrava como uma afronta intolerável. O próprio Deus é ciumento e ressentido a ingratidão dos homens. Sigismond Dux não podia ouvir a Polca dos Junquiilhos sem adoecer.

Bruscamente deixou Saint-Sylvain, a multidão de adoradores, o magnífico bando de mulheres extasiadas, e correu para o seu quarto de banho para vomitar uma bacia de bile.

– É um coitado – suspirou Saint-Sylvain.

E, puxando Quatrefeuilles pelas abas do casaco, transpôs os umbrais do músico infeliz.

# CAPÍTULO XII

## Onde Se Discute Se o Vício É Uma Virtude

DURANTE QUATORZE MESES, da manhã à noite e da noite à manhã, eles vasculharam a cidade e os arredores, observando, examinando, perguntando. Em vão. O rei, cujas forças se esvaíam dia a dia, e que agora avaliava a dificuldade da tarefa, ordenou ao seu ministro do Interior que constituísse uma comissão extraordinária, encarregada, sob a direção de Quatrefeuilles, Chaudesaigues, Saint-Sylvain e Froidefond, de proceder com plenos poderes a uma devassa secreta sobre as pessoas felizes do reino.

O prefeito de polícia, atendendo às instruções do ministro, pôs os seus mais hábeis agentes à disposição dos comissários, e em breve, na capital, os indivíduos fortuneiros passaram a ser caçados com tanto afinco e diligência quanto em outros lugares os malfetores e os anarquistas. Tão logo suspeito de felicidade, um cidadão era denunciado, espionado, seguido. Dois agentes de polícia, com suas grandes botinas ferradas, batiam a calçada todo o tempo, para lá e para cá, sob as janelas de pessoas tidas como bem-fadadas. Um aristocrata comprava um camarote na Ópera, e era prontamente posto sob vigilância. Um proprietário de coudelaria cujo cavalo ganhasse uma corrida era guardado à vista. Em toda casa de encontros, um funcionário, postado na portaria, anotava as entradas. E, consoante uma observação do prefeito de polícia, a de que a virtude traz felicidade, beneméritos, fundadores de obras de beneficência, doadores generosos, esposas desprendidas e fiéis, cidadãos assinalados por atos de devotamento, mártires e heróis eram igualmente indigitados e submetidos a rigorosas investigações.

Essa vigilância pesava sobre a população inteira; mas a razão da mesma era totalmente ignorada. Quatrefeuilles e Saint-Sylvain não haviam confiado a ninguém que buscavam uma camisa afortunada, receando, como já foi dito, que pessoas cúpidas ou ambiciosas, fingindo gozar uma felicidade perfeita, impingissem ao rei como propícia uma peça impregnada de misérias, desgostos e preocupações. A insólita ação da polícia produzia inquietação nas classes altas, e percebia-se uma certa efervescência na cidade. Várias damas de respeito viram-se comprometidas. Escândalos rebentaram.

A comissão se reunia todas as manhãs na biblioteca real, sob a presidência do Sr. de Quatrefeuilles, assistido pelos Srs. Trou e Boncassis, conselheiros de estado em função extraordinária. Em cada sessão eram examinados em média mil e quinhentos dossiês. Após quatro meses de funcionamento, não se lograra apurar qualquer indício de um homem feliz.

Como o presidente Quatrefeuilles se lamentasse por isso:

– Ai de nós! – exclamou o Sr. Boncassis – os vícios fazem sofrer, e não há homem sem vícios.

– Eu não os tenho – suspirou o Sr. Chaudesaigues – e todavia vivo em desespero. Uma vida sem vícios é só langor, abatimento e tristeza. O vício é a única distração que se pode gozar neste mundo. O vício é o colorido da existência, a centelha do espírito, o sal da alma. E mais, o vício é a única originalidade, a única força criadora do homem; é uma tentativa de organização da natureza contra a natureza, de entronização do reino humano acima do animal, de uma criação humana contra a criação sem autoria, de um mundo consciente em meio à inconsciência universal. O vício é o único bem próprio do homem, seu verdadeiro patrimônio, sua autêntica virtude no sentido próprio da palavra, pois virtude significa atributo do homem (*virtus, vir*). Tentei entregar-me a ele. Não pude. É preciso ter talento, há mister uma bossa natural. Um vício afetado não é vício.

– Ora essa! – disse Quatrefeuilles – e o que é que o senhor chama de vício?

– Chamo de vício uma disposição habitual ao que a maioria considera como anômalo e perverso, quer dizer, a moral individual, a força individual, a virtude individual, a beleza, a pujança, o gênio.

– Apoiado! – aplaudiu o conselheiro Trou. – É uma questão de saber-se o que se quer.

Mas Saint-Sylvain refutou com veemência a tese do bibliotecário.

– Não fale de vícios – disse ele – já que não os tem. Não sabe do que está falando. Eu os tenho; tenho vários, e posso garantir-lhe que tiro deles menos satisfação que desagrado. Nada é mais molesto que um vício. A gente se atormenta, se abrasa, se esfalfa para satisfazê-lo, e, tão logo o satisfaz, tudo que sente é um enorme enfaro.

– O senhor não falaria assim, meu caro – replicou Chaudesaigues –, se tivesse belos vícios, vícios nobres, imponentes, altaneiros, elevados, verdadeiramente virtuosos. Os seus, meu caro, são viciozinhos timoratos, presunçosos e mesquinhos. O senhor não é, meu caro, um grande contemptor dos deuses.

A essas palavras, Saint-Sylvain sentiu-se a princípio picado; mas o bibliotecário fez-lhe ver que não havia nelas nada de ofensivo. Saint-Sylvain deu-se por satisfeito e fez com calma e firmeza esta reflexão:

– Ai de nós! A virtude como o vício, o vício como a virtude, tudo é esforço, coação, luta, sofrimento, trabalho, canseira. Por isso somos todos infelizes.

Mas o presidente Quatrefeuilles queixou-se de que tinha a cabeça a estourar.

– Senhores – disse –, deixemos de filosofices. Não é para isto que estamos aqui.

E encerrou a sessão.

Aconteceu com a comissão de felicidade como com todas as comissões parlamentares e extraparlamentares constituídas em todos os tempos e em todos os lugares: não chegou a parte alguma, e, após cinco anos de deliberações, dissolveu-se sem ter produzido qualquer resultado aproveitável.

O rei não ia melhor. A neurastenia, como o Velho dos Mares, assumia para combali-lo as formas mais diversas e terríveis. Ele se queixava de sentir que todos os seus órgãos, tendo-se tornado erráticos, movimentavam-se incessantemente dentro do seu corpo e viajavam para sítios desacostumados: o rim para o pescoço, o coração para a barriga da perna, as tripas para o nariz, o fígado para a goela, o cérebro para o abdome.

– Não podem imaginar – ajuntava – como essas sensações são penosas e lançam confusão nas idéias.

– Sire, tanto melhor o imagino – respondia Quatrefeuilles – quanto em minha juventude me aconteceu com freqüência subir-me o ventre à cachola, o que dava às minhas idéias o torneio que se pode figurar. Meus estudos de matemática sofreram bastante com isso.

Quanto mais se agravavam os achaques de Cristophe, mais desesperadamente ele clamava pela camisa que lhe fora prescrita.

# CAPÍTULO XIII

## O Pároco Miton

– VOLTO A DIZER – disse Saint-Sylvain a Quatrefeuilles – que se deixamos de encontrar é porque não soubemos procurar. Decididamente eu creio na virtude, como creio na felicidade. E elas são inseparáveis. Sem dúvida são raras, e se ocultam. Imagino que as descobriremos sob telhados humildes, em rincões remotos. Se estiver de acordo, iremos procurá-las preferivelmente na região agreste e montanhosa que é a nossa Sabóia e o nosso Tirol.

Uma quinzena mais tarde, tinham percorrido sessenta vilarejos nas montanhas, sem encontrar um homem feliz. As mesmas misérias que desolam as cidades se lhes depararam naqueles cafundós, onde a rudez e ignorância das gentes as tornavam ainda mais duras. A fome e o amor, esses dois flagelos naturais, maltratavam aqueles desgraçados com golpes ainda mais brutais e reiterados. Viram patrões sovinas, maridos ciumentos, mulheres mentirosas, criadas envenenadoras, criados assassinos, pais incestuosos, meninos que derrubavam a ucha sobre a cabeça do avô que cochilava ao canto do fogão. O único prazer daqueles lapônios era a embriaguez; sua própria alegria era selvagem, e suas diversões cruéis. Suas festas terminavam em rixas sangrentas.

À medida que os observavam, Quatrefeuilles e Saint-Sylvain se davam conta de que a moral daquela gente não podia ser melhor nem mais pura, que a terra avara os tornava avaros, que uma vida dura os endurecia para os males alheios como para os próprios, que, se eles eram invejosos, cúpidos, hipócritas e mentirosos, incessantemente ocupados em enganar-se uns aos outros, era o efeito natural do seu desvalimento e penúria.

– Como pôde me passar pela cabeça um só momento perguntava a si mesmo Saint-Sylvain – que a felicidade habitasse as choupanas? Deve ser o resultado de uma educação clássica. Virgílio, em seu poema administrativo intitulado Geórgicas, diz que os lavradores seriam felizes se tivessem consciência da sua felicidade. Confessa pois que eles não têm a consciência. Na verdade ele escrevia a mando de Augusto, hábil gestor do Império, o qual temia que viesse a faltar pão em Roma e por isso procurava repovoar os campos. Virgílio sabia como todo mundo que a vida do campônio é árdua. Hesíodo pintou dela um quadro horripilante.

– Uma coisa é certa – disse Quatrefeuilles. – Em todos os países os rapazes e moças do campo só têm uma ambição: empregar-se na cidade. No litoral, as raparigas sonham entrar para as usinas de sardinhas. Nas províncias carvoeiras, o único desejo dos jovens camponeses é enterrar-se nas minas.

Havia naquelas montanhas um homem que, em meio a tantos cenhos franzidos por inquietações, ostentava um sorriso ingênuo. Não sabia cultivar a terra nem pastorear os animais; nada sabia do que sabiam os outros; engrolava coisas sem nexos e cantarolava o dia inteiro uma pequena ária que não tinha fim. Tudo o encantava.

Qualquer lugar era para ele o paraíso. Sua roupa era feita de pedaços multicores, bizarramente cozidos. As crianças o seguiam e apupavam; mas, tendo ele a fama de dar sorte, as pessoas não lhe faziam mal e davam-lhe o pouco de que ele precisava. Era Hurtepoix, o inocente. Comia às portas, com os cachorros, e dormia nos celeiros.

Observando que ele era feliz, e suspeitando que devia haver razões profundas para que a gente do lugar lhe atribuísse influências benfazejas, Saint-Sylvain, depois de longas reflexões, procurou-o para tirar-lhe a camisa. Encontrou-o prosternado, a soluçar, no pórtico da igreja. Hurtepoix acabava de saber da morte de Jesus, crucificado pela redenção da humanidade.

Chegando a um povoado cujo intendente era taberneiro, os dois oficiais do rei convidaram-no a beber com eles e lhe perguntaram se ele acaso conhecia algum homem feliz.

– Senhores – respondeu ele –, estão vendo, na outra vertente do vale, aquela aldeia cujas casas brancas se penduram ao flanco da montanha? Vão lá e apresentem-se ao pároco Miton. Ele os receberá muito bem; e os senhores estarão em presença de um abençoado, e que faz por merecer o seu contentamento. Não levarão mais que um par de horas.

O intendente ofereceu-se para alugar-lhes cavalos. Almoçaram e puseram-se a caminho.

Um rapaz que seguia pela mesma estrada, montando um cavalo melhor, alcançou-os na primeira volta. Tinha um semblante franco, um ar alegre e saudável. Entabularam conversa com ele.

Inteirado de que iam à procura do pároco Miton, disse o rapaz:

– Dêem-lhe lembranças minhas. Eu vou um pouco mais alto, para Sizeraie, onde moro, em meio a belas pastagens. Não vejo a hora de chegar.

E contou-lhes que se casara com a mais linda e meiga das mulheres, e que ela lhe dera dois filhos belos como anjos, um menino e uma menina.

– Venho da capital do cantão – acrescentou em tom contente – e trago belos cortes de fazenda, com moldes e figurinos onde se vê o efeito da costura. Alice (é o nome de minha mulher) não desconfia do presente que lhe trago. Vou entregar-lhe os pacotes embrulhados, e terei o prazer de ver os seus lindos dedos agitados na impaciência de desfazer os atilhos. Ela vai ficar contente; erguerá para mim os olhos deslumbrados e me beijará. Somos felizes, minha Alice e eu. Faz quatro anos que estamos casados e nos amamos mais a cada dia que passa. Temos os campos mais férteis do lugar. Nossos empregados também são felizes; sabem ceifar e sabem bailar. Venham à nossa casa um domingo, senhores; provarão do nosso vinhozinho branco e verão dançar as mais graciosas raparigas e os mais guapos latagões da terra, que levantam no ar as suas dançarinas e as fazem voar como plumas. Nossa casa fica a uma meia hora daqui. É só virar à direita entre aqueles dois rochedos que vêm cinquenta passos à frente e a que chamamos os Pés da Cabra; entrar por uma ponte de madeira que cruza uma cascata e atravessar um bosque de pinheiros que nos protege do vento norte. Em menos de meia hora estarei abraçando a minha pequena família e ficaremos contentes os quatro.

– Vamos pedir-lhe a camisa – disse baixinho Quatrefeuilles a Saint-Sylvain. – Acho que ela vale tanto quanto a do padre Miton.

– Também acho – respondeu Saint-Sylvain.

No momento em que acabavam de trocar essas palavras, um cavaleiro despontou entre os Pés da Cabra e parou, calado e encafifado, à frente dos viajantes.

O jovem reconheceu um de seus rendeiros.

– Que foi, Ulric? – perguntou.

Ulric não respondeu.

– Alguma má notícia? Fala!

– Senhor, sua esposa, impaciente por revê-lo, quis vir ao seu encontro. A ponte quebrou e ela se afogou

no rio com as duas crianças.

Deixando o jovem montanhês alucinado de dor, foram-se atrás do pároco Miton. No presbitério, foram recebidos numa peça que servia ao cura como parlatório e biblioteca; em prateleiras de pinho via-se um milhar de livros, e, nas paredes caiadas, gravuras antigas figurando paisagens de Poussin e Claude Lorrain; tudo ali revelava uma cultura e hábitos de espírito que não se encontram de ordinário num presbítero de aldeia. De meia-idade, o pároco Miton tinha um ar bondoso e inteligente.

Aos visitantes, que fingiam ter em mente estabelecer-se no lugar, ele gabou o clima, a beleza e a feracidade do vale. Ofereceu-lhes pão branco, "frutas, queijo e leite. Depois levou-os ao seu horto, encantadoramente fresco e bem-cuidado; por sobre o muro que recebia o sol, árvores frutíferas alçavam seus galhos com geométrica simetria; as copas se erguiam a espaços iguais, regulares e peçadas.

– Nunca se aborrece, senhor cura? – perguntou Quatrefeuilles.

– O tempo me parece curto entre a minha biblioteca e o meu pomar – respondeu o sacerdote. – Por pacata e tranqüila que seja, minha vida não é menos ativa e laboriosa. Eu celebro os ofícios, visito os pobres e os doentes, confesso os meus paroquianos e paroquianas. As pobres criaturas não têm muitos pecados a contar; posso queixar-me disso? Mas os contam estiradamente, Tenho de reservar algum tempo para preparar os meus sermões e catecismos: meus catecismos sobretudo dão-me trabalho, embora eu os ministre há mais de vinte anos. É um assunto sério falar às crianças; elas acreditam em tudo que ouvem. Também tenho as minhas horas de lazer. Faço passeios; são sempre os mesmos e ainda assim infinitamente variados. Uma paisagem muda com as estações, com os dias, com as horas, com os minutos; é sempre diferente, sempre nova. As longas noites da estação fria passo agradavelmente com velhos amigos, o coletor, o farmacêutico e o juiz de paz. Fazemos música. Morine, minha governanta, é mestra em cozinhar castanhas; nós nos regalamos com elas. Não há nada que saiba melhor ao paladar do que castanhas com um copo de vinho branco.

– Senhor – disse Quatrefeuilles ao bom cura –, estamos em missão do rei. Viemos pedir-lhe que faça uma declaração que será para o país e para o mundo inteiro de grande consequência. Tem a ver com a saúde e talvez com a vida do monarca. Por isso lhe rogamos que desculpe a pergunta que fazemos, por esdrúxula e indiscreta que possa parecer, e a resposta sem qualquer reserva ou reticência. Senhor cura, o senhor é feliz?

O pároco Milton tomou a mão de Quatrefeuilles, apertou-a e disse em voz apenas perceptível: – Minha existência é uma tortura. Eu vivo uma perpétua mentira. Eu não tenho fé.

E duas lágrimas rolaram-lhe dos olhos.

# CAPÍTULO XI

## Um Homem Feliz

TENDO BALDADAMENTE percorrido o reino um ano inteiro, Quatrefeuilles e Saint-Sylvain dirigiram-se à vila de Fontblonde, aonde o rei se fizera transportar para gozar a frescura das matas. Encontraram-no num estado tal de prostração que alarmava a corte.

Os convidados não se hospedavam na vila, que era pouco mais que um pavilhão de caça. O secretário de estado e o escudeiro-mor albergaram-se na aldeia, e, todos os dias, atravessando o mato, iam para junto do seu soberano. Durante esse trajeto encontravam com frequência um homenzinho que morava no oco de um grande plátano da floresta. Chamava-se Mousque e não era bonito de se ver. Tinha uma cara esborrachada, zigomas salientes e um narigão de ventas muito abertas. Mas os dentes quadrados, que os lábios vermelhos descobriam num riso amiudado, davam brilho e simpatia àquela figura selvagem. Como se apossara do grande plátano oco ninguém sabia; mas ele o transformara numa habitação bastante confortável, e provida de tudo que lhe era necessário. Na verdade não precisava de muito. Vivía da floresta e do banhado, e vivia muito bem. Perdoavam-lhe a irregularidade da sua condição porque ele prestava serviços e sabia agradar. Quando as damas da corte saíam a passear de carro pela mata, ele lhes oferecia, em cestas de vime por ele mesmo trançadas, favos de mel, amoras silvestres ou o fruto ácido e açucarado da cerejeira-dos-passarinhos.

Estava sempre pronto a meter o ombro em carroças atoladas, e ajudava a recolher o feno quando o tempo ameaçava. Sem se cansar, fazia mais que qualquer outro.

Tinha uma força e uma agilidade extraordinárias. Era capaz de quebrar com as mãos uma queixada de lobo, de agarrar uma lebre na carreira e de trepar em árvores como um gato. Para agradar às crianças, fabricava flautas de cana, pequenos moinhos de vento e fontes de Hério.

Muitas vezes Quatrefeuilles e Saint-Sylvain ouviram dizer na aldeia: "Feliz como Mousque." Essa frase os impressionou, e um dia, passando pelo plátano oco, eles viram Mousque a brincar com um pequeno buldogue, parecendo tão contente quanto o animalejo.

Resolveram perguntar-lhe se ele era feliz.

Mousque não soube responder, já que nunca pensara na felicidade. Explicaram-lhe grosso modo e em palavras muito simples o que era. Ele pensou um pouco e respondeu que sim, era feliz.

A esta resposta, Saint-Sylvain gritou impetuosamente:

– Mousque, nós te daremos tudo quanto possas desejar, ouro, um palácio, tamancos novos, tudo que quiseses; dá-nos a tua camisa.

A cara bondosa de Mousque exprimiu, não pesar ou decepção, que ele era incapaz de sentir, mas uma grande surpresa. com um gesto ele deu a entender que não podia dar o que pediam. Ele não tinha camisa.

# PUTOIS

*A Georg Brandes*

## CAPÍTULO I

Aquele jardim da nossa infância – disse o Sr. Bergeret – aquele jardim que a gente percorria todo em vinte passos, foi para nós um mundo imenso, cheio de sorrisos e de assombros.

– Luciano, lembras-te de Putois? – perguntou Zoé sorrindo à sua maneira, com os lábios cerrados e o nariz sobre o trabalho de agulha.

– Se me lembro de Putois!... De todas as figuras que me passaram diante dos olhos quando eu era menino, a de Putois é a que se manteve mais viva na minha lembrança. Tenho presentes à memória todos os traços da sua fisionomia e do seu caráter. Ele tinha o crânio pontudo...

– A fronte baixa – acrescentou a Srta. Zoé.

E o irmão e a irmã puseram-se a receitar, alternadamente, em voz monótona, com uma gravidade extravagante, os artigos de uma espécie de identificação:

– A fronte baixa.

– Os olhos garços.

– O olhar fugidio.

– Um pé-de-galinha nas fontes.

– As maçãs salientes, vermelhas e brilhantes.

– As orelhas não tinham dobras.

– Os traços do rosto eram desprovidos de qualquer expressão.

– Só as mãos, sempre a se moverem, traíam-lhe o pensamento.

– Magro, um tanto arqueado, aparentemente débil...

– Era, na realidade, de uma força fora do comum.

– Dobrava facilmente uma moeda de cem soldos entre o indicador e o polegar...

– Que era enorme.

– Tinha a voz arrastada...

– E a palavra melosa.

De súbito o Sr. Bergeret exclamou vivamente:

– Zoé! esquecemos "os cabelos amarelos e o pêlo ralo". Recomecemos.

Paulina, que escutara com surpresa essa estranha recitação, perguntou ao pai e à tia como haviam eles conseguido decorar aquele trecho de prosa, e porque o recitavam como ladainha.

O Sr. Bergeret respondeu gravemente:

– Paulina, o que acabas de, ouvir é um texto consagrado, direi até litúrgico, para uso da família Bergeret. É bom que ele te seja transmitido, a fim de que não pereça comigo e tua tia. Teu avô, minha filha, teu avô Elói Bergeret, que ninguém conseguia divertir com tolices, estimava esse trecho, principalmente em razão de sua origem. Intitulou-o: "A Anatomia de Putois". E costumava dizer que preferia, sob certos aspectos, a anatomia de Putois à anatomia de Quaresmeprenant.

"Se a descrição feita por Xenômanes – dizia ele – é mais sábia e mais rica em termos raros e preciosos, a descrição de Putois leva-lhe grande vantagem pela clareza das idéias e limpidez do estilo." Ele fazia esse julgamento porque o Dr. Ledouble, de Tours, ainda não explicara os capítulos trinta, trinta e um e trinta e dois do quarto livro de Rabelais.

– Não compreendo bem – disse Paulina.

– É porque não conheces Putois, minha filha. Deves saber que Putois foi a figura familiar à minha infância e à de tua tia Zoé. Em casa de teu avô Bergeret falava-se continuamente de Putois. Cada um, por sua vez, acreditava vê-lo.

Paulina indagou:

– Quem era Putois?

Em lugar de responder, o Sr. Bergeret começou a rir, e a Srta. Bergeret também riu, de lábios cerrados.

Paulina movia o olhar de um para outro. Achava estranho que a tia risse com tanto gosto, e ainda mais estranho que ela risse de acordo e em simpatia com o irmão. Era, realmente, singular, pois irmão e irmã não possuíam a mesma feição de espírito.

– Papai, diga-me quem era Putois. Já que deseja que eu o saiba, diga-me.

– Putois, minha filha, era jardineiro. Filho de respeitáveis agricultores artesãos, estabeleceu-se com uma pepineira em Santo Omer. Porém não agradou à sua clientela e fez maus negócios. Tendo deixado esse meio de vida, vivia de ganhos diários. Aqueles que lhe davam trabalho nem sempre tiveram motivo de satisfação com ele.

A estas palavras, a Srta. Bergeret, ainda a rir:

– Deves-te recordar, Luciano: quando nosso pai não encontrava em sua secretária a tinta, as penas, o lacre, a tesoura, dizia: – "Desconfio que Putois passou por aqui."

– Ah! – disse o Sr. Bergeret – Putois não tinha boa reputação.

– É só isso? – perguntou Paulina.

– Não, minha filha, não é só isso. Putois teve uma coisa de notável: era-nos conhecido, familiar, e, no entanto...

– ... não existia – concluiu Zoé.

O Sr. Bergeret fitou a irmã com ar de censura:

– Que palavra, Zoé! E para que romper assim o encanto? Putois não existia... Atreves-te a dizê-lo, Zoé? Zoé, serias capaz de prová-lo? Para afirmar que Putois não existiu, que nunca houve Putois, consideraste bem as condições da existência e os modos do ser? Putois existia, minha irmã. Mas é certo que era de uma existência particular.

– Cada vez compreendo menos – declarou Paulina, desanimada.

– A verdade te surgirá claramente agora mesmo, minha filha. Fica sabendo que Putois nasceu já de idade madura. Eu ainda era menino, tua tia já mocinha. Habitávamos uma casinha num subúrbio de Santo Omer.

Ali nossos pais levavam uma vida retirada e tranqüila, até que foram descobertos por uma velha dama de Santo Omer, a Sr.<sup>a</sup> Cornouiller, que vivia em sua quinta de Monplaisir, a cinco léguas da cidade, e que se verificou ser tia-avó de minha mãe. Usava desse direito de parentesco para exigir que papai e mamãe fossem todos os domingos jantar em Monplaisir, onde se entediavam a valer. Dizia ser de boa praxe jantar em família aos domingos e que só as pessoas mal-nascidas não observavam esse uso antigo. Meu pai chorava de tédio em Monplaisir. Dava pena ver-lhe o desespero. Mas a Sr.<sup>a</sup> Cornouiller não o via. Ela não via nada. Minha mãe se mostrava mais corajosa. Sofria tanto quanto meu pai, talvez mais, e no entanto sorria.

– As mulheres nasceram para sofrer – observou Zoé.

– Zoé, tudo o que vive no mundo está destinado ao sofrimento. Em vão nossos pais recusavam esses funestos convites. A carruagem da Sr.<sup>a</sup> Cornouiller vinha buscá-los todos os domingos, pela tarde. Tinha-se de ir a Monplaisir. Uma obrigação à qual era absolutamente proibido escapar. Uma ordem estabelecida, que só a re-volta podia transgredir. Meu pai terminou revoltando-se, e jurou não aceitar mais um convite, sequer, da Sr.<sup>a</sup> Cornouiller, deixando a mamãe o cuidado de encontrar para essas recusas pretextos decentes e razões variadas, coisa de que ninguém era menos capaz do que ela. Nossa mãe não sabia fingir.

– Dize antes, Luciano, que ela não queria. Ela poderia mentir como as outras.

– O certo é que, quando tinha boas razões, preferia dá-las a inventar razões más. Lembras-te de que um dia lhe aconteceu dizer, à mesa: – "Felizmente Zoé está de coqueluche: passaremos muito tempo sem ir a Monplaisir."

– E era verdade! – exclamou Zoé.

– Tu saraste, Zoé. E a Sr.<sup>a</sup> Cornouiller disse um dia a nossa mãe:

"Minha queridinha, espero que venha domingo com seu marido jantar em Monplaisir." Nossa mãe, expressamente encarregada pelo esposo de apresentar à Sr.<sup>a</sup> Cornouiller um razoável motivo de escusa, imaginou, em tais apuros, uma razão que não era verdadeira: – "Sinto muito, minha cara senhora. Mas será impossível. Domingo eu espero o jardineiro."

"Ouvindo isto, a Sr.<sup>a</sup> Cornouiller olhou, pela janela do salão, o jardimzinho inculto, onde os evônimos e os lilases davam a impressão perfeita de desconhecer a podadeira e continuar a desconhecê-la pelo resto da vida: – "Espera o jardineiro! Para quê?" – "Para trabalhar no jardim."

"E minha mãe, tendo voltado involuntariamente os olhos para aquele quadrilátero de ervas nativas e plantas meio agrestes, a que ela acabava de chamar jardim, reconheceu, espantada, a inverossimilhança da sua invenção. – "Esse homem – disse a Sr.<sup>a</sup> Cornouiller – poderá muito bem vir trabalhar em seu... jardim, segunda ou terça-feira. Aliás, será melhor. Não se deve trabalhar nos domingos." – "Mas durante a semana ele está ocupado."

"Tenho observado freqüentemente que as razões mais absurdas e mais extravagantemente ridículas são as menos combatidas: elas desconcertam o adversário. A Sr.<sup>a</sup> Cornouiller insistiu, porém menos do que seria de esperar de pessoa tão pouco disposta a desistir de tina opinião. Erguendo-se de sua poltrona, perguntou: "Como se chama o seu jardineiro, minha filhinha?" "Putois" – respondeu mamãe sem hesitar.

"Putois estava batizado. Desde então ele passou a existir. A Sra. Cornouiller foi-se embora rosnando: "Putois... Esse nome não me parece estranho. Putois? Putois! Conheço-o muito bem. Mas não me recordo... Onde mora ele?" – "Ele vive de ganhos. Quando a gente precisa dele, manda-lhe recado a uma casa, a outra..." – "Ah! eu bem que estava pensando: um indolente, um vagabundo... um pobre-diabo. Desconfie dele, minha filhinha."

Dáí por diante, Putois tinha um caráter.”

## CAPÍTULO II

Havendo chegado os Srs. Goubin e João Marteau, o Sr. Bergeret tratou de pô-los a par da conservação:

– Falávamos daquele que um dia minha mãe fez nascer jardineiro em Santo Omer, e a quem deu nome. Desde então ele atuou.

– Caro mestre, poderia repetir? – pediu o Sr. Goubin limpando o vidro do seu lornhom.

– Com muito gosto – respondeu o Sr. Bergeret. Não havia jardineiro. O jardineiro não existia. Minha mãe disse: –"Espero o jardineiro." E logo o jardineiro existiu. E atuou.

– Caro mestre – perguntou o Sr. Goubin – como é que ele atuou, se não existia?

– Ele tinha uma espécie de existência – respondeu o Sr. Bergeret.

– O senhor quer dizer uma existência imaginária –replicou desdenhoso o Sr. Goubin.

– Então não é nada uma existência imaginária? bradou o mestre. – E as personagens míticas não são capazes de atuar sobre os homens? Reflita acerca da mitologia, Sr. Goubin, e verá que são, não seres reais, porém seres imaginários, os que exercem sobre as almas a ação mais profunda e mais duradoura. Por toda parte e em todos os tempos, seres que não têm mais realidade que Putois inspiraram aos povos o ódio e o amor, o terror e a esperança, aconselharam crimes, receberam oferendas, fizeram os costumes e as leis. Sr. Goubin, reflita sobre a eterna mitologia. Putois é uma personagem mítica – das mais obscuras, concordo, e da mais baixa espécie. O grosseiro sátiro, sentado outrora à mesa de nosso camponeses do Norte, foi julgado digno de figurar num quadro de Jordaens e numa fábula de La Fontaine. O peludo filho de Sycorax penetrou no mundo sublime de Shakespeare. Putois, menos feliz, será sempre desprezado pelos artistas e pelos poetas. Falta-lhe a grandeza e a extravagância, o estilo e o caráter. Nasceu de espíritos muito racionais, entre pessoas que sabiam ler e escrever e não possuíam essa imaginação encantadora que semeia as fábulas. Julgo, senhores, haver dito o bastante para fazer-lhes conhecer a verdadeira natureza de Putois.

– Eu a concebo – disse o Sr. Goubin.

E o Sr. Bergeret continuou:

– Putois era. Posso afirmá-lo. Ele era. Meditem sobre isto, senhores, e se convencerão de que ser não implica de modo algum a substância e significa somente o liame do atributo ao sujeito; exprime apenas uma relação.

– Sem dúvida – disse João Marteau – mas sei sem atributos equivale a não ser. Não me lembra quem foi que disse outrora: – "Eu sou aquele que é." Perdoe a falha de minha memória. Não é possível a gente lembrar-se de tudo. Mas o desconhecido que assim falou cometeu uma rara imprudência. Dando a entender, por essa afirmação irrefletida, que era desprovido de atributos e privado de todas as relações, ele proclamou que não existia e suprimiu-se a si próprio, inconsideravelmente. Aposto que ninguém ouviu mais falar dele.

– Perdeu a aposta – replicou o Sr. Bergeret. – Ele corrigiu o mau efeito daquela frase egoísta aplicando a si mesmo cargas de adjetivos, e falou-se muito dele, as mais das vezes sem nenhum bom senso.

– Não compreendo – afirmou o Sr. Goubin.

– Não é necessário compreender – respondeu João Marteau.

E pediu ao Sr. Bergeret que falasse de Putois.

– O senhor mostra-se muito amável fazendo-me este pedido – disse o mestre.

"Putois nasceu na segunda metade do século XIX, em Santo Omer. Antes houvesse nascido alguns séculos atrás na floresta das Arderias ou na floresta de Brocéliande. Teria sido, então, um mau espírito de singular finura."

– Uma xícara de chá, Sr. Goubin – disse Paulina.

– Então Putois era um mau espírito? – quis saber João Marteau.

– Ele era mau – retorquiu o Sr. Bergeret – era-o de certo modo, mas não o era de maneira absoluta. Dá-se com ele o que se dá com os diabos que se diz serem muito malignos, porém nos quais descobrimos boas qualidades quando com eles privamos. E sinto-me inclinado a crer que se faz injustiça a Putois. A Sr.<sup>a</sup> Cornouiller, que, prevenida contra ele, passara logo a imaginá-lo um indolente, um bêbedo e um ladrão, refletiu que, se minha mãe lhe dava trabalho, ela que não era rica, era porque ele se contentava com pouco, e logo pensou se não seria vantajoso substituir por ele o seu jardineiro, que tinha melhor renome, porém mais exigências. Estava começando a época de podar os teixos. Considerou que, se a Sr.<sup>a</sup> Elói Bergeret, que era pobre, não dava grande coisa a Putois, ela, que era rica, daria menos ainda, pois é de praxe os ricos pagarem menos que os pobres. E já via os seus teixos talhados à feição de muralhas, de bolas e pirâmides, sem que ela com isso tivesse grande despesa. – "Ficarei atenta – disse consigo – para que Putois não mate tempo e não me roube. Nada arrisco e só terei vantagem. Às vezes esses vagabundos trabalham com mais habilidade que os operários decentes." Decidindo-se a fazer a experiência, falou a minha mãe: – "Filhinha, mande-me Putois. Eu lhe darei trabalho em Monplaisir." Minha mãe disse que sim, e cumpriria a promessa com muito gosto. Mas verdadeiramente não era possível. A Sr.<sup>a</sup> Cornouiller esperou Putois em Mon-plaisir, e esperou em vão. Era obstinada nas suas idéias e constante nos seus projetos. Quando tornou a ver min-ha mãe, queixou-se de não ter notícias de Putois: – "Filhinha, você não lhe disse que eu o estava esperando?" – "Disse, mas ele é estranho, esquisito..." – "Oh! conheço bem essa espécie de gente. Conheço de cor e salteado esse seu Putois. Porém não há operário tão maluco a ponto de não querer trabalhar em Monplaisir. Minha casa é conhecida, penso eu. Putois atenderá com presteza ao meu chamado, filhinha. Diga-me apenas onde ele mora; irei pessoalmente buscá-lo." Minha mãe respondeu-lhe que não sabia onde morava Putois, que ele não tinha domicílio, era um pobre-diabo, sem eira nem beira. – "Nunca mais o vi, senhora. Creio que anda escondido." Podia responder melhor?

"Todavia, a Sr.<sup>a</sup> Cornouiller não a escutou sem certa desconfiança; imaginou que minha mãe estivesse a seqüestrar Putois, subtraindo-o às procuras, no receio de perdê-lo ou de o tornar mais exigente. E julgou-a, decerto, excessivamente egoísta. Numerosos julgamentos aceitos pelo mundo inteiro, e que a história consagrou, são tão bem fundados quanto esse."

– E no entanto é verdade – disse Paulina.

– Que é que é verdade? – perguntou Zoé, meio sonolenta.

– Que os julgamentos da história muitas vezes são falsos. Recordo-me, papai, que tu disseste um dia: – "A Sr.<sup>a</sup> Roland era bastante ingênua em apelar para a imparcial posteridade e não se capacitar de que, se os seus contemporâneos eram boas biscoas, também a sua posteridade seria composta de boas biscoas."

– Paulina – perguntou severamente a Srta. Zoé que tem que ver a história de Putois com o que nos acaba de dizer?

– Tem muito, minha tia.

– Não o percebo.

O Sr. Bergeret, que não era inimigo das digressões, respondeu à filha:

– Se todas as injustiças fossem afinal reparadas neste mundo, não se teria imaginado outro para essas reparações. Como queres que a posteridade julgue equidodosamente todos os mortos? Como interrogá-los na sombra em que se refugiam? Desde que se pudesse ser justo para com eles, seriam esquecidos. Mas pode-se jamais ser justo? E que é a justiça? A Sr.<sup>a</sup> Comouiller, pelo menos, viu-se obrigada a reconhecer, com o decorrer do tempo, que minha mãe não a enganava e que Putois era inencontrável.

"No entanto, não desistiu de o descobrir. Perguntou a todos os parentes, amigos, vizinhos, criados, fornecedores, se conheciam Putois. Somente dois ou três responderam que nunca tinham ouvido falar nele. Na maior parte, acreditavam tê-lo visto. – "Esse nome não me é estranho – disse a cozinheira – mas não há jeito de ligar o nome à pessoa." – "Putois! conheço-o perfeitamente – afirmou o cantoneiro coçando a orelha mas não lhe sei dizer quem é." A informação mais precisa partiu do Sr. Blaise, recebedor do registro, que declarou haver encarregado Putois de cortar madeira em seu quintal, de 19 a 23 de outubro, no ano do Cometa.

"Certa manhã, a Sr.<sup>a</sup> Cornouiller entrou ofegante no gabinete de meu pai: – "Acabo de ver Putois." – "Ah!" – "Eu o vi." – "Vi mesmo?" – "Tenho certeza. Ele ia passando junto ao muro do Sr. Tenchant. Depois dobrou na Rua das Abadessas, caminhando depressa. Perdi-o de vista." – "Era realmente ele?" – "Sem dúvida alguma. Um homem de seus cinqüenta anos, magro, curvo, com um ar de vagabundo, uma blusa suja." – "Realmente – disse meu pai – essa descrição pode ajustar-se a Putois." – "O senhor está vendo! Aliás, eu o chamei. Gritei: – "Putois!" – e ele virou-se." – "É o meio que os investigadores empregam para se certificarem da identidade dos malfeitores de quem andam à procura." – "Se eu lhe dizia que era ele! Bem que eu soube descobrir o seu Putois! Pois lhe digo: é um homem de má aparência. O senhor e sua mulher foram muito imprudentes em empregá-lo em sua casa. Eu entendo bem de fisionomias, e, embora não o tenha visto senão de costas, juraria que é um ladrão, e talvez um assassino. Não tem dobras nas orelhas, e isto é um sinal que não engana." – "Ah! a senhora notou que ele não tem dobras nas orelhas?" – "Nada me escapa. Sr. Bergeret, se o senhor não quer ser assassinado, com sua mulher e seus filhos, não deixe mais Putois entrar em sua casa. Um conselho: mande substituir todas as fechaduras."

"Ora, alguns dias depois, aconteceu que roubaram três melões da horta da Sr.<sup>a</sup> Cornouiller. Não tendo sido encontrado o ladrão, ela suspeitou de Putois. Os gendarmes foram chamados a Monplaisir, e suas averiguações confirmaram as suspeitas da Sr.<sup>a</sup> Cornouiller. Bandos de larápios devastavam, por esse tempo, os jardins da região. Desta vez, porém, o roubo parecia praticado por um só indivíduo, e com habilidade singular. Nenhum vestígio de arrombamento, nenhum rasto na terra úmida. O ladrão não podia ser outro senão Putois. Era a opinião do subdelegado, que estava bem informado sobre Putois e se empenhava em deitar a mão a esse tipo.

"O *Diário de Santo Omer* consagrou um artigo aos três melões da Sr.<sup>a</sup> Cornouiller e estampou, de acordo com informações fornecidas na cidade, um retrato de Putois. Dizia o jornal: "Ele tem a frente baixa, olhos garços, olhar fugidio, um pé-de-galinha nas fontes, as maçãs salientes, vermelhas e brilhantes. As orelhas não têm dobras. Magro, um tanto arqueado, aparentemente débil, é, na realidade, de uma força fora do comum: dobra facilmente uma moeda de cem soldos entre o indicador e o polegar."

"Era com justas razões, afirmava o jornal, que se lhe atribuía uma longa série de roubos levados a efeito com habilidade surpreendente.

"Putois ocupava a atenção da cidade inteira. Um dia, soube-se que ele fora detido e aprisionado. Logo se reconheceu, no entanto, que o homem que fora preso como se fosse Putois era um negociante de almanaques chamado Rigobert. Como não se conseguisse apurar coisa alguma contra ele, soltaram-no ao cabo de quatorze meses de prisão preventiva. E Putois continuava inencontrável. A Sr.<sup>a</sup> Cornouiller foi

vítima de novo roubo, mais audacioso que o primeiro. Tiraram-lhe do aparador três colherinhas de prata. "Ela viu nisso o dedo de Putois, mandou pôr um cadeado na porta de seu quarto, e não dormiu mais."

# CAPÍTULO III

Pelas dez horas da noite – Paulina já se recolhera – a Srta. Bergeret disse ao irmão:

– Não te esqueças de contar como Putois seduziu a cozinheira da Sr.<sup>a</sup> Cornouiller.

– Estava pensando nisso, minha irmã – respondeu o Sr. Bergeret. – Omiti-lo seria perder o melhor da história. Mas deve-se fazer tudo com ordem. Putois foi meticulosamente procurado pela justiça, que não o encontrou. Quando se soube que ele era inencontrável, cada um empenhou o seu amor-próprio em encontrá-lo; as pessoas astutas alcançaram êxito nessa empresa. E, como havia muitas pessoas astutas em Santo Omer e pelos arredores, Putois era visto ao mesmo tempo nas ruas, nos campos e nos bosques. Assim, foi acrescentado um traço ao seu caráter. Concederam-lhe esse dom de ubiqüidade próprio de tantos heróis populares. Um ser capaz de percorrer num momento longas distâncias, e que de repente se mostra no lugar onde menos era esperado, naturalmente causa espanto. Putois foi o terror de Santo Omer. A Sr.<sup>a</sup> Cornouiller, persuadida de que Putois lhe roubara três melões e três colherinhas, vivia cheia de susto, entrincheirada em Monplaisir. Os ferrolhos, as grades e as fechaduras não lhe davam segurança. Para ela, Putois era um ser espantosamente sutil, que atravessava as portas. Um incidente doméstico veio redobrar-lhe o terror. Sua cozinheira fora seduzida, e chegou um momento em que já não pôde ocultar o seu erro. Porém recusou-se obstinadamente a declarar o nome do sedutor.

– Ela chamava-se Gudule – disse a Srta. Zoé.

– Chamava-se Gudule, e julgavam-na protegida contra os perigos do amor por uma barba que tinha no queixo, longa e bifurcada. Uma barba repentina protegeu a virgindade daquela santa filha de rei que Praga venera. Uma barba que já não era adolescente não bastou para defender a virtude de Gudule. A Sra. Cornouiller fez tudo para que Gudule designasse o homem que, tendo abusado dela, a deixava depois em situação difícil. Gudule derretia-se em pranto e guardava silêncio. Preces, ameaças, não surtiram nenhum efeito. A Sr.<sup>a</sup> Cornouiller procedeu a longo e minucioso inquérito. Interrogou habilmente os vizinhos, vizinhas e fornecedoros, o jardineiro, o cantoneiro, os gendarmes; nada que a pusesse na pista do culpado. Tentou novamente obter de Gudule confissões completas: – "No seu próprio interesse, Gudule, diga-me quem é." Gudule continuava muda. Súbito, um raio de luz atravessou o espírito da Sr.<sup>a</sup> Cornouiller: – "É Putois!" A cozinheira chorou e não respondeu. – "É Putois! Como é que não adivinhei logo? É Putois! Coitada! coitada! coitada!"

"E a Sr.<sup>a</sup> Cornouiller ficou persuadida de que Putois fizera um filho em sua cozinheira. Toda a gente em Santo Omer, desde o presidente do Tribunal até o cãozinho do acendedor de lampiões, conhecia Gudule e sua cesta. À notícia de que Putois seduzira Gudule, a cidade encheu-se de surpresa, admiração e alegria. Putois foi celebrado como autor de grandes façanhas e o namorado das onze mil virgens. Atribuíram-lhe, em face de indícios frívolos, a paternidade de cinco ou seis outras crianças que vieram ao mundo naquele ano, e que antes não tivessem vindo, para o prazer que as esperava aqui e a alegria que davam a suas mães. Apontavam-se, entre outras, a criada do Sr. Marechal, dono do botequim *Ao Ponto de Reunião dos Pescadores*, uma entregadora de pão e a corcundinha do Pont-Biquet, as quais, por haverem escutado Putois, tinham sido acrescidas de um bebê. – "Que monstro!" – exclamavam as comadres.

"E Putois, invisível sátiro, ameaçava de irreparáveis acidentes todas as jovens de uma cidade onde, segundo os velhos, as moças sempre haviam sido sossegadas.

"Assim difundido pela cidade e pelas vizinhanças, continuava ele preso à nossa casa por mil vínculos. sutis. Passava-nos diante da porta, e acreditava-se que por vezes escalava o muro do nosso jardim. Nunca o viam de frente. Mas a todo instante lhe reconhecíamos a sombra, a voz, os vestígios dos passos.

Mais de uma vez julgamos vê-lo de costas, ao lusco-fusco, na esquina de uma rua. Comigo e minha irmã, ele mudava um pouco de aspecto. Continuava mau e nocivo, mas tornava-se pueril e muito ingênuo. Fazia-se menos real e, ousou dizê-lo, mais poético. Entrava no singelo ciclo das tradições infantis. Transformava-se no Papão, no Pai Fouettard e no vendedor de areia que fecha, ao anoitecer, os olhos das crianças. Não era esse duende que emaranha, pela noite, na estrebaria, a cauda dos potros. Menos rústico e menos encantador, mas igualmente travesso e cândido, fazia bigodes de tinta nas bonecas de minha irmã. Na cama, antes de adormecer, o escutávamos: ele miava nos tetos com os gatos, latia com os cães, enchia de gemidos as chaminés das lareiras e imitava na rua os cantos dos bêbedos retardatários.

"O que nos tornava Putois presente e familiar, o que nele nos interessava, era que a sua lembrança estava associada a todos os objetos que nos rodeavam. As bonecas de Zoé, os meus cadernos de estudante, cujas páginas ele tantas vezes baralhara e garatujara, o muro do jardim sobre o qual nós tínhamos visto brilhar, na sombra, os seus olhos vermelhos, o vaso de faiança azul que numa noite de inverno ele partira, a menos que fosse a geada; as árvores, as ruas, os bancos, tudo nos lembrava Putois, o nosso Putois, o Putois dos meninos, um ser local e mítico. Ele não igualava, em graça e em poesia, o mais bronco egipã, o fauno mais grosseiro da Sicília ou da Tessália. Mas, ainda assim, era um semideus.

"Para nosso pai, ele possuía um caráter bem diverso: era emblemático e filosófico. Nosso pai tinha grande piedade dos homens. Não os acreditava muito racionais: os erros humanos, quando não eram cruéis, divertiam-no e faziam-no sorrir. A crença em Putois interessava-o como um resumo e compêndio de todas as crenças humanas. Irônico e zombeteiro, falava de Putois como de um ente real. E fazia-o por vezes com tal insistência, e frisava as circunstâncias com tal exatidão, que minha mãe, tomada de surpresa, lhe dizia cheia de candura: – "Até parece que você fala a sério, homem: no entanto, bem sabe..."

"Ele respondia gravemente: – "Toda Santo Omer acredita na existência de Putois. Seria eu um bom cidadão se a negasse? A gente deve pensar duas vezes antes de suprimir um artigo de fé comum."

"Só um espírito absolutamente honesto possui semelhantes escrúpulos. No fundo, meu pai era gassendista. Harmonizava o seu sentimento particular com o senti-mento público, crendo, como a gente de Santo Omer, na existência de Putois, mas não admitindo sua intervenção direta no roubo dos melões e na sedução das cozinheiras. Em suma: como bom filho de Santo Omer, ele professava a crença na existência de um Putois, e dispensava Putois para explicar os acontecimentos que ocorriam na cidade. De maneira que, neste ponto como em outro qualquer, foi ele um cavalheiro e um homem de espírito firme.

"Quanto a nossa mãe, censurava-se um pouco a si mesma pelo nascimento de Putois, e não sem motivo. Porque, ao cabo de contas, Putois nascera de uma mentira de nossa mãe, como Calibã da mentira do poeta. Sem dúvida as culpas não eram iguais, e minha mãe era mais inocente que Shakespeare. No entanto ela vi-via espantada e confusa de ver sua mentira tão pequenina crescer desmesuradamente, e sua leve impostura alcançar tão prodigioso êxito, êxito que não parava, que se estendia sobre uma cidade inteira e ameaçava estender-se sobre o mundo. Um dia ela até empalideceu, julgando que ia ver sua própria mentira erguer-se diante dela. Nesse dia, uma sua criada, nova na casa e na região, veio dizer-lhe que um homem desejava vê-la, dizia ter necessidade de falar-lhe. – "Que homem é es-se?" – "Um homem de blusa. Tem o jeito de um trabalhador do campo." – "Ele disse o nome?" – "Sim, senhora." – "Então! como se chama?" – "Putois." – "Ele disse que se chamava?..." – "Putois, sim, senhora." – "Ele está aqui?..." – "Sim, senhora. Está esperando na cozinha." – "Você o viu?" – "Sim, senhora." – "Que é que ele deseja?" – "Ele não me disse. Só quer dizer à senhora." – "Vá saber o que ele quer."

"Quando a criada tornou à cozinha, Putois já não se achava lá. Esse encontro da criada forasteira e de Putois nunca ficou esclarecido. Mas eu creio que desde aquele dia minha mãe começou a crer que Putois podia perfeitamente existir, e que era perfeitamente possível que ela não tivesse mentido."

# O PROCURADOR DA JUDÉIA

Élius Lâmia, nascido na Itália, de pais ilustres, trazia ainda a pretexta<sup>[2]</sup> quando foi estudar filosofia nas escolas de Atenas. Depois, fixou-se em Roma, e em sua casa das Esquílias, juntamente com outros devassos, levava uma vida de prazeres. Acusado, porém, de manter criminosas relações com Lépida, esposa de Sulpício Quirino, personagem consular, foi reconhecido culpado e exilado por Tibério César. Contava então com seus vinte e quatro anos de idade.

Durante dezoito anos, que tantos foram os do seu exílio, percorreu a Síria, a Palestina, a Capadócia, a Armênia, fazendo longas estadas em Antióquia, Cesaréia e Jerusalém. Quando, após a morte de Tibério, foi elevado Caio ao império, obteve Lâmia permissão para regressar à Cidade e até recobrou parte dos seus haveres. A adversidade tornara-o prudente e discreto.

Evitava todo comércio com mulheres de condição livre, não solicitava empregos públicos, mantinha-se afastado das honrarias, vivendo retirado em sua casa das Esquílias. Pondo por escrito o que vira de notável em suas longas viagens, fazia — dizia ele — os seus passados transe, o divertimento das horas presentes. Foi nestes tranqüilos passatempos e na assídua meditação dos livros de Epicuro, que ele, com alguma surpresa e uns laivos de saudade, viu chegar a velhice.

Aos sessenta e dois anos, atormentado por uma bronquite, apelou para as águas de Baias. Essa praia, outrora muito prezada dos cidadãos, era então freqüentada pelos romanos ricos e ávidos de prazeres. Ao fim de uma semana, Lâmia, que passava o tempo isolado, sem amigos, no meio daquela faustosa multidão, sentiu-se um dia tão bem disposto, após o jantar, que lhe veio o desejo de subir aquelas colinas, as quais, cobertas de pâmpanos, como bacantes, contemplam de face as ondas.

Tendo alcançado o cimo, assentou-se à beira de um atalho, à sombra de um terebinto, passeando o olhar pela bela paisagem. À esquerda, lívidos e nus, estendiam-se os campos Fleugreus até as ruínas de Cumas. À direita, imergia o cabo Miseno e o seu esporão no seio do mar Tirreno. A seus pés, para o ocidente, a rica Baias, perlongando a curva graciosa da costa, estadeava os seus jardins, as suas “vilas” povoadas de estátuas, os seus pórticos, e os seus terraços de mármore, à borda do mar azul, onde folgavam delfins. Em frente, do outro lado do golfo, sobre a costa da Campânia, dourada pelo sol que declinava, fugiam os templos, coroados ao longe pelos loureiros de Pausílipo. Além, no fundo do horizonte, sorria o Vesúvio...

Lâmia, tirando de uma das dobras da toga um rolo, que continha o “Tratado acerca da Natureza”, estendeu-se por terra, e começou a ler. Advertiram-no, porém, os gritos de um escravo que seria prudente levantar-se para que deixasse passar uma liteira que subia o estreito carreiro dos vinhedos. Como a liteira se aproximava inteiramente aberta, avistou Lâmia, recostado sobre coxins, um ancião de elevada corporatura, o qual, com a fronte na mão, contemplava o horizonte com olhar triste e altivo. O nariz aquilino pendia-lhe sobre o lábio, comprimido pelo queixo proeminente e fortes mandíbulas.

Logo à primeira vista, reconheceu Lâmia esse semblante. Hesitou, todavia, um momento em nomeá-lo. Súbito, caminhando ao encontro da liteira, num impulso de surpresa e alegria:

— Pôncio Pilatos! — exclamou. — Graças aos deuses, torno a encontrar-te!

O velho, fazendo sinal aos escravos para que sustivessem o passo, encarou atentamente o homem que o

saudava.

— Pôncio, meu caro hóspede, — continuou este — será possível que vinte anos hajam assim embranquecido meus cabelos e cavado minhas faces, a ponto de já não reconheceres o teu Élius Lâmia?

A esse nome, desceu Pôncio Pilatos da liteira o mais rapidamente que lhe permitiram o peso dos anos e a gravidade do porte, e, depois de beijar por duas vezes Élius Lâmia:

— Certo — disse — sou feliz por tornar a ver-te. Ah! faz-me lembrar dos bons tempos em que fui procurador da Judéia, na província da Síria. São já passados trinta anos desde que nos vimos pela primeira vez. Era em Cesaréia, aonde tinhas ido arrastar os tédios do teu exílio. Fui muito feliz em suavizá-lo um pouco, e tu, Lâmia, por amizade, acompanhaste-me a essa triste Jerusalém, onde os judeus me vexaram de contrariedades e desgosto. Foste, por mais de um decênio, meu hóspede e companheiro, e, ambos falando da Cidade, nos consolávamos um ao outro: tu, dos teus infortúnios, eu, das minhas grandezas.

Lâmia beijou-o de novo.

— Não dizes tudo, Pôncio: não disseste que usaste em meu favor dos teus créditos junto de Herodes Antipas, nem que me franqueaste, com liberalidade, a tua bolsa.

— Não falemos mais nisso — contraveio Pôncio. — Logo que regressaste a Roma enviaste-me por um dos teus libertos uma quantia de dinheiro que me pagava com usura.

— Eu não me considero quite contigo, Pôncio, por te haver devolvido esse dinheiro. Mas, responde, amigo: satisfizeram os deuses os teus desejos? Gozas toda a felicidade que mereces? Fala-me de tua família, dos teus haveres, de tua saúde...

— Retirei-me para a Sicília, onde possuo algumas terras; cultivo e vendo o meu trigo. Minha filha mais velha — a minha querida Pôncia — tendo enviuvado, vive comigo e governa a nossa casa. Conservo ainda, graças aos deuses, o vigor do espírito e boa memória. Mas à velhice acompanha sempre longo cortejo de dores e doenças: padeço cruelmente da gota. E aqui onde me vês, ia agora mesmo buscar nos campos Fleugreus algum lenitivo aos meus males. Este solo ardente, de onde, à noite, se desprendem chamas, exala acres vapores sulfurosos, os quais, dizem, calmam as dores e restituem a flexibilidade às juntas dos membros. Pelo menos, assim o asseguram os médicos.

— Possas tu, Pôncio, comprová-lo por ti mesmo. Contudo, apesar da gota e suas ardentes ferroadas, pareces apenas da minha idade, posto que, bem dizer, sejas dez anos mais velho do que eu. Conservas ainda um vigor como eu nunca possuí. Alegro-me por tornar a ver-te assim tão robusto. Por que pois, amigo, renunciaste tão cedo aos cargos públicos? Por que, ao deixares o governo da Judéia, te retiraste, em voluntário exílio, para os teus domínios da Sicília? Conta-me o que tens feito desde que nos separamos. Lembro-me que te preparavas para reprimir uma revolta dos samaritanos, quando parti para a Capadócia, onde eu julgava auferir alguns proventos na criação de cavalos e muares. Desde lá, nunca mais nos vimos. Que resultado teve essa expedição? Fala, conta-me tudo, pois interessa-me tudo que te diz respeito.

Pôncio Pilatos sacudiu tristemente a cabeça.

— Natural solicitude — disse ele — e o sentimento do dever impulsavam-me a executar as funções públicas não somente com diligência, mas também com amor. O ódio, porém, perseguiu-me sem tréguas. A intriga e a calúnia truncaram-me a vida em plena selva, sorvendo os frutos que ela devia amadurecer. Queres que te fale da revolta dos samaritanos? Sentemo-nos neste cômodo. Tais sucessos, tenho-os ainda tão presentes à memória como se houvessem ocorrido ontem.

“Um homem da plebe, poderoso pela palavra, como os há muitos na Síria, convenceu os samaritanos que deviam reunir-se, armados, sobre o monte Gazim, tido no país como lugar santo, — prometendo descobrir-lhes os vasos sagrados que um herói epônimo, ou melhor, um deus indigente, chamado Moisés, ali havia ocultado, nos antigos tempos de Evandro e Enéias, nosso pai. Com tal promessa, amotinaram-se os samaritanos. Advertido, porém, com tempo, mandei ocupar antecipadamente a montanha por destacamentos de infantaria, e distribuí patrulhas para vigiarem os arredores.

“Eram urgentes tais medidas de prudência, pois os rebeldes já punham cerco à vila de Tirataba, situada ao sopé do Gazim. Dispersei-os facilmente, sufocando a revolta no nascedouro. Depois, para ministrar um grande exemplo com poucas vítimas, entreguei ao suplício os cabeças da sedição. Mas bem sabes, Lâmia, a estreita dependência em que me trazia o procônsul Vitélio, o qual, governando a Síria, não para Roma, mas contra Roma, julgava que as províncias do Império eram dadas como latifúndios aos tetrarcas. Os principais dentre os samaritanos ajoelharam-se-lhe aos pés, chorando o seu ódio contra mim. A dar-se-lhes, nem por sombra lhes passava pela cabeça o desobedecerem a César: eu é que era o provocador, e fôra justamente para resistirem às minhas violências que se haviam reunido ao redor de Tirabata. Deferiu-lhes Vitélio os agravos, e, transferindo os negócios da Judéia ao seu amigo Marcelo, ordenou-me fosse a Roma justificar-me perante o imperador. Com o peito alanceado de mágoa e ressentimento, fiz-me de vela para a Itália. Ao abordar, porém, as costas da península, Tibério, gastado dos anos e do governo, morria subitamente no cabo Miseno, cuja ponta vemos daqui mergulhar na bruma da tarde. Impetrei então justiça a Caio, seu sucessor, espírito naturalmente lúcido e bem instruído nos negócios da Síria. Mas, admira comigo, Lâmia, a injúria da fortuna, obstinada em perder-me. Tinha Caio, nesse tempo, ao seu lado, na cidade, o judeu Agripa, amigo de infância, e seu comensal, a quem queria como a si próprio. Ora, Agripa favorecia Vitélio, pois este era inimigo de Antipas ao qual, com toda a força do seu ódio, Agripa hostilizava. Encampou o imperador os sentimentos do seu protegido asiático, negando-se até a receber-me em audiência. Assim me vi forçado a permanecer sob o golpe de imerecido desvalimento. Bebendo as minhas lágrimas, nutrindo-me de fel, retirei-me para as minhas terras na Sicília, onde me teria finado de dor se a minha querida Pôncia não tivesse vindo consolar seu pobre pai. Entretive-me a cultivar o trigo e a produzir as mais gordas espigas de toda a província. Hoje, considero terminada a minha vida. O futuro julgar-nos-á os dois: a mim e a Vitélio.

— Pôncio, — ponderou Lâmia — acredito hajas procedido com os samaritanos consoante à retidão de teu espírito a apenas no interesse de Roma. Mas, não terias, nessa ocasião, cedido demasiado a essa impetuosa coragem, pela qual sempre te deixaste arrebatado? Hás de recordar que, na Judéia, eu, mais moço que tu, — devendo por conseguinte ser mais afoito e violento — muitas vezes te aconselhei clemência e benignidade.

— Benignidade para com os judeus! — exclamou Pôncio Pilatos. — Conquanto hajas vivido entre eles, conheces mal esses inimigos do gênero humano. A um tempo, insolentes e vilões, aliando à ignominiosa covardia invencível pertinácia, acabam por cansar assim o amor como o ódio. O meu espírito, Lâmia, formou-se nas máximas do divino Augusto. Quando fui nomeado procurador da Judéia, já envolvia a terra a majestade da paz romana. Já não se via como no tempo das nossas discórdias civis, enriquecerem-se os procônsules com a pilhagem das províncias. Eu sabia cumprir o meu dever, timbrando em obrar sempre com prudência e moderação. Tomo os deuses por testemunhas: só me obstinei na brandura. Que resultados obtive com isso? Tu bem o viste, Lâmia, quando, no começo do meu governo, irrompeu a primeira revolta. Será mister que te relembre as circunstâncias desse motim? Tinha ido a guarnição de Cesaréia acampar nos seus quartéis de inverno, em Jerusalém. Nas suas signas levavam os legionários a efígie de César. Ofenderam-se com isso, os hierosolimitanos, os quais não reconheciam a divindade do imperador, como se, já que é força obedecer, não fosse mais honroso obedecer a um deus do que a um homem. Perante o meu tribunal vieram os sacerdotes da nação requerer, com altiva humildade, ordenasse

eu fossem as signas transportadas para fora da cidade santa. Recusei aceder, e isto pelo respeito devido assim à majestade de César como à majestade do império. Conseqüentemente, a plebe, junto aos sacerdotes, erguia à volta lanças em riste diante da torre Antônia, e fossem, armados de varas, como litores, dispersar a turba insolente. Mas, insensíveis aos golpes, adjuraram-me ainda os judeus; e os mais obstinados, deitando-se por terra ofereciam os pescoços, deixando-se matar às varadas. Tu foste, Lâmia, testemunha da minha humilhação: por ordem de Vítelio, tive de reenviar as signas para Cesaréia. A mim, não se podia, de certo, atribuir semelhante vergonha. À face dos deuses imortais, juro não ter ofendido, sequer uma só vez, no meu governo, a justiça nem as leis. Agora, porém, estou velho. Meus inimigos e meus delatores morreram. Hei de morrer sem quem defenda a minha memória?

E, deixando escapar um gemido, calou-se.

— É prudente — respondeu Lâmia — não deposite o homem esperança nem receio no juízo incerto do futuro. Que nos importa o que de nós possam pensar os homens de amanhã? Por testemunhas e juízes nós só temos a nós mesmos. Confia, Pôncio Pilatos, no testemunho que prestas a ti próprio da tua virtude; contenta-te da tua própria estima e da dos teus amigos. Ademais, não são os povos governados somente pela brandura. Nas ações dos homens públicos pouco pesa essa caridade do gênero humano aconselhada pela filosofia.

— Deixemos tudo isso — atalhou Pôncio. — Os vapores sulfurosos, que se exalam dos campos Fleugreus, têm mais virtudes quando desprendidos da terra ainda aquecida pelos raios do sol. Urge, pois, que eu me apresse. Adeus. Mas, já que torno a encontrar um amigo, desejo aproveitar a minha boa fortuna. Concede-me, Élius Lâmia, o favor de vires amanhã cear comigo. Nossa casa está situada à beira-mar, no extremo da cidade, do lado do Miseno. Reconhecê-la-ás facilmente pelo pórtico, onde se vê um painel que representa Orfeu entre leões e tigres, aos quais fascina com os sons de sua lira.

E, tornando a subir para a liteira:

— Até amanhã, Lâmia. Amanhã falaremos da Judéia.

No dia seguinte, à hora da ceia, dirigiu-se Lâmia para a casa de Pôncio Pilatos. Dois leitos apenas aguardavam os convivas. Na mesa, aparelhada sem fausto, mas condignamente, viam-se em salvas de pratas, papafigos preparados com mel, tordos, ostras de Luchino e lampréias da Sicília.

Enquanto comiam, interrogavam-se mutuamente Pôncio e Lâmia acerca das doenças, cujos sintomas descreviam com pormenores, aconselhando um ao outro diversas medicinas que lhes tinham sido recomendadas. Depois, congratularam-se ambos por se verem reunidos em Baias; louvaram a beleza da costa e amenidade do clima que ali se respirava. Lâmia celebrou a graça das cortesãs, que espaírciam pela praia carregadas de ouro e arrastando véus bordados pelos bárbaros. Mas o velho procurador deplorava semelhante ostentação, que, por amor de fúteis pedrarias e teias de aranha tecidas por mãos de homens, faziam passar o dinheiro romano para povos estranhos, quando não para os próprios inimigos do império.

Referiram-se depois aos grandes trabalhos levados a efeito na região, essa ponte prodigiosa lançada por Caio entre Putelo e Baias, esses canais mandados abrir por Augusto, a fim de levar as águas do mar aos lagos de Averno e Lucrino.

— Também eu — disse, suspirando, Pôncio — também eu tentei empreender grandes trabalhos de utilidade pública. Quando recebi, por desgraça minha, o governo da Judéia, tracei o plano de um aqueduto de duzentos estádios, que deveria conduzir a Jerusalém abundantes e puras águas. Alturas dos níveis, capacidade dos módulos, obliquidade dos cálices de bronze, nos quais se adaptam os tubos de

distribuição — tudo isso eu estudara, e, depois de ouvir os mecânicos, resolvera por mim mesmo. Preparei um regulamento para a polícia das águas, a fim de que nenhum particular pudesse abastecer-se ilicitamente. Contratados os arquitetos e operários, ordenei dessem início aos trabalhos. Pois, ao invés de verem com satisfação erguer-se sobre possantes arcos essa estrada, que lhes havia de levar à cidade a água e a saúde, os hierosolimitanos soltaram uivos lamentáveis. Reunidos em tumulto, protestaram aos gritos contra o sacrilégio e a impiedade, investiram sobre os operários, dispersaram as pedras dos alicerces. Podes tu, Lâmia, conceber bárbaros mais imundos? E, todavia, deu-lhes razão Vitélio. Recebi ordem de sustar os trabalhos.

— É um grave problema — atalhou Lâmia — saber se, mesmo contra a vontade dos homens, devemos trabalhar pela felicidade deles.

Como se o não tivesse ouvido, prosseguiu Pôncio Pilatos:

— Recusar um aqueduto, que estupidez! Mas tudo que provém dos romanos é odioso aos judeus. Para eles, somos seres impuros, cuja só presença já se lhes antolha uma profanação. Bem sabes que não se atreviam a entrar no pretório com receio de se poluírem, e que, por isso mesmo, tive de exercer a magistratura pública num tribunal ao ar livre, nessa calçada de mármore, onde tantas vezes puseste os pés. Eles nos temem e nos desprezam. Por quê? Pois não é Roma a mãe e tutora dos povos, os quais todos, como filhos, lhe repousam e sorriem no regaço venerável? Não tem as nossas águas levado até aos confins do universo a paz e a liberdade? Vendo nos vencidos outros tantos amigos, deixamos, asseguramos aos povos conquistados seus costumes, suas leis. Pois não foi somente depois que Pompeu a subjugou, que a Síria, outrora dilacerada por uma multidão de reis, começou a desfrutar o repouso e dias prósperos? E, quando Roma podia vender seus benefícios a peso de ouro, arrebatou porventura as riquezas de que regurgitavam os templos bárbaros? Despojou a deusa Mãe em Pessinunte, Júpiter na Morimênia e na Sicília, o deus dos judeus em Jerusalém? Antioquia, Palmira, Apaméia, hoje tranqüilas, apesar das suas riquezas, e já não se arreando dos Árabes do deserto, erigem templos ao Gênio de Roma e à Divindade de César. Só os judeus nos odeiam e nos afrontam: o tributo, precisamos arrancar-lhes, e recusam-se obstinadamente ao serviço militar.

— Os judeus — replicou Lâmia — prezam muito seus antigos costumes. Eles te suspeitavam, sem razão, convenho, de lhes querer abolir a lei e lhes mudar os costumes. Consente, Pôncio, que eu te diga que nem sempre obraste de modo a lhes dissipar esse erro funesto. Sem que o quisesses, tu te comprazias em lhes excitar os sobressaltos, e, mais de uma vez, vi que traías diante deles o desprezo que te inspiravam suas crenças e cerimônias religiosas. Tu os vexavas, particularmente, fazendo guardar por legionários, na torre Antônia, os paramentos e ornatos litúrgicos do grão-sacerdote. Cumpre reconhecer que, posto, se não hajam, como nós, elevado à contemplação das coisas divinas, celebram os judeus mistérios veneráveis por sua antigüidade.

— Mas não possuem — contraveio Pôncio Pilatos, dando de ombros — o conhecimento exato da natureza dos deuses. Adoram Júpiter, mas sem lhe dar nome nem figura. Nem sequer o veneram sob a forma de uma pedra, como o fazem certos povos da Ásia. Nada sabem de Apolo, de Netuno, de Marte, de Plutão, nem de nenhuma deusa. Creio, todavia, que antigamente adoravam Vênus, porquanto ainda hoje oferecem as mulheres, nos altares, pombas para vítimas, e sabes tão bem como eu que mercadores, estabelecidos nos pórticos do templo, vendem casais dessas aves para os sacrifícios. Advertiram-me até, certa vez, que um louco acabava de derrubar, juntamente com as gaiolas, esses vendedores de oferendas. Disso se queixaram os sacerdotes como de um sacrilégio. Quer-me parecer que esse uso de sacrificarem pombas foi estabelecido em honra de Vênus. Por que sorris, Lâmia?

— Faz-me sorrir — explicou Lâmia — uma idéia extravagante que me veio, não sei como, à cabeça. Imaginava que, um belo dia, bem podia o Júpiter dos judeus vir a Roma e perseguir-te com o seu ódio.

Por que não? A Ásia e África têm dado grande número de deuses. Já vimos erigirem-se em Roma templos em honra de Ísis e do lavrador Anúbis. Nas encruzilhadas, e até pelos carreiros, depara-se-nos a Boa-Deusa dos Sírios levada às costas de um asno. E bem sabes que, no principado de Tibério, um jovem cavaleiro se fez passar pelo Júpiter cornudo dos Egípcios, obtendo sob tal disfarce os favores de ilustre dama, assaz virtuosa para nada recusar aos deuses. Toma cuidado, Pôncio! Não vá, um dia, o Júpiter invisível dos judeus desembarcar em Óstia!

À idéia de que um deus poderia vir da Judéia, perpassou pela face severa do procurador um rápido sorriso. Ele, porém, respondeu com gravidade:

— Como poderiam os judeus impor sua lei santa aos outros povos, quando eles mesmos se dilaceram entre si pela interpretação dessa lei? Divididos em vinte seitas rivais, tu bem os viste, Lâmia, nas praças públicas com seus rolos nas mãos, a se injuriarem, a se tirarem pelas barbas. Tu bem os viste, nos estilóbatos do templo, rasgar em sinal de desolação, as próprias vestes sórdidas, à volta de um desgraçado, presa do delírio profético. Não concebem que se possa debater em paz, de ânimo sereno acerca das coisas divinas, as quais entretanto, se acham envoltas em véus e cheias de incertezas, por isso que a natureza dos Imortais nos permanece oculta, nem podemos conhecê-las. Julgo, entretanto, como de bom aviso, acreditarmos na Providência dos deuses. Mas os judeus carecem de filosofia e não sofrem a diversidade de opiniões. Ao contrário, têm como dignos do último suplício os que professam a respeito da divindade sentimentos diversos da lei deles. E como, desde que se acham sob o jugo do Gênio de Roma, as sentenças capitais, pronunciadas pelos seus tribunais, só devem ser executadas com a sanção do procônsul ou do procurador, instam eles a todo momento o magistrado romano, para que este lhes ratifique as sentenças funestas e obsidiam o pretório com seus gritos de morte. Cem vezes, vi-os em multidões, ricos e pobres, reconciliados todos, ao redor dos seus sacerdotes, porém cerco, em fúria, à minha curul de marfim, tirando-me pelos panos da toga, pelas correias das minhas sandálias, a reclamarem, a exigirem de mim a morte de algum desgraçado, cujo crime eu não alcançava compreender; desgraçado, que eu apenas considerava tão louco como os que o acusavam. Cem vezes, que digo eu? Isto sucedia todos os dias, todas as horas! E, contudo cumpria-me ordenar executassem, como lei nossa, a lei deles, porquanto Roma me instituía não como o destruidor, mas como o esteio dos costumes judeus, e eu tinha sobre eles as varas e a acha. Nos primeiros tempos esforcei-me por convencê-los da boa razão: tentei arrancar ao suplício suas miseráveis vítimas. Irritou-os, porém, ainda mais essa minha brandura: puseram-se a reclamar a presa, as asas e bicando à roda de mim, como abutres. Escreveram a César os sacerdotes, dizendo-lhe que eu lhes violava a lei, e suas súplicas, apoiadas por Vitélio, atraíram-me severa reprimenda. Quantas vezes tive desejos de, como dizem os gregos, enviar junto aos corvos, acusados e juízes!

“Não julgues, Lâmia, que nutro impotentes rancores e cóleras senis contra esse povo que venceu, na minha pessoa, Roma e a paz. É que eu prevejo a extremidade a que eles, mais cedo ou mais tarde, nos hão de reduzir: não podendo governá-los, seremos forçados a destruí-los. Não tenhas quanto a isto, a menor dúvida: sempre insubmissos, trazendo latente em seus ânimos exaltados o espírito de rebeldia, desencadearão um dia contra nós tal furor que, comparadas a ele, serão simples caprichos de crianças a cólera dos Núbidas e as ameaças dos Partos. Cevam, na sombra, insensatas esperanças, meditam loucamente o nosso desbarato. Nem pode ser de outro modo, quando eles aguardam, portanto, por fé, palavras de um oráculo, a vinda de um príncipe de sangue judeu, que deverá reinar sobre o mundo! Não se pode submeter semelhante povo. Urge destruir completamente Jerusalém! Talvez, posto que velho como sou, ainda me seja dado ver o dia em que ruirão suas muralhas, em que as chamas lhes destruirão as casas, em que os seus habitantes serão passados no fio da espada, salgando-se o lugar onde ora se lhes ergue o templo. E, nesse dia, hei de me ver, afinal, justificado!

Esforçou-se Lâmia por derivar novamente a conversa para um tom mais suave.

— Pôncio — disse ele — compreendo facilmente o motivo não só dos teus antigos ressentimentos como das tuas previsões sinistras. Certo, o que reconheceste do caráter dos judeus lhes é desfavorável. Mas eu, que vivia como curioso em Jerusalém, misturando-me com o povo, eu pude descobrir nesses homens obscuros virtudes, que ficaram ocultas aos teus olhos. Conheci judeus de muito bom coração, cuja simplicidade de costumes e constância nas amizades me davam a lembrar o que do ancião de Ebália disseram nossos profetas. Tu mesmo, Pôncio, viste expirar sob o bastão dos teus legionários, homens simples que, sem declinarem os nomes, morriam por causa que acreditavam justa. Tais homens não merecem absolutamente o nosso desprezo. Digo isto, porque convém conservarmos em todas as coisas a medida e a equidade. Confesso, entretanto, não ter nunca experimentado viva simpatia pelos judeus. As judias, sim, essas me agradaram muito. Era eu, então, rapaz e as sírias me impressionavam fortemente os sentidos. Seus lábios vermelhos, seus olhos úmidos, que brilham na sombra, seus longos olhares, penetravam-me até à medula. Pintadas, enfeitadas, rescendendo a nardo e a mirra, maceradas em aromatas, elas têm a carne de um gosto delicioso e raro.

Pôncio, que ouvia contrafeito estes louvores, replicou:

— Eu não era homem que se deixasse prender nas redes das judias. E já que me levas a tocar neste ponto, Lâmia, consente que te diga que não aprovei nunca a tua incontinência. Se, outrora, não te fiz sentir bastante que te julgava assaz culpado por teres seduzido, em Roma, a esposa de um consular, é que então expiavas duramente o teu erro. Entre patrícios, é coisa sagrada o matrimônio — instituição sobre a qual se funda a própria Roma. Quanto às mulheres escravas ou estrangeiras, careceriam de importância as relações que se possam ter com elas, se o corpo se não habituasse, por amor disso, a uma indolência vergonhosa. Permite que eu te diga: tens sacrificado demais à Vênus das encruzilhadas; e o que, sobretudo, te censuro, Lâmia, é o não te haveres casado, consoante a lei, e o não teres dado filhos à República, como é dever de todo bom cidadão.

Mas o exilado de Tibério já não ouvia as palavras do velho magistrado. Tendo esgotado a taça de Falerno, sorria Élius Lâmia a alguma imagem invisível.

Após alguns momentos de silêncio, prosseguiu em voz baixa, a qual, pouco a pouco, se foi elevando:

— Com que languidez elas dançam, as mulheres da Síria! Conheci em Jerusalém uma judia, que, numa espelunca, à luz frouxa de pequena lâmpada fumosa, sobre um reles tapete, dançava, erguendo os braços para entrechocar os címbalos. Os rins curvados, a cabeça descaída para trás, como derreada ao peso dos bastos cabelos ruivos, os olhos úmidos de volúpia, ardente e lânguida, flexível, — ela teria feito empalidecer de inveja a própria Cleópatra. Eu adorava-lhe essas danças bárbaras, sua voz um tanto rouca mas harmoniosa, o odor de incenso que se lhe desprendia do corpo, a semi-sonolência em que parecia viver constantemente. Seguindo-a por toda a parte, misturava-me à turba vil de soldados, saltimbancos e publicanos, de que se achava sempre cercada. Um belo dia desapareceu. Nunca mais a vi, se bem que, por muito tempo, eu a buscasse pelas vielas suspeitas e tavernas de má fama. Custava mais a gente desabituar-se dela que do vinho grego. Passados alguns meses desde que a perdera de vista, vim a saber, por acaso, que ela fazia parte de um bando de homens e mulheres, que seguiam os passos de um jovem taumaturgo galileu. Chamava-se Jesus; era de Nazaré, e foi crucificado por não sei que delito. Lembras-te desse homem, Pôncio?

Pôncio Pilatos, arrugando as sobrancelhas, levou a mão à frente, como quem procura trazer alguma coisa à tona da memória. E, depois de alguns instantes de silêncio:

— Jesus? — murmurou ele — Jesus de Nazaré? Não, não me recordo.

# O OVO VERMELHO

O doutor N... poisou a sua chávena de café em cima da pedra do fogão de sala, atirou com o charuto para o lume e disse-me:

- Caro amigo, contou-me há muito tempo o estranho suicídio de uma mulher incapaz de suportar o peso dos remorsos. Possuía uma natureza sensível e a sua cultura era requintada. Recaindo sobre ela a suspeita de ser cúmplice de um crime de que fora a muda testemunha, desesperada com a sua irreparável cobardia, perturbada por constantes pesadelos que lhe representavam o marido morto e decomposto a apontá-la com o dedo aos magistrados curiosos, passou a ser a inerte presa da sua exasperada sensibilidade. Neste estado, bastou uma fortuita e insignificante circunstância para decidir da sua sorte. O sobrinho, uma criança ainda, vivia com ela. Certa manhã, o pequeno foi, como de costume, fazer os seus deveres para a sala de jantar. Ela também aí se encontrava. O pequeno começou a traduzir palavra por palavra alguns versos de Sófocles. Pronunciava em voz alta os termos gregos e franceses, à medida que os ia escrevendo: a cabeça divina; de Jocaste; está morta..., arrancando os cabelos; ela chama; Lais morta...; vimes; a mulher enforcada. Fez um ponto final que furou o papel, deitou de fora uma língua suja de tinta cor de violeta, e depois pôs-se a cantar: “Enforcada! enforcada! Enforcada!” A infeliz, cuja vontade se encontrava enfraquecida, obedeceu sem defesa à sugestão da palavra que ouvira três vezes. Levantou-se direita, como que muda e cega, e entrou no seu quarto.

Algumas horas mais tarde, o comissário da Polícia, chamado para verificar a morte violenta, fez a seguinte reflexão: Conheço muitos casos de suicídio entre mulheres, mas esta é a primeira que vejo enforcar-se.

Fala-se muito de sugestão. Eis um caso dos mais naturais e dos mais verossímeis. Eu desconfio um pouco, apesar de tudo, da que se prepara nas clínicas. Mas um ser cuja vontade se encontra morta obedece a todos os estímulos exteriores - uma verdade que a razão admite e a experiência comprova. O exemplo que me conta lembra-me um outro bastante semelhante. É o do meu infeliz camarada Alexandre Le Mansel. Um verso de Sófocles matou a sua heroína. Uma frase de Lampride perdeu o amigo de que desejo falar-lhe.

Le Mansel, que foi meu companheiro de turma no liceu de Avranches, não se assemelhava a nenhum dos seus camaradas. Parecia ao mesmo tempo mais novo e mais velho do que era na realidade. Pequeno e frágil, tinha medo, aos quinze anos, de tudo quanto atemoriza as crianças. A obscuridade causava-lhe um terror invencível. Não podia dar de cara, sem ficar lavado em lágrimas, com um dos serventes do liceu que tinha um enorme lobinho no alto da cabeça. Mas, em certos momentos, quando o olhávamos de perto, parecia quase um velho. A pele seca, colada às têmporas, alimentava-lhe deficientemente os frágeis cabelos. Tinha a fronte polida como a dos homens maduros. O seu olhar era tão vago, que muitas vezes as pessoas estranhas o julgavam cego. Apenas a boca lhe conferia certo caráter ao rosto. Os lábios cheios de mobilidade exprimiam sucessivamente uma satisfação infantil e um misterioso sofrimento. O timbre da sua voz era nítido e encantador. Quando recitava as lições, marcava sempre o número e o ritmo dos versos, o que nos provocava muitas vezes o riso. Durante os recreios, partilhava de boa vontade os nossos jogos, e não era destituído de jeito, mas fazia tudo com um ardor tão febril e assumindo umas atitudes de sonâmbulo, que inspirava a alguns de nós uma irreprimível antipatia. Não era estimado;

teríamos feito dele a nossa vítima, caso não exercesse sobre nós um certo domínio, graças a uma espécie de selvagem orgulho e também ao seu prestígio de bom aluno. Embora irregular no trabalho, era muitas vezes ele quem conquistava as melhores notas da turma. Dizia-se que, durante a noite, falava no dormitório, chegando mesmo por vezes a levantar-se da cama a dormir - coisa que muitos de nós nunca observámos com os próprios olhos, pois estávamos na idade dos sonos profundos.

Durante bastante tempo inspirou-me mais surpresa do que simpatia. Tornámo-nos subitamente amigos num passeio que demos com toda a turma à abadia do Mont-Saint-Michel. Viéramos descalços pela praia, transportando os sapatos e o pão presos à ponta de um pau, a cantarmos o mais alto que podíamos. Ultrapassámos a entrada, e depois, tendo atirado com as nossas coisas para junto dos Michelettes, sentámo-nos lado a lado em cima de uma dessas antigas bombardas de ferro que as chuvas e os nevoeiros corroem há cinco séculos. Então, ora fitando as velhas pedras, ora o céu, com os seus olhos vagos, e a balouçar os pés nus, disse-nos:

- Desejaria ter vivido no tempo destas guerras e de ser um cavaleiro. Tomaria de assalto os dois Michelettes, ou talvez vinte, ou quem sabe se mais de cem; conquistaria todos os canhões dos Ingleses. Teria combatido sozinho em frente da porta de entrada. E o arcanjo São Miguel pairaria por cima da minha cabeça como uma nuvem branca.»

Estas palavras e a lenta entoação com que as pronunciou fizeram-me estremecer. Disse-lhe:

- Eu teria sido o teu escudeiro. Mansel, gosto de ti; queres ser meu amigo?

Estendi-lhe a mão que ele apertou solenemente.

Obedecendo às ordens do professor, calçámos os sapatos e o nosso pequeno grupo trepou a rampa estreita que conduz à abadia. A meio caminho, perto de uma figueira baixa, vimos a casinha onde Tiphaine Raguel, viúva de Bertrand du Guesclin, viveu, ameaçada pelo mar. Esta habitação é tão pequena, que causa surpresa o facto de ter sido habitada. Isto, porém, só foi possível em virtude da excelente Tiphaine haver sido uma estranha velhinha, ou melhor, uma santa, que levava uma existência completamente espiritual. Le Mansel abriu os braços, como que para abraçar este angélico cubículo; depois, tendo-se ajoelhado, pôs-se a beijar as pedras sem ouvir os risos dos camaradas que, na sua alegria, começavam a atirar-lhe pedras. Não vos contarei o nosso passeio através das masmorras, do claustro, das salas e da capela. Le Mansel parecia não ver nada. Aliás, recordei apenas este episódio para vos mostrar a forma como nasceu a nossa amizade.

No dia seguinte, quando estávamos no dormitório, fui despertado por uma voz que me murmurava ao ouvido: «Tiphaine não morreu». Esfreguei os olhos e vi a meu lado Le Mansel em camisa. Convidei-o rudemente a deixar-me dormir e nunca mais voltei a pensar nesta bizarra confidência.

A partir desta altura passei a compreender o carácter do nosso condiscípulo muito melhor do que até aí, e descobri nele um imenso orgulho, do qual nunca suspeitara. Não lhe darei nenhuma novidade se lhe disser que aos quinze anos eu era um medíocre psicólogo; mas o orgulho de Le Mansel revelava-se demasiado subtil para que nos pudesse impressionar logo de início. Manifestava-se a propósito de remotas quimeras e nunca assumiu uma forma tangível. No entanto, isso inspirava todos os sentimentos do meu amigo e conferia uma espécie de unidade às suas extravagantes e incoerentes ideias.

Durante as férias que se seguiram ao nosso passeio ao Mont-Saint-Michel, Le Mansel convidou-me a passar um dia em casa dos pais, agricultores e proprietários em Saint-Julien. Minha mãe deu-me autorização, embora com alguma relutância. Saint-Julien ficava a seis quilómetros da nossa cidade. Tendo vestido um colete branco e uma magnífica gravata azul, dirigi-me para lá, certo domingo, logo de

manhãzinha.

Alexandre esperava-me à porta, a sorrir como uma criança. Pegou-me na mão e puxou-me para dentro da «sala». A casa, semi-rústica, semiburguesa, não era nem pobre nem desmazelada. No entanto, senti o coração apertado ao entrar nela, tais o silêncio e a tristeza que lá reinavam. Junto da janela, cujas cortinas se encontravam um pouco levantadas - consequência talvez de um gesto de tímida curiosidade - vi uma mulher que me pareceu velha. Não garanto que fosse tanto como se me afigurou. Magra e amarela, os seus olhos brilhavam no meio de umas órbitas negras, debaixo das pálpebras avermelhadas. Embora estivéssemos no Verão, o seu corpo e a cabeça desapareciam debaixo de um sombrio conjunto de roupas de lã. Mas o que a tornava verdadeiramente estranha era a lâmina de metal que lhe cercava a fronte como um diadema.

- É a mamã - disse Le Mansel. - Esta com a sua dor de cabeça.

A senhora Le Mansel cumprimentou-me com uma voz gemebunda e, reparando sem dúvida no surpreendido olhar com que lhe fixava a testa, disse-me a sorrir:

- Meu menino, aquilo que uso nas têmporas não é uma coroa; trata-se de um círculo magnético para curar as dores de cabeça.

Tentava responder o melhor que podia, mas Le Mansel arrastou-me para o jardim, onde fomos encontrar um homenzinho calvo que deslizava pelas alamedas como um fantasma. Era tão delgado e leve, que se podia recear que o vento o levasse pelos ares. A sua atitude tímida, o comprido pescoço descarnado que estendia para a frente, a enorme cabeça, os olhares de viés, o passo saltitante, os braços curtos e erguidos como asas, tudo lhe conferia, o mais que era possível e razoável, o aspecto de uma ave.

O meu amigo Le Mansel disse-me que era o pai, mas que o melhor seria deixarmo-lo ir para a sua capoeira, pois só gostava de viver na companhia das galinhas e perdera junto delas o hábito de falar com os homens. Enquanto me dizia isto, o senhor Le Mansel pai desapareceu dos nossos olhos e em breve ouvimos elevarem-se no ar algumas exclamações alegres. Estava na sua corte.

E Le Mansel deu na minha companhia algumas voltas pelo jardim, advertindo-me de que em breve, durante o jantar, iria ver a avó; esta era uma excelente senhora, mas não podíamos ligar importância àquilo que dizia, pois dava por vezes sinais de loucura. Depois conduziu-me a um lindo recanto do jardim, e aí, corando, confessar-me ao ouvido:

- Fiz alguns versos acerca de Tiphaine Raguel; para a outra vez leio-tos. Vais ver! vais ver!

A sineta tocou para o jantar. Voltámos a entrar na sala. O senhor Le Mansel pai entrou a seguir a nós com um cesto cheio de ovos no braço.

- Dezoito esta manhã - disse ele com uma voz satisfeita.

Serviram-nos uma deliciosa omeleta. Eu estava sentado entre a senhora Le Mansel, que suspirava sob o seu diadema, e a mãe desta, uma velha normanda, de faces rubicundas, que, não tendo já nenhum dente, sorria com os olhos. Pareceu-me muito simpática. Enquanto comíamos o pato assado e o frango com molho de creme, a excelente senhora ia-nos contando umas histórias muito curiosas, e eu não dava por que o seu espírito estivesse de alguma forma alterado, conforme afirmava o neto. Pelo contrário, afigurou-se-me que ela era a alegria da casa.

Depois do jantar, fomos para uma pequena sala cujos móveis de nogueira eram guarnecidos de veludo amarelo de Utreque. O relógio, de mostrador brilhante, estava colocado sobre a pedra do fogão, entre dois candelabros. Em cima da pianha preta em que este assentava, e protegido pela redoma que o cobria,

encontrava-se um ovo vermelho. Não sei por que motivo, depois de haver reparado nele, me pus a observá-lo atentamente. As crianças têm destas inexplicáveis curiosidades. Devo acrescentar, no entanto, que a cor deste ovo era extraordinária e magnífica. Não se parecia nada com esses ovos da Páscoa que, mergulhados em suco de beterraba, assumem esse tom de vinho que os garotos tanto admiram nas montras das lojas de fruta. Revestia-o um tom de púrpura real. A indiscrição própria da idade não me consentiu que ficasse calado.

O senhor Le Mansel pai respondeu-me com um cocoricó que exprimia a sua surpresa.

- Meu menino - acrescentou ele -, este ovo não é pintado» como parece supor. Foi posto tal como o está a ver por uma galinha de Ceilão pertencente à minha capoeira. É um ovo fenomenal.

- É preciso que te não esqueças de acrescentar - prosseguiu a senhora Le Mansel, com uma voz lenta - que esse ovo foi posto no dia do nascimento do nosso Alexandre.

- Não há dúvida - confirmou o senhor Le Mansel.

Entretanto, a velha avó olhava-me com os seus olhos trocistas e, apertando os lábios moles, fazia-me sinal para não acreditar.

- Hum! - murmurou ela -, as galinhas chocam muitas vezes aquilo que não puseram, e no caso de algum vizinho maroto enfiar no seu ninho um...

O neto interrompeu-a com dureza. Estava pálido e as mãos tremiam-lhe.

- Não acredites nisso - exclamou ele para mim. - Lembra-te do que te disse. Não te acredites nela!

- Não há dúvida - repetia o senhor Le Mansel, fitando de lado, com um olho muito redondo, o ovo cor de púrpura.

Daí em diante, as minhas relações com Alexandre Le Mansel nada tiveram que mereça ser contado. O meu amigo falava-me muitas vezes dos seus versos para Tiphaine, mas nunca mos mostrou. Aliás, em breve o perdi de vista. Minha mãe mandou-me estudar para Paris. Aí obtive os dois diplomas do bacharelato e estudei medicina. Quando andava a preparar a tese de licenciatura, recebi uma carta da minha mãe a anunciar-me que o pobre Alexandre havia estado muito doente e que, em consequência de uma terrível crise, ficara deveras desconfiado e temeroso, embora fosse completamente inofensivo; apesar, no entanto, das suas perturbações de ordem física e mental, revelava uma extraordinária aptidão para as matemáticas. Estas notícias não eram de molde a surpreender-me. Muitas vezes, ao estudar as perturbações dos centros nervosos, me havia recordado do meu pobre amigo de Saint-Julien e prognosticava, embora contrariado, a paralisia geral que ameaçava esta criança tão magra e que revelava sintomas de uma microcefalia reumatizante.

As aparências, primeiro, não me deram razão. Alexandre Le Mansel, conforme me informavam de Avranches, recuperou na idade adulta uma saúde normal e deu indiscutíveis provas de inteligência. Estudou profundamente matemática; chegou até a remeter para a Academia das Ciências as soluções de diversas equações ainda por resolver, as quais foram consideradas tão exactas como engenhosas. Absorvido pelos seus trabalhos, só raramente dispunha de tempo para me escrever. As suas cartas eram afectuosas, correntias, bem ordenadas; nada havia nelas que pudesse ser suspeito aos olhos do neurologista mais desconfiado. Mas em breve a nossa correspondência cessou por completo e durante dez anos não tive nenhuma notícia dele.

Fiquei deveras surpreendido quando, o ano passado, o meu criado me veio entregar o cartão de

Alexandre Le Mansel, dizendo-me que aquele senhor me esperava na antecâmara. Encontrava-me no meu gabinete, a conferenciar com um confrade acerca de um assunto profissional de certa importância. No entanto, pedi ao colega para esperar durante um minuto e fui a correr abraçar o meu antigo camarada. Achei-o envelhecido, calvo, macilento, excessivamente magro. Dei-lhe o braço e conduzi-o para a sala.

- Estou muito satisfeito por te ver - disse-me ele -, e tenho muitas coisas a revelar-te. Sou vítima de perseguições incríveis. Mas tenho coragem, lutarei firmemente, conseguirei triunfar dos meus inimigos!

Estas palavras inquietaram-me como aliás teriam inquietado também no meu lugar qualquer outro médico neurologista.

Descobri nelas o sintoma da afecção com que as fatais leis da hereditariedade ameaçavam o meu amigo, hereditariedade essa que parecera dominada.

- Meu caro, havemos de falar de tudo isso - declarei-lhe. - Espera aqui durante um momento. Volto já. Distrai-te com um livro enquanto esperas.

Sabe que tenho muitos livros e que a minha sala contém, em três estantes de acaju, cerca de seis mil volumes. Que fatalidade teria levado o meu infeliz amigo a escolher precisamente aquele que pior lhe poderia fazer, abrindo-o ainda por cima na funesta página? Conferenciei durante talvez vinte minutos com o meu colega; depois, tendo-me despedido dele, voltei para a sala onde deixara Le Mansel. Fui encontrá-lo num estado pavoroso. Batia no livro que tinha aberto à sua frente, o qual reconheci imediatamente como sendo a tradução da *Histoire Auguste*. Recitava em voz alta a seguinte frase de Lampride: «No dia do nascimento de Alexandre Severo, uma galinha pertencente ao pai do recém-nascido pôs um ovo vermelho, presságio da púrpura imperial que a criança deveria envergar.

A sua exaltação atingira o estado de furor. Escumava, aos gritos: «Um ovo, o ovo do meu dia natalício! Sou imperador. Sei que pretendes matar-me. Não te aproximes, miserável!» Caminhava alucinadamente de um lado para o outro. Depois, aproximando-se de mim com os braços abertos, exclamou: «Meu amigo, meu velho camarada, que queres tu que eu te dê?... Imperador... Imperador... Meu pai tinha razão... O ovo de púrpura... Imperador, tenho de ser imperador... Celerado! Por que motivo me escondes esse livro? Castigarei tão grave crime de alta traição... Imperador! Imperador! Tenho de ser imperador. Sim, é esse o meu dever. Vamos, vamos!...» Saiu. Tentei em vão detê-lo. Consegui fugir. Sabe o resto. Todos os jornais contaram a maneira como, ao sair de minha casa, foi comprar um revólver e estoirou os miolos do funcionário que lhe barrava a porta do Eliseu.

Eis como uma frase escrita no século IV por um historiador latino ocasionou, mil e quinhentos anos mais tarde, a morte de um infeliz rapaz nosso compatriota. Quem conseguirá jamais destrinçar a meada das causas e dos efeitos? Quem se poderá gabar de dizer, ao realizar qualquer acto: sei o que estou a fazer? Meu caro amigo, eis tudo quanto desejava contar-lhe. O resto interessa apenas às estatísticas médicas e pode resumir-se em duas palavras. Le Mansel, internado numa casa de saúde, aí permaneceu durante quinze dias vítima de uma loucura furiosa. Depois afundou-se num estado de imbecilidade completa, durante o qual a gula era tamanha, que chegava a devorar a própria cera de encerar o chão. Morreu asfixiado há cerca de três meses depois de engolir uma esponja.»

O doutor calou-se e acendeu um cigarro. Após um momento de silêncio, eu disse-lhe:

- O senhor contou-me uma história de facto terrível.

- É na verdade terrível - retorquiu o médico -, mas verdadeira. Beberia de boa vontade um cálice de conhaque.

# O MILAGRE DA PEGA

## CAPÍTULO I

A Quaresma do ano de 1429 apresentava uma característica maravilhosa em face do calendário, uma coincidência admirável, não apenas aos olhos do comum dos mortais, mas também dos sábios iniciados na aritmética. É que a astronomia, origem do calendário, era nessa altura cristã. Em 1429, a Sexta-Feira Santa coincidia com a festa da Anunciação, de forma que se celebravam no mesmo dia os dois mistérios que haviam iniciado e terminado a salvação dos homens, sobrepondo de forma maravilhosa Jesus concebido no seio da Virgem a Jesus a morrer na Cruz. Esta Sexta-Feira, na qual o mistério gozoso se ajustava com exatidão ao mistério doloroso, era chamado a Grande Sexta-Feira e celebravam-na com solenes festejos no Monte Anis, na igreja da Anunciação. Havia muito tempo que os papas tinham concedido indulgências plenárias de um grande jubileu ao antigo santuário, e o falecido bispo de Puy, Élie de Lestrage, obtivera do papa Martinho o restabelecimento desse perdão. Tratava-se de um destes favores que os papas concedem sempre, desde que lhos peçam convenientemente.

A absolvição da Grande Sexta-Feira atraiu a Puy-en-Velay grande número de peregrinos e comerciantes. A partir de meados de Fevereiro, os habitantes das regiões mais afastadas puseram-se a caminho, arrostando com o frio, a chuva e o vento. A maior parte seguia a pé, de bordão em punho. Sempre que possível, esses peregrinos viajavam em grupo para não serem muito roubados ou sujeitos a resgate pelos salteadores que dominavam as regiões despovoadas, e escaparem também aos senhores que exigiam o pagamento de portagem à entrada dos respectivos domínios. Sendo a zona montanhosa a menos segura, esperavam, nas cidades circunvizinhas, Clermont, Issoire, Brioude, Lyon, Issingaux, Alais, até se juntarem no maior número possível, para finalizarem a viagem através da neve. Durante a Semana Santa, uma estranha multidão se acotovelou nas ruas montanhosas de Puy: feirantes de Languedoc, da Provença e da Catalunha, que conduziam as suas mulas carregadas de couros, de óleos, de lã, de tecidos ou de vinhos da Espanha conservados em odres de pele de bode; senhores a cavalo e damas em carruagens, artistas e burgueses escarranchados em mulas, com as mulheres e os filhos na garupa; depois a pobre multidão dos peregrinos que, coxeando, caindo aqui, levantando-se acolá, apoiados nos bordões, de saco às costas, arfavam na rude subida, seguidos pelos rebanhos de bois e de carneiros a caminho do açougue.

Encostado à parede da sede episcopal, Florêncio Guilherme, esguio, seco e escuro como uma cepa de videira no Inverno, ia devorando com os olhos os peregrinos e os rebanhos.

– Repara - disse ele para Margarida, a rendeira -, que gordas cabeças de gado.

E Margarida, acorada em frente dos fusos, retorquiulhe:

– Não há dúvida! Lindas e gordas.

Ambos pobres e desprovidos de bens materiais, estavam neste momento cheios de fome. Toda a gente dizia que a culpa era deles. Eis exatamente o que, neste mesmo instante, apontando-os a dedo, repetia Pedro Grandmange, o tripeiro, na sua loja.

– Seria até pecado - exclamava ele - dar esmola a tais malandros.

Este negociante de tripas poderia ter sido muito esmol, mas receava perder a alma dando alguma coisa aos pecadores, e todos os burgueses de Puy nutriam os mesmos escrúpulos. Para não faltarmos à verdade, devemos dizer que, sem dúvida alguma, na sua esplendorosa juventude, Margarida a rendeira não igualara Santa Lúcia em pureza, Santa Ágata em constância, e Santa Catarina em sabedoria. Quanto a Florêncio Guilherme, fora o melhor escrivão da cidade. Durante muito tempo não tivera quem se lhe igualasse na maneira de redigir as horas de Nossa Senhora de Puy. Mas apreciara demasiado as festas e a comilança. A sua mão, agora, estava menos firme e a vista menos apurada; já não conseguia traçar com a mesma segurança as letras sobre o velino. Poderia talvez ganhar a vida iniciando aprendizes, na sua oficina, perto da Anunciação, com a tabuleta da Nossa Senhora, pois era homem de experiência e bom conselheiro. Mas, tendo tido a infelicidade de pedir seis libras e dez soldos ao mestre Jacquet Coquedouille e havendo-lhe restituído em diversas prestações oitenta libras e dois soldos, achou-se ainda por fim devedor de seis libras e dez soldos ao seu credor, contas estas que os juizes aprovaram, pois mestre Jacquet Coquedouille era um barra em aritmética. Eis o motivo por que a oficina de Florêncio Guilherme, mesmo junto da Anunciação, foi vendida, sábado, 5 de Março, dia de São Teófilo, em proveito de mestre Jacquet Coquedouille. A partir daí, o pobre escrivão ficou sem abrigo. Graças a João Magne, o sineiro, e com a proteção de Nossa Senhora, cujas horas escrevera, passava as noites no campanário da catedral.

O escrivão e a rendeira viviam com muitas dificuldades. Margarida só por acaso conseguia subsistir, uma vez que perdera a beleza e detestava fazer renda. Ajudavam-se um ao outro. Comentava-se maldosamente o facto, mas melhor seria que os louvassem por isso. Florêncio Guilherme era homem de conhecimentos. Sabendo em pormenor a história da bela Dama Negra de Puy e o cerimonial do grande perdão, lembrara-se por isso de servir de guia aos peregrinos, supondo encontrar alguém assaz caridoso que lhe desse o suficiente para ceiar em troca das suas belas histórias. Mas os primeiros aos quais oferecera os serviços haviam-no repellido, pois o seu esburacado fato não lhe abonava nem a ciência litúrgica nem o senso, e por isso voltara, triste e desanimado, a encostar-se à parede da residência episcopal, onde podia desfrutar de um pouco de sol e da companhia de Margarida.

– Eles pensam - informou amargamente - que não sei o suficiente para lhes enumerar as relíquias e contar os milagres de Nossa Senhora. Julgam decerto que o espírito me fugiu pelos buracos da farpela!

– Não é o espírito - retorquiu Margarida - que se escapa pelos buracos dos fatos, mas o agradável calor natural. Estou cheia de frio. Não há dúvida de que o homem e a mulher são julgados pela aparência. Ainda haveria quem me achasse a seu gosto se andasse vestida como a senhora condessa de Clermont.

Entretanto, ao longo da rua, em frente deles, os peregrinos empurravam-se em direção ao santuário, onde deviam ir receber perdão dos seus pecados.

– Vão sem dúvida abafar-se uns aos outros dentro em pouco - disse Margarida. - Há vinte e dois anos, na Grande Sexta-Feira, morreram duzentas pessoas sufocadas na porta da Anunciação. Deus lhes guarde a alma! Bons tempos; então era eu nova.

– Exatamente. Nesse ano a que te referes, duzentos peregrinos, em virtude da compressão recíproca, foram desta para melhor. E no dia seguinte parecia que nada sucedera.

Assim falando, Florêncio Guilherme avistou um peregrino muito gordo que não se apressava tanto como os outros a ir receber a absolvição, o qual voltava os seus grandes olhos para a esquerda e para a direita, receoso e embaraçado. Florêncio Guilherme aproximou-se dele e saudou-o humildemente.

– Senhor - disse-lhe -, vê-se logo que sois pessoa de conhecimentos, educada, e que não ides receber o perdão como um carneiro a caminho do açougue. Não sois como esses que caminham uns atrás dos

outros. Concedei-me o favor de ser vosso guia; não vos arrependereis.

O peregrino, um gentil-homem de Limoges respondeu-lhe, no dialecto dessa região, que lhe não interessavam os serviços de um maltrapilho e que sabia muito bem ir sozinho à igreja da Anunciação para ser absolvido dos seus pecados E meteu resolutamente pés ao caminho. Mas Florêncio Guilherme lançou-se-lhe aos pés, a arrancar os cabelos:

- Detende-vos! detende-vos! senhor, por Deus, por todos os santos, nem mais um passo! A morte esperavos, e não posso ver sem remorsos e desgosto um homem como vós encaminhar-se para o seu fim. Se avançardes mais por essa ladeira, tende como certa a morte. Estão a esmagar-se uns aos outros lá em cima. Já uns seiscentos peregrinos deram a alma ao Criador. E isso só ainda é o princípio. Ignorais, porventura, senhor, que há vinte e dois anos, no ano da graça de mil quatrocentos e sete, no dia de hoje e à mesma hora, nessa porta, nove mil seiscentos e trinta e oito pessoas, sem contar as mulheres e as crianças, se esmagaram umas às outras, morrendo todas? Nunca me consolaria se tivésseis a mesma sorte, senhor. Basta ver-vos para estimar-vos, assaltando-nos um súbito desejo de vos amar.

O gentil-homem de Limoges detivera-se, surpreendido, e empalidecera ao ouvir tais palavras e ao ver este homem a arrancar o próprio cabelo aos punhados. Assustado, começava a voltar para trás. Mas Florêncio Guilherme, de joelhos, segurou-o pelo gibão.

- Senhor, por aí não! por aí não! Poderíeis encontrar Jacquet Coquedouille e ficardes transformado em pedra. Mais vale deparar-se-vos o Basílico do que o Jacquet Coquedouille. Caso sejais tão prudente e ilustrado conforme a vossa aparência o indica, sabeis como deveis proceder para obter o perdão conservando a vida? Escutai-me. Sou bacharel. As santas relíquias percorrerão hoje as ruas e as encruzilhadas. Proporcionar-vos-á grande alívio tocar nos relicários que contêm a taça de cornalina pela qual bebeu o Menino Jesus, uma das ânforas das bodas de Caná, a toalha da Santa Ceia e o santo Prepúcio. Sou de opinião que deveis ir em minha companhia aguardar no quente a sua passagem, em certa hospedaria diante da qual sem dúvida desfilarão.

E, sem lhe largar a fímbria do gibão, disse com uma voz persuasiva, apontando a rendeira:

- Senhor, entregai seis soldos a essa excelente mulher, para que vá comprar vinho. Ela sabe onde ele é melhor.

O gentil-homem de Limoges, que era de natureza ingênua, caiu na esparrela, e Florêncio Guilherme ceou a quarta parte de um pato, cujos ossos levou consigo para oferecer à senhora Ysabeau, que dormia com ele nas traves do campanário. Tratava-se da pega de João Magne, o sineiro.

À noite, foi encontrá-la empoleirada no sítio do costume, perto do buraco que lhe servia de armazém, no qual guardava nozes e avelãs, amêndoas e frutos de faia. Vendo que o passaroco acordara com o barulho dos seus passos e se pusera a bater as asas, cumprimentou-o em voz baixa e disse-lhe de brincadeira:

- Pega, três vezes pega, bela dama encarcerada, passaroca claustral, comparsa Margot, japona abadessa, alada beata vestida de clarista, ave!

E acrescentou, oferecendo-lhe os ossos cuidadosamente embrulhados numa folha de couve:

- Senhora, aqui vos apresento os restos de um banquete que me ofereceu um gentil-homem de Limoges. Os naturais dessa região só gostam de rábanos, mas eu ensinei este a preferir aos tubérculos da sua terra o nosso pato tradicional.

No dia seguinte e durante o resto da semana. Florêncio Guilherme, não tendo encontrado o generoso

cidadão de Limoges, ou qualquer outro viajante munido de farnel, jejuou a solis ortu usque ad occasum. Margarida a rendeira seguiu-lhe o exemplo. Aliás foram oportunos uma vez que se estava na Semana Santa.

## CAPÍTULO II

Sucedeu que, no domingo de Páscoa, encontrava-se mestre Jacquet Coquedouille, notável burguês da cidade, a espreitar em sua casa, por um buraco da persiana, os numerosos peregrinos a descer a ladeira. Retiravam-se, contentes com a absolvição; e tal espectáculo despertou-lhe logo o desejo de venerar com mais zelo a milagrosa Virgem Negra. Convenceu-se de que uma dama assim tão visitada devia ser mui poderosa. Sentia-se velho e só em Deus tinha confiança. Duvidava um pouco da sua salvação eterna, pois que isso lhe trazia à lembrança os órfãos e as viúvas que reduzira à miséria. Ainda havia pouco tempo que despojara Florêncio Guilherme da sua escrevedoria com a tabuleta de Nossa Senhora. Emprestava dinheiro a juros com boas garantias. Não se pode concluir disto que fosse usurário, uma vez que era cristão e apenas os Judeus praticam a usura, os Judeus e, vá lá, também os Lombardos e os naturais de Cahors. Jacquet Coquedouille procedia de maneira diferente dos Judeus. Não dizia, como Jacob, Efraim e Manassés: «Empresto-vos dinheiro». Declarava: «Vou investir dinheiro no vosso negócio e no vosso comércio», o que era muito diferente. A usura e o empréstimo a juros eram proibidos pela Igreja; mas o negócio, não.

No entanto, ao lembrar-se de que havia desgraçado tantos cristãos, Jacquet Coquedouille sentia remorsos, receando a justiça divina suspensa sobre a sua cabeça; e, nesse santo Domingo de Páscoa, ocorreu-lhe a ideia de assegurar a proteção da Nossa Senhora para o dia de Juízo Final. Estava convencido de que intercederia por si, no tribunal do seu divino Filho, caso a presenteasse. Dirigiu-se portanto à enorme burra onde tinha o seu ouro aferrolhado e, depois de se certificar de que a porta de casa estava trancada, abriu o cofre cheio de anjinhos, de florins, de esterlinas, de dobrões, de coroas de ouro, de nobres de oiro também, de escudos com a efígie do Sol e de todas as moedas cristãs e sarracenas. Tirou, a suspirar, doze dinheiros de ouro que pôs em cima da mesa coberta de balanças, de limas, de tesouras, de aferidores e de livros de contas. Depois de fechar a burra com três voltas de chave, contou os dinheiros, voltou a contá-los, esteve a observá-los demoradamente, cheio de ternura, e em seguida começou a dizer-lhes umas coisas tão suaves, polidas, delicadas, piedosas, gentis e corteses, que em vez de linguagem humana mais parecia música celeste.

– Oh! minhas cordeirinhas - suspirava o excelente velho -, oh! minhas queridas cordeirinhas, oh! meus lindos e preciosos anhos de farto velo de oiro.

E, pegando nas moedas com tanto respeito como se se tratasse do próprio corpo de Nosso Senhor, pô-las na balança e verificou se tinham mais ou menos o peso da lei, embora se encontrassem já um tanto roídas pelos Lombardos e Judeus, por cujas mãos haviam passado.

Então voltou a dirigir-lhes a palavra, ainda mais suavemente do que da primeira vez:

– Oh! meus amáveis cordeiros, meus cordeiros amáveis, vou tosquiá-los! Nada ireis sofrer com isso.

E, agarrando nas grandes tesouras, raspou nas peças de ouro aqui e ali, conforme era seu costume fazer antes de se separar de qualquer delas. Recolheu cuidadosamente as aparas numa gamela já quase cheia de fragmentos de ouro. Era sincero o seu desejo de oferecer doze cordeirinhos à Santa Virgem. Mas não se julgava dispensado de agir segundo o costume. Depois, foi procurar no armário dos penhores uma bolsinha azul, com bordados a prata, que certa dama leviana e perdulária lhe confiara numa altura de aperto. Jacquet Coquedouille não ignorava que o azul e branco são as cores de Nossa Senhora.

Nesse dia e no seguinte nada mais fez. Mas durante a noite de segunda para terça-feira torceu-se na cama

com cãibras e sonhou que os diabos estavam a puxá-lo pelos pés. Interpretou o sonho como uma advertência de Deus e de Nossa Senhora, passou o dia inteiro em casa, a meditar no seu significado, e depois, ao pôr-do-sol, foi levar a sua oferenda à bela Dama Negra.

# CAPÍTULO III

Nesse mesmo dia, já noite fechada, Florêncio Guilherme preparava-se de ânimo triste para trepar ao seu aéreo abrigo. Jejuara à força o dia inteiro, embora fosse de parecer que um bom cristão não deve proceder desse modo durante a gloriosa semana. Antes de se ir deitar no alto do seu campanário, foi rezar devotamente à bela dama de Puy. Esta encontrava-se ainda, no meio da igreja, no sítio onde se oferecia, na grande Sexta-Feira, à veneração dos fiéis. Pequena e negra, coroada de pedras preciosas, envolta num manto a resplandecer de ouro, de gemas e pérolas, tinha em cima dos joelhos o seu Filho que, tão escuro como ela, mostrava a cabeça por entre uma fenda do manto. Era a milagrosa imagem que São Luís recebera de presente do sultão do Egito e que ele próprio viera depositar na igreja de Anis. Já todos os peregrinos haviam debandado.

O templo encontrava-se deserto e imerso na sombra. As últimas oferendas dos fiéis estavam expostas aos pés da bela Dama Negra, sobre uma mesa alumiada por círios. Via-se aí uma cabeça, diversos corações, mãos, pés, seios de prata, um berço de ouro, ovos, pães, queijos de Aurillac, e, numa gamela cheia de denários, de soldos e de patacas, uma pequena bolsa azul bordada a ouro. Junto desta mesa, sentado num caldeirão, estava a dormir o padre que guardava as ofertas.

Florêncio Guilherme pôs-se de joelhos em frente da santa imagem, rezando mentalmente a seguinte oração:

«Senhora, sé é verdade que o santo profeta Jeremias, tendo-vos visto com os olhos do espírito antes de serdes concebida, esculpiu com as suas próprias mãos, no cedro, com toda a fidelidade, a santa imagem defronte da qual me encontro agora ajoelhado; se é verdade que, mais tarde, o rei Ptolomeu, posto ao par dos milagres operados por esta santa imagem, a arrebatou aos padres judeus, a trouxe para o Egito e a depositou, coberta de pedrarias, no templo dos ídolos; se é verdade que Nabucodonosor, que venceu os Egípcios, por sua vez se apoderou dela e a incluiu no seu tesouro, entre o qual os Sarracenos a foram encontrar quando tomaram Babilônia; se é verdade que o Sultão amava a vossa imagem acima de todas as coisas, e ia, adorá-la, pelo menos, uma vez por dia; se é verdade que o dito Sultão jamais a teria oferecido ao rei Luís, caso a sua mulher, que era sarracena, mas tinha em grande conta a cavalaria e o pudor, o não tivesse convencido a presentear com ela o melhor cavaleiro de toda a cristandade; enfim, se, como firmemente creio, esta imagem é miraculosa, senhora, determinai que ela faça um milagre em favor deste pobre letrado que tantos louvores escreveu a vosso respeito sobre o velino dos missais. Ele santificou as suas mãos pecadoras traçando na sua bela caligrafia, com maiúsculas vermelhas no princípio das frases, as quinze alegrias de Nossa Senhora, em língua vulgar e em rimas para consolação dos aflitos. É uma piedosa obra. Tende isso em atenção, senhora, e esquecei os seus pecados. Dai-lhe de comer. Eu tirarei grande proveito disso, e vós ficareis prestigiada, uma vez que o milagre se não afigurara de pouca monta aos olhos de quem conhece o mundo. Haveis recebido, hoje, ouro, ovos, queijos e uma pequena bolsa azul, bordada a prata. Não invejo, senhora, nenhum dos presentes que vos deram. Foram bem merecidos, e até sois merecedora de mais. Nem sequer vos peço para fazerdes com que me seja restituído aquilo que me roubou certo ladrão chamado Jacquet Coquedouille, um dos respeitados cidadãos da cidade de Puy. Não, só vos suplico que me não deixeis morrer de fome. Caso me concedais tal favor, prometo compor uma extensa e bela história da vossa santa imagem aqui presente.»

Assim orou Florêncio Guilherme. Apenas a pacífica e profunda respiração do guarda adormecido respondeu ao ligeiro sopro desta súplica. O pobre escritor ergueu-se, atravessou a nave sem ruído, pois estava tão leve que os seus passos já se não ouviam, e trepou em jejum a escada que tinha tantos degraus como de dias conta o ano.

Entretanto, a senhora Ysabeau, passando através das grades do claustro, penetrou na igreja. Os barulhentos peregrinos tinham-na perturbado. Apreciava a paz e a solidão. Avançou prudentemente, pondo devagar uma pata adiante da outra, deteve-se, esticou o pescoço, olhando com desconfiança em volta, depois, em graciosos saltos e a sacudir a cauda, acercou-se da Dama Negra; permaneceu alguns instantes imóvel, a observar o guarda adormecido, sondando com os olhos e os ouvidos as sombras e o silêncio; em seguida, com um enérgico bater de asas, saltou para cima da mesa das oferendas.

## CAPÍTULO IV

Florêncio Guilherme preparava-se para dormir a noite no campanário. Estava cheio de frio. O vento, zumbindo pelas aberturas que davam saída ao som, tocava uma sinfonia executada por flautas e órgãos que por certo agradariam muito aos gatos e aos mochos.

Não era esta, porém, a única incomodidade do aposento. Desde o tremor de terra de 1427, que abalara toda a igreja, a flecha da torre caía pedra por pedra, ameaçando ruir por completo durante as tempestades. Nossa Senhora consentira neste estrago para castigar os pecados do povo. Florêncio Guilherme adormecera entretanto, sinal de que o seu coração estava isento de mácula. De todos os sonhos que teve, apenas lhe pareceu recordar-se de que, durante o sono, uma formosíssima dama o estava a beijar na boca. Mas quando os seus lábios pretenderam corresponder ao ósculo, engoliu dois ou três bichos-de-conta que, caminhando-lhe por cima da cara, tinham iludido o seu espírito entorpecido.

Acordou, ouviu um barulho de asas por sobre a cabeça e supôs que se tratava de um diabo, conforme seria natural, uma vez que é costume eles virem, em enormes bandos, atormentar os homens, especialmente durante a noite. Tendo, porem, nesse instante, a Lua espreitado por entre as nuvens, reconheceu a Ysabeau e viu que esta empurrava com o bico, para dentro da fenda da parede que lhe servia de armazém, uma bolsa azul, bordada a prata. Deixou-a trabalhar em paz, e mal a viu abandonar o esconderijo, trepou para cima de uma trave, deitou a mão à bolsa, abriu-a, verificando que continha doze cordeiros de ouro, que meteu no cinto, agradecendo à bela Dama Negra de Puy; como era ilustrado e sabia das Escrituras, tinha presente no espírito que o Senhor matou a fome do profeta Elias com a ajuda de um corvo, donde inferiu que a Santa Mãe de Deus enviara por intermédio de uma pega doze dinheiros ao seu cronista, Florêncio Guilherme.

No dia seguinte, Florêncio e Margarida a rendeira comeram uma escudela de tripas, pitéu com que sonhavam havia muitos anos.

Acaba desta forma o milagre da pega. Assim aquele que o contou possa viver, conforme é seu desejo, em paz e sossego, e que todos quantos o leram desfrutem das maiores venturas.

# O CRISTO DO MAR

Naquele ano, vários pescadores de Saint-Valéry afogaram-se no mar. Os corpos, atirados à praia pela maré, foram encontrados de mistura com os restos dos seus barcos, e durante nove dias foram vistos, na trilha montanhosa que conduz à igreja, esquifes carregados nos ombros e acompanhados por viúvas em pranto, sob grandes mantos negros, como as mulheres da Bíblia.

Assim, foram o patrão Jean Lenoël e seu filho Désiré depostos na grande nave, sob a mesma arcada a que haviam pouco antes pendurado, em oferta à Santa Virgem, um navio com todo o seu massame. Tinham sido homens justos e tementes a Deus, e o abade Guillaume Truphème, vigário de Saint-Valéry, tendo-lhes dado a absolvição, disse em voz lacrimosa:

– Jamais foram depostas em solo sagrado, para aí aguardarem o juízo do Senhor, criaturas mais virtuosas e cristãos mais devotos que Jean Lenoé e seu filho Désiré.

E enquanto os barcos com seus donos pereciam ao longo da costa, grandes navios soçobravam ao largo, e não se passava dia sem que o oceano produzisse algum destroço. Então, certa manhã, meninos que remavam num batel viram uma figura em decúbito à tona do mar. Era um Cristo, em tamanho de homem, esculpido em madeira dura, pintado em cores naturais, e parecia uma obra antiga. O Cristo flutuava nas águas de braços estendidos. Os meninos o guindaram para bordo e o conduziram a Saint-Valéry. A coroa de espinhos cingia-lhe a fronte. Os pés e as mãos estavam traspassados. Mas faltavam os cravos, assim como a cruz. Com os braços ainda abertos para oferecer-se e bendizer, tinha a mesma postura em que o haviam visto José de Arimatéia e as santas mulheres no momento de o amortilhar.

Os meninos o levaram ao vigário Truphème, que lhes disse:

– Esta imagem do Messias é de valor antigo, e quem o executou certamente de há muito não pertence aos vivos. Ainda que os negociantes de Amiens e de Paris vendam hoje por cem francos, e até mais, estátuas primorosas, é necessário reconhecer que os artesãos de outrora tinham também o seu merecimento. Mas o que me alegra é sobretudo o pensamento de que, se o Salvador vem assim, de braços abertos, a Saint-Valéry, é para abençoar a paróquia tão cruelmente provada, e mostrar a sua piedade por essa pobre gente que na pesca arrisca a sua vida. Ele é o Deus que caminhou sobre as águas, e abençoou as redes de Cefas.

E o cura Truphème, tendo mandado depositar o Cristo na igreja, sobre a toalha do altar-mor, tratou de encomendar ao carpinteiro Lemerre uma bela cruz em lenho de carvalho.

Pronta esta, nela pregaram o Cristo com pregos novos, e o colocaram na nave, por sobre o banco dos mordomos.

Foi então que se viu que os seus olhos estavam repletos de misericórdia e pareciam umedecidos por uma celeste compaixão. Um dos tesoureiros, que assistia à instalação do crucifixo, acreditou ver lágrimas correrem pela divina face.

Na manhã seguinte, entrando com o acólito na igreja para dizer a missa, o vigário surpreendeu-se ao ver na parede a cruz vazia, e o Cristo deitado sobre o altar.

Tão logo acabou de celebrar o santo ofício, mandou chamar o carpinteiro e perguntou-lhe por que ele havia tirado o Cristo da cruz. Mas o carpinteiro respondeu que não lhe havia tocado. E, depois de interrogar o sacristão e os fabriqueiros, o abade Truphème assegurou-se de que ninguém entrara na igreja desde o momento em que o Cristo fora dependurado.

Ocorreu-lhe então que aquelas coisas fossem milagrosas, e meditou sobre elas com prudência. No domingo seguinte referiu-as na prédica aos seus paroquianos, e convidou-os a contribuir com donativos para a ereção de uma nova cruz mais bela que a primeira e mais digna de sustentar o Redentor do mundo.

Os pobres pescadores de Saint-Valéry deram todo o dinheiro que puderam, e as viúvas entregaram as suas alianças. Com o que o abade Truphème pôde ir imediatamente a Abbeville encomendar uma cruz de madeira negra, muito reluzente, encimada por uma tabuleta com a inscrição INRI em letras douradas.

Dois meses mais tarde plantaram-na no lugar da primeira, e a ela pregaram o Cristo entre a lança e a esponja.

Mas Jesus deixou-a como à outra, e foi, depois do anoitecer, estender-se sobre o altar.

Ao encontrá-lo de manhã, o vigário caiu de joelhos e orou por muito tempo. A notícia do milagre espalhou-se por toda a redondeza, e as damas de Amiens promoveram peditórios para o Cristo de Saint-Valéry. O abade Truphème recebeu de Paris dinheiro e jóias, e a mulher do ministro da Marinha, Sra. Hyde de Neuville, enviou-lhe um coração de diamantes. Com todas essas riquezas, um ourives da Rue de Saint-Sulpice compôs, em dois anos, uma cruz de ouro e pedrarias, que foi inaugurada em meio a grande pompa na igreja de Saint-Valéry, no segundo domingo após a Páscoa do ano de 18...

Mas Aquele que não recusara o madeiro doloroso escapou-se daquela cruz tão rica e foi de novo estender-se sobre o linho branco do altar.

Com medo de ofendê-lo, deixaram-no ficar desta vez, e ele ali repousava por mais de dois anos quando Pierre, filho de Pierre Caillou, veio dizer ao senhor cura Truphème que tinha encontrado na areia da praia a verdadeira cruz de Nosso Senhor.

Pierre era um inocente, e como não tivesse entendimento bastante para ganhar a vida, davam-lhe pão, por caridade; e gostavam dele, porque era incapaz de fazer mal. Mas costumava engrolar coisas sem nexos, a que ninguém dava ouvidos.

Contudo, o abade Truphème, que incessantemente matutava no mistério do Cristo do mar, deixou-se impressionar pelo que contara o pobre idiota. Com o sacristão e dois fabriqueiros, dirigiu-se ao lugar onde o rapaz afirmava ter visto uma cruz, e ali encontrou duas pranchas guarnecidas de pregos, que as vagas haviam rolado durante muito tempo, e que efetivamente formavam uma cruz.

Eram detritos de um antigo naufrágio. Em uma das pranchas distinguiam-se ainda duas letras pintadas em preto, um J e um L, e não cabia duvidar que fosse um fragmento do barco de Jean Lenoel que, cinco anos antes, perecera no mar com seu filho Désiré.

Vendo aquilo, o sacristão e os fabriqueiros começaram a rir de um inocente que tomava as tábuas esfaceladas de um barco pela cruz de Jesus Cristo. Mas o vigário Truphème lhes atalhou as zombarias. Ele meditara muito e muito orara desde que o Cristo do mar fizera a sua aparição em meio aos pescadores, e o mistério da infinita caridade começava a se lhe revelar. Ele ajoelhou-se na areia, recitou a oração pelos fiéis defuntos, depois ordenou ao sacristão e aos fabriqueiros que carregassem aos ombros o destroço e o depositassem na igreja. Feito isto, ergueu o Cristo de sobre o altar, colocou-o

sobre as pranchas do barco e pregou-o, com suas próprias mãos, com os pregos corroídos pelo mar.

Por ordem sua, a nova cruz ocupou, a partir do dia seguinte, sobre o banco dos mordomos, o lugar da cruz de ouro e pedrarias. E nunca mais o Cristo do mar dali se despregou. Aproveu-lhe permanecer naquele lenho sobre o qual homens morreram a invocar-lhe o nome e o de sua Mãe. E ali, entreabrindo a boca augusta e dolorosa, ele parece dizer: “A minha cruz é feita dos sofrimentos dos homens, pois em verdade vos digo que eu sou o Deus dos pobres e dos desvalidos.”

# BALTASAR

## CAPÍTULO I

Nesse tempo, Baltasar, que os gregos chamaram Sarraceno, reinava na Etiópia. Negro, mas belo de rosto, era de espírito simples e de coração generoso. Durante o terceiro ano de seu reinado, que era o vigésimo segundo de sua idade, saiu para visitar Balkis, rainha de Sabá. Acompanhavam-no o mago Sembobitis e o eunuco Menkera. Seguiam-no setenta e cinco camelos, carregados de cinamomo, mirra, ouro em pó e dentes de elefante. No decorrer da caminhada, Sembobitis ensinava-lhe não só a influência dos planetas como também as virtudes das pedras e Menkera cantava-lhe canções litúrgicas; mas ele não os ouvia e distraía-se a olhar os pequenos chacais sentados, de orelhas em pé, contra o horizonte de areia.

Enfim, após doze dias de viagem, Baltasar e seus companheiros sentiram um perfume de rosas, e, dentro em pouco, avistaram os jardins que contornavam a cidade de Sabá.

Nesse lugar, iam encontrar moçoilas que dançavam debaixo de romeiras em flor.

– A dança é uma prece – disse o mago Sembobitis.

– Vender-se-iam por elevado preço essas mulheres – disse o eunuco Menkera.

Assim que entraram na cidade, maravilharam-se da grandeza das lojas, dos galpões e depósitos que diante deles se estendiam e, ainda, da quantidade de mercadorias que neles se acumulavam.

Caminharam muito tempo pelas ruas cheias de carretas e carregadores, de asnos e almocreves, e depararam, quando menos esperavam, com as muralhas de mármore, os pavilhões de púrpura, as cúpulas de ouro do palácio de Balkis.

Recebeu-os a rainha de Sabá num pátio refrescado por chafarizes de água perfumada que se desmanchava em pérolas com límpido murmúrio. De pé, vestindo uma túnica de pedrarias, ela sorria.

Assim que a viu, Baltasar foi tomado de grande perturbação. Parecia-lhe ela mais doce que o sonho e mais bela que o desejo.

– Senhor – disse-lhe baixinho Sembobitis – cuidai de ajustar com a rainha um bom tratado de comércio.

– Acautelai-vos, senhor – acrescentou Menkera. – Dizem que ela emprega a magia para se fazer amada pelos homens.

Em seguida, depois de se prosternarem, o mago e o eunuco retiraram-se.

Ao ficar a sós com Balkis, Baltasar tentou falar, abriu a boca, mas não pôde dizer uma única palavra. Pensou então consigo mesmo: “A rainha irá aborrecer-se com o meu silêncio”.

No entanto, ela estava a sorrir e não tinha ar de enfado.

Foi a primeira a falar, e disse com voz mais suave que a mais suave música:

– Sede bem-vindo e assentai-vos junto de mim.

E com o dedo, que a um raio de luz clara se assemelhava, indicou-lhe os coxins de púrpura espalhados pelo chão.

Exalando profundo suspiro Baltasar acomodou-se e, agarrando uma almofada em cada mão, exclamou de repente:

– Senhora, quisera que estes dois coxins fossem dois gigantes, inimigos vossos, para que eu lhes torcesse o pescoço.

E, assim dizendo, cerrava tão fortemente as almofadas nas mãos, que o estofado se rompeu, deixando sair uma nuvem de pequeninas plumas brancas. Uma delas voltejou por momento no ar e depois foi pousar no colo da rainha.

– Senhor Baltasar, disse Balkis corando, por que desejais matar gigantes?

– Porque vos amo, respondeu Baltasar.

– Dizei-me – indagou Balkis – se em vossa capital é boa a água das cisternas?

– Sim – respondeu surpreso Baltasar.

– Também tenho curiosidade de saber – prosseguiu Balkis – como se fabricam os doces secos na Etiópia.

O rei não sabia o que responder.

Ela insistiu:

– Dizei, dizei, que me agradareis.

Então, fazendo grande esforço de memória, ele descreveu os processos dos cozinheiros etiópicos, que confeioam marmelos com mel. Ela porém não o ouvia.

De repente interrompeu-o:

– Senhor, dizem que amais a rainha Candace, vossa vizinha. Não me enganeis: ela é mais bela do que eu?

– Mais bela, senhora, exclamou Baltasar caindo a seus pés, será possível?...

A rainha prosseguiu:

– Sim! seus olhos? sua boca? sua tez? seu colo? . .

Baltasar estendeu os braços para ela e suplicou:

– Deixai-me remover a plumazinha que em vosso colo pousou e dar-vos-ei a metade de meu reino mais o sábio Sembobitis e o eunuco Menkera.

Ela porém ergueu-se e afastou-se rindo sonoramente.

Quando o mago e o eunuco retornaram, encontraram o seu senhor em inusitada atitude pensativa.

– Senhor, não haveis concluído um bom tratado comercial? – inquiriu Sembobitis.

Nesse dia, Baltasar ceou com a rainha de Sabá e bebeu vinho de palmeira.

Enquanto ceavam, Balkis tornou a perguntar-lhe:

– Então, é verdade? A rainha Candace não é tão bela quanto eu?

– A rainha Candace é negra, replicou Baltasar.

Balkis encarou vivamente Baltasar e comentou:

– Pode-se ser negro sem ser feio.

– Balkis! exclamou o rei.

Mais nada pôde acrescentar. Tomando-a nos braços, inclinara sob os seus lábios a fronte .da rainha. Mas viu que ela chorava. Falou-lhe então em surdina, com voz carinhosa e um pouco cantante, tal como fazem as amas, e chamou-a sua pequena flor e sua pequena estrela.

– Por que chorais? – perguntou ele. – E que é preciso fazer para que não choreis mais? Se tendes algum desejo dizei-me, para que eu possa realizá-lo.

Já não chorava mais, porém ficou absorta. Durante muito tempo, Baltasar instou para que ela lhe confiasse o seu desejo.

Enfim ela acedeu:

– Eu quisera ter medo.

Como Baltasar parecesse não ter compreendido, explicou-lhe que há muito sentia necessidade de correr algum perigo desconhecido, coisa que não lhe era possível, pois os guardas e os deuses sabeus velavam por ela.

– Contudo – acrescentou suspirando – quisera sentir durante a noite o delicioso frio do pavor penetrar em minha carne. Quisera sentir arrepiarem-se-me os cabelos. Oh! seria tão bom ter medo!

E, enlaçando os braços ao pescoço do rei negro, disse-lhe com a voz de uma criança que suplica:

– Eis que já chegou a noite. Partamos disfarçados para a cidade. Quereis?

Ele assentiu. Correu Balkis então à janela e pela rótula olhou a praça pública.

– Um mendigo – disse ela – está deitado junto ao muro do palácio. Dai-lhe as vossas roupas e pedi-lhe em troca o seu turbante de pêlo de camelo e o pano grosseiro que lhe cinge os rins. Apressai-vos, que me vou aprontar.

E saiu correndo da sala do banquete a bater palmas para melhor manifestar a sua alegria.

Baltasar tirou sua túnica de linho, bordada de ouro, e cingiu-se com o saiote do mendigo. Tinha assim a aparência de um verdadeiro escravo. A rainha reapareceu dali a pouco, vestindo a saia azul sem costura das mulheres que trabalham nos campos.

– Vamos! – disse ela.

E guiou Baltasar por estreitos corredores até uma pequena porta que se abria para a campina.

## CAPÍTULO II

Escura era a noite e, dentro da noite, Balkis parecia mais pequena ainda.

Conduziu ela Baltasar a uma tasca onde brutamontes e carregadores da cidade se reuniam com prostitutas. Nesse lugar, assentados a uma mesa, viam, à luz de infecta lâmpada, em atmosfera espessa, homenzarrões mal cheirosos que trocavam murros e facadas por uma barregã ou por um caneco de bebida fermentada, enquanto outros roncavam, de punhos fechados, debaixo das mesas. O taverneiro, recostado sobre uns sacos, observava prudentemente, com o canto dos olhos, as rixas dos beberrões.

Avistando uns peixes salgados que pendiam das traves do teto, Balkis declarou ao companheiro:

– Bem que eu gostaria de comer um desses peixes com cebola esmagada.

Baltasar ordenou que a servissem. Quando ela acabou de comer, o rei percebeu que não havia trazido dinheiro. Mas isto não lhe causou nenhuma inquietação por supor que poderiam sair sem pagar a despesa. O taverneiro barrou-lhes porém o caminho, chamando-lhes vilão, escravo e sórdida vagabunda. Com um soco Baltasar estendeu-o por terra. Vários bebedores atiraram-se de faca em punho contra os dois desconhecidos.

Mas o negro, munindo-se de um enorme pilão, que era usado para amassar cebolas do Egito, desancou dois dos agressores e obrigou os outros a recuarem. Ao mesmo tempo, sentia o calor do corpo de Balkis enroscado no dele, e por isso era invencível. Os amigos do bodegueiro, não mais ousando se aproximar, atiraram contra Baltasar, do fundo da espelunca, jarras de óleo, canecos de estanho, tochas acesas e até o enorme caldeirão de bronze onde se cozinhava um carneiro de uma só vez.

O panelão atingiu com horrível estrondo a frente de Baltasar e lhe fez um enorme corte na cabeça. Por momentos ele ficou aturdido, mas em seguida, recuperando as forças, arremessou de volta o marmitão, porém com tamanho vigor que o seu peso foi decuplicado. Ao choque do bronze misturaram-se uivos inauditos e estertores de morte. Aproveitando-se do pânico dos sobreviventes e temendo que Balkis pudesse ser ferida, tomou-a nos braços e com ela fugiu pelas ruelas sombrias e desertas. O silêncio da noite envolvia a terra, e os fugitivos ouviam decrescer atrás deles o clamor dos bebedores e do femeação, que os perseguiam ao acaso na escuridão.

Logo nada mais ouviam a não ser o fraco ruído das gotas de sangue que caíam, uma a uma, da testa de Baltasar sobre o colo de Balkis.

– Amo-te! – murmurava a rainha.

E a lua, irrompendo de uma nuvem, permitiu ao rei ver um clarão úmido e nevoento nos olhos entre cerrados de Balkis. Desceram ambos ao leito ressequido de uma corrente. De repente, o pé de Baltasar escorregou nos musgos e os dois caíram abraçados. Pareceu-lhes que se haviam afundado num delicioso abismo sem fim e o mundo dos vivos deixou de existir para eles.

Gozavam ainda do fascinante esquecimento do tempo, do número e do espaço, quando, à aurora, as gazelas vieram beber no côncavo das pedras.

Nesse momento, uns salteadores que passavam viram os dois amantes deitados no musgo.

– São pobres – disseram – mas nós os venderemos por bom preço, pois são jovens e belos.

Então se aproximaram do casal, amarraram os dois e, atando-os à cauda de um asno, prosseguiram seu caminho.

O negro, acorrentado, proferia contra os bandidos ameaças de morte. Mas Balkis, tiritando ao ar frio da manhã, parecia sorrir a algo de invisível.

Caminharam por desolados desertos até que se acentuou o calor do dia. Já ia alto o sol quando os facínoras desamarraram os prisioneiros e, fazendo-os assentarem-se ao pé deles, à sombra de um rochedo, jogaram-lhes um pedaço de pão bolorento, que Baltasar desdenhou de apanhar, mas que Balkis comeu avidamente.

Ela ria. O chefe dos salteadores perguntou-lhe por que ria:

– Rio-me – respondeu-lhe ela – por pensar que vos mandarei enforcar a todos.

– De verdade! – zombou o chefe dos assaltantes. – Eis um estranho intento na boca de uma lavadeira de escudelas como tu, minha querida! Sem dúvida é com a ajuda de teu galante negro que nos farás enforcar?

Ouvindo tão ultrajantes palavras, Baltasar foi tomado de grande furor. Atirou-se sobre o bandido e apertou-lhe tão fortemente a garganta que quase o estrangulou.

Mas este enterrou-lhe até o cabo uma faca no ventre. O pobre rei, rolando por terra, voltou a Balkis um olhar de moribundo, que se extinguiu quase no mesmo instante.

# CAPÍTULO III

Nesse instante, ouviu-se grande estrépito de homens, cavalos e armas, e Balkis reconheceu o bravo Abner que, à frente de sua guarda, vinha livrar a rainha, de cuja misteriosa desapareição desde a véspera tivera conhecimento.

Depois de prosternar-se três vezes aos pés de Balkis, .mandou avançar uma liteira de antemão preparada para recebê-la. Enquanto isso, os guardas amarravam as mãos dos assaltantes.

Voltando-se para o chefe deles, disse-lhe com suavidade a rainha:

– Não me censurarás, amigo, de te haver feito vã promessa quando garanti que serias enforcado.

O mago Sembobitis e o eunuco Menkera, que ladeavam Abner, puseram-se aos gritos mal viram o seu príncipe estendido no chão, imóvel, com uma faca enterrada no ventre. Soergueram-no com precaução. Sembobitis, que excelia na arte da medicina, viu que ele ainda respirava. Fez-lhe um rápido curativo, enquanto Menkera enxugava a baba que escorria da boca do rei. Amarraram-no, em seguida, sobre um cavalo e conduziram-no vagorosamente até o palácio da rainha.

Durante quinze dias Baltasar esteve subjugado por violento delírio. Falava sem cessar no panelão fumegante, no musgo do córrego e chamava aos gritos por Balkis. Finalmente, no décimo sexto dia, abrindo os olhos, viu à sua cabeceira Sembobitis e Menkera, mas não avistou a rainha.

– Onde está ela? Que faz ela?

– Senhor – respondeu-lhe Menkera – ela está encerrada com o rei de Comagena.

– Combinam, sem dúvida, trocas de mercadorias, – ajuntou o sábio Sembobitis. – Mas não vos perturbeis dessa forma, senhor, porque vossa febre recomeçará.

– Quero vê-la! – exclamou Baltasar.

E atirou-se em direção do apartamento da rainha sem que o ancião ou o eunuco pudessem retê-lo. Ao chegar diante da alcova, dela viu sair o rei de Comagena todo coberto de ouro e brilhante como um sol.

Balkis, reclinada sobre leito de púrpura, sorria, de olhos fechados.

– Minha Balkis, minha Balkis! – soluçou Baltasar.

Ela porém nem voltou a cabeça e parecia prolongar um sonho.

Baltasar, aproximando-se, tomou-lhe uma das mãos que ela retirou bruscamente.

– Que quereis de mim? – perguntou a mulher.

– Sois vós que perguntais! – respondeu o rei negro desfazendo-se em lágrimas.

Balkis volveu-lhe uns olhos tranqüilos e duros, e Baltasar compreendeu que ela de tudo esquecerara.

Recordou-lhe então, a noite da torrente.

– Na verdade, não sei que pretendeis dizer, senhor. Não vos fez bem o vinho de palmeira! Estivestes sonhando por certo.

– Como! – exclamou o infeliz príncipe torcendo os braços – teus beijos e a facada de que guardo o sinal, são por acaso sonhos! . . .

Ela se levantou. As pedrarias de sua veste produziram ruído semelhante à saraiva e expediram cintilações.

– Senhor – disse ela – esta é a hora em que se reúne o meu conselho. Não disponho de tempo para esclarecer os sonhos de vosso cérebro enfermo. Ide repousar. Adeus!

Baltasar, sentindo-se desfalecer, esforçou-se por não mostrar sua fraqueza à perversa mulher, e correu para sua câmara, onde tombou desmaiado, com a ferida reaberta.

Três semanas permaneceu insensível e feito morto, mas, sentindo-se reanimado no vigésimo segundo dia, segurou a mão de Sembobitis, que o velava em companhia de Menkera, e protestou soluçando:

– Oh! meus amigos, quanto sois felizes, um por ser velho e outro por aos velhos assemelhar-se! ... Mas não! Não há felicidade no mundo, nele tudo é mau, pois que o amor é um mal e Balkis é má.

– A sabedoria restitui a felicidade – respondeu Sembobitis.

– Gostaria de experimentar – disse Baltasar. – Mas partamos imediatamente para a Etiópia.

## CAPÍTULO IV

Como perdera o que amava, resolveu consagrar-se à sabedoria e vir a ser um mago. Se esta resolução não lhe dava prazer, trar-lhe-ia, ao menos, um pouco de calma. Toda a noite, sentado no terraço de seu palácio, em companhia do mago Sembobitis e do eunuco Menkera, contemplava ele as palmeiras imóveis no horizonte, ou atentava, à luz da lua, para os crocodilos que, como troncos de árvores, flutuavam sobre o Nilo.

– Nunca se cansa de admirar a natureza – dizia Sembobitis.

– Sem dúvida – respondia Baltasar. – Mas há na natureza coisas mais belas que as palmeiras e os crocodilos.

E assim falava porque se lembrava de Balkis.

Sembobitis, que era velho, retomava:

– Há o fenômeno das enchentes do Nilo que é admirável e que já expliquei. O homem é feito para compreender.

– Ele é feito para amar. – retrucava Baltasar suspirando. – Há coisas que não se explicam.

– Quais? – perguntava Sembobitis.

– A traição de uma mulher – respondia o rei.

Contudo, estando Baltasar resolvido a ser um mago, mandou construir uma torre do alto da qual se descortinavam diversos reinos e toda a extensão do céu. Era de tijolos e elevava-se acima das demais torres. Levou dois anos a ser construída e nela despendeu Baltasar todo o tesouro do rei seu pai. Toda noite subia ele ao topo dessa torre, e, lá, observava o céu sob a direção de Sembobitis.

– As figuras do céu são os signos de nossos destinos – dizia-lhe Sembobitis.

Ao que o rei replicava:

– É preciso admitir que esses signos são obscuros. Mas, enquanto eu os estudo, não penso em Balkis, o que é um grande bem.

O mago ensinava-lhe, entre outras verdades de útil conhecimento, que as estrelas são fixas como pregos na abóbada celeste e que há cinco planetas, a saber: Bel, Merodach e Nebo, que são machos, e Sin e Mílita que são fêmeas.

– A prata – dizia-lhe ele ainda – corresponde a Sin, que é a lua, o ferro a Merodach, o estanho a Bel.

E o bom Baltasar dizia:

– Eis aí conhecimentos que desejo adquirir. Enquanto estudo a astronomia, não penso nem em Balkis nem no que quer que seja deste mundo. As ciências são benéficas: elas impedem os homens de pensar. Sembobitis, ensina-me os conhecimentos que destroem nos homens a paixão e eu te cumularei de honrarias entre o meu povo.

Eis por que Sembobitis ensinou a sabedoria ao rei.

Com ele Baltasar aprendeu apotelesmática, segundo os princípios de Astrampsicos, de Gobrias e de Pazatas. Baltasar, à medida que observava as doze casas do sol, pensava menos em Balkis.

Menkera, que disso se apercebeu, demonstrou grande alegria:

– Confessai, senhor – disse-lhe um dia – que a rainha Balkis ocultava debaixo das vestes de ouro pés fendidos como são os das cabras...

– Quem te contou semelhante tolice? – perguntou o rei.

– É a crença pública, senhor, tanto em Sabá quanto na Etiópia – respondeu o eunuco. – Todos por aí afirmam que a rainha Balkis tem a perna cabeluda e o pé feito de dois chifres pretos.

Baltasar deu de ombros. Sabia que as pernas e os pés de Balkis eram feitos como os pés e as pernas de outras mulheres e perfeitamente belos. No entanto, essa idéia prejudicou-lhe a lembrança daquela que tanto amara. Pareceu-lhe afrontoso que a beleza de Balkis não estivesse isenta de ofensas na imaginação dos que a ignoravam. A idéia de que possuía uma mulher, na verdade bela, mas que passava por monstruosa, provocou verdadeiro mal-estar e não desejou mais rever Balkis. De alma simples era Baltasar, mas o amor é sempre um sentimento assaz complicado.

A contar desse dia, o rei fez grandes progressos em magia e em astrologia. Era extremamente atento às conjunções dos astros e tirava os horóscopos com tanta exatidão quanto o próprio sábio Sembobitis.

– Sembobitis – dizia-lhe – tu respondes com a cabeça pelo acerto dos meus horóscopos?

E o sábio Sembobitis respondia-lhe:

– Senhor, a ciência é infalível, mas os sábios sempre se enganam.

Baltasar tinha um belo talento natural, e afirmava:

– Nada existe de mais verdadeiro do que o que é divino, mas o divino nos é oculto. Procuramos em vão a verdade. Contudo, eis que descobri uma estrela nova no céu. É bela, parece vivente e, quando cintila, dir-se-ia um olho celeste que pisca com doçura. Feliz, feliz, feliz, quem nascer sob essa estrela! Sembobitis, vê que olhar nos lança esse astro encantador e magnífico.

Mas Sembobitis não viu a estrela, porque não a queria ver. Sábio e velho, não gostava de novidades.

E Baltasar repetia sozinho no silêncio da noite:

– Feliz, feliz, feliz, quem nascer sob essa estrela!

# CAPÍTULO V

Ora, por toda a Etiópia e pelos reinos vizinhos propagou-se o rumor de que o rei Baltasar não mais amava Balkis.

Quando a notícia atingiu o país dos sabeus, Balkis indignou-se como se tivesse sido traída. Correu para o rei de Comagena, que na cidade de Sabá esquecia o seu império, e exclamou:

– Sabeis, amigo, do que acabo de ter conhecimento? Baltasar não mais me ama.

– Que importa! – respondeu sorrindo o rei de Comagena – se nós nos amamos.

– Mas não sentis, então, a afronta que esse negro me faz?

– Não – respondeu o rei de Comagena – não a sinto.

Balkis despediu-o ignominiosamente e ordenou ao seu grão-vizir tudo preparar para uma viagem à Etiópia.

– Partiremos esta noite mesmo – disse ela. – Se antes do pôr-do-sol, não estiver tudo preparado, mando cortar-te a cabeça.

Depois, quando se viu sozinha, pôs-se a soluçar:

– Amo-o! Ele não mais me ama e eu o amo!

Suspirava com toda a sinceridade de seu coração.

Ora, certa noite em que estava no topo da torre, a observar a estrela miraculosa, Baltasar, descendo o olhar para a terra, viu uma longa fileira negra, que serpenteava ao longe, sobre a areia do deserto, como um exército de formigas. Pouco a pouco, o que lhe parecera formigas avultou e tornou-se assaz nítido para que o rei verificasse que eram cavalos, camelos e elefantes.

Aproximando-se da cidade a caravana, Baltasar distinguiu as cimitarras resplandecentes e os cavalos negros dos guardas da rainha de Sabá. E, reconhecendo a própria rainha, sentiu-se fortemente perturbado. Percebeu que ia amá-la outra vez. A estrela brilhava no zênite com esplendor maravilhoso. Embaixo, Balkis, reclinada numa liteira de púrpura e ouro, era pequena e brilhante como a estrela.

Baltasar sentiu-se atraído para ela por uma força violenta. Todavia, num esforço desesperado, voltou a cabeça e, levantando os olhos, reviu a estrela.

Então a estrela assim falou

– Glória a Deus nos céus e paz na terra aos homens de boa vontade. Apanha uma medida de mirra, bom rei Baltasar, e segue-me. Eu te conduzirei aos pés do menino que acaba de nascer num estábulo, entre o asno e o boi. Esse menino é o rei dos reis. Ele consolará os que querem ser consolados. Ele te chama, Baltasar, a ti cuja alma é tão sombria quanto o rosto, mas cujo coração é simples como o de uma criança. Ele te escolheu porque sofreste, e ele te dará a riqueza, a alegria e o amor. Ele te dirá: sê pobre com júbilo, essa é a verdadeira riqueza. Ele te dirá ainda: a verdadeira alegria está na renúncia à alegria. Ama-me e não ames as criaturas senão em mim, porque somente eu sou o amor.?

A estas palavras, uma paz divina difundiu-se como uma luz sobre o semblante sombrio do rei.

Baltasar, arrebatado, escutava a estrela. E sentia que estava se tornando um novo homem.

Sembobitis e Menkera, prosternados, as fronte tocando a pedra, também a adoravam.

A rainha Balkis observava Baltasar e compreendeu que jamais haveria amor para ela naquele coração transbordante do amor divino. Empalideceu de despeito e deu ordem à caravana de regressar imediatamente às terras de Sabá.

Quando a estrela cessou de falar, o rei e seus dois companheiros desceram da torre. Em seguida, preparada a medida de mirra, organizaram uma caravana e saíram para onde os conduzia a estrela.

Viajaram longo tempo por desconhecidas terras, sendo que a estrela marchava adiante deles.

Um dia, achando-se num lugar onde três caminhos se encontravam, viram eles dois reis que avançavam com numeroso séquito. Um era jovem e branco de rosto. Saudou Baltasar e disse-lhe:

– Chamo-me Gaspar, sou rei e vou levar ouro como presente ao menino que acaba de nascer em Belém de Judá.

O segundo rei adiantou-se por sua vez. Era um velho cuja barba branca lhe cobria o peito.

– Chamo-me Melchior, disse ele, sou rei e vou levar incenso à divina criança que vem ensinar a verdade aos homens.

– Sigo o mesmo caminho de vós, respondeu Baltasar; venci minha luxúria, e por isso a estrela me falou.

– Eu venci meu orgulho – disse Melchior – e por isso fui chamado.

– Eu venci minha crueldade – disse Gaspar – e por isso vou convosco.

E os três reis magos prosseguiram juntos a viagem. A estrela, que eles tinham visto no Oriente, precedeu-os sempre até que se deteve ao chegar sobre o lugar onde estava o menino.

Ora, vendo parar a estrela, eles se alegraram profundamente.

E, entrando no estábulo, encontraram o menino com Maria, sua mãe, e, prosternando-se, adoraram-no. E, abrindo seus tesouros, ofertaram-lhe ouro, incenso e mirra, tal como está dito no Evangelho.

# O JOGRAL DE NOSSA SENHORA

Nos tempos do rei Luís, havia em França um pobre jogral, natural de Compiègne, de nome Barnabé, que ia de cidade em cidade executando acrobacias e malabarismos.

Nos dias de feira ele estendia na praça pública um velho tapete roto, e após atrair as crianças e os basbaques com graciosos recitativos decorados com um velho prestímano, e nos quais ele nunca introduzia a mínima alteração, assumia atitudes estranhas e punha-se a equilibrar, na ponta do nariz, uma bandeja de estanho.

A princípio, a multidão cercava-o com indiferença. Mas quando, de mãos no chão, cabeça para baixo, lançava ao ar e tornava a apanhar com os pés seis bolas de cobre que brilhavam ao sol, ou quando, torcendo-se até que a nuca tocasse os calcanhares, dava ao corpo a forma de um perfeito arco e, nessa posição, começava a fazer malabarismo com doze facas, um murmúrio de admiração se erguia da assistência e as moedas choviam no tapete.

Como todos que vivem do seu talento, porém, a vida de Barnabé de Compiègne era muito dura. Ganhando seu pão com o suor do rosto, ele arcava com uma parte maior do que a que lhe cabia no castigo imposto a Adão, nosso pai. Além disso, não podia trabalhar tanto quanto desejava. Para demonstrar as suas habilidades carecia, como as árvores necessitam para dar flores e frutos, do calor e da luz do dia. Durante o inverno, ele não passava de uma árvore despojada de folhas e quase morta. A terra recoberta de neve era cruel para com o jogral. E como a cigarra de Maria de França, ele padecia frio e fome durante a época hibernal. Mas como era de coração simples, aceitava os seus males com resignação.

Nunca meditava na origem das riquezas e na desigualdade das condições humanas. Cria firmemente que se este mundo é mau, o outro não poderia deixar de ser bom, e essa esperança o sustentava. Não imitava os farsantes cínicos que venderam a alma ao diabo. Jamais blasfemava o nome de Deus; vivia honestamente e, embora não tivesse mulher, não desejava a do vizinho, porque a mulher é inimiga dos homens fortes, segundo a história de Sansão, que vem contada na Escritura.

Na verdade, não era inclinado aos desejos da carne e custava-lhe mais renunciar às canecas de vinho do que às damas, pois, sem atentar contra a sobriedade, gostava de beber.

Era, enfim, um homem de bem, temente a Deus e muito devoto da Santa Virgem. Quando entrava numa igreja jamais deixava de se ajoelhar diante da Mãe de Deus e de lhe dirigir a seguinte oração:

"Senhora, tomai-me sob a vossa proteção até que Deus me chame e, quando eu morrer, concedei-me as delícias do Paraíso."

Ora, certa noite, após um dia de chuva, enquanto caminhava, triste e curvado, levando sob o braço as bolas e as facas embrulhadas no velho tapete, à procura de qualquer canto para passar a noite, sem jantar, deparou na estrada com um frade que seguia o mesmo caminho e saudou-o respeitosamente. Como caminhassem ao mesmo passo, puseram-se a conversar.

— Companheiro — disse o religioso — de onde vens que estás todo vestido de verde? Não será para encarnar a personagem de louco num Mistério?

— Não é bem isso, meu pai — respondeu Barnabé. — Tal qual me vedes, chamo-me Barnabé e sou jogral de profissão. Essa seria a mais bela carreira do mundo se a gente pudesse comer todos os dias.

— Amigo Barnabé — retrucou o frade — atenta nas tuas palavras. Não há carreira mais bela que a monástica. Nela erguemos louvores a Deus, à Virgem e aos santos, e a vida do religioso é um perpétuo cântico ao Senhor.

Barnabé respondeu:

— Meu pai, confesso que falei como um néscio. Vosso estado não pode ser comparado com o meu, e por maior que seja o mérito em saber dançar mantendo na ponta do nariz uma moeda em equilíbrio numa vareta, de nada vale em comparação com o vosso. Bem que eu gostaria de poder, como vós, meu pai, cantar todos os dias o ofício, especialmente o ofício da muito Santa Virgem, a quem voto particular devoção. Renunciaria de bom grado à arte em que sou conhecido, de Soissons a Beauvais, em mais de seiscentas cidades e vilas, para abraçar a vida monástica.

O frade ficou comovido com a simplicidade do jogral e, como não carecia de discernimento, reconheceu em Barnabé um desses homens de boa vontade dos quais Nosso Senhor disse: "Que a paz seja com eles na terra!" Foi por esse motivo que respondeu:

— Amigo Barnabé, vem comigo e eu te farei entrar para o convento do qual sou prior. Aquele que conduziu Maria Egipcíaca ao deserto me pôs no teu caminho para te levar à senda da salvação.

E assim Barnabé tornou-se frade.

No convento em que foi admitido, os religiosos rivalizavam-se no esmero que dedicavam ao culto da Santa Virgem, nele empregando toda a sabedoria e toda a habilidade que Deus lhes havia concedido.

O prior escrevia livros que tratavam, segundo as regras da escolástica, das virtudes da Mãe de Deus. O Irmão Maurício copiava, com mão experimentada, esses tratados em tiras de pergaminho. O Irmão Alexandre iluminava as páginas com finas miniaturas que apresentavam a Rainha do Céu sentada no trono de Salomão, ao pé do qual velavam quatro leões; ao redor da sua testa aureolada, pairavam sete pombas que são os sete dons do Espírito Santo: dons de crença, de piedade, de ciência, de força, de clarividência, de inteligência e de sabedoria. Tinha por companheiras seis virgens de cabelos de ouro: a Humildade, a Prudência, o Recato, o Respeito, a Virgindade e a Obediência.

A seus pés, duas pequenas figuras nuas e muito brancas mantinham-se em suplicante atitude. Eram almas que imploravam para a própria salvação e não, com certeza, inutilmente, a Sua todo-poderosa intercessão.

Numa outra página, o Irmão Alexandre apresentava Eva ao lado de Maria a fim de fazer o contraste entre o pecado e a redenção, entre a mulher humilhada e a Virgem exaltada. Nesse livro podiam-se admirar, também, imagens do Poço das Águas Vivas, da Fonte, do Lírio, da Lua, do Sol e do Jardim Fechado, citado no Cântico, da Porta do Paraíso, e da Cidade de Deus — e todas eram imagens da Virgem. O Irmão Marbode era, igualmente, um dos mais afetuosos filhos de Maria. Talhava sem cessar imagens de pedra, de maneira que sua barba, as sobrancelhas e os cabelos estavam sempre brancos de pó, e seus olhos perpetuamente inchados e lacrimejantes; mas, apesar da idade, estava cheio de força e alegria; evidentemente, a Rainha do Céu protegia a velhice do seu filho. Marbode representava-a numa cadeira, a frente aureolada de pérolas. E punha todo o cuidado em que o manto cobrisse os pés daquela de quem o profeta disse: "A minha bem-amada é como um jardim fechado."

Às vezes, também, representava-a com traços de uma criança, cheia de graça que parecia dizer: "Senhor, vós sois meu Senhor!" — "*Dixi de ventre matris meae: Deus meu és tu*" (Salm. XXI, 11). E no convento havia, também, poetas que compunham, em latim, prosa e hinos em louvor da bem-aventurada Virgem Maria, e ali se encontrava, até, um Picard que vertia os milagres de Nossa Senhora para a língua vulgar e para versos rimados.

Diante de tal espetáculo de louvores e de tão bela floração de obras, Barnabé lamentava a sua ignorância e singeleza.

— Ai de mim! — suspirava passeando solitariamente pelo jardim sem sombras do convento — ai de mim! que sou bem desgraçado de não poder, como meus irmãos, louvar dignamente a Santa Mãe de Deus a quem dediquei a ternura do meu coração! Ai de mim, que sou um homem rude e sem ilustração e que não tenho para vosso culto, ó Senhora Virgem, nem sermões edificantes, nem tratados bem desenvolvidos segundo as regras, nem finas pinturas, nem estátuas bem esculpidas, nem versos bem rimados e ritmados! Ai de mim! que nada tenho!

Ele chorava a sua sorte e abandonava-se à tristeza. Numa noite em que os frades se recreavam conversando, Barnabé ouviu referir a história de um religioso que não sabia recitar outra coisa senão a Ave-Maria. Esse frade era desprezado pela sua ignorância; mas, na hora da morte, brotaram-lhe da boca cinco rosas em louvor às cinco letras do nome de Maria, e sua santidade foi assim manifestada.

Ouvindo essa narrativa, Barnabé sentiu crescer a admiração pela bondade da Virgem: mas não se sentiu consolado pelo exemplo dessa bem-aventurada morte, pois seu coração estava repleto de zelo e ele queria realmente servir a glória da Senhora que está nos céus.

Passava os dias procurando os meios sem poder encontrá-los e sua aflição aumentava de momento a momento, até que certa manhã, acordando cheio de alegria, correu à capela e lá permaneceu, sozinho, durante mais de uma hora. À tarde tornou a voltar.

E, a partir desse momento, ia todos os dias à capela, precisamente na hora em que ela estava deserta, e ali passava grande parte do tempo que os outros frades consagravam às artes liberais e às mecânicas. E não andava mais triste e não mais se lamentava.

Tão singular conduta despertou geral curiosidade.

Perguntaram, no convento, por que o Irmão Barnabé dedicava-se a tão freqüentes retiros. O prior, cujo dever é nada ignorar da vida dos seus religiosos, resolveu observar Barnabé. Portanto, um dia em que este se fechara, como de hábito, na capela, o Sr. Superior correu, acompanhado de dois veneráveis do convento, a espreitar, através das fendas da porta, o que se passava no interior. E viram que diante do altar da Virgem lá estava Barnabé, a cabeça para baixo, pés no ar, fazendo peloticas com seis bolas de cobre e doze facas. Executava, em louvor à Santa Virgem Mãe de Deus, as habilidades que lhe tinham valido os maiores elogios. Não compreendendo, porém, que o pobre homem punha, assim, o seu talento e saber a serviço da Virgem, os dois veneráveis clamaram por sacrilégio. O prior sabia que Barnabé era de alma justa: julgou, porém, que tivesse sido atacado de demência. E os três aprestavam-se a arrastá-lo da capela, quando viram a Santa Virgem descer dos degraus do altar, para enxugar com a ponta do manto azul o suor que escorria da fronte do seu jogral.

O prior, então, prosternando o rosto contra as lajes, disse:

— Bem-aventurados os simples porque deles será o Reino dos Céus!

— Amém! — responderam os veneráveis, beijando o chão.

# A MISSA DAS SOMBRAS

Eis o que o sacristão da igreja de Santa Eulália, em Neuville-d'Aumont, me contou debaixo da latada do Cavalo-Branco, numa bela noite de verão, bebendo uma garrafa de velho vinho, à saúde de um morto muito abastado, que ele havia enterrado honrosamente naquela manhã mesma, sob um tecido cheio de belas lágrimas de prata.

– Meu finado e pobre pai (quem fala é o sacristão) foi, em vida, coveiro. Era de humor agradável, e isso sem dúvida decorria de sua profissão, porque se tem reparado que as pessoas que trabalham nos cemitérios possuem espírito jovial. A morte não os atemoriza absolutamente; jamais se preocupam com ela. Eu, que lhe estou falando, senhor, penetro num cemitério, à noite, tão serenamente quanto no caramanchão do Cavalo-Branco. E se, por acaso, encontro um espectro, não me inquieto absolutamente com isso, porque reflito que ele pode perfeitamente ir cuidar de seus negócios, da mesma forma que eu dos meus. Conheço os hábitos dos mortos e seu caráter. Sei a tal respeito coisas que os próprios sacerdotes ignoram. E o senhor ficaria surpreso se lhe contasse tudo que tenho visto. Mas, nem todas as verdades são próprias para serem contadas, e meu pai, que, todavia, gostava de narrar histórias, não revelou a vigésima parte do que sabia. Em compensação, repetia muitas vezes as mesmas narrativas e ao que eu saiba, relatou bem umas cem vezes a aventura de Catarina Fontaine.

Catarina Fontaine era uma velha solteirona, que ele se lembrava de ter visto em criança. Não me surpreenderia se ainda houvesse na região, até, uns três velhos que ainda se recordem de ter ouvido falar a seu respeito, porque ela era muito conhecida e considerada, embora pobre. Morava numa esquina da Rua das Freiras, na torrezinha que o senhor ainda pode ver e que depende de um velho palacete arruinado, que dá para o jardim das Ursulinas. Há nessa torrezinha, figuras e inscrições meio apagadas. O falecido pároco de Santa Eulália, Levasseur, dizia aí estar escrito, em latim, que "o amor é mais forte que a morte". O que se refere, acrescentava, ao amor divino.

Catarina Fontaine vivia sozinha nessa pequena habitação. Fazia rendas. O senhor sabe que as rendas de nossa região eram, antigamente, muito afamadas. Não se conheciam parentes ou amigos seus. Dizia-se que amara, aos dezoito anos, o jovem cavaleiro d'Aumont com quem noivara secretamente. Mas as pessoas de bem não queriam acreditar absolutamente nisso e diziam tratar-se de uma história que fora imaginada, porque Catarina Fontaine lembrava mais - uma dama, que uma operária, conservava sob seus cabelos brancos os vestígios de uma grande beleza, possuía um ar triste e se lhe podia ver, na mão, um desses anéis em que o ourives colocara duas mãozinhas unidas e que era costume outrora os noivos trocarem. O senhor saberá, daqui a pouco, o que isso significa.

Catarina Fontaine vivia santamente. Frequentava as igrejas e, todas as manhãs, qualquer que fosse o tempo, ia ouvir a missa de seis horas, em Santa Eulália.

Ora, uma noite de dezembro, quando ela estava deitada em seu pequeno quarto, foi despertada pelo toque dos sinos; certa de estarem eles anunciando a primeira missa, a piedosa senhora vestiu-se e desceu à rua, onde a noite era tão fechada que se não viam absolutamente as casas; claridade alguma era perceptível, no céu negro. E reinava tamanho silêncio nessas trevas - que nem penso um cão ladrava ao longe - que a pessoa se sentia completamente separada do mundo dos vivos. Mas Catarina Fontaine, que conhecia cada

uma das pedras onde pisava e que podia ir à igreja de olhos fechados, alcançou, sem dificuldade, a esquina da Rua das Freiras com a Rua da Paróquia, no ponto onde se ergue a casa de madeira que exhibe uma árvore de Jessé, esculpida numa volumosa trave. Tendo alcançado esse local, ela viu que as portas da igreja estavam abertas e que deixavam sair uma grande claridade de círios. Continuou a caminhar e, tendo entrado, encontrou-se numa reunião, que enchia a igreja. Ela, porém, não reconhecia nenhum dos presentes, e estava surpresa ao ver - aquelas pessoas trajadas de veludo e de brocado, - plumas no chapéu e trazendo espada, à maneira dos tempos de antanho. Havia senhoras que seguravam longas bolsas de castão de ouro e damas com toucados de nadas, presos com um pente em diadema. Cavaleiros de e Luís davam a mão a essas senhoras, que escondiam atrás do leque um rosto pintado, do qual só era visível um sinal no canto dos olhos! E todos iam colocar-se em seu lugar, sem o menor ruído, e não se ouvia, enquanto andavam, nem o som dos passos no lajedo, nem o roçar dos tecidos.

As naves laterais enchiam-se de multidão de jovens artesãos, de casaco pardo. Calções de fustão e meias azuis, que seguravam pela cintura raparigas lindíssimas, rosadas, que conservavam os olhos baixos. E, junto às pias de água benta, camponesas de saia vermelha e corpinho de atar, sentavam-se no chão com a tranqüilidade dos animais domésticos. Enquanto uns mocetões, de pé atrás delas, - alavam os olhos, rodando o chapéu nos dedos. E todas aquelas fisionomias silenciosas pareciam imobilizadas para sempre, no mesmo pensamento, suave e triste. Ajoelhada em seu lugar costumeiro, Catarina Fontaine viu o sacerdote caminhar para o altar, precedido por dois acólitos. Não reconheceu nem o sacerdote, nem os ajudantes. Começou a missa. Era uma silenciosa missa, na qual não se ouvia absolutamente o som dos lábios que se agitavam, nem o rumor da sineta agitada inutilmente. Catarina Fontaine sentia-se sob o olhar e sob a influência de seu misterioso vizinho e, tendo olhado, sem quase volver a cabeça reconheceu o jovem cavaleiro d'Aumont-Cléry, que a havia amado e que morrera fazia quarenta e cinco anos. Reconheceu-o por um sinalzinho que ele possuía sob a Orelha esquerda e, principalmente, pelo sombreado dos longos cílios negros em seu rosto. Vestia o traje de caça, com botões dourados, que ele usara no dia em que tendo-a encontrado no bosque de São Bernardo, roubara-lhe um beijo. Conservava a Sua Mocidade e seu bom aspecto. Seu sorriso ainda mostrava uma dentadura de jovem lobo. Catarina disse-lhe, baixinho:

— Senhor, vós que fostes meu amigo e a quem dei outrora o que uma jovem possui de mais precioso, Deus vos tenha em sua graça! Possa ele me inspirar, finalmente, o pesar pelo pecado que cometi convosco: porque é verdade que, de cabelos brancos e próxima da morte, ainda não me arrependo de vos ter amado. Mas, finado amigo, meu belo senhor, diga-me, quem são essas pessoas trajadas à maneira antiga, que estão assistindo aqui a esta silenciosa missa.

O cavaleiro d'Aumont-Cléry respondeu com uma voz mais débil que um sopro e, não obstante, mais clara que o cristal:

— Catarina, esses homens e essas mulheres são almas do purgatório, que ofenderam a Deus, pecando, a nosso exemplo, pelo amor das criaturas, mas que nem por isso estão desligadas de Deus, porque seu pecado foi, a exemplo do nosso, sem maldade. Enquanto separadas daqueles que amavam sobre a terra, elas se purificam no fogo do purgatório, padecem as dores da ausência, e para elas esse sofrimento é o mais cruel. São tão infelizes que um anjo do céu se apiedou de seu martírio de amor. Com o consentimento de Deus, reúne todos os anos, durante uma hora da noite, o amigo à amiga em sua igreja paroquial, onde lhes é permitido assistir à missa das sombras, segurando-se pela mão. Esta é a verdade. Se me foi permitido ver-te aqui antes de tua morte, Catarina, tal coisa não se realizou sem a permissão de Deus.

E Catarina Fontaine lhe respondeu:

— Bem desejaria morrer para voltar a ser formosa como nos dias, meu finado senhor, em que te dava de beber na floresta.

Enquanto falavam assim, baixinho, um cônego muito idoso recolhia as esmolas e apresentava uma grande salva de cobre aos presentes, que ali deixavam cair sucessivamente moedas antigas, desde muito tempo fora de circulação: escudos de seis libras, florins, ducados, nobres com a rosa, e as moedas caíam em silêncio.

Quando a salva de cobre lhe foi apresentada, o cavaleiro depositou um luís, que não fez mais ruído que as outras moedas de ouro ou de prata.

Depois, o velho cônego parou em frente de Catarina Fontaine, que procurou em seu bolso, sem nele encontrar, um real. Então, não desejando recusar sua dádiva, tirou do dedo o anel que o cavaleiro lhe dera na véspera de sua morte, e atirou-o na concha de cobre. O anel de ouro, ao cair ressoou como um pesado badalo de sino e, ao ruído atoador que ele fez, o cavaleiro, o cônego, o oficiante, os agitaram, as damas, os cavaleiros, toda a assistência desapareceu; os círios se apagaram e Catarina Fontaine ficou sozinha nas Trevas".

Tendo concluído assim sua narrativa, o sacristão bebeu um grande copo de vinho, ficou um instante a meditar e depois prosseguiu, nestes termos:

— Contei-lhe esta história exatamente como a ouvi muitas vezes de meu pai e creio que é verdadeira, porque corresponde a tudo o que tenho observado das maneiras e dos costumes peculiares dos defuntos.

— Convivi com os mortos, desde minha infância, e sei que eles costumam voltar a seus amores.

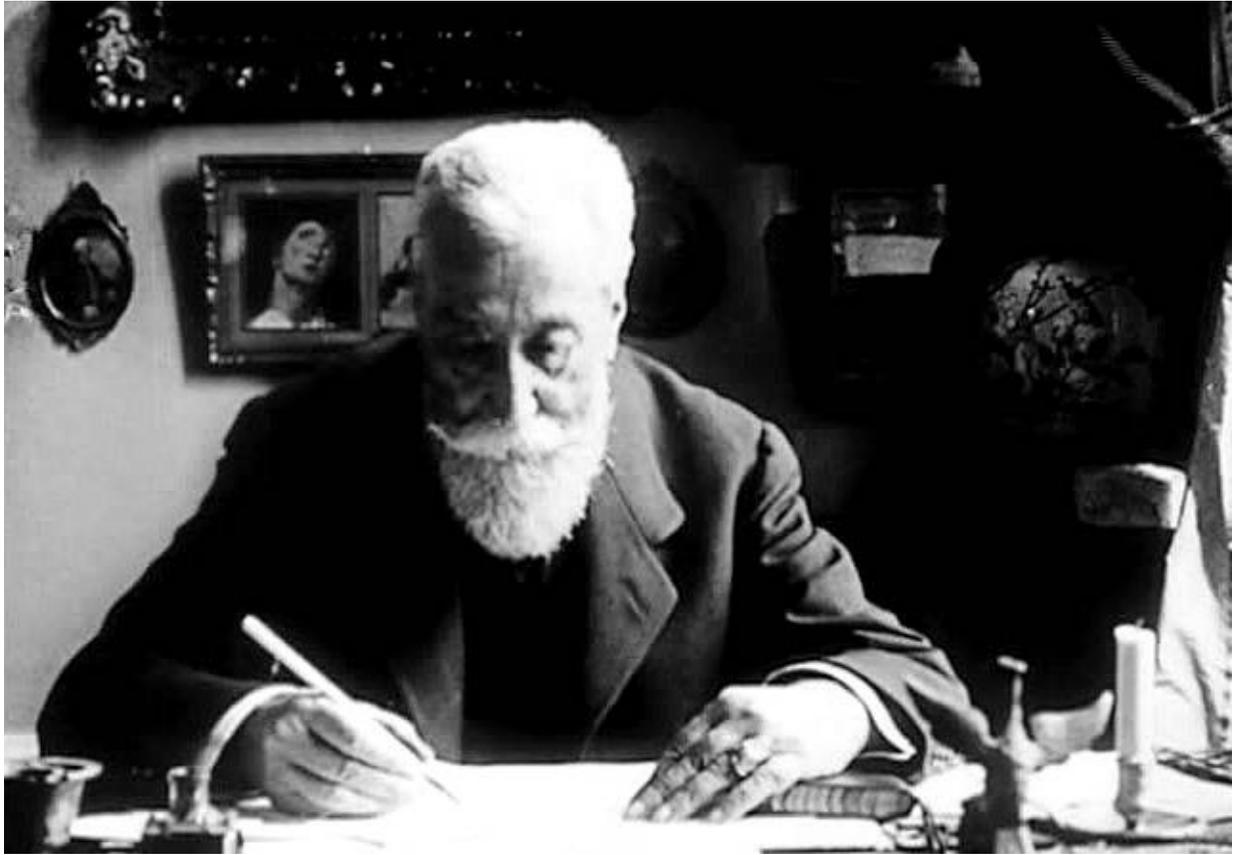
— É por isso que os mortos avarentos vagam, à noite, nas proximidades dos tesouros que eles esconderam durante a vida. Montam boa guarda à volta de seu ouro; mas os cuidados que eles tomam, longe de lhes servirem, prejudicam-nos, e não é raro descobrir-se dinheiro enterrado na terra, pesquisando-se o sítio freqüentado por um fantasma. Da mesma forma, os finados maridos vêm atormentar, à noite, suas mulheres, casadas em segundas núpcias, e eu poderia indicar muitos que vigiaram melhor suas esposas depois de mortos do que o haviam feito em vida...

Esses são dignos de censura, porque, em boa justiça, os defuntos não deveriam ser ciumentos. Mas lhe estou contando o que tenho observado. Por isso é que se deve ter cuidado quando se desposa uma viúva. Aliás, a história que lhe relatei tem sua comprovação no seguinte fato:

Na manhã seguinte a essa noite extraordinária, Catarina Fontaine foi encontrada morta em seu quarto. E o padre de Santa Eulália encontrou, na salva de cobre que servia para o peditório, um anel de ouro, com duas mãos entrelaçadas. Aliás, não sou homem que conte histórias para fazer rir. E se pedíssemos outra garrafa de vinho?..."

A handwritten signature in black ink, reading "Anatole France". The signature is written in a cursive, flowing style with a long, sweeping tail that extends downwards and to the right.

# O AUTOR E A OBRA



**1881** – com trinta e sete anos de idade, Anatole France (pseudônimo literário de Jacques Antoine Anatole Thibault), até então conhecido de um público restrito, publica *Lê Crime de Sylvestre Bonnard*, que lhe vale de repente a notoriedade. A obra é premiada pela Academia Francesa.

**1885** – É feito cavaleiro da Legião de Honra.

**1893** – *La Rôtisserie de La Reine Pédauque* e *Lês Opinions de M. Jérôme Coignard* vêm à luz e alcançam êxito estrondoso, garantindo ao seu autor um lugar definitivo na cena literária da França e do mundo.

**1896** – Eleito para a Academia na vaga de Ferdinand de Lesseps.

**1921** – Entre dezoito candidatos indicados, em que se incluem Bernard Shaw, H.G. Wells, William Yeats e Henri Bergson, recebe o prêmio Nobel de literatura.

**1922** – A Igreja Católica coloca no Index todas as obras de Anatole France.

**24 de maio de 1924** – Pelo seu octagésimo aniversário, Anatole France é homenageado no Trocadéro com festejos que lembram a apoteose prestada a Voltaire poucos dias antes de sua morte.

**12 de outubro de 1924** – Morre Anatole France. O funeral se faz com honras nacionais e é

acompanhado por grande multidão. Quase todos os jornais estampam longos artigos laudatórios a respeito de suas obras.

Essas datas e fatos assinalam a ascensão e o apogeu de Anatole France, quando toda uma geração de leitores se deleitou ou se escandalizou com a sua sátira irreverente, embora sempre elegante, e aplaudiu ou condenou o apoio que ele deu a movimentos de contestação. Em certa época, a exaltação do escritor raiou pelo exagero de uma verdadeira idolatria. Seu pequeno palacete de Villa Said em Paris, depois seu retiro rural de La Bechellerie, foram a Meca de peregrinações de incontáveis e ardorosos admiradores, que reverentemente lhe chamavam "mestre".

Passaram-se os anos, modas mudaram, uma onda iconoclasta sem precedentes varreu o mundo, e a estrela de France, sem se apagar de todo, obscureceu-se um tanto. É compreensível. Diante das realidades apocalípticas que marcaram este nosso século, as "demolições" de France, chocantes quando escritas, pareceram cândidas e superadas.

Em literatura, uma linguagem mais brutal, mais afim das novas realidades, substituiu as sutilezas refinadas de épocas mais amenas. Mas, meio século passado de sua morte, recrudescer na França o interesse por aquele que, na cerimônia de entrega do prêmio Nobel, foi saudado como "o último dos grandes clássicos", e que alguns qualificaram de último dos europeus. As reedições se multiplicam, ele volta a ser assunto do público e da crítica.

Essa revivescência é por sua vez explicável: pois, a par do comentário do seu tempo e ambiente, o grande tema de Anatole France é intemporal e universal: é a própria condição humana, os mistérios, conflitos e perplexidades que nasceram com o homem e são dele inseparáveis. E também porque a virtuosidade de linguagem, enquanto existir arte, há de ser apreciada como uma de suas formas mais nobres. Sob esse duplo aspecto, as criações de France têm em grande parte os atributos capazes de perpetuá-las, vencendo a prova do tempo e as flutuações do gosto.

Fora da França, inclusive no Brasil, com alguma defasagem, a divulgação e o culto de Anatole France passaram por uma oscilação parelha. Cerca de uma dúzia de seus livros tiveram traduções brasileiras ou portuguesas irregularmente esparsas ao longo, principalmente, das décadas de 30 e 40. Seguiu-se um longo intervalo de omissão quase total. Entre 1978 e 1980 foram relançadas entre nós oito de suas obras (ver final desta nota).

Como escritor, é impossível enquadrá-lo em qualquer categoria definida. Seus dois primeiros livros foram de versos, mas foram os únicos: quantitativamente, é pouco para rotulá-lo de poeta. Durante sete anos ele teve a seu cargo a crônica literária do jornal *Lê Temps*. Mas não lhe assenta tampouco o título de crítico, nem nunca ele o pretendeu. Os artigos que escreveu então (reunidos em quatro volumes sob o título de *La Vie Littéraire*) são mais comentários à margem, e outros tantos pretextos para divagações gerais. Romancista? Na ficção ele utiliza, é certo, a forma de romance, mas as tramas, com raras exceções, não passam de mosaicos fragmentários cuja única finalidade é transmitir as impressões e concepções do autor.

Alguns de seus livros enfeixam reminiscências, rápidos perfis e impressões de viagem.

Alguns são esboços de fases e fatos da história da França, geralmente satíricos e caricaturais, ou têm a história como pano de fundo. Mas não fazem dele um historiador.

Os contos são quase sempre alegorias morais de um gênero ligeiro, não raro pastiches estudados de clássicos da Antigüidade.

Seus personagens agem muito pouco. Praticamente limitam-se a pensar e a discorrer sobre a vida. Os mais marcantes, como é natural, são os que servem como seus porta-vozes diretos: o procurador da Judéia em *L'Étui de Nacre*, o filósofo Nícias em *Thais*, Bergeret na *Histoire Contemporaine*, Brotteaux dês llettes em *Lês Dieux Ont Soif*; e, pairando acima dos demais, o inimitável Abade Jérôme Coignard, "eloquentiae magister eloquentissimus", filósofo errante, o "bom mestre" de Jacques Tournebroche em *La Rôtisserie de Ia Reine Pédauque*.

Dificuldade ainda maior é capitular as idéias de Anatole France. Porque, se há um traço geral e dominante a caracterizar-lhe o pensamento e as posições, esse traço é precisamente a incoerência. Não, por certo, incoerência lógica ou falta de lucidez. É a incoerência muito humana (e no caso inteiramente consciente) própria da complexidade essencial de toda criatura, sem exclusão do filósofo ou do santo. A contradição inevitável pela qual todo homem é alternadamente ou simultaneamente alegre e triste, forte e fraco, justo e injusto, crédulo e descrente. A inconstância que consiste em ver o mundo cor-de-rosa em manhãs de sol, e negro quando o fígado funciona mal.

Em France a Incoerência salta aos olhos em múltiplos aspectos. Dele pode-se dizer: um tradicionalista que investiu contra os preconceitos; um racionalista ateu manifestamente fascinado por todos os misticismos, pelos faunos e ninfas das adorações pagas como pela fé dos santos, pela ascese dos anacoretas, por Deus e pelo Diabo (este então assiduamente presente em seus escritos); e mais: um epicurista capaz de ardor combativo; um misântropo benigno, tolerante com as fraquezas humanas; um cético idealista, esperançoso na instauração de um reinado de justiça; um "pessimista alegre", como ele próprio se definiu.

Essa mesma incoerência, complexidade e volatilidade, numa palavra, essa mesma humanidade, por oposição à frieza dos sistemas monolíticos de pensamento, responde talvez em boa parte pelo encantamento que ele produziu. E afinal, as contradições se conciliam e resolvem na receita moral do "desprezo compassivo" tão belamente expendida pelo seu *Jérôme Coignard*. Mas o forte de Anatole está não tanto nas idéias quanto na engenhosidade com que soube transmiti-las, na graça dos paradoxos, na arte de bem dizer. Sua língua é o francês clássico, segundo um entendido, o francês de Fénelon e de Voltaire, ao qual, em lugar de ajuntar novos ornatos, ele dá um cunho levemente arcaico, muito bem apropriado ao conteúdo.

Outras feições do seu perfil: erudito, bibliófilo, cultor do classicismo como expressão mais pura da beleza em arte, apaixonado da França – sua história, suas tradições, seus monumentos, suas paisagens, sua língua – e, muito especialmente, da sua cidade de Paris, cujas mutilações e desfigurações praticadas em nome do progresso ele lamentava amargamente.

Os traços de caráter de Anatole France delineiam-se mais claramente à luz de suas origens.

Jacques Antoine Anatole Thibault nasceu num apartamento do Quai Voltaire em Paris, a 16 de abril de 1844. Seu pai, François Noel Thibault, de origem camponesa, foi analfabeto até os 21 anos de idade. Tendo aprendido a ler e escrever no serviço militar, adquiriu tal gosto pelas letras que, voltando à vida civil, fez-se vendedor de livros no Quai Malaquais. O ambiente douto e pitoresco das famosas tendas de bouquinistes dos cais de Paris inspirou no jovem Jacques o gosto dos alfarrábios e das bibliotecas e o culto do passado clássico. Do nome do estabelecimento paterno, "*Aux Armes de France*", ele viria a tirar o *nom de guerre* com que assinou todos os seus escritos.

Da mãe, nascida no Beauce, mulher inteligente, devota e caridosa, guardou a vida inteira a mais terna das lembranças.

No Liceu Sainte-Marie e no Colégio Stanislas, onde estudou, mostrou-se aluno medíocre, e foi a certo custo, e somente aos vinte anos, que obteve o seu bacharelado.

Antes disso, para desgosto do pai, que desejava para ele ofício mais rendoso, e não se fiava muito em seus talentos, já decidira tornarse escritor.

Em 1867, para ganhar a vida, entra como leitor na casa editora de Alphonse Lemerre, onde passa a conviver com o grupo dos parnasianos, ao qual se liga durante algum tempo. Mais tarde trabalha como zelador da biblioteca do Senado e colaborador do Dicionário Larousse. Estuda velhos textos, escreve memórias sobre assuntos bibliográficos, prefácios para clássicos franceses em *Éditions de Bibliophile*, uma monografia sobre Alfred de Vigny.

Seus mentores intelectuais são Sainte-Beuve e sobretudo Renan. Dos escritores do passado, são nítidas as influências de Rabelais e de Voltaire.

Em 1873, com a publicação de uma coleção de versos, *Lês Poèmes Dores*, Anatole France inaugura uma carreira literária que, contrariando os prognósticos do pai, lhe traria glória e fortuna.

Os anos finais do século XIX marcam na carreira do escritor a transição para uma "tomada de consciência social", que se inicia com a postura assumida em relação ao Caso Dreyfus, prestando decidido e veemente apoio a Étnile Zola e assinando, em 1898, a "petição dos intelectuais" em favor da revisão do processo. Amigo de Jean Jaurès, ele se liga à esquerda socialista, e mais tarde, em seus últimos anos de vida, ao Partido Comunista, numa militância política que, se bem um tanto superficial, lhe granjeia a aclamação dos intelectuais de esquerda e de camadas populares que da sua obra literária nada sabem. Durante a Grande Guerra, tem a coragem de defender publicamente uma paz sem vitória. Nessa militanda ele põe de parte o seu ceticismo: "*Em política*", declara a um de seus biógrafos, "*há que tomar um partido definido, em política não há lugar para a dúvida filosófica*".

Em função dessa guinada, os que, orientados por um facciosismo exacerbado, negam validade à arte pela arte e ao riso pelo riso, insistem em seccionar radicalmente a obra de Anatole France em duas partes e em só dar valor à segunda, que se firma com a *Histoire Contemporaine* (ou em que talvez se deva incluir *Lê Puits de Sainte-Claire*).

Rejeitam a primeira, que averbam de "esteticismo", "passadismo" e "frivolidade pequeno-burguesa", e gostariam de vê-la esquecida. É uma visão, sobre irreal, estreita, que pretende anular as múltiplas facetas do artista em favor de uma só. E talvez não a mais salutar. Revolucionários há que bastem. Talvez o mundo esteja mais precisando de uma dose da "ironia piedosa" do Abade Coignard como antídoto para os fanatismos e extremismos de várias colorações e para a violência que é o seu corolário.

Obviamente há na obra de Anatole France peças maiores e menores. Não menos certo é que qualquer triagem será sempre uma tarefa ingrata, pois toda exclusão importa em perder alguma jóia de humor, poesia ou reflexão. *As Sete Esposas de Barba-Azul* não é das suas criações mais importantes. Numa seleção restritiva de "o melhor", teria de ficar de fora. No entanto é tão tipicamente anatoliana quanto as que mais o sejam. É uma coleção de quatro contos, versões humorísticas de quatro lendas famosas incorporadas à literatura infantil.

A atitude de Anatole France em face da mulher tem sido extensamente analisada. Nesse campo, como em outros, há todo um espectro de complexidades e contradições.

Para falar apenas do mais óbvio, suas personagens femininas, na maior parte dos casos, mal se deixam entrever, são figuras fugazes, pouco definidas, quase impessoais; nunca participam nos seus discursos e moralizações. Via de regra são incoseqüentes, fúteis e volúveis, quando não positivamente pérfidas, venais e interesseiras, tanto mais quanto mais sedutoras. Não cabe falar propriamente de misoginia, já que dois casamentos e um bom número de *affaires*, numa vida amorosa que se estendeu à velhice, dão prova de que ele não foi de modo algum infenso ao convívio do segundo sexo. O que não há duvidar é ter

sido ele, e em grau superlativo, mesmo para o seu tempo, o que hoje se chama um machista. É o que ressalta claramente do conto-título deste volume, cuja moral se pode resumir em três palavras: *Cherchez La Femme!*

Ao segundo conto, *O Milagre de São Nicolau*, pode-se atribuir um duplo ensinamento: das duvidosas recompensas da prática do bem, e da eficácia do arrependimento, ambos os temas abordados pelo autor em outras oportunidades.

O terceiro é um adendo à lenda da Bela Adormecida. Onde se demonstra a que pode levar o pensamento racional ao rejeitar o próprio testemunho dos sentidos. Um céptico critica o cepticismo.

Outro destes "contos fabulosos" é a conhecida história de dois servidores de um rei neurastênico à cata da camisa de um homem feliz receitada para cura do seu mal. Sem alterar a substância da versão original, a de France, consideravelmente ampliada e pormenorizada, constitui-se em cativante alegoria da miséria humana. Aqui, como em tantas de suas criações, uma nota patética ressoa em contraponto com a ironia.

**João Guilherme Linke**

# PRINCIPAIS OBRAS DE ANATOLE FRANCE

(As assinaladas com asterisco foram, entre 1978 e 1980, relançadas no Brasil pela Editora Civilização Brasileira, em traduções do autor desta nota. Para essas indica-se entre colchetes o título da edição brasileira.)

- Lês Poèmes Dorés* (poesia), 1873
- Lês Nocés Corinthiennes* (poesia), 1876
- Jocaste*, 1879
- Lê Chat Maigre*, 1879
- Lê Crime de Sylvestre Bonnard*, 1881
- Lês Désirs de Jean Servien*, 1882
- Lê Livre de Mon Ami*, 1885
- La Vie Littéraire* (4 séries de artigos), 1888/92
- Balthasar* (contos), 1889
- Thais*, 1890
- U'Êtui de Nacre* (contos), 1892
- La Rôtisserie de Ia Reine Pédauque*, 1893
- Lês Opinions de M. Jérôme Coignard*, 1893
- Lês Lys Rouge*, 1894
- Lê Jardin d'Épicure*, 1895
- Lê Puits de Sainte-Claire\** [O Poço de Santa Clara] (contos), 1895
- L'Orme du Mail\** [À Sombra do Olmo], 1897
- Lê Mannequin d'Osier\** [O Manequim de Vime], 1897
- U'Anneau d'Améthyste\** [O Anel de Ametista], 1899
- Pierre Nozière\** [Pierre Nozière], 1899
- Clio* (contos), 1900
- M. Bergeret à Paris\** [Monsieur Bergeret em Paris"], 1901
- Histoire Comique*, 1903
- Crainquebille\** [A Justiça dos Homens] (contos), 1903
- Sur La Pierre Blanche*, 1905
- Lês Contes de Jacques Tournebroche* (contos), 1908
- L'Isle dès Pingouins\** [A Ilha dos Pingüins], 1908

*Ver s lês Temps Meilleurs* (conferências, 3 vols.), 1908

*Lês Sept Femmes de Ia Barbe–Bleue*, 1909

*Lês Dieux Ont Soif*, 1912

*Lê Génie Latin*, 1913

*La Revolte dêsANGES*, 1914

*Sur Ia Voie Glorieuse*, 1915

*Lê Petit Pierre*, 1918

*La Vie en Fleur*, 1922.

*OBS.: L'Orme du Mail, Lê Mannequin d'Osier, L'Anneau d'Améthyste e M. Bergeret à Paris formam a tetralogia intitulada Histoire Contemporaine.*



[\[1\]](#) Termo usado em Medicina para indicar o definhamento progressivo que precede a morte em algumas moléstias.

[\[2\]](#) Toga branca, debruada de púrpura, que usavam os magistrados de Roma e os jovens das famílias patrícias.